UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS

SÍLVIO CÉSAR TAMASO D'ONOFRIO

**Fontes para uma biografia intelectual
de Edgard Cavalheiro (1911-1958).**

VERSÃO CORRIGIDA
O EXEMPLAR ORIGINAL ENCONTRA-SE DISPONÍVEL
NA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (IEB-USP)

São Paulo
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CULTURAS E IDENTIDADES BRASILEIRAS

**Fontes para uma biografia intelectual
de Edgard Cavalheiro (1911-1958).**

SÍLVIO CÉSAR TAMASO D'ONOFRIO

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação Culturas e Identidades
Brasileiras do Instituto de Estudos Brasileiros
da Universidade de São Paulo, para a obtenção
do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes

VERSÃO CORRIGIDA

O EXEMPLAR ORIGINAL ENCONTRA-SE DISPONÍVEL
NA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS (IEB-USP)

São Paulo
2012

DADOS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Serviço de Biblioteca e Documentação do
Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

© reprodução total

D'Onofrio, Silvio César Tamaso

Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958) / Silvio César Tamaso D'Onofrio. -- São Paulo, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Marcos Antonio de Moraes.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação. Área de concentração: Estudos Brasileiros. Linha de pesquisa: Brasil: a realidade da criação, a criação da realidade.

Versão do título para o inglês: Sources for an intellectual biography of Edgard Cavalheiro (1911-1958).

Descritores: 1. Biografias 2. Literatura 3. Periódicos 4. Epistolografia 5. Bibliografia 6. Intelectualidade I. Universidade de São Paulo. Instituto de Estudos Brasileiros. Programa de Pós-Graduação II. Título.

IEB/SBD04/2012

CDD 920

Agradecimentos

À CAPES, pela subvenção da bolsa que me permitiu a dedicação integral à pesquisa.

À família de Edgard Cavalheiro pelo apoio incondicional. Em especial: Maria Helena Cavalheiro, Roberto Dante Cavalheiro Filho, Luis Carlos Cavalheiro, Maria Christina Cavalheiro Neves e Edgard Cavalheiro Júnior. Aos demais, pela atenção e torcida: Márcio Cavalheiro, Guilherme Cavalheiro Neves, Fernando Cavalheiro Neves, Suzana Rebouças Cavalheiro, Roberta Rebouças Cavalheiro, Luciana Rebouças Cavalheiro, Élide Cristina Galvão Cavalheiro, Tatiane Galvão Cavalheiro, Priscila Galvão Cavalheiro, Roberto Cavalheiro Sobrinho, Carolina Cavalheiro, Cíntia Cavalheiro, Júlia Eugênio Cavalheiro Neves, Matheus Souza Neves, Fernando Castro Neves, Mariana Souza Neves, Gustavo Cavalheiro Puccena, Lucas Galvão Cavalheiro e Luiz Gabriel Galvão Cavalheiro.

Aos também familiares Pedro Adriano e Alba Ferriani, Adriano Ferriani, Luíza Ferriani, além de Celso e Rejiane Fecchio, pelas valiosas contribuições.

Aos que conheceram e conviveram com Edgard Cavalheiro, pelos generosos depoimentos e auxílio: Antonio Candido, Dora Paes, Ester Nistrovski Roseblatt, Fábio Lucas, Hernâni Donato (*in memoriam*), José Aderaldo Castello (*in memoriam*), José Fernando de Barros Martins, José Mauro Silveira Peixoto, José Otávio Bertaso (*in memoriam*), Leandro Meloni, Lygia Fagundes Telles, Nora Rónai, Palma Bevilacqua Donato, Paulo Bomfim, Rosa Goldemberg Motta, Ruth Guimarães, Tatiana Belinky e Tharcillo Toledo Filho.

Aos que colaboraram, de forma preciosa, para a realização deste trabalho: Adilson Silva Ramachandra (Grupo Editorial O Pensamento), Afonso Henriques Guimaraens Neto, Agostinho Toffoli Tavoraro (Academia Campinense de Letras), Alaor Barbosa, Alberico Rodrigues, Alberth Catharino (Fundação Biblioteca Nacional/RJ), Alessandra Carbonero (USP, FE), Ana Margarida Coelho Novaes Teixeira (Cartório de Registro Civil de Espírito Santo do Pinhal/SP), Ana Maria de Almeida Camargo (USP, FFLCH), Antonio Bento Mello e Gilda Faria, Antonio Penteado Mendonça (Academia Paulista de Letras), Arthur Nistrovski (Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo), Cacá, Carlos Augusto de Andrade Camargo, Carolino Francisco Lomônaco Sucupira Silva, Cecília Martini Del Guerra Borges (Departamento de Cultura e Turismo do Município de Espírito Santo do Pinhal/SP), Cida Sacramento (Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, Belo Horizonte/MG), Cinthya Passarelli, Cláudia Varela, Cremilda Medina (USP, ECA), Cristiane Oliveira (Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado/SP), Cristiano Diniz (UNICAMP, IEL), Cristina Araújo (MIS/SP), Darcy França Denófrio (UFG), David Brookshaw (Bristol University/UK),

Delma (Cemitério Municipal de Mogi Guaçu-SP), Deusdedit Anselmo D'Onofrio, Dilma Castelo Branco Diniz, Domingos de Leers Guimaraens, Donizete Alencar Pontes (Câmara Municipal de São Paulo), Ecléa Bosi (USP, IP), Elisa Mori (Museu e Biblioteca Municipal de São José do Rio Pardo-SP), Elizabeth Conceta Mirra (USP, FFLCH), Elvia Maria de Sá Bezerra (Instituto Moreira Salles/RJ), Elvira Florence Vergueiro, Enyl Xavier de Mendonça (Editora Revista dos Tribunais), Fernanda Paulo (Instituto Moreira Salles/RJ), Flávia Toni (USP, IEB), Francisco Costa (Revista USP), Francisco e Olívia Ramon (Jornal *A Cidade*, de Espírito Santo do Pinhal-SP), Gera Francisco Staut, Gilberto Mendonça Teles, Gisele Morgão, Henrique César Tamasso D'Onofrio, Hugo Abud (Centro Cultural São Paulo), Ida Carla Siqueira Mossri (Inventariança da Extinta RFFSA), Irineu Guerrini (Fundação Cásper Líbero), Ivan Alves Filho, Izabel Tamasso, Izabela Tamasso (UFG), Jair Cavalieri, Joana Darc Moreno de Andrade (Biblioteca Mário de Andrade), João Batista Rozon (Casa do Escritor Pinhalense Edgard Cavalheiro), João Batista Scannapieco, João Cavalieri, Joaquim Maria Guimarães Botelho (União Brasileira de Escritores), Joyce Carla (Câmara Brasileira do Livro), Joyce Porto (Centro Cultural São Paulo, Multimeios), José Benedito de Oliveira (Prefeito do Município de Espírito Santo do Pinhal-SP), José Geraldo Motta Florence, José Luis Tamasso (*in memoriam*), José Nicolau Gregorin Filho (USP, FFLCH), Juliana Pasquarelli Perez (USP, FFLCH), Juliana Tamasso Saullo, Julinho Jardini (Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César, Espírito Santo do Pinhal-SP), Jurandir Renovato (Revista USP), Karina Ribeiro Batista, Katia Canton (USP, MAC), Laura Rónai, Laura Xavier (Fundação Casa de Rui Barbosa/RJ), Leonardo Tamasso e Ana Gonçalves, Loriane Salvi (Departamento de Cultura e Turismo do Município de Espírito Santo do Pinhal/SP), Lúcia Helena Gama, Lúcia Telles, Luciano Belcuore (Departamento de Cultura e Turismo do Município de Espírito Santo do Pinhal/SP), Luis Avelima (União Brasileira de Escritores), Luis Gonzaga Tessarini (Prefeitura do Município de Espírito Santo do Pinhal-SP), Luiz Fernando Valente (Brown University/USA), Manoela Purcell Daudt D'Oliveira (Instituto Moreira Salles/RJ), Marcelo Olegário (MIS/SP), Márcio de Paula (Fundação Cásper Líbero), Marcos Sidnei Pagotto-Euzebio (USP, FE), Maria Célia de Castro Amaral (Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Espírito Santo do Pinhal/SP), Maria da Glória Bordini, Maria de Fátima Zuccherato (Departamento de Cultura e Turismo do Município de Espírito Santo do Pinhal/SP), Maria de Jesus Evangelista (UNB, BCE), Maria Luiza Pereira de Souza Lima (Academia Paulista de Letras), Maria Marta Tamasso, Marisa Midori Deaecto (USP, ECA), Marisa Philbert Lajolo (UNICAMP, IEL), Marly de Alencar Xavier Bartholomei, Marta Fernanda Tamasso D'Onofrio Yada, Massaud Moisés (USP, FFLCH), Maurílio Florezi, Mauro

Castilho Gonçalves (PUC/UNITAU), Mayra Laudanna (USP, IEB), Mônica Duarte Dantas (USP, IEB), Moacir Amâncio (USP, FFLCH), Muniz Sodré, Neuma Cavalcante, Newton Meloni, Oiram Antonini (Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato), Olga Sodré, Osvaldo Ceschin (USP, FFLCH), Patricia Figueroa (Brown University/USA, John Hay Library), Raphael Diego Greenhalgh (UNB, BCE); Reinaldo Marques (UFMG, AEM), Renato Trielli, Ricardo Daunt de Campos Salles, Ricardo Riedel (Grupo Editorial O Pensamento), Roberto Abou Assali (Prefeitura Municipal de São Paulo), Rodrigo Naves, Ronaldo Cagiano, Rosa Cavagnolli (Departamento de Cultura e Turismo do Município de Espírito Santo do Pinhal/SP), Rose (Biblioteca Arthur Riedel, São Roque/SP), Rosely de Fátima Silva (USP, FFLCH), Rute Ginaque Duarte, Sandra Whitaker, Sergio Del Bianchi Júnior (Presidente da Câmara Municipal de Espírito Santo do Pinhal-SP), Setembrino Mello, Sílvia Marcondes Bolivar, Sílvia Vinhas, Sônia Figueiroba Cugler, Sônia Maria de Freitas, Terezinha Celito Vischi, Telê Ancona Lopez (USP, IEB), Timothy Engels (Brown University/USA, John Hay Library), Vagner Camilo (USP, FFLCH), Valdir P. Caldas (Grupo Editorial O Pensamento), Valéria Aparecida Rocha Torres, Valéria Meloni Montefusco (Câmara Municipal de Espírito Santo do Pinhal/SP), Vanderli Custódio (USP, IEB), Vera Faillace (Fundação Biblioteca Nacional/RJ), Vera Maria Tietzmann Silva (UFG), Vladimir Sacchetta, Washington Marcondes Ferreira Neto.

Dos anos heroicos da graduação, um abraço pelo incentivo de sempre aos amigos: Anderson Costa, Ivan Rocha, Jacqueline Brízida, Mariane Barrantes, Paulo Pascale, Péricles Matos, Renata Callari, Selma Olla e Tatiana Capell. Da pós: Joaquim Maloa, Mele Pesti, Raquel Endalécio e Ana Luísa Souto Dubra.

Aos Profs. Drs. Antonio Dimas e Paulo Teixeira Iumatti, pelas importantes sugestões no exame de qualificação desta pesquisa.

À Maria Cristina Pires da Costa e toda a equipe do IEB-USP pela atenção de sempre: setor de Pós-Graduação, Biblioteca e Arquivo.

Por fim, mas sobretudo, agradeço ao professor Marcos Antonio de Moraes pelo auxílio e incentivo ao meu trabalho e à minha formação. Foi minha grande fortuna tê-lo como orientador.

Resumo

Esta dissertação apresenta o resultado da pesquisa que buscou realizar o levantamento exaustivo de documentação vinculada à trajetória intelectual do escritor paulista Edgard Cavalheiro (1911-1958), autor de *Monteiro Lobato: vida e obra* (1955) e criador do prêmio literário Jabuti. O escritor deixou uma ampla produção bibliográfica, composta de livros, traduções, separatas e de artigos dispersos em periódicos. Buscou-se também reunir a correspondência ativa e passiva do autor e elencar manuscritos conservados em seu arquivo, sob a guarda de herdeiros. Tendo Edgard Cavalheiro se notabilizado pela produção de biografias, a dissertação congrega uma seleta de seus artigos e textos em livro problematizando o assunto.

Palavras-chaves

Edgard Cavalheiro, biografia, literatura, periodismo, epistolografia.

Abstract

This dissertation presents the result of an exhaustive search for documents attached to the intellectual trajectory of Edgard Cavalheiro (1911-1958), brazilian writer who published *Monteiro Lobato: vida e obra* (1955) and created the Jabuti literary prize. Edgard Cavalheiro left an extensive bibliographic production in books, separate offprints and spread periodic articles. It was tried, too, to reunite author's active and passive correspondence and to index preserved manuscripts in his archive, guarded by his inheritors. Having Edgard Cavalheiro a remarkable biographic production, the dissertation brings an assembly of his thinking production about the theme.

Keywords

Edgard Cavalheiro, biography, literature, periodics, epistolography.

Sumário

1. Transcrições, expressões e abreviaturas – p. 3
2. Uma trajetória intelectual – p. 4
 - Edgard Cavalheiro em 2012 – p. 6
 - A produção em livros – p. 6
 - A produção em periódicos – p. 7
 - O início da vida intelectual – p. 8
 - Autodidata, polígrafo – p. 10
 - Grupamentos culturais – p. 12
 - Do banco estatal para o campo editorial – p. 14
 - 1940, *Fagundes Varela* – p. 15
 - Na Livraria Martins Editora – p. 17
 - ABDE, CBL, Reuniões, Congressos – p. 18
 - Sociedade Livro-do-Mês – p. 21
 - Na Livraria do Globo – p. 23
 - Na Cultrix e na CODIL – p. 27
 - Crítico literário e antologista – p. 29
 - Biógrafo – p. 31
 - Bibliografia – p. 35
3. Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)
 - 3.1. Publicação em livros – p. 43
 - 3.1.1. Autoria – p. 43
 - 3.1.2. Obras traduzidas – p. 49
 - 3.1.3. Textos em abas (orelha) e quarta capas – p. 50
 - 3.1.4. Autoria discutível – p. 50
 - 3.1.5. Obras não concluídas – p. 51
 - 3.2. Separatas – p. 52
 - 3.3. Publicação em periódicos – p. 53

- 3.4. Correspondência – p. 168
 - 3.4.1. Ativa – p. 168
 - 3.4.2. Passiva – p. 193
 - 3.4.3. Cartas abertas – p. 205
 - 3.4.4. Terceiros – p. 209
 - 3.4.5. Póstuma – p. 210
- 3.5. Entrevistas – p. 215
- 3.6. Dedicatórias em livros – p. 220
 - 3.6.1. Oferecidas por Edgard Cavalheiro – p. 220
 - 3.6.2. Recebidas por Edgard Cavalheiro – p. 228
- 3.7. Manuscritos – p. 236
- 3.8. Volumes encadernados – p. 240
- 3.9. Pseudônimos – p. 242
- 3.10. Arquivo Edgard Cavalheiro – p. 243
- 3.11. Iconografia – p. 244
- 3.12. Arquivos consultados – p. 248
- 4. Seleta – p. 250
- 5. Anexos – p. 348
 - 5.1. Discurso de 13 maio 1951 – p. 348
 - 5.2. Discurso de 23 dez. 1955 – p. 350
 - 5.3. Discurso de 24 fev. 1956 – p. 351
 - 5.4. Discurso de 28 ago. 1956 – p. 357
 - 5.5. Discurso de 9 nov. 1956 – p. 359
 - 5.6. Discurso de 22 nov. 1956 – p. 361
- 6. Índice onomástico – p. 364

1. Transcrições, expressões e abreviaturas

As transcrições de textos apresentadas nesta dissertação foram atualizadas segundo a norma vigente. São expressões e abreviaturas utilizadas neste documento, e seus significados:

- cf.: conforme;
- ed.: edição;
- et alii: “e outros”; obra contendo vários autores;
- f.: folha;
- In: citação extraída de obra coletiva;
- n.: número;
- op. cit.: obra citada;
- Org.: organizador (es);
- p.: página;
- ref.: referência;
- reg.: registro;
- s.a.: sem ano;
- s.d.: sem data;
- S.l.: sem local;
- s.m.: sem mês;
- s.n.: sem nome;
- s.n.t.: sem local, editora e data de publicação;
- t.: tomo;
- Trad.: tradução, tradutor;
- v.: volume, verificar;
- []: dados atestados pela pesquisa;
- [?]: probabilidade. Ex.: [1944?], ano provável;
- [-]: década certa. Ex.: [193-];
- (sic): “assim, dessa forma”; respeita a grafia original do autor;
- (?): informação ignorada;
- jan.: janeiro; fev.: fevereiro; mar.: março; abr.: abril; jun.: junho; jul.: julho; ago.: agosto; set.: setembro; out.: outubro; nov.: novembro; dez.: dezembro.

2. Uma trajetória intelectual

A reação contra o Estado Novo mostrou que nem tudo estava corrompido, que a nação vegetava, mas não estava morta. Literatura, livros etc., está tudo em segundo plano. Não é possível alhear-se ao que vai lá fora. (Edgard Cavalheiro)¹

Esta dissertação tem como objetivo fornecer o exaustivo levantamento de documentação que favoreça a abrangente reconstrução da trajetória intelectual do escritor, biógrafo e jornalista Edgard Cavalheiro, nascido em 6 de julho de 1911, em Espírito Santo do Pinhal, São Paulo, e falecido em 30 de junho de 1958, na capital paulista.

O testemunho de pessoas que conheceram profissionalmente Edgard Cavalheiro e a extensa matéria documental localizada pela pesquisa, constituída de livros do autor, textos seus em periódicos, separatas, cartas, manuscritos, dedicatórias, discursos, entrevistas, entre outros, constituem os fundamentos para construção de uma biografia intelectual do autor, assim como para o esboço biográfico proposto nesta apresentação.

Pesquisar história intelectual² no Brasil passa pelo estudo de duas importantes obras que se dedicaram, direta ou tangencialmente, à compreensão da história do pensamento nacional: *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*³, de Carlos Guilherme Mota, e *Intelectuais à brasileira*⁴, de Sergio Miceli. Procurando compreender como esses autores enfocaram seus objetos de estudo, constata-se que *Ideologia da cultura brasileira* pretendeu “apreender alguns momentos mais significativos em que a intelectualidade se debruçou sobre si mesma para autoavaliação ou, ainda, sobre o objeto de seu labor para defini-lo”⁵. Por seu turno, *Intelectuais à brasileira* analisou a trajetória dos chamados homens de letras, lançando mão de “memórias publicadas e, em medida menor, pelo recurso a biografias”⁶.

Pode-se dizer, portanto, que os autores deram voz ativa, até certo ponto priorizaram, as opiniões dos próprios intelectuais focalizados. No caso da segunda obra citada, se o personagem não escreveu as próprias memórias, o sociólogo lançou mão de biografias para melhor compreendê-lo.

¹ Carta a Nelson Werneck Sodré. SODRÉ, N. W. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 341.

² Considerando história intelectual como “o estudo do pensamento informal, dos climas de opinião, dos movimentos literários”. DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 188.

³ 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

⁴ São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁵ MOTA, op. cit., p. 60.

⁶ MICELI, op. cit., p. 17, grifos do autor.

O presente trabalho opera de forma semelhante no estudo de seu personagem, com a distinção de que Edgard Cavalheiro não deixou uma obra de natureza autobiográfica. Legou-nos, contudo, escritos de teor memorialístico e testemunhal, entre os quais crônicas, artigos, entrevistas, discursos, cartas etc. A fortuna crítica do autor acusa também dois livros em sua homenagem, aqui utilizados como fonte. O primeiro, *Edgard Cavalheiro: subsídios para uma biografia*⁷, volume de 58 páginas, de Antônio Mello Júnior, rememora os vinte anos de seu falecimento; o outro, *Vamos lembrar Edgard Cavalheiro*⁸, com 17 páginas, divulga o discurso de Mário Donato, na Academia Paulista de Letras, por ocasião dos trinta anos da morte do biógrafo⁹.

Adicionalmente, recorreu-se às declarações de Edgard Cavalheiro para o inquérito “Plataforma da nova geração” promovido por Mário Neme, nas páginas de *O Estado de S. Paulo*, entre 1943 e 1944, posteriormente incluídas em livro¹⁰. A obra congrega o depoimento de 29 representantes da intelectualidade e se propõe, segundo o exposto em suas páginas iniciais, a incentivar o debate, privilegiando não a investigação dos aspectos biográficos dos escolhidos, mas a exposição de seus projetos futuros, de forma a complementar o caráter testemunhal da obra irmã e antecessora, *Testamento de uma geração*¹¹, esta apresentando 26 depoentes, idealizada e levada a cabo por Edgard Cavalheiro em 1944 e claramente inspirada pelo livro *I believe: the personal philosophies of certain eminent men and women of our time*, organizado por Clifton Fadiman em 1939. Pondera Fadiman, no prefácio da obra: “In a sense, this would be a spiritual and intellectual last will and testament to our generation”¹².

⁷ Taubaté-SP: O Taubateano, 1978.

⁸ Rio de Janeiro: Tagore, 1990.

⁹ Mário Donato e Antônio Mello Jr. cogitaram a produção de uma obra conjunta sobre Edgard Cavalheiro. Algumas cartas do Arquivo Antônio Bento Mello, filho de Mello Jr., assim o demonstram. De Donato para Mello, 30 out. 1979: “bem que você poderia capitanear a coleta de informações e lembranças sobre Edgard para, mais tarde, fazermos um livro volumoso, que tal?”. De Mello para Donato, 23 nov. 1979: “envaidece-me sobremaneira a parceria sugerida para uma biografia completa [...] (citando Jorge Medauar, nota minha) é ele a pessoa certa para, ao seu lado, colher elementos no arquivo deixado pelo Edgard. É igualmente certo que qualquer um dos dois poderá produzir obra de elevado valor, merecedora da consagração do autor e do biografado”. Morto Antônio Mello Jr. em 1984, em 1988 Mário Donato dá continuidade ao almejado projeto, publicando a sua parcela de memórias em *Vamos lembrar Edgard Cavalheiro*.

¹⁰ NEME, Mário (Org.). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.

¹¹ CAVALHEIRO, Edgard (Org.). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

¹² New York: Simon and Schuster, 1939, p. ix.

Edgard Cavalheiro em 2012

*Quando todos nós não passarmos
de comovidas ou indiferentes lembranças.
(Edgard Cavalheiro)¹³*

Senão quase que totalmente ignorado, Edgard Cavalheiro é lembrado nos dias de hoje, no Brasil, como um dos criadores do prêmio literário Jabuti e por ter sido o primeiro biógrafo de Monteiro Lobato. À parte essa importante contribuição ao campo cultural brasileiro, o escritor possui uma consistente produção bibliográfica. Pelo que a pesquisa pôde constatar até a presente data, escreveu oito livros, teve seu nome ligado a outras 50 obras, publicou 919 artigos em periódicos e fez quatro traduções.

Essa produção, pulverizada entre livros e 84 periódicos diferentes, jamais foi reunida, como observou o tradutor Paulo Rónai:

Grande, também, a obra dispersa de Cavalheiro em jornais, revistas, prefácios de livros alheios. [...] Só depois de catalogada essa herança e publicada a parte pronta para impressão se poderá avaliar exatamente a produção desse espírito fértil e fecundo, um dos grandes disseminadores de cultura entre nós.¹⁴

A produção em livros

*Tenho comentado inúmeros livros,
mas seria capaz de escrever algum?
(Edgard Cavalheiro)¹⁵*

Nos livros, a maior parte dos escritos é de conteúdo biográfico. Cavalheiro está sempre apresentando personalidades, todas do meio literário, menos ou mais conhecidas do leitor comum. Das oito obras individuais por ele publicadas, seis são, de fato, biografias; conta-se ainda um ensaio sobre o conto, apresentando perfis biográficos dos autores, e a última obra, de 1943, *Biografias e biógrafos*, estudo monográfico sobre questões ligadas à escrita biográfica, discutindo obras, autores e perspectivas de construção de relatos de vida.

Nas demais obras em que participou, quase todas antologias, a situação não se altera: é sempre responsável por notas biográficas, ainda que divida a tarefa com alguém ou que faça também prefácios e seleções. Na única obra em que figura apenas como organizador, *Testamento de uma geração*, apresenta biograficamente, um a um, os 26 autores participantes do inquérito.

¹³ Abelardo Cerqueira César. *Correio Paulistano*, São Paulo, 16 set. 1947.

¹⁴ RÓNAI, Paulo. Edgard Cavalheiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 jul. 1958.

¹⁵ Aventuras e desventuras de um biógrafo. *Jornal da Manhã*, São Paulo, 25 maio 1941.

A produção em periódicos

A rapidez e a abundância com que aparecem revistas entre nós, é somente igualada pela vertiginosidade com que desaparecem de circulação.
(Edgard Cavalheiro)¹⁶

A produção de Edgard Cavalheiro divulgada em periódicos é também marcadamente de conteúdo biográfico. Nesse caso, no entanto, duas ressalvas devem ser feitas: 1) nem sempre a personalidade retratada é do meio literário; 2) ainda que o artigo apresente escritos de teor biográfico, nem sempre essa é a tônica do artigo, ou o assunto principal; tal ocorre, por exemplo, nos artigos de crítica literária.

No início da carreira, Cavalheiro publicou poesia; depois, crônicas e ensaios, matérias jornalísticas (reportagens, entrevistas), artigos de opinião, normalmente em torno de temas políticos e da indústria do livro. Assinou também colunas especializadas em livros e discos.

Nessa diversidade de assuntos destacam-se nove eixos temáticos: biografias, críticas literárias, o conto literário, epistolografia, o romantismo no Brasil, Monteiro Lobato, Machado de Assis, mercado editorial e questões relativas à profissionalização do escritor. É escusado dizer que, na produção de Edgard Cavalheiro em periódicos, as fronteiras entre essas nove categorias são tênues, ocorrendo constantes interpenetrações. Quando estuda o romantismo no Brasil, por exemplo, normalmente o faz dentro de um artigo de crítica literária; se aborda Monteiro

DISCOTECA

Você compra discos?
Sabe o que compra?
Entende o que ouve?

*

Leia,
todas as quintas-feiras
na
FOLHA DA MANHÃ
DISCOTECA
uma seção a cargo do
escritor
Edgard CAVALHEIRO

Folha da Manhã, São Paulo, 4 jul. 1948.

Propaganda do comércio de Nicolau, pai de Edgard. Lobato, cita editoras, e assim por diante. Esses focos de interesse são, por assim dizer, seu *métier* em periódicos.

"TRIANON"
Bar Chic e Confeitaria
N. Cavalheiro & Comp.

Casa de primeira ordem. Secos e Molhados finos.
Empadas, Pães, Sandwichs, Doces superiores, Chá, Café e Chocolates
diariamente. Atendem com prontidão as encomendas.
Fazem entrega das mercadorias a domicílios. Incumbem-se de serviços de
Banquetes. Fornecem doces para Bailes, Casamentos e Baptizados.
Largo da Matriz n. 20 Esp. Santo do Pinhal.

¹⁶ Revistas, leitores, etc. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, 17 ago. 1935.

O início da vida intelectual

Ocorre-nos as raras vezes em que o topamos, lá pelos idos de 1921 ou 1922, no Bar e Confeitaria Seleta, estabelecimento comercial de seu pai situado no largo da Matriz. Parecia-nos retraído, pouco comunicativo; ordinariamente absorto na leitura das aventuras do Chiquinho, Jagunço e Zé Macaco, figuras principais de *O Tico-Tico*, revistinha semanal ilustrada em cores e única publicação destinada à puerícia então existente¹⁷.

Em 1925, Edgard Cavalheiro conclui a quarta série primária no Grupo Escolar Dr. Almeida Vergueiro, em sua cidade natal. No primeiro semestre de 1927 estuda na Escola de Comércio Bento Quirino, em Campinas, e no segundo, na Escola de Comércio Álvares Penteado¹⁸, na capital do Estado, cidade em que passa a residir juntamente com pai, mãe e seis irmãos após a falência do comércio da família. Posteriormente torna-se aluno do Colégio Oswaldo Cruz e, desses anos recorda Benedito Junqueira Duarte décadas mais tarde:

Edgar Cavalheiro morava numa casa antiga da rua General Jardim, a dois passos do “Oswaldo Cruz”, num porão com entrada independente, por isso a nos permitir longas conversas, depois das onze horas da noite, quando findavam as nossas aulas, frequentadas com o sacrifício de quem trabalha de dia para poder sustentar-se no estudo, à noite. O ordenado que ambos percebíamos, trezentos ou quatrocentos mil réis, Edgar na contadoria da “São Paulo Railway”, eu na redação do “Diário Nacional”, como fotógrafo daquele órgão oposicionista, não nos proporcionava muita largueza em nossos gastos. Entretanto, uma vez por mês, quando se pagavam os nossos vencimentos, reuníamos-nos em grupo, na cervejaria Heidelberg, num rés do chão da rua Xavier de Toledo, ou no “Franciscano”, na rua Líbero. O grupo era pequeno – Antônio Ruggero Jr., Euclides Ferreira da Silva, Edgar, eu e, finalmente, aquele que então norteava todas as nossas ambições literárias – Machado de Assis. Foi Edgar quem nos iniciara a todos na leitura do velho Machado. Tinha por esse escritor uma veneração sem limites, conhecia-lhe toda a obra¹⁹

Duas informações importantes afloram desses escritos que remetem ao início da maioridade de Edgard Cavalheiro: depois de frequentar escolas de comércio, emprega-se numa contadoria. Segundo: aparentava proximidade com a literatura.

Essa feição literária aparece também em outra recordação da época, registrada por Mário Donato, ao recordar-se que ele, Edgard Cavalheiro e Fernando Góes eram “os Três Mosqueteiros da Pensão Pereira”, onde moravam, à rua Dom José de Barros, “mas, claro, armados apenas de apetite, de garra e de amor pelas Letras”. Nesse local vivia também o

¹⁷ MELLO JÚNIOR, op. cit., p. 13. O nome correto do comércio era “Trianon”, cf. imagem à p. 7.

¹⁸ Dados da Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado, FECAP-SP: ficha de aluno n. 245.

¹⁹ DUARTE, B. J. Edgard Cavalheiro. *Anhembi*, São Paulo, p. 563-564, ago. 1958.

poeta veterano, depois membro da Academia Paulista de Letras, Cleómenes Campos - logo transformado em conselheiro de belas letras do jovem trio²⁰.

Cavalheiro tinha interesse, desde essa época, pela poesia. Na página 403 do livro de poemas de Múcio Teixeira, *Terra incógnita*, exemplar que pertenceu a Edgard Cavalheiro, anota à tinta Edgard Cavalheiro e assina: “Lido em São Paulo, no mês de maio de 1929, na Rua Maria Marcolina, 193”²¹.

Abandona o terceiro ano do ginásio e deixa definitivamente de estudar, ao menos como aluno em instituição de ensino regular. No início dos anos 30 torna-se funcionário do Banco do Estado de São Paulo²² e tem um de seus primeiros escritos publicados, o poema “Baile na roça”, em *A Juventude*, de Mogi Guaçu²³. Haveria um poema prévio, aludido em discurso de Edgard Cavalheiro e também em nota de jornal²⁴; seria sua primeira publicação na imprensa a homenagem ao conterrâneo Dom Sebastião Leme, possivelmente de 1930, ano da proclamação deste como cardeal. Contudo, esse texto não pode ainda ser localizado pela pesquisa.

De 1932 não foram localizadas produções de Edgard Cavalheiro; em 1933 publica seis artigos, sendo o primeiro deles na *Gazeta do Rio Pardo*. Esse artigo²⁵, consultado e referenciado por esta pesquisa, pertence ao Arquivo Maria Helena Cavalheiro, filha do escritor, porque a *Gazeta*, empresa jornalística ainda em atividade, não dispõe de exemplares do período em seu acervo.

O ano de 1933 marca o início de um período de produção ininterrupta em periódicos que faz com que o autor, até o seu falecimento em 1958, não fique um só ano sem publicar ao menos um artigo na imprensa nacional.

O primeiro texto de 1933, “São José de Euclides da Cunha”, uma crônica na *Gazeta do Rio Pardo*, cabe sublinhar, é assinado “Edgar Cavalheiro” (sem o “d” no final do prenome); os artigos de Cavalheiro, nesse ano, veiculados em *A Folha*, de Pinhal, estampam a assinatura “Afrânio”, pseudônimo que inaugura uma seção de crítica literária, “Divulgação”. A partir de 1934, a colaboração de Cavalheiro em *A Folha* alterna nome e pseudônimo²⁶, quando fora ou dentro de “Divulgação”.

²⁰ DONATO, op. cit., p. 4.

²¹ Arquivo Silvio Tamasso D'Onofrio.

²² NEME, op. cit., p. 127.

²³ *A Juventude*, Mogi Guaçu-SP, 15 fev. 1931.

²⁴ ATITUDE deselegante. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 12 mar. 1944.

²⁵ São José de Euclides da Cunha. *Gazeta do Rio Pardo*, São José do Rio Pardo-SP, 27 maio 1933.

²⁶ Revela identidade do pseudônimo em discurso transcrito no jornal local: AS HOMENAGENS a Edgard Cavalheiro. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 26 fev. 1956. Cf. item “Anexos”, nesta dissertação.

Nos anos seguintes, aos poucos, vai deixando de usar pseudônimos, tornando esse recurso bastante incomum após 1936 e quase que o abandonando por completo, após 1938.

Em 1934, a produção de Edgard Cavalheiro, em periódicos, soma 22 artigos, divulgados em São Paulo, Santos e Rio de Janeiro, inclusive com a utilização de novos pseudônimos. A partir desse ano, o trabalho intelectual do escritor intensifica-se. Vale notar: em 1935 são 78 artigos e, somando toda a sua produção até o final de 1940, ano de publicação de seu primeiro livro, serão 294 textos em periódicos.

Autodidata, polígrafo

*Oh! A biblioteca do Lindor! Como eu lamento nessa
hora não ser um altisonante poeta para cantá-la!
Que de alexandrinos clangorosos a lira entoaria em
seu louvor! Era uma biblioteca eclética, com
grandes e pequenas obras.
(Edgard Cavalheiro)²⁷*

Em 1929, após dois anos e meio trabalhando na São Paulo Railway, companhia que administrava a estrada de ferro posteriormente batizada Santos-Jundiaí²⁸ e cujos escritórios eram localizados dentro da Estação da Luz, Edgard Cavalheiro passa a atuar, em meados da década de 30, como funcionário do Banco do Estado de São Paulo. Em 1934, tem seu nome vinculado à biblioteca do Sindicato dos Bancários, no edifício Martinelli²⁹. Entre esse ano e 1936, além dos mais de cem textos publicados em jornais e revistas, publica 16 artigos no *Jornal do Funcionário*, periódico do banco que o empregava e que teve sua primeira edição em 1934.

Enquanto isso, Edgard segue produzindo textos. Em junho de 1934 participa de concurso de críticas promovido pela *Folha da Manhã* e pela Companhia Editora Nacional, fazendo jus ao sexto lugar. Depois, novo concurso e nova relativa boa colocação parecem sedimentar o caminho para a aceitação de seus escritos nesse periódico³⁰. No ano seguinte, publica o seu primeiro artigo no “Suplemento” dominical do periódico, focalizando

Folha da Manhã, São Paulo, 7 abr. 1935.

²⁷ AS HOMENAGENS a Edgard Cavalheiro. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 26 fev. 1956.

²⁸ Dados da Inventariança da Extinta Rede Ferroviária Federal S. A.: ingresso: 1 jun. 1927; desligamento (solicitado pelo empregado): 1 dez. 1929; cargo: escriturário; ficha funcional n. 315.

²⁹ ANDRADE, Milton; BRITTO, Edsel; JATOBÁ, Roniwalter. José Bento: dias de Mário. *Memória*, São Paulo, ano 5, n. 17, p. 10, jan./fev./mar. 1993.

“As mulheres na vida de Dostoiévski”, texto ilustrado por Belmonte³¹. Passa também a colaborar com a *Folha da Noite*, do mesmo grupo. Décadas mais tarde, Edgard creditaria a entrada nas *Folhas* ao auxílio e à generosidade do então diretor do jornal, Rui Bloem³².

Em dezembro de 1934, seus escritos recebem a acolhida dos periódicos fluminenses. O primeiro veículo a publicá-lo é *A Nação*³³, jornal “oficioso”, a serviço do tenentismo, segundo Leôncio Basbaum³⁴.

Más notícias em agosto de 1936: o pai de Edgard falece aos 48 anos. Com isso, aos 25 anos de idade, Cavalheiro torna-se o homem mais velho de uma prole de sete filhos, enfrentando, daí por diante, novas responsabilidades familiares.

Em 13 de maio de 1938 presencia as comemorações do cinquentenário da Abolição da Escravatura, ao lado de Jorge Amado, Mário Donato, Rossine Camargo Guarnieri, Oswald de Andrade e Arthur Ramos³⁵. Nesse ano, segundo Nelson Werneck Sodré, Edgard Cavalheiro era “escritor, bancário e jornalista, depois assessor da Livraria Martins Editora”³⁶.

A atividade literária de Edgard corre em paralelo à atuação burocrática em um banco. Publica artigos na imprensa não apenas para cumprir um pendor artístico e crítico, mas, certamente, para aumentar seus proventos. Não é outra a impressão que se obtém da leitura de uma carta que endereça a Érico Veríssimo em 19 de maio de 1942³⁷; o remetente conta que se encontrava sem tempo por ter sido promovido (depois de dez anos de carreira), a sub-contador da agência do Brás, ocasião em que passaria a contar com uns “cobres”, como ele mesmo escreve, a mais.

Edgard Cavalheiro estudou em duas escolas de comércio, sem concluir os cursos; trabalhou na contadoria da estrada de ferro e, depois, tornou-se sub-contador no Banco do Estado de São Paulo. Nesse mesmo período, colaborou em diversos jornais, discorrendo sobre vários temas e em variados gêneros, característica típica dos polígrafos.

³⁰ AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. Notas à margem de um concurso de contos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 jun. 1934; GRIEQUINHO [Edgard Cavalheiro]. Contos brasileiros. *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 jul. 1934

³¹ As mulheres na vida de Dostoiévski. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 abr. 1935.

³² Discurso de 23 dez. 1955, cf. item “Anexos”, nesta dissertação.

³³ Um homem útil. *A Nação*, Rio de Janeiro, 4 nov. 1934.

³⁴ BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República: de 1930 a 1960*. 4. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976, p. 22.

³⁵ LEITE, José Correia. ...E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos. Cuti (org.). São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 133-137.

³⁶ SODRÉ, Nelson Werneck. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 172.

³⁷ Arquivo da Coordenadoria de Literatura do Instituto Moreira Salles-RJ, ref. 02b1773-1942.

Grupamentos culturais

Os livros que escrevemos, com raras excessões, não trazem proventos econômicos, o que eles nos dão em troca compensa fartamente o trabalho de escrevê-los. Pois eles produzem essa coisa admirável, insubstituível, sem a qual a vida não faria sentido: amigos.
(Edgard Cavalheiro)³⁸

No final dos anos 30, após cerca de dez anos de residência na capital paulista e também da publicação de seus primeiros escritos, Edgard Cavalheiro tem pessoas do meio literário entre seus amigos mais próximos. Um de seus pontos de encontro era a Drogaria Baruel, uma das maiores farmácias da cidade, localizada na esquina da praça da Sé com a rua Direita. O farmacêutico-chefe da Drogaria Baruel era Amadeu de Queiroz, homem de outra geração, experiente no mundo das letras, possuindo alguns livros já publicados.

Em torno de Amadeu de Queiroz, alguns moços se reuniam no final das tardes na Baruel e faziam ali uma roda literária. Constituiu-se, assim, o “Grupo da Baruel”, que ensejou o surgimento do jornal literário *Roteiro: quinzenário de cultura*, de curta trajetória³⁹. Segundo

Folha da Manhã, São Paulo, 5 maio 1939.

Antonio Candido, o nome *Roteiro* seria um tanto ambicioso e “sério” (aspas dele), característica semelhante à de outros títulos de periódicos da época: *Clima*, *Rumo*, *Problemas*⁴⁰.

Faziam parte do Grupo da Baruel, principalmente: Edgard Cavalheiro, Mário da Silva Brito, Jamil Almansur Haddad, Rossine Camargo Guarnieri e Fernando Góes. Todos críticos, estudiosos, humoristas e poetas, segundo Antonio Candido⁴¹. Sobre as reuniões na drogaria, testemunhou Lúcia Helena Gama:

³⁸ RETRIBUIÇÃO pelo Jeca Tatuzinho – Edgard Cavalheiro expõe as razões pelas quais escreveu Monteiro Lobato: vida e obra. *Correio Paulistano*, São Paulo, 25 dez. 1955.

³⁹ Em entrevista, Mário Donato, redator-chefe do novo jornal, afirma que *Roteiro* nasceu em 19 de março e possui dez integrantes, com redação localizada à Praça da República. Edgard Cavalheiro é o responsável pela sessão de crítica literária. (OS ESCRITORES novos de S. Paulo fundam um quinzenário de cultura. *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 abr. 1939).

⁴⁰ CANDIDO, Antonio. *Revistas. Diário de S. Paulo*, São Paulo, 6 jun. 1946.

⁴¹ GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950*. São Paulo: Senac, 1998.

Enquanto alquimistas buscam sintetizar fórmulas do bem viver público, alguns nativos da província, agregados a migrantes internos, vivem a pacata tradição interiorana de transformar a farmácia num ponto de encontro. Ali sentados, em um ou dois bancos, jornalistas, intelectuais e professores discutem livros novos e passam a limpo a prosa da semana⁴²

Ruth Guimarães, nessa época, também privou a companhia desse grupo de jovens. Referiu-se, em depoimento, a essas tertúlias, recuperando os laços de amizade entre Amadeu de Queiroz e Edgard Cavalheiro:

E era lá a Baruel do velho Amadeu. Do velho Amadeu e do Edgard Cavalheiro, os dois eram muito amigos. E era uma desordem completamente desorganizada. E entrava e saía gente e às vezes a gente tinha cinco minutos para ficar. Ficava em pé e encostado no balcão... De vez em quando aparecia uma cadeira⁴³

Segundo o jornalista e escritor Silveira Peixoto, nos encontros da Baruel

fala-se do último romance posto nas montras das livrarias. Comenta-se um artigo de crítica literária. Proferem-se anátemas contra os medalhões. E a palestra desenvolve-se, pontilhada de ironias, entremeada de perversidades, animada pelo constante bom humor de Amadeu de Queiroz. Depois... O grupo começa a dispersar-se... E há sempre alguém que quer ficar por último, naturalmente com receio da língua dos outros...⁴⁴

O Grupo da Baruel era um dos espaços de sociabilidade intelectual de São Paulo daquele momento, como aqueles outros ligados à Livraria Jaraguá, à Confeitaria Vienense e ao Clubinho. Distinguiam-se, de certo modo, pelo autodidatismo, porque Cavalheiro, Guarnieri e Góes não possuíam diploma universitário. Jamil e Silva Brito obtiveram diplomas universitários, de medicina e direito, respectivamente, nenhum dos dois, no entanto, seguiu a carreira. Formaram-se intelectualmente como autodidatas, atuando em periódicos.

O Grupo da Baruel também pode ser caracterizado como boêmio. Como as redações dos jornais iniciavam seus turnos no final da tarde, fechando a uma ou duas horas da madrugada, os trabalhadores das letras tinham outras profissões durante o dia e de noite exerciam atividades nas redações⁴⁵. Depois disso saíam para comer e beber. Num contexto desses, segundo os registros mais ou menos informais do período, resistir à boemia parecia se afigurar tarefa complicada.

⁴² GAMA, op. cit., p. 40.

⁴³ GUIMARÃES, Ruth. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 24 abr. 2010.

⁴⁴ PEIXOTO, Silveira. Correio literário de São Paulo. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, p. 22-23, 28 mar. 1940.

⁴⁵ GAMA, op. cit., p. 126.

No bar Franciscano, centro de São Paulo, em maio de 1941 (da esq. para a dir.): Rubens Borba de Moraes, Gilda de Moraes Rocha, William Berrien, Edgard Cavalheiro, Rubem Braga, Luís Saia, Mário de Andrade e pessoa não identificada⁴⁶.

Do banco estatal para o campo editorial

*Não tinha, evidentemente, vocação de espécie
alguma para as letras de câmbio.
(Edgard Cavalheiro)⁴⁷*

Em algum momento do início dos anos de 1940, Edgard deixa o emprego no Banco do Estado para atuar no campo editorial, a Livraria Martins. Se em maio de 1942, o escritor encontra-se ainda envolvido em atividades bancárias, como revela a carta endereçada a Érico Veríssimo, em 1941, também já devia prestar serviços à editora. Nelson Werneck Sodré historia: “Ao abrir-se o ano de 1941, José de Barros Martins tomava decisão que comprovava sua sagacidade, convidando Edgard Cavalheiro para trabalhar em sua editora”⁴⁸.

Seguindo essa linha temporal, em julho de 1941, o jornal *Diretrizes* publica o regulamento de um concurso de biografias instituído pela Livraria Martins Editora. O último item do regulamento instrui que “Os originais, bem como toda correspondência relativa ao concurso, deverão ser dirigidos ao secretário do mesmo, Sr. Edgard Cavalheiro”⁴⁹, na Martins.

⁴⁶ Fotografia impressa com a autorização da família de Mário de Andrade. Imagem pertence ao Arquivo Mário de Andrade, do Instituto de Estudos Brasileiros da USP, e foi publicada na edição 36 da *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* (São Paulo, 1994).

⁴⁷ RETRIBUIÇÃO pelo Jeca Tatuzinho – Edgard Cavalheiro expõe as razões pelas quais escreveu Monteiro Lobato: vida e obra. *Correio Paulistano*, São Paulo, 25 dez. 1955.

⁴⁸ SODRÉ, op. cit., p. 232.

⁴⁹ UM CONCURSO de biografias. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1941.

A *Revista do Globo*, de 17 de outubro de 1942, registra em sua página 16: “Edgar Cavalheiro, diretor literário da Editora Martins, de São Paulo, selecionou e publicará dentro em breve, naquela importante casa, uma notável seleção dos melhores contos brasileiros”.

Portanto, as fontes consultadas parecem indicar que Edgard Cavalheiro nesse período atuou em duas frentes profissionais, supondo que as atividades na editora fossem cumpridas após o expediente bancário.

A Livraria Martins, em termos políticos, não aceitou ser cooptada pelo Estado Novo; vivia “com os agentes da ditadura varejando seus escritórios e sua loja [...] (Martins) sempre se recusou a colocar na parede o retrato do ditador que era coercitivamente imposto a toda loja comercial”⁵⁰. Edgard Cavalheiro, então, juntava o seu nome a uma empresa caracterizada por sua “inabalável recusa em publicar o que quer que fosse favorável ao regime, ou à sua filosofia”. Se publicasse algo favorável ao sistema repressivo, ainda assim “era rotulada de “subversiva” tanto quanto poderia ter sido a publicação de material contrário a ele”⁵¹.

1940, *Fagundes Varela*

Varela não era um poeta espontâneo e alguns originais que chegaram até nós revelam o quanto ele trabalhava suas produções.
(Edgard Cavalheiro)⁵²

1940 é um ano importante na trajetória de Edgard Cavalheiro porque, além de ser nessa época sua primeira virada profissional, em direção ao campo editorial, publica seu livro de estreia: a biografia do poeta romântico Fagundes Varela, pela Livraria Martins Editora. Escreveram sobre a obra, entre outros: Tristão de Athayde⁵³, Múcio Leão⁵⁴, Rubem Braga⁵⁵, Sérgio Buarque de Holanda⁵⁶, Luiz da Câmara Cascudo⁵⁷, Nelson Werneck Sodré⁵⁸, Oscar Mendes⁵⁹, Mário Donato⁶⁰, Miroel Silveira⁶¹, Lygia Fagundes Telles⁶² e Tarsila do Amaral⁶³.

ESPIRROS...

„Zéros á esquerda...”

Pobre Fagundes Varela! Nem depois de morto lhe dão socego! Só lhe escrevem a biographia para chamal-o de bebedor, fraqueza essa que muita gente bôa tem. Felizmente ninguem é escriptor por escrever biographias. Qualquer sandeu pode escrever biographias de homens celebres ou de criminosos vulgares.

Escrever biographias é ser compilador e não escriptor.

Esse tal de Cavaglieri,
Que se «assigna» Cavalheiro,
Esteja elle onde estiver,
Será sempre um embusteiro...

Cavalheiro e Ruben Braga
Parecem até uma praga!

PIERRE LUZ

PIERRE LUZ [José Gonçalves Sampaio Júnior].
A Notícia, Espírito Santo do Pinhal-SP, 30 nov. 1940.

⁵⁰ MARTINS, José Fernando de Barros. Martins, editor da Pauliceia. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, n. 67, p. 179, dez. 2011.

⁵¹ HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 505.

⁵² Um drama inédito de Fagundes Varela. *Clima*, São Paulo, nov. 1944.

⁵³ Fagundes Varela. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 jan. 1941.

⁵⁴ Um estudo sobre Varela. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1941.

⁵⁵ O pobre Varela. *Rotogravura O Estado de S. Paulo*, [1] nov. 1940.

Fagundes Varela promove o primeiro encontro entre Edgard Cavalheiro e Monteiro Lobato. É comum o escritor iniciante buscar a opinião de nomes importantes do campo literário, com Edgard não foi diferente. Em resposta ao oferecimento de um exemplar de *Fagundes Varela* que Edgard lhe havia remetido, Monteiro Lobato escreve em 13 de outubro de 1940:

Prezado colega: demorei-me em agradecer a oferta de um *Fagundes Varela* porque não queria fazê-lo antes da leitura e só esta semana se me folgou o tempo necessário. Excelente biografia. Permitiu-me passear várias horas por aquele bêbado de gênio e a época em que viveu. Está magistral a sua recomposição do homem e do cenário, o que, aliás, não me admirou, à vista dos trabalhos de crítica de sua lavra que conheço. Quem revela talento num artigo, não falha de o revelar, ainda em maior extensão, num livro – que não passa dum artigo grande. Por que não aparece um dia aqui pelo escritório? Os velhos gostam de conhecer certos novos... Com mil agradecimentos do Monteiro Lobato.⁶⁴

A biografia do poeta romântico tem sua primeira edição, saída em setembro, esgotada em três meses⁶⁵. Segundo jornal carioca, vendagem foi raro êxito, e livro é considerado um dos “melhores estudos crítico-biográficos já aparecidos”⁶⁶.

Os reflexos da publicação de *Fagundes Varela* no âmbito do Banco do Estado de São Paulo foram descritos por Mário Donato :

Altino Arantes era então presidente do Banco. Impressionado com o sucesso do seu funcionário, quis conhecê-lo pessoalmente e mandou melhorar o seu padrão de salário. Fez mais: quando Edgard foi convidado pela Livraria do Globo a representá-la em São Paulo, o dr. Altino Arantes, procurado por Edgard, aconselhou-o a sair do banco e dar novo rumo à sua vida, como escritor e editor⁶⁷.

⁶⁴ Fagundes Varela. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 out. 1940.

⁶⁵ Edgard Cavalheiro. *A República*, Natal, 2 out. 1940. Acta diurna.

⁶⁶ Livros novos: biografias. *Correio Paulistano*, São Paulo, 5 dez. 1940.

⁶⁷ A alma dos livros. [s.n.:S.l.], 6 out. 1940.

⁶⁸ Fagundes Varela, de Edgard Cavalheiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 set. 1940.

⁶⁹ De Fagundes Varela a Edgard Cavalheiro. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1941.

⁷⁰ Fagundes Varela num livro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 6 out. 1940.

⁷¹ Fagundes Varela. [Diários Associados], [S.l.], 11 dez. 1940.

⁷² LOBATO, Monteiro. *Carta para Edgard Cavalheiro*. São Paulo, 13 out. 1940. Arquivo Maria Helena Cavalheiro. Grifos dele.

⁷³ MARTINS, José de Barros. [Fagundes Varela]. *Folha da Manhã*, São Paulo, 9 fev. 1941.

⁷⁴ LETRAS e artes. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 7 set. 1941.

⁷⁵ DONATO, op. cit., p. 6-7.

É também por volta de 1940 que Edgard Cavalheiro envolve-se mais ativamente com questões editoriais e aquelas relacionadas com a condição do trabalhador intelectual. Assim, repercute na imprensa entrevistas feitas com editores, a crise do papel com a proibição das importações ocasionada pela guerra, a função da crítica de arte, entre outros assuntos candentes. Participa, ainda em 40, de reunião no Conselho Universitário da USP, como porta-voz da Editora Guaíra, de Curitiba. No encontro, representantes do meio livreiro e Reitoria da Universidade de São Paulo buscavam formas de incrementar a leitura e o comércio de livros⁶⁸.

Na Livraria Martins Editora

*O nosso homem está crescendo. Justamente agora
ele me perde. Vai sentir a minha falta,
modéstia à parte. Mas que fazer?*
(Edgard Cavalheiro)⁶⁹

Edgard Cavalheiro atua na Livraria Martins Editora, fundada em 1940, por cerca de dois anos, dirigindo o departamento editorial. Segundo Mário da Silva Brito, “atendendo a tudo e a todos com fidalguia e senso de realidade, sempre cheio de entusiasmo, de planos, possuído por sua alegria criadora”⁷⁰.

De acordo com José Fernando de Barros Martins, “Cavalheiro contribuiu para trazer para o catálogo da editora a obra de Mário de Andrade, que, a partir de 1941, foi exclusiva do selo Martins. O próprio Mário de Andrade organizou [...] todo o planejamento da obra”⁷¹.

Edgard Cavalheiro também levou Jorge Amado, então exilado pelo Estado Novo, da José Olympio Editora para a Martins⁷²,

autor que foi importante para o êxito comercial da casa⁷³. Além de outros autores já atestados por diversos veículos, Fernando Martins também supõe que foi Edgard Cavalheiro o responsável pela ida do romancista José Geraldo Vieira, de *A quadragésima porta*, para a Livraria Martins e também para a Livraria do Globo, em decorrência da grande amizade existente entre Cavalheiro e Vieira⁷⁴.

⁶⁸ CAMPANHA de expansão do livro nacional. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 ago. 1940.

⁶⁹ Carta a Nelson Werneck Sodré. SODRÉ, N. W. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 288.

⁷⁰ BRITO, Mário da Silva. *Martins: 30 anos*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967, p. XIX.

⁷¹ MARTINS, José Fernando de Barros, op. cit., p. 178.

⁷² MARTINS, José Fernando de Barros. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 17 jul. 2010.

⁷³ HALLEWELL, op. cit., p. 412.

⁷⁴ De passagem por São Paulo, José Geraldo Vieira visitou a redação da *Folha da Manhã* em companhia de Edgard Cavalheiro. EM TORNO do recente lançamento de “A quadragésima porta”. *Folha da Manhã*, São Paulo, 4 jan. 1944.

Edgard deixará a Martins em 1943 para ocupar o cargo de gerente comercial da Livraria do Globo, do Rio Grande do Sul, quando esta abre filial na capital paulista.

ABDE, CBL, Reuniões, Congressos

Vencemos brilhantemente a eleição da Sociedade Brasileira de Escritores. Imagine que queriam botar o Menotti, Cândido Mota Filho e outros medalhões na diretoria. Reagimos e botamos uma mocidade barulhenta e irreverente.
(Edgard Cavalheiro)⁷⁵

Em 14 de março de 1942 é fundada a Sociedade dos Escritores Brasileiros (SBE), primeira associação voltada para a defesa dos escritores e da liberdade de expressão. Segundo nota da *Revista da Academia Paulista de Letras*, a Sociedade dos Escritores Brasileiros “tem por objetivo a defesa dos direitos autorais de escritores e jornalistas e o controle da produção nacional de livros”⁷⁶. A primeira diretoria da entidade, de acordo com essa nota, era composta por Sérgio Milliet, como presidente, e Mário de Andrade, como vice-presidente. Edgard Cavalheiro compõe a Comissão de Distribuição de Livros e Controle de Vendas, juntamente com Mário Donato, Almiro Rolmes Barbosa e Silveira Peixoto.

Ainda em 1942 a Sociedade torna-se Associação Brasileira de Escritores (ABDE), com evento de (re)fundação na sede da Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro. Edgard Cavalheiro também participa da fundação da ABDE, ao lado de Manuel Bandeira, Aurélio Buarque de Holanda, Graciliano Ramos, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade e Vinícius de Moraes, entre outros. Em dezembro do mesmo ano Cavalheiro assume o posto de segundo tesoureiro da entidade. Segundo o jornalista Osório Borba, ABDE “não é uma academia, nem um clube mundano, nem uma sociedade recreativa, e sim um órgão prático de defesa da profissão literária”⁷⁷.

Como integrante da Comissão de Direitos Autorais, em janeiro de 1945, Cavalheiro participa do 1º Congresso Brasileiro de Escritores, reunião que promove o enfrentamento da ditadura Vargas. Essa Comissão, da qual participou também Paulo Mendes de Almeida, foi, possivelmente, a mais importante do encontro, pleiteando regulamentação urgente dos direitos dos autores, a fim de que estes pudessem se proteger legalmente de eventuais abusos dos editores, auferir melhores ganhos e se estabilizarem como profissionais das letras⁷⁸.

⁷⁵ Carta a Nelson Werneck Sodré. SODRÉ, N. W. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 266.

⁷⁶ SOCIEDADE dos Escritores Brasileiros. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, p. 131, mar. 1942.

⁷⁷ MIRANDA, Gilberto. Escritores e livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 70, 10 ago. 1946.

⁷⁸ LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado*

Cavalheiro, em entrevista para a *Folha da Noite*, afirma que não seria um “conclave acadêmico”, mas uma oportunidade de profissionais conscientes se conhecerem para “fixar alguns aspectos da existência dos escritores, garantindo-lhes maiores direitos, maior proteção ao trabalho intelectual”⁷⁹. Em carta a Nelson Werneck Sodré, Cavalheiro relata sucesso do Congresso, com “unidade política absoluta” e sem “habituais brilharecos oratórios”, lamentando apenas a ação da censura no noticiário⁸⁰.

Ainda durante o Congresso, assina documento de criação da “Sociedade Luso-Afro-Brasileira”, proposta encabeçada pelo historiador português Jaime Cortesão, sob o argumento de que o Brasil contribuíra para a civilização continental ao constituir-se em exemplo paradigmático, dada a solidariedade étnica aqui existente – o que animaria e justificaria a proposta criadora⁸¹.

Em julho de 1946, participa de reunião da Esquerda Democrática juntamente com Sérgio Milliet, Mário Neme, Arnaldo Pedroso D'Horta, entre outros⁸². Em 25 de setembro de 1946, participa da fundação da Câmara Brasileira do Livro (CBL), registrando-se como bibliotecário da associação⁸³. Em 1950 torna-se diretor da instituição⁸⁴, em 1951 é membro do Conselho Consultivo e em 1953 participa do Conselho Fiscal⁸⁵. Participa de chapa vencedora em eleição e assume a presidência da entidade pelo biênio 1955-1957. Durante sua gestão, é criado o prêmio literário Jabuti: “o projeto surgiu de discussões internas da CBL, iniciadas e animadas pelo presidente Edgar Cavalheiro”⁸⁶.

Nos anos seguintes, Cavalheiro participa de diversos congressos, entre os quais, de contistas, poetas, editores e livreiros. Nesse engajamento, apreendem-se as linhas de força de seu pensamento em relação ao livro no Brasil.

Troféu Jabuti.

Novo (1945). São Paulo, 2010. 229 f. Dissertação (Mestrado em História Social – Orientação: Prof. Dr. Paulo Teixeira Iumatti) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

⁷⁹ CAVALHEIRO, Edgard. Não será um conclave acadêmico. *Folha da Noite*, São Paulo, 11 jan. 1945. Entrevista concedida a (?).

⁸⁰ SODRÉ, op. cit., p. 334.

⁸¹ *Atas do I Congresso Brasileiro de Escritores*. São Paulo: Associação Brasileira de Escritores, 1945, p. 24 e 36.

⁸² ESQUERDA Democrática: Grupo Profissional dos Jornalistas. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 86, p. 3, 25 jul. 1946.

⁸³ 2º Oficial de Registro de Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de São Paulo-Capital, livro “A”, n. 3, reg. 1338 de 28/11/1946.

⁸⁴ DIRETORIA da Câmara Brasileira do Livro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 18 jun. 1950.

⁸⁵ ELEIÇÕES na Câmara Brasileira do Livro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 jul. 1953.

⁸⁶ *Prêmio Jabuti: 50 anos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Câmara Brasileira do Livro, 2008, p. 22.

No segundo Congresso de Editores e Livreiros do Brasil, em 1954, Edgard propôs e viu aprovada a primeira tese do encontro, enfatizando a “imperiosa necessidade de que se mantenham seções de crítica literária confiadas a representativas e especializadas personalidades intelectuais”⁸⁷, algo que chama a atenção pela proximidade com a questão da profissionalização do escritor, tema pelo qual Cavaleiro já havia demonstrado interesse no Congresso de Escritores, nove anos antes.

Também em 1954, no Congresso Internacional de Escritores e Encontros Intelectuais, evento realizado sob o patrocínio da Unesco e da Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, Edgard e Paulo Mendes de Almeida propõem e veem ser aprovada a proposta de emenda ao Regimento visando maior representatividade de congressistas na Mesa Diretora⁸⁸.

Tendo participado do Primeiro Congresso de Editores e Livreiros em 1948, “primeira reunião do setor empresarial de livros⁸⁹”, Edgard tem ainda seu nome vinculado ao Segundo Congresso, em 1954 e, ao Terceiro, em 1956. Neste, além de integrar a comissão executiva, vê aprovar teses de sua autoria: pelos abatimentos especiais a serem feitos pela imprensa nos anúncios de livros; pela proposição de ofício ao Ministério da Educação e Cultura solicitando estudos sobre a isenção de impostos para publicações estrangeiras; pela melhor distribuição de publicações da ONU, Unesco e FAO no Brasil, se possível com postos de venda nas principais cidades, em bases comerciais idênticas às dos demais livros importados; pela melhoria na operacionalidade do sistema de classificação bibliográfica para beneficiar os leitores; pela conveniência do reestabelecimento do Conselho Consultivo do Instituto Nacional do Livro; pela filiação dos órgãos de classe dos editores brasileiros à International Publishers Association; pela criação do prêmio literário “Monteiro Lobato”; pela regulamentação do comércio livreiro⁹⁰.

⁸⁷ A TESE no. 1. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 jan. 1956.

⁸⁸ *Congresso Internacional de Escritores e Encontros Intelectuais*. São Paulo: Sociedade Paulista de Escritores-Editora Anhembi, 1957, p. 26-27.

⁸⁹ KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: EDUSP; Com-Arte, 2006, p. 16. (Memória Editorial, 4).

⁹⁰ *3º Congresso de Editores e Livreiros do Brasil* (anais). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959, p. 181, 182, 190, 197, 204, 206 e 223.

Sociedade Livro-do-Mês Ltda.

*Que importa o tempo para quem tem
a imortalidade garantida?
(Edgard Cavalheiro)⁹¹*

A Sociedade Livro-do-Mês foi fundada em junho de 1944 e tinha por objetivo indicar o lançamento literário que tivesse a melhor qualidade, conforme juízo crítico de um corpo de notáveis. Nos dizeres de seu anúncio, “surgiu com o intuito de poupar ao leitor o trabalho de escolha e excessiva despesa com a aquisição dos livros que vão aparecendo no mercado livreiro nacional”⁹².

Para assegurar a apreciação das obras em tempo hábil, a Sociedade comprometia-se a ler provas tiradas especialmente de dentro das editoras, antes que os lançamentos estivessem disponíveis para o público. Elencam, em seu anúncio publicitário, cerca de duas dezenas de editoras parceiras que facilitariam tal trâmite.

Para o leitor interessado em usufruir as vantagens alegadas, o compromisso era a aquisição de ao menos quatro das 12 obras indicadas pela Sociedade no período de um ano. Não havia taxa adicional de nenhuma espécie e os usuários recebiam um catálogo mensal.

O chamado “Conselho de Críticos da Sociedade”, responsável pelas apreciações literárias, contava entre os seus membros: Edgard Cavalheiro, Monteiro Lobato, Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiróz, Rui Bloem, Galeão Coutinho e Mário da Silva Brito, todos sócios no empreendimento.

Não se tratava de um clube de livros nos moldes daquele da Sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil, por exemplo, que era destinada a tiragens de luxo para seus associados⁹³.

A iniciativa foi inspirada nos populares “Book of the Month Clubs” existentes nos Estados Unidos. Sendo a escolha feita com o livro já pronto mas ainda não distribuído, ou ainda em provas, a iniciativa poderia gerar aumento de tiragem com consequente barateamento do exemplar.

Essa sociedade teve também o seu próprio periódico, chamado *Atualidades Literárias*, com o primeiro número editado em julho de 1946⁹⁴.

⁹¹ Aventuras e desventuras de um biógrafo. *Jornal da Manhã*, São Paulo, 25 maio 1941.

⁹² O QUE é a Sociedade Livro-do-Mês Ltda. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 59, 8 set. 1945.

⁹³ HALLEWELL, op. cit., p. 497.

⁹⁴ GRIFO Sete. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 jul. 1946, 3º Caderno, p. 3.

São numerosas as referências a “livro do mês” em periódicos da época. Edgard Cavalheiro assinou alguns desses artigos enfocando discussões da Sociedade Livro-do-Mês⁹⁵, algo que refletia, em âmbito nacional, um movimento que se desenvolvia também em outros países. Gordon Brown registrou o fenômeno dos clubes de livros nos Estados Unidos:

Basicamente, os clubes de livros do mês são empresas que se dedicam a vender livros pelo correio a diferentes classes de leitores. Em 1946 existiam nos Estados Unidos 26 destas empresas, com um número total de sócios de mais de três milhões, seiscentos mil, muitos dos quais viviam em aldeias situadas a mais de cem quilômetros da livraria mais próxima.

O "Book of the Month Club", primeira empresa deste gênero, contava com 40.000 sócios no fim de seu primeiro ano de existência, em 1927. Em 1943 foi obrigado a limitar o número de seus sócios a 600.000, devido à escassez de papel que impunha sérias restrições à indústria do livro durante a segunda guerra mundial.

O "Literary Guild", outra célebre empresa desta espécie, tinha em 1946 mais de 1.250.000 subscritores para suas seleções. Estas duas sociedades, com seus numerosos competidores, operaram uma revolução na indústria do livro americano, acostumando milhões de norte-americanos a comprar e a ler os livros do momento, muitos dos quais possuem verdadeiro valor literário e, com o passar do tempo, se converteram em obras clássicas⁹⁶.

Para dar uma ideia mais aproximada do contexto em que se desenvolveu aqui no Brasil, e um ponto de vista sobre o funcionamento da Sociedade Livro-do-Mês, destaque-se o que escreveu o jornalista e historiador Carlos Reverbél:

O livro é artigo de luxo no Brasil, quando deveria ser gênero de primeira necessidade. E é artigo de luxo por uma série de condições terrivelmente básicas da vida nacional: analfabetismo, baixo poder aquisitivo etc, etc.

Afora essas dificuldades maiores, de natureza substancial e irremovível por enquanto, há diversas outras que sempre se fizeram sentir no nosso mercado livreiro, não constituindo, no entanto, um entrave de caráter mais sério, porque podem ser resolvidos de um momento para outro. São aquelas que dizem respeito à política dos poderes públicos em relação ao livro, como isenção de direitos alfandegários para o papel e material gráfico em geral, facilidades e barateamento de transportes e outras tantas vantagens, concedidas em vários países, à começar por vizinhos nossos como a Argentina, por exemplo.

A isenção para o papel já foi conseguida, muito embora os respectivos proveitos ainda nos sejam desconhecidos, porque a medida protecionista chegou justamente numa época em que não há papel para importação em parte alguma. Essa providência indica, no entanto, uma disposição realmente promissora dos poderes públicos no sentido de retificar a sua desastrosa política em relação ao livro, criando condições que permitam o pleno desenvolvimento da indústria editorial do país.

⁹⁵ Alguns deles: 1 jul. 1946; 1 out. 1946; 1 jan. 1947.

⁹⁶ BROWN, Gordon. A indústria do livro nos Estados Unidos. *Boletim Informativo União Cultural Brasil-Estados Unidos*, São Paulo, ano 5, n. 11, nov. 1953.

Mas enquanto isso não se cristaliza numa série de outros fatos tão ou mais necessários do que a isenção do papel, o problema da expansão do livro brasileiro fica praticamente afeto à iniciativa particular, responsável por quase tudo o que este país apresenta em matéria de progresso, particularmente no setor das indústrias.

O livro não fugiu à regra. Tudo quanto representa entre nós, já agora, deve-se quase que exclusivamente ao esforço individual de nossos editores. Não se pode, no entanto, deixar de reconhecer a contribuição de organizações, como a Sociedade Livro-do-Mês, de São Paulo, cujo desenvolvimento, à sombra da indústria editorial brasileira, é um admirável índice de vitalidade, nos enche das maiores esperanças.

A Sociedade Livro-do-Mês conseguiu trazer para o nosso país, onde reina a dispersão e a desordem, um sistema de distribuição de livros que só parecia possível nos Estados Unidos. E, tendo começado modestamente, é hoje em dia uma entidade sólida, que opera sobre uma base superior a mil associados, com tendência para aumentar sempre, tais são os cuidados da sua organização e as vantagens que oferece.⁹⁷

Seguem-se alguns dos escolhidos “livros do mês”, segundo divulgado na imprensa: *O morro voraz*, Daphne Du Maurier (jul. 1944); *A promessa*, Pearl Buck (jan. 1946); *Carolina*, Theodore Dreiser (abr. 1946); *A princesa branca*, Maurice Baring (maio 1946); *A comédia humana* – tomo I, Balzac (out. 1946); *A túnica e os dados*, José Geraldo Vieira (mar. 1947); *Judas, o obscuro*, Thomas Hardy (jan. 1949); *José no Egito*, Thomas Mann (fev. 1949); *Carlota Joaquina*, Marques Cheke (abr. 1949).

Na Livraria do Globo

A proposta da Globo é muito boa, tanto financeira como intelectualmente falando, Vou ganhar o dobro do Banco. E terei carta quase branca para negócios editoriais.
(Edgard Cavalheiro)⁹⁸

Segundo o jornal *O Tempo*, Edgard Cavalheiro transferiu-se para a Globo em 1942⁹⁹. Nelson Werneck Sodré supõe que Cavalheiro muda de empresa entre abril e julho de 1943¹⁰⁰. Halleswell aponta a data como “1943”, apenas¹⁰¹.

A primeira nota que a empresa de Porto Alegre divulga em sua *Revista do Globo*, tratando do ingresso de Edgard Cavalheiro naquela casa, é de 18 de dezembro de 1943 (p.30): “O escritor Edgard Cavalheiro, o biógrafo de Fagundes Varela, após um mês de permanência

⁹⁷ REVERBEL, Carlos. Livro de mês. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 18, 8 mar. 1947.

⁹⁸ Carta a Nelson Werneck Sodré. SODRÉ, N. W. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 286.

⁹⁹ EDGARD Cavalheiro e a Globo. *O Tempo*, São Paulo, 25 set. 1942.

¹⁰⁰ SODRÉ, op. cit., p. 283-287.

¹⁰¹ HALLEWELL, op. cit., p. 407.

na casa matriz em Porto Alegre, regressou a São Paulo, onde irá instalar e dirigir o escritório da Livraria do Globo e representar seus interesses editoriais no estado bandeirante”.

A Livraria do Globo, empresa bem estabelecida e atuante no setor gráfico não exclusivamente literário, detectou um relativo aquecimento no consumo de livros na região sudeste do Brasil a partir da metade para o fim da década de 30, motivado, entre outros fatores culturais, pela fundação da Universidade de São Paulo, em 1934, e pela criação do Departamento de Cultura do município de São Paulo, em 1935. A Livraria do Globo investiga o mercado editorial paulista ao menos desde 1935, quando envia para a cidade o representante da seção editorial no Rio de Janeiro, Estevão Cruz. Este comunica,

na ocasião: “– Vim visitar São Paulo para atender a uma alta necessidade brasileira: em melhorar e dar uma feição mais legítima ao nosso movimento cultural, enquanto possa ele depender da produção bibliográfica nacional”¹⁰². Em 1936 a Globo adquire, na Europa, direitos para tradução de obras literárias; segundo Érico Veríssimo, um dos diretores da empresa, “comprávamos mais direitos sobre livros estrangeiros do que nossa capacidade de editar permitia”¹⁰³.

A empresa compreende que está distante dos grandes centros de produção e consumo e busca suprir a deficiência. Em 1943 Érico Veríssimo incumbiu Maurício Rosemblatt de abrir a filial São Paulo e de gerenciar a filial Rio de Janeiro¹⁰⁴. Edgard Cavalheiro é convidado para a gerência em São Paulo e aceita. Sobre isso escreveu Nelson Palma Travassos:

Inicialmente entrou ele para a Globo na qualidade de elemento de ligação entre os intelectuais paulistas e a editora. A princípio cuidava só desse aspecto, estando a parte comercial entregue a um outro representante. Nessa atividade levou Edgard Cavalheiro para a Globo muitos originais de paulistas, e principalmente de paulistas modernos, como Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, e outros, como Ruth Guimarães, Amadeu de Queiroz [...] Enfim, o apoio intelectual e material para aceitação das suas obras no Estado de São Paulo foi tal que a Globo pensou em transferir para a Capital deste Estado a sua seção editorial. Mas veio a guerra, e a idéia foi abandonada.¹⁰⁵

¹⁰² O MOVIMENTO editorial no Brasil. *Folha da Noite*, 23 abr. 1935.

¹⁰³ VERÍSSIMO, Érico. *Um certo Henrique Bertaso: pequeno retrato em que o pintor também aparece*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1973, p. 70.

¹⁰⁴ SILVEIRA, Elcyr Job Diniz. Breve perfil de um sementeiro. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 7, 30 out. 1983.

¹⁰⁵ A contribuição editorial paulista para a difusão nacional do livro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 jan. 1954.

Sobre as realizações de Edgard Cavalheiro à frente da filial paulista da Livraria do Globo, editorial de *O Tempo* registra, em 25 de setembro de 1942:

Edgard Cavalheiro fez parte do grupo que com Érico Veríssimo, Hamilcar de Garcia e Maurício Roseblatt deram à editora de Porto Alegre a grandeza que ela tem hoje. No escritório de São Paulo Edgard Cavalheiro conseguiu interessar grande número de escritores paulistas nos trabalhos da Globo, mobilizando-os para as tarefas de tradução, de prefácios, de revisão de textos, de notas. Levados por ele, Sérgio Milliet, o prof. Cruz Costa, Lourival Gomes Machado, Luis Martins e muitos outros prestaram e prestam excelentes serviços às edições Globo, que hoje se contam entre as melhores, as mais bem cuidadas que temos¹⁰⁶.

Poucos anos depois do ingresso de Cavalheiro nos quadros da Globo, a empresa demonstra atravessar um momento administrativamente conturbado. Não consegue manter o plano de investimentos enquanto enfrenta custos sempre crescentes e, com isso, vai diminuindo suas edições de forma gradual, chegando ao número de 18 em 1950, enquanto que em 44 e 45 foram 230 obras publicadas¹⁰⁷.

Em 1947, com a economia nacional ainda sofrendo pela virada econômica da segunda grande guerra, a empresa amarga um ano financeiramente ruim e decide simplificar procedimentos num de seus setores-chave em termos editoriais, o de traduções, que alocava especializada e custosa equipe de profissionais¹⁰⁸. O escritor Paulo Rónai refere-se à década de 40 como “década de ouro” para as traduções na Globo. Herbert Caro, tradutor da empresa desde 1939, dela se desliga em 48¹⁰⁹.

Tem-se a impressão de que Érico Veríssimo considera 1948 como o ano em que a editora muda de rumos e abandona a busca pela liderança do mercado literário. Nesse ano falece o diretor veterano José Bertaso e a empresa abre seu capital tornando-se sociedade anônima, “da qual a Editora Globo torna-se uma filial. A direção da empresa é transferida para os filhos de Henrique, José Otávio e Fernando Bertaso¹¹⁰. O processo se consolida em 1956, quando a empresa passa a ser Livraria do Globo S.A. e Editora Globo S.A.”¹¹¹. De 1956 em diante Veríssimo teve sua atuação bastante reduzida “tecnicamente pelo menos, se não sentimentalmente”¹¹², na casa editora em que deitou fundas raízes.

¹⁰⁶ EDGARD Cavalheiro e a Globo. *O Tempo*, São Paulo, 25 set. 1942.

¹⁰⁷ TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP; Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999, p. 99 e 104. (Memória Editorial, 1).

¹⁰⁸ VERÍSSIMO, op. cit., p. 51.

¹⁰⁹ HALLEWELL, op. cit., p. 405.

¹¹⁰ VERÍSSIMO, op. cit., p. 88-89.

¹¹¹ TORRESINI, op. cit., p. 105.

¹¹² VERÍSSIMO, op. cit., p. 93.

Segundo José Otávio Bertaso, filho do diretor-geral, Henrique Bertaso, e neto do “fundador” José Bertaso, Edgard foi demitido porque a empresa foi desmembrada, tendo sido a parte editorial (a Editora Globo) vendida para as Organizações Globo do Rio de Janeiro, grupo de Roberto Marinho, na época principiando ascensão¹¹³.

As datas, novamente, confundem. Heitor Paixão, diretor de marketing da editora em 1988, afirma que a venda para o grupo de Roberto Marinho deu-se em 1982¹¹⁴. Hallewell afirma ser 1986 o ano, apesar de admitir que os descendentes de José Bertaso detinham 45% das ações em 1983¹¹⁵.

Para o editor Ênio Silveira, a demissão foi solicitada por Edgard Cavalheiro: “nem mesmo podemos discutir a decisão dos diretores daquela conceituada empresa ao aceitarem o pedido de demissão apresentado por Edgard Cavalheiro. Cabe-nos apenas manifestar nossa estranheza diante do ocorrido”¹¹⁶.

Edgard Cavalheiro sai da Globo por volta de 1955 (Hallewell afirma ter sido em 1953), ano de publicação da primeira edição de seu *Monteiro Lobato: vida e obra*, livro que chegou a ser anunciado na *Revista do Globo*, com previsão de lançamento para setembro daquele ano, em edição da casa sulina, com o nome de *Retrato de Monteiro Lobato*¹¹⁷: “Editada esta obra a Editora Globo se orgulha de ter realizado dois esplêndidos feitos editoriais: o lançamento da biografia de um grande brasileiro, e, simultaneamente, o lançamento do livro de um grande biógrafo”¹¹⁸. Após isso, nenhuma menção à biografia escrita por Cavalheiro ocorre naquela revista, excetuando-se as listagens de obras mais vendidas nas livrarias do grupo, local em que *Monteiro Lobato: vida e obra* se destaca, como ocorre nas edições de 14 e 28 de janeiro e 25 de fevereiro de 1956. O livro chegara ao mercado no final de 1955, sob a chancela da Companhia Editora Nacional.

Na edição de 15 de outubro de 1955, o nome Edgard Cavalheiro deixa de constar na seção de créditos da *Revista do Globo* como sendo o responsável pelo escritório paulista da editora.

¹¹³ BERTASO, José Otávio. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. Porto Alegre, 24 dez. 2010.

¹¹⁴ PAIXÃO, Heitor. Editora Globo. In: *Anuário Editorial Brasileiro*. São Paulo: Cone Sul, 1988, p. 79-83.

¹¹⁵ HALLEWELL, op. cit., p. 414.

¹¹⁶ SILVEIRA, Ênio. Um cavalheiro solto no globo. *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 4, v. 3, jul./ago. 1955.

¹¹⁷ AUTORES e acontecimentos. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 19, 22 jan. 1955.

¹¹⁸ NOTICIÁRIO. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 12, 3 set. 1955.

Na Cultrix e na CODIL

*Interessa-nos, isto sim, o problema humano.
A literatura como expressão de vida
e não de esnobismo estéril.
(Edgard Cavalheiro)¹¹⁹*

Data da metade da década de 1940 o início da amizade entre Edgard Cavalheiro e Diaulas Riedel, editor que desde 1943 comanda a Editora O Pensamento, em São Paulo. Em 1946 ambos fazem parte do grupo fundador da Câmara Brasileira do Livro e, desde 1948, Edgard colabora na *Revista d'“O Pensamento”* e no *Almanaque d'“O Pensamento”*. Em 1952 Cavalheiro assina o prefácio de *Hei de Vencer*, livro de Arthur Riedel, pai de Diaulas. A obra apresenta uma coleção das concorridas palestras motivacionais de Arthur, taquigrafadas sem o Logomarca Cultrix, por Aldemir Martins. conhecimento dele, pois não tinha pretensão de divulgá-las em livro¹²⁰.

Pouco depois da metade da década de 40, inicia-se a amizade entre Edgard Cavalheiro e José Paulo Paes, este recém-chegado a São Paulo, vindo de Curitiba¹²¹. O poeta conta em seu livro de memórias: “Acabei arranjando emprego numa editora de livros para a qual, por intermédio de Edgard Cavalheiro, eu já havia feito trabalhos avulsos”¹²². A editora era a Pensamento, de Diaulas Riedel, empresa que, a partir de 1956, cria uma nova linha editorial, independente, batizada de Cultrix¹²³, com produções voltadas para temas como literatura e filosofia¹²⁴.

A Editora Cultrix é fundada para que o selo original, Pensamento, se consolidasse como editora especializada em assuntos esotéricos, naquele momento a única do ramo. Diaulas Riedel, presidente da Editora Pensamento, cria a Cultrix com o auxílio de Leandro Meloni, funcionário do grupo desde 1945 e pessoa já experimentada, em termos de reformas administrativas, dentro da casa. Meloni testemunha: “Quem fez a Cultrix fui eu e o Diaulas, nós que inventamos a Cultrix, com o apoio do Zé Paulo, que era

¹¹⁹ Depoimento. In: NEME, Mário (Org.). *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945, p. 129.

¹²⁰ RAMACHANDRA, Adilson Silva. “O Pensamento” em evolução: *Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento: 100 anos – 1909-2009*. São Paulo: Pensamento, 2010, p. 118.

¹²¹ PAES, Dora. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 20 jul. 2010.

¹²² PAES, José Paulo. *Quem eu? Um poeta como outro qualquer*. 4. ed. São Paulo: Atual Editora, 1996, p. 51.

¹²³ HALLEWELL afirma que ano é 1955. Op. cit., p. 332.

¹²⁴ RAMACHANDRA, Adilson Silva. *Pensamento em mutação: a trajetória de uma editora: Pensamento-Cultrix 100 anos: 1907-2007*. São Paulo: Pensamento, 2007, p. 87.

intelectual, tradutor, e entendia do assunto, e do Edgard Cavalheiro que já vinha da Editora Globo”¹²⁵.

Edgard Cavalheiro e José Paulo Paes são considerados cofundadores da Cultrix pela atuação conjunta na editora desde as primeiras atividades¹²⁶. Segundo Hallewell, sob a direção de Edgard Cavalheiro, a subsidiária Cultrix pretendeu “editar textos literários, particularmente clássicos brasileiros e obras de história do Brasil, história e teoria literárias, linguística, comunicação e cibernética”. Edgard “introduziu uma série de traduções literárias que bem pode ter sido inspirada em sua experiência na Globo”¹²⁷.

Nessa mesma época, na metade dos anos 50, enquanto se desligava da Livraria do Globo e auxiliava na criação da Cultrix, Edgard Cavalheiro fundou sua própria editora na capital de São Paulo, a Companhia Distribuidora de Livros (CODIL). Segundo nota na imprensa, de 25 de dezembro de 1955, o contrato já havia sido assinado e a empresa contava com quatro diretores: Edgard Cavalheiro, Nelson Palma Travassos, Octalles Marcondes Ferreira e Caio Marcondes Ferreira: “suas atividades, já programadas, compreenderão: coleções para o crediário, lançamento de autores novos, reedições, obras avulsas que formarão coleções por assuntos e também a impressão de livros para outras editoras”¹²⁸.

Segundo José Fernando de Barros Martins, Octalles e Nelson, ambos muito ligados a Monteiro Lobato, criaram a CODIL especialmente para a gestão de Edgard Cavalheiro, o primeiro com um aporte financeiro e o segundo com equipamentos¹²⁹.

Segundo Mário Donato registrou em livro, na criação da CODIL, a gerência de Edgard Cavalheiro, ocorreu

graças ao apoio que lhe deram Octalles Marcondes Ferreira, da Companhia Editora Nacional, e Nelson Palma Travassos, da Revista dos Tribunais, para que montasse, com os “royalties” do primeiro e a gráfica do segundo, a Companhia Distribuidora de Livros, CODIL, que Edgard dirigiu até morrer.¹³⁰

¹²⁵ MELONI, Leandro. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 20 ago. 2012.

¹²⁶ Em entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio (São Paulo, 2 jan. 2013), o professor Massaud Moisés, um dos colaboradores iniciais da Cultrix, afirmou sobre a fundação dessa editora: “Leandro Meloni cuidava da administração e tesouraria. Edgard Cavalheiro teria auxiliado com a linha editorial”. O professor confirma que os fundadores da Cultrix foram Diaulas Riedel e Leandro Meloni.

¹²⁷ HALLEWELL, op. cit., p. 332 e 407.

¹²⁸ ESCADA Rolante. *Folha da Manhã*, 25 dez. 1955.

¹²⁹ MARTINS, José Fernando de Barros. Entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. São Paulo, 17 jul. 2010.

¹³⁰ DONATO, op. cit., p. 7

Em entrevista na imprensa, Edgard Cavalheiro se referiu à criação da editora:

Travassos me procurou para que fundássemos uma editora em São Paulo, em vista do que conhecia eu no ramo depois de tantos anos de diuturno trabalho nesse setor. Acedi. Entretanto, procurou-me também o meu particular amigo Octalles Marcondes, com o plano de organizarmos um grande crediário para a sua organização. Fiz-lhe ver a impossibilidade da minha cooperação com o compromisso que assumira com o Travassos. Em suma, como consequência dessas duas ofertas e mútuo entendimento, surgiu a ideia de efetivar em São Paulo uma grande organização editorial com base principal no crediário. E é nisso que temos trabalhado, numa fusão da Editora Nacional com a empresa “Revista dos Tribunais” com planos que haverão de se concretizar oportunamente¹³¹.

Pela CODIL, Edgard Cavalheiro e Raimundo de Menezes se responsabilizam pela seleção, apresentação e notas de *Histórias de Crimes e Criminosos*, livro publicado em 1956. *Monteiro Lobato: vida e obra*, de Edgard Cavalheiro, ao menos em sua segunda edição, também de 1956, apresentou em sua página de rosto a informação de que a obra fora editada pela CODIL “especialmente” para a Companhia Editora Nacional.

Crítico literário e antologista

*O crítico, quando bom, orienta o leitor;
mas ajuda também o autor.
(Edgard Cavalheiro)¹³²*

Em 25 de dezembro de 1933, sob o pseudônimo Afrânio, Edgard Cavalheiro inaugura, no semanário *A Folha*, de Espírito Santo do Pinhal, a seção “Divulgação”¹³³. Para o autor não se tratava de um espaço dedicado à crítica literária, mas à divulgação de livros. No entanto, o artigo seguinte na coluna, em 8 de janeiro, desmente a proposta inicial, pois o autor lança mão

¹³¹ CAVALHEIRO, Edgard. Falta ao escritor brasileiro a consciência de profissional. *Última Hora*, São Paulo, p. 2, 4 jan. 1956. Entrevista concedida a Ramão Gomes Portão.

¹³² Edgard Cavalheiro acha que crítica é bom para o autor, para o livro e para o leitor. *A Gazeta*, São Paulo, 9 jun. 1956. Entrevista concedida a E.M.

¹³³ Programa. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 25 dez. 1933. Divulgação.

de conceitos críticos, entre os quais “romantismo” e “impressionismo”¹³⁴. Dois dias antes da publicação desse artigo, na *Gazeta do Rio Pardo*, assinando com o próprio nome, Edgard Cavalheiro focaliza, em termos críticos, a obra do poeta Rodrigues de Abreu¹³⁵.

A crítica está presente na carreira literária de Edgard Cavalheiro, portanto, desde as suas primeiras manifestações. Os cadernos manuscritos que o autor deixou contendo fichamentos e apreciações de leitura, registram algumas de suas ideias nesse período de início de atividade intelectual¹³⁶. Caracterizam-se “leituras como berço de criação”, nos termos empregados por Telê Ancona Lopez, ao estudar a marginália em livros da biblioteca de Mário de Andrade¹³⁷.

Segundo Wilson Martins, em *A crítica literária no Brasil*¹³⁸, Edgard Cavalheiro, Sérgio Buarque de Holanda, Hermes Lima, entre outros, fariam parte do grupo de críticos de linhagem histórica, tributários de Varnhagen, Capistrano de Abreu e Oliveira Lima. “São os críticos do gênero descritivo e também do gênero documental”, em desvantagem em relação àqueles que se propõe realizar juízos críticos de base estética. Wilson Martins justifica tal argumento ponderando que a análise estética é algo de mais amplo porque demanda uma multiplicidade de conhecimentos, tais como linguística, psicologia, filosofia, sociologia, habilidades que complementam a descrição e a análise documental. Apesar da conquista do prêmio do Departamento de Cultura do município de São Paulo, em 1952, com esse ensaio sobre a crítica literária nacional, a perspectiva analítica de Wilson Martins, entretanto, demanda reavaliação, considerando-se a produção atualmente conhecida dos críticos por ele citados; neste sentido, esta dissertação pode favorecer a reavaliação da produção crítica de Edgard Cavalheiro.

No início dos anos 40, com suas trezentas colaborações em jornais e a divulgação de *Fagundes Varela*, as portas das editoras parecem se abrir para a publicação dos livros de Edgard Cavalheiro. O autor investe na produção de antologias de contos e especializa-se tanto na elaboração dessas obras coletivas quanto em estudos sobre a narrativa curta¹³⁹. De acordo com Sérgio Milliet, em *Diário crítico*, 43 foi o ano das antologias¹⁴⁰. Os livros reunindo

¹³⁴ Um poeta sintético. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 8 jan. 1934. Divulgação.

¹³⁵ Rodrigues de Abreu, um grande poeta! *Gazeta do Rio Pardo*, São José do Rio Pardo-SP, 6 jan. 1934.

¹³⁶ Cf. item “Manuscritos”, nesta dissertação.

¹³⁷ LOPEZ, Telê Ancona. A biblioteca Mário de Andrade: seara e celeiro da criação. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002, p. 46.

¹³⁸ MARTINS, Wilson conforme MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora/EDUSP, 1982, v. 9, p. 14-16.

¹³⁹ A respeito do grande campo a ser explorado pelas antologias de contos naquele momento, ver CAVALHEIRO, Edgard. O público não gosta de contos? *Folha da Manhã*, 29 nov. 1942. Entrevista concedida a (?).

¹⁴⁰ MILLIET, op. cit., v. 2, p. 18.

contos ganham grande impulso nesses anos e, em pouco tempo, Edgard Cavalheiro participa da publicação de alguns volumes. O crítico Antonio Candido debruça-se sobre uma dessas antologias, em seu rodapé na *Folha da Manhã*, em junho de 1944:

Os organizadores da antologia de que tratamos (*Obras primas do conto moderno*, nota minha) têm uma boa tradição na matéria. Já nos deram, em colaboração, *As obras-primas do conto universal*, e *As obras-primas do conto brasileiro* [...] A presente antologia é bem organizada. Os autores são bem escolhidos e o gosto dos organizadores se mostrou de boa qualidade na seleção das peças [...] A seleta é um feixe de obras; não pode ser completo, e já é muito quando, como no caso, o que comparece é bom¹⁴¹.

Com a popularização das antologias de contos e poesia, o público leitor teve acesso a autores e obras até então desconhecidos. Antonio Candido comenta a participação de Edgard Cavalheiro no movimento de valorização das antologias, afirmando que suas publicações podem ser vistas como um serviço de utilidade pública¹⁴². Segundo Paulo Rónai, “talvez nenhum outro escritor brasileiro ou mesmo estrangeiro, se tenha consagrado de maneira tão intensa à seleção de trabalhos alheios [...] suas antologias despertaram interesse descomunal pelo gênero e criaram um público para essa espécie de publicações”¹⁴³.

Nelson Werneck Sodré também avaliou a ascensão das edições de antologias, mencionando *As obras-primas do conto universal*: “Essa antologia foi um sucesso, vendendo dois mil e quinhentos exemplares em vinte dias; para a segunda edição, em preparo, havia já pedidos para mais mil exemplares [...] as antologias de contos, a partir daí, se multiplicaram”¹⁴⁴.

Biógrafo

*Com certeza vão esconder o mais importante
para um biógrafo: as fraquezas do biografado.
(Edgard Cavalheiro)*¹⁴⁵

Ao lado da escrita de teor crítico literário, desde os primeiros momentos Edgard Cavalheiro cultivava também os estudos biográficos. É assim que, sete anos depois de iniciar sua produção escrita em periódicos nacionais, em 1940, com quase três centenas de artigos publicados, lança seu primeiro livro, a biografia do poeta Fagundes Varela.

¹⁴¹ CANDIDO, Antonio. Contos. *Folha da Manhã*, 4 jun. 1944. Notas de crítica literária.

¹⁴² CANDIDO, Antonio. Entrevista concedida a Silvio Tamaso D'Onofrio. São Paulo, 24 jun. 2009.

¹⁴³ RÓNAI, Paulo. Edgard Cavalheiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 jul. 1958.

¹⁴⁴ SODRÉ, op. cit., p. 267-268.

¹⁴⁵ Carta a Nelson Werneck Sodré. SODRÉ, N. W. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 269.

No início dos anos 40, Sérgio Milliet, um dos diretores da coleção Caderno Azul, da editora Guaíra, sugere a Edgard Cavalheiro que reúna em livro os estudos sobre a escrita biográfica, que o escritor vinha divulgando na imprensa. Em 1943 chega às livrarias *Biografias e biógrafos*¹⁴⁶, livro que apresenta questões ligadas à escrita biográfica. Apesar de se tratar de ensaio substancial, o autor subestima o livro, nas dedicatórias dos volumes endereçados a conhecidos, localizadas pela pesquisa. Remete o autor à “preguiça”, afirma que a obra “não vale nada”, e que se trata de um “opúsculo sem nenhum caráter”¹⁴⁷.

Em 1946, Edgard Cavalheiro publica obra sobre a vida e a obra do poeta espanhol Federico Garcia Lorca, pela Livraria Martins Editora. Em 1953 saem dois ensaios sobre Álvares de Azevedo e Fagundes Varela, pela editora Melhoramentos e, em 1955, *Monteiro Lobato: vida e obra*. A elaboração desse livro teve como marco inicial simbólico o ano de 1940. Nesse ano, Edgard Cavalheiro envia um exemplar do seu primeiro livro publicado, *Fagundes Varela*, a Monteiro Lobato. Trata-se de um dos primeiros episódios da amizade que se desenvolverá entre os dois autores, afinidade que, anos depois, fomentará o lançamento de suas principais obras. Nelson Palma Travassos avalia:

Lobato teve muitos amigos. Muitos e incondicionais. Atemo-nos entretanto somente a dois deles, que são os que interessam a esta obra. O maior, a quem ele mais distinguia, foi Octalles Marcondes Ferreira, que o acompanhou desde os tempos da *Revista do Brasil*. Era a opinião de Lobato. Mas houve outro, que lhe surgiu no fim da vida, e para quem ele dedicou especial estima – Edgard Cavalheiro [...] a Edgard Cavalheiro Lobato deve a publicação do seu maior livro, *A barca de Gleyre*. Dele partiu a ideia, dele o trabalho seletivo. E foi pena que o arquivo de Lobato não tivesse permanecido em suas mãos, depois da morte do autor de Urupês¹⁴⁸.

O “arquivo de Lobato”, citado, refere-se à grande quantidade de matéria documental que Monteiro Lobato deixou, pouco antes de sua mudança para a Argentina, em 1946, com Edgard Cavalheiro. De acordo com o biógrafo, eram “milhares de cartas e documentos” que, segundo Lobato, nas palavras de Cavalheiro, “talvez se prestasse para reconstituir certa época da vida literária brasileira”¹⁴⁹. Sobre o material epistolar, comentou Araújo Nabuco em coluna de jornal, “cerca de 1.200 (mil e duzentas!) cartas e dentre elas as dos

¹⁴⁶ Curitiba: Guaíra, 1943. (Caderno Azul, 12).

¹⁴⁷ Cf. item “Dedicatórias”, nesta dissertação. Para um estudo detalhado a respeito dessa obra consultar GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. São Paulo, 2003. 339 f. Tese (Doutorado História Social – Orientação: Elias Thomé Saliba) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

¹⁴⁸ TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Edart, 1964, p. 237-238.

¹⁴⁹ CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 2. t. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, p. 13.

mais famosos nomes da nossa literatura [...] Quanto “veneno” não se poderia fazer com esses documentos...”¹⁵⁰.

Monteiro Lobato rumou para o Prata a 6 de junho de 1946¹⁵¹. Exatos quatro meses depois, Edgard Cavalheiro escreve para Buenos Aires:

Creio que não há razões de vulto para ocultar-lhe meus intuitos: escrever a tua vida, contar aos brasileiros de hoje, de amanhã (e de depois de amanhã, como diria o Apporelly) as lutas, glórias e decepções do velho Lobato. Há muito que penso nisso; agora é uma ideia fixa. O trabalho é grande, demandará algum tempo, mas o assunto - posso dizer com conhecimento de causa - vale a pena. Ou como diria nosso caipira, paga a pena. A história da tua vida é um pouco a história do Brasil contemporâneo. O arquivo oferece um material muito bom, mas não é tudo. É preciso reconstituir coisas do passado, começar do começo. Não sei se conheces a vida do Bernard Shaw, contada pelo Frank Harris. Este biógrafo, durante o período de “colheita de material” vivia amolando o biografado com pedidos de dados e esclarecimentos, até que Shaw, meio cansado, respondeu-lhe de que não via interesse algum em perder tempo com um biógrafo que, no mínimo, iria transformá-lo num marinheiro de sua Majestade. Que para ele, Shaw, seria preciso um Shakespeare. Para Lobato, seria preciso alguém como Euclides, pois entre nós não existe “um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...”. O que tínhamos – Euclides – foi morto como um cão sem dono. O outro – Lobato – não pode falar dele mesmo, pois Wilde já observou que é só ironicamente que podemos falar na primeira pessoa. E para contar a história do livro, da literatura infantil, do petróleo, do ferro, de tantas coisas mais, precisa-se de muitas coisas, menos de ironia e impropérios, de palavrões, talvez, mas de ironias não.¹⁵²

Escritor dedicado à pesquisa, Edgard Cavalheiro percebe o grande potencial de exploração do importante arquivo que Monteiro Lobato, intencionalmente ou não, lhe confiara e, após o falecimento deste em 1948, publica sua biografia em 1955. O livro torna-se a principal realização bibliográfica de Edgard Cavalheiro.

¹⁵⁰ NABUCO, Araújo. Sociedade livro do mês. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 28 jul. 1946. Mundo literário.

¹⁵¹ MONTEIRO Lobato seguiu para Buenos Aires. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 jun. 1946.

¹⁵² CAVALHEIRO, Edgard. *Carta para Monteiro Lobato*. São Paulo, 6 out. 1946. UNICAMP, IEL, CEDAE, ref. MLb 3.2.00452.cx9.

O escritor Paulo Rónai defende a tese de que Monteiro Lobato escolheu seu biógrafo. O encaminhamento do arquivo de Lobato para Cavalheiro, portanto, seria o indício de uma estratégia que culminou na orientação do trabalho de seleção de documentos para a biografia publicada em 1955¹⁵³. Três anos antes da partida de Lobato para a Argentina, ou seja, em 1943, no entanto, o repórter Justino Martins registra: “Há muita coisa engraçada na vida de Monteiro Lobato que fará a delícia de seu futuro biógrafo (Edgard Cavalheiro já se candidatou)”¹⁵⁴.

O arquivo de Lobato nas mãos de Cavalheiro.
Foto do Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

O arquivo de Monteiro Lobato confiado a Edgard Cavalheiro, material que tantas atenções recebeu da imprensa em inúmeras notas¹⁵⁵, dispersou-se. Segundo Nelson Palma Travassos, no livro *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*, cujo trecho em questão foi transcrito acima, o arquivo não permaneceu com Edgard Cavalheiro. Cassiano Nunes, escritor que trabalhou com Edgard Cavalheiro, deixou, no início dos anos de 1980, um testemunho na mesma direção: “eu soube [...] que depois que a biografia foi escrita, Dona Purezinha exigiu a volta do material”¹⁵⁶.

Edgard:
Calharão aí mais
estes? Experimenta
Lobato

¹⁵³ RÓNAI, Paulo. Um escritor encontra o seu biógrafo. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 nov. 1955.

¹⁵⁴ LOBATO, Monteiro. Um mundo sem roupa suja. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 52, 25 set. 1943. Entrevista concedida a Justino Martins. Parênteses dele.

¹⁵⁵ A esse respeito ver CONDÉ, João. Aventuras de um colecionador em São Paulo (partes 1 a 4). *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 31 out., 7 nov., 14 nov. e 21 nov. 1953. Ainda sobre o arquivo, escreve Cavalheiro para Lobato em carta já referida, de 6 de outubro de 1946: “O “arquivo” está sendo motivo de crônicas, visitas, o diabo. Tenho me defendido com unhas e dentes, pois todos querem “coisas”. Uma ova que darei.”

¹⁵⁶ Museu da Imagem e do Som-SP, Mídia-teca, Projeto Memória de Monteiro Lobato, ref. A.0818A e B. Purezinha era a viúva de Monteiro Lobato.

Bibliografia

LIVROS

3º Congresso de Editores e Livreiros do Brasil (anais). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959.

60 Anos: Câmara Brasileira do Livro. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2006.

Atas do I Congresso Brasileiro de Escritores. São Paulo: Associação Brasileira de Escritores, 1945.

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Márcia Mascarenhas de Rezende; SACCHETTA, Vladimir. *Furacão na Botocúndia*. São Paulo, Senac, 1997.

BASBAUM, Leôncio. *História sincera da República: de 1930 a 1960*. 4. ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

BRITO, Mário da Silva. *Martins, 30 anos*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1967.

CAVALCANTI, Pedro; DELION, Luciano. *São Paulo, a juventude do centro*. São Paulo: Conex, 2004.

Congresso Internacional de Escritores e Encontros Intelectuais. São Paulo: Sociedade Paulista de Escritores/Editora Anhembi, 1957.

DANTAS, Paulo. Monteiro Lobato entre a cruz e a espada: defesa do seu amigo e biógrafo. In: *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DONATO, Mário. *Vamos lembrar Edgard Cavalheiro*. Rio de Janeiro: Tagore, 1990.

DUARTE, B. J. *À luz fosca do dia nascente*. Crônicas da memória I. São Paulo: Massao Ohno - Roswitha Kempf Editores, 1982.

FADIMAN, Clifton. *I believe: the personal philosophies of certain eminent men and women of our time*. New York: Simon and Schuster, 1939.

GAMA, Lúcia Helena. *Nos bares da vida: produção cultural e sociabilidade em São Paulo, 1940-1950*. São Paulo: Senac, 1998.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O espírito e a letra*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

KOSHIYAMA, Alice Mitika. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: EDUSP/Com-Arte, 2006. (Memória Editorial, 4).

- LACERDA, Carlos. *Minhas cartas e as dos outros*. Túlio Vieira da Costa (Org.). 2. t. Brasília: Editora UNB; Belo Horizonte: Fundamar, 2005.
- LEITE, José Correia. *...E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*. Cuti (Org.). São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- LOPEZ, Telê Ancona. A biblioteca Mário de Andrade: seara e celeiro da criação. In: ZULAR, Roberto (Org.). *Criação em processo: ensaios de crítica genética*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- MELO, Luiz Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1954.
- MELLO JÚNIOR, Antônio. *Edgard Cavalheiro: subsídios para uma biografia*. Taubaté-SP: O Taubateano, 1978.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. São Paulo: LTC, 1978.
- MICELI, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia da Letras, 2001.
- MILLIET, Sérgio. *Diário crítico*. 10 t. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins/EDUSP, 1982.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974): pontos de partida para uma revisão histórica*. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.
- NABUCO, Araújo. Sociedade livro do mês. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 28 jul. 1946.
- NEME, Mário (Org.). *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.
- PAES, José Paulo. *Quem, eu? Um poeta como outro qualquer*. 4. ed. São Paulo: Atual, 1996.
- PAIXÃO, Heitor. Editora Globo. In: *Anuário Editorial Brasileiro*. São Paulo: Cone Sul, 1988.
- Prêmio Jabuti: 50 anos*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Câmara Brasileira do Livro, 2008.
- QUEIROZ, Amadeu de. *Dos 7 aos 77: recordações e comentários (1880-1950)*. São Paulo: (s.n), 1956.
- RAMACHANDRA, Adilson Silva. *“O Pensamento” em evolução: Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento: 100 anos – 1909-2009*. São Paulo: Pensamento, 2010.
- RAMACHANDRA, Adilson Silva. *Pensamento em mutação: a trajetória de uma editora: Pensamento-Cultrix 100 anos: 1907-2007*. São Paulo: Pensamento, 2007.
- REY, Marcos. *O caso do filho do encadernador: romance da vida de um romancista*. 2. ed. São Paulo: Atual, 1997.
- RODRIGUES, André Figueiredo. *Como elaborar referência bibliográfica*. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1988.

TORRESINI, Elisabeth Rochadel. *Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40*. São Paulo: EDUSP: Com-Arte; Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999.

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Livro sobre livros*. São Paulo: Hucitec, 1978.

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas memórias dos Monteiro Lobatos*. São Paulo: Edart, 1964.

TRAVASSOS, Nelson Palma. *Quando eu era menino...* São Paulo: Edart, 1958.

VERÍSSIMO, Érico. *Um certo Henrique Bertaso: pequeno retrato em que o pintor também aparece*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1973.

PERIÓDICOS

A TESE no. 1. *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 15 jan. 1956.

AMARAL, Tarsila do. Fagundes Varela. [*Diários Associados*], [S.l.], 11 dez. 1940.

ANDRADE, Milton; BRITTO, Edsel; JATOBÁ, Roniwalter. José Bento: dias de Mário. *Memória*, São Paulo, ano 5, n. 17, p. 9-12, jan./fev./mar. 1993.

AS HOMENAGENS a Edgard Cavalheiro. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 26 fev. 1956.

ATHAYDE, Tristão de. Fagundes Varela. *O Estado de Minas*, Belo Horizonte, 5 jan. 1941.

ATITUDE deselegante. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 12 mar. 1944.

AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. Notas à margem de um concurso de contos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 jun. 1934.

AUTORES e acontecimentos. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 19, 22 jan. 1955.

BRAGA, Rubem. O pobre Varela. *Rotogravura O Estado de S. Paulo*, [1] nov. 1940.

BROWN, Gordon. A indústria do livro nos Estados Unidos. *Boletim Informativo União Cultural Brasil-Estados Unidos*, São Paulo, ano 5, n. 11, nov. 1953.

GRIEQUINHO [Edgard Cavalheiro]. Contos brasileiros. *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 jul. 1934.

CAMPANHA de expansão do livro nacional. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 ago. 1940.

CANDIDO, Antonio. Contos. *Folha da Manhã*, 4 jun. 1944. Notas de crítica literária.

CANDIDO, Antonio. Revistas. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 6 jun. 1946.

CASCUDO, Luiz da Câmara. Edgard Cavalheiro. *A República*, Natal, 2 out. 1940.

CAVALHEIRO, Edgard. Abelardo Cerqueira César. *Correio Paulistano*, São Paulo, 16 set. 1947.

- _____. As mulheres na vida de Dostoiévski. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 abr. 1935.
- _____. Aventuras e desventuras de um biógrafo. *Jornal da Manhã*, São Paulo, 25 maio 1941.
- _____. Baile na roça. *A Juventude*, Mogi Guaçu-SP, 15 fev. 1931.
- _____. Edgard Cavalheiro acha que crítica é bom para o autor, para o livro e para o leitor. *A Gazeta*, São Paulo, 9 jun. 1956. Entrevista concedida a E.M.
- _____. Falta ao escritor brasileiro a consciência de profissional. *Última Hora*, São Paulo, p. 2, 4 jan. 1956. Entrevista concedida a Ramão Gomes Portão.
- _____. Não será um conclave acadêmico. *Folha da Noite*, São Paulo, 11 jan. 1945. Entrevista concedida a (?).
- _____. O público não gosta de contos? *Folha da Manhã*, 29 nov. 1942. Entrevista concedida a (?).
- _____. Programa. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 25 dez. 1933. Divulgação.
- _____. Revistas, leitores, etc. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, 17 ago. 1935.
- _____. Rodrigues de Abreu, um grande poeta! *Gazeta do Rio Pardo*, São José do Rio Pardo-SP, 6 jan. 1934.
- _____. São José de Euclides da Cunha. *Gazeta do Rio Pardo*, São José do Rio Pardo-SP, 27 maio 1933.
- _____. Um homem útil. *A Nação*, Rio de Janeiro, 4 nov. 1934.
- _____. Um poeta sintético. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 8 jan. 1934. Divulgação.
- CONDÉ, João. Aventuras de um colecionador em São Paulo (partes 1 a 4). *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 31 out., 7 nov., 14 nov. e 21 nov. 1953.
- DIRETORIA da Câmara Brasileira do Livro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 18 jun. 1950.
- DONATO, Mário. Fagundes Varela, de Edgard Cavalheiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 set. 1940.
- DUARTE, B. J. Edgard Cavalheiro. *Anhembi*, São Paulo, p. 563-564, ago. 1958.
- EDGARD Cavalheiro e a Globo. *O Tempo*, São Paulo, 25 set. 1942.
- ELEIÇÕES na Câmara Brasileira do Livro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 jul. 1953.
- EM TORNO do recente lançamento de “A quadragésima porta”. *Folha da Manhã*, São Paulo, 4 jan. 1944.
- ENTREGA de títulos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 16 abr. 1933.
- ESCADA Rolante. *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 dez. 1955.
- ESQUERDA Democrática: Grupo Profissional dos Jornalistas. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 86, p. 3, 25 jul. 1946.

- GRIFO Sete. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 jul. 1946. 3º Caderno, p. 3.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Fagundes Varela. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 20 out. 1940.
- LEÃO, Múcio. Um estudo sobre Varela. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 25 jan. 1941.
- LETRAS e artes. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 7 set. 1941.
- LIGA paulista pró-constituente. *Diário Nacional*, São Paulo, 11 abr. 1932.
- LOBATO, Monteiro. Um mundo sem roupa suja. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 52, 25 set. 1943. Entrevista concedida a Justino Martins.
- MARTINS, José de Barros. [Fagundes Varela]. *Folha da Manhã*, São Paulo, 9 fev. 1941.
- MARTINS, José Fernando de Barros. Martins, editor da Pauliceia. *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, São Paulo, n. 67, p. 179, dez. 2011.
- MENDES, Oscar. A alma dos livros. [s.n.:S.l.], 6 out. 1940.
- MIRANDA, Gilberto. Escritores e livros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 70, 10 ago. 1946.
- MONTEIRO Lobato seguiu para Buenos Aires. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 jun. 1946.
- NOTICIÁRIO. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 12, 3 set. 1955.
- RETRIBUIÇÃO pelo Jeca Tatuzinho – Edgard Cavalheiro expõe as razões pelas quais escreveu Monteiro Lobato: vida e obra. *Correio Paulistano*, São Paulo, 25 dez. 1955.
- REVERBEL, Carlos. Livro de mês. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 18, 8 mar. 1947.
- O MOVIMENTO editorial no Brasil. *Folha da Noite*, 23 abr. 1935.
- O QUE é a Sociedade Livro-do-Mês Ltda. *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 59, 8 set. 1945.
- OS ESCRITORES novos de S. Paulo fundam um quinzenário de cultura. *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 abr. 1939.
- PEIXOTO, Silveira. Correio literário de São Paulo. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, p. 22-23, 28 mar. 1940.
- RÓNAI, Paulo. Edgard Cavalheiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 jul. 1958.
- RÓNAI, Paulo. Um escritor encontra o seu biógrafo. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 6 nov. 1955.
- SILVEIRA, Elcyr Job Diniz. Breve perfil de um sementeiro. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 7, 30 out. 1983.
- SILVEIRA, Ênio. Um cavalheiro solto no globo. *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 4, v. 3, jul./ago. 1955.

SILVEIRA, Miroel. De Fagundes Varela a Edgard Cavalheiro. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1941.

SOCIEDADE dos Escritores Brasileiros. *Revista da Academia Paulista de Letras*, São Paulo, p. 131, mar. 1942.

SODRÉ, Nelson Werneck. Livros novos: biografias. *Correio Paulistano*, São Paulo, 5 dez. 1940.

TELLES, Lygia Fagundes. Fagundes Varela num livro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 6 out. 1940.

TRAVASSOS, Nelson Palma. A contribuição editorial paulista para a difusão nacional do livro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 jan. 1954.

UM CONCURSO de biografias. *Diretrizes*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1941.

TESES E DISSERTAÇÕES

GONÇALVES, Márcia de Almeida. *Em terreno movediço: biografia e história na obra de Octávio Tarquínio de Sousa*. São Paulo, 2003. 339 f. Tese (Doutorado História Social – Orientação: Elias Thomé Saliba) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

LIMA, Felipe Victor. *O Primeiro Congresso Brasileiro de Escritores: movimento intelectual contra o Estado Novo (1945)*. São Paulo, 2010. 229 f. Dissertação (Mestrado em História Social – Orientação: Paulo Teixeira Iumatti) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: ideologia e cultura popular*. São Paulo, 1970. 363 f. Tese (Doutorado – Orientação: Antonio Candido) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

SAMPAIO, Roberta de Castro. *Os Arquivos Implacáveis de João Condé*. São Paulo, 2003. Dissertação (Mestrado Literatura Brasileira – Orientação: Telê Ancona Lopez) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

WEINHARDT, Marilene. *O Suplemento Literário d'O Estado de S. Paulo, 1956-67 (subsídios para a história da crítica literária do Brasil)*. 2 t. Dissertação (Mestrado Literatura Brasileira – Orientação: Antonio Dimas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

DEPOIMENTOS

BELINKY, Tatiana. São Paulo, 14 maio 2010.

BERTASO, José Otávio. Porto Alegre, 24 dez. 2010.

CANDIDO, Antonio. São Paulo, 24 jun. 2009.

CAVALHEIRO, Luís Carlos. São Paulo, 13 jun. 2009.

CAVALHEIRO, Maria Helena. Indaiatuba-SP, 9 jun. 2009.

CAVALHEIRO FILHO, Roberto Dante. São Paulo, 31 maio 2009.

DONATO, Hernâni. São Paulo, 13 maio 2010.

FECCHIO, Celso. Cotia-SP, 13 abr. 2011.

FERRIANI, Pedro Adriano. Espírito Santo do Pinhal-SP, 8 dez. 2008.

GUIMARÃES, Ruth. São Paulo, 24 abr. 2010.

LUCAS, Fábio. São Paulo, 13 maio 2010.

MARTINS, José Fernando de Barros. São Paulo, 17 jul. 2010.

MELONI, Leandro. São Paulo, 20 ago. 2012.

MOISÉS, Massaud. São Paulo, 2 jan. 2013.

MOTTA, Rosa Goldemberg. São Paulo, 16 fev. 2012.

NEVES, Maria Christina Cavalheiro. Praia Grande-SP, 12 maio 2010.

PAES, Dora. São Paulo, 20 jul. 2010.

ROSEMBLATT, Ester Nistrovski. Porto Alegre, 21 fev. 2011.

TAMASO, Leonardo. Espírito Santo do Pinhal-SP, 8 dez. 2008.

TELLES, Lygia Fagundes. São Paulo, 15 jan. 2010.

TOLEDO FILHO, Tharcillo. São Paulo, 29 jul. 2010.

OUTRAS FONTES

2º Oficial de Registro de Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de São Paulo-Capital, livro “A”, n. 3, reg. 1338 de 28/11/1946.

Cartório de Registro Civil de Espírito Santo do Pinhal/SP, Livro de Registro de Nascimento A-35, p. 105-F e 105-V, termo 532.

Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (FECAP), São Paulo.

Governo da República Federativa do Brasil, Ministério dos Transportes, Inventariança da Extinta Rede Ferroviária Federal S. A., Unidade Regional de São Paulo.

Instituto Moreira Salles-RJ, Coordenadoria de Literatura.

LOBATO, Monteiro. *Carta para Edgard Cavalheiro*. São Paulo, 13 out. 1940. Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

Museu da Imagem e do Som-SP, Midiateca, Projeto Memória de Monteiro Lobato.

USP, IEB, Arquivo Mário de Andrade.

3. Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)

3.1. Publicação em livros¹⁵⁷

3.1.1. Autoria

- 1) CAVALHEIRO, Edgard. *Fagundes Varela*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1940.
- 2) CAVALHEIRO, Edgard. Apresentação. In: VARELA, Fagundes. *Poesias*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1940, p. 9-18.
- 3) CAVALHEIRO, Edgard. Introdução. In: AZEVEDO, Álvares de. *Noite na Taverna/Macário*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1941, p. 5-19. (Biblioteca de Literatura Brasileira, 3).
- 4) CAVALHEIRO, Edgard. Um amigo do Brasil. In: SÁNCHEZ-SÁEZ, Bráulio. *Imaginária: aspectos da arte espanhola e suas influências*. Curitiba: Guaíra, 1941, p. 75-80. (Caderno Azul, 30).
- 5) CAVALHEIRO, Edgard (introdução, notas, compilação e traduções); BARBOSA, José Almiro Rolmes (introdução, notas, compilação e traduções). *As obras-primas do conto universal*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942. (Obras-primas, 2).
- 6) CAVALHEIRO, Edgard (seleção, introdução e notas); BARBOSA, José Almiro Rolmes (seleção, introdução e notas). *As obras-primas do conto brasileiro*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943. (A Marcha do Espírito, 9).
- 7) CAVALHEIRO, Edgard. *Biografias e biógrafos*. Curitiba: Guaíra, 1943. (Caderno Azul, 12).

¹⁵⁷ A pesquisa organizou as obras de EC em ordem cronológica, considerando o ano da primeira edição; quando não logrou localizar a edição príncipe, a listagem acolheu a data da edição disponível nos acervos consultados.

- 8) CAVALHEIRO, Edgard (notas); BANDEIRA, Manuel (seleção). *Obras-primas da lírica brasileira*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943. (A Marcha do Espírito, 12).

- 9) CAVALHEIRO, Edgard. Álvares de Azevedo. In: AZEVEDO, Álvares de. *Obras completas de Álvares de Azevedo*. 2. t. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1943, v. 2, p. VII-XIV. (Grandes Poetas do Brasil, 2).

- 10) CAVALHEIRO, Edgard. Fagundes Varela. In: VARELA, Fagundes; MILANO, Attilio. *Obras completas de Fagundes Varela*. 3. t. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1943, p. 9-15. (Grandes Poetas do Brasil, 1).

- 11) CAVALHEIRO, Edgard. Estas memórias... In: LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 2. t. São Paulo: Brasiliense, 1944, v. 1, p. V-XIII.

- 12) CAVALHEIRO, Edgard (seleção e notas); LOBATO, Monteiro (introdução); NABUCO, Araújo (seleção e notas). *Antologia dos grandes contos humorísticos*. São Paulo: Brasiliense, 1944.

- 13) CAVALHEIRO, Edgard (Org.). *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944. (Autores Brasileiros, 9).

- 14) CAVALHEIRO, Edgard. Introdução. In: LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944, p. 7-18. (Biblioteca de Literatura Brasileira, 8).
Nota da pesquisa: outras edições da obra (ex. 1959, 1968) apresentam diferente introdução, intitulada “Vida e obra de Monteiro Lobato”.

- 15) CAVALHEIRO, Edgard. [Depoimento]. In: NEME, Mário (Org.). *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945, p. 129-133.

- 16) CAVALHEIRO, Edgard. *Garcia Lorca*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

- 17) CAVALHEIRO, Edgard. A poesia de Fagundes Varela. In: RAMOS, Frederico José da Silva (Org.); AMORA, Antônio Soares (prefácio e notas). *Grandes poetas românticos do Brasil*. 2. t. São Paulo: LEP, 1949, v. 2, p. 87-89.
- 18) CAVALHEIRO, Edgard (seleção, introdução e notas); BARBOSA, José Almiro Rolmes (seleção, introdução e notas). *Obras-primas do conto moderno*. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1951. (Obras-primas, 3).
- 19) CAVALHEIRO, Edgard. Arthur Riedel. In: RIEDEL, Arthur. *Hei de vencer*. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 1952, p. 7-13.
- 20) CAVALHEIRO, Edgard. *Álvares de Azevedo*. São Paulo: Melhoramentos, 1953. (Grandes Vultos das Letras, 7).
- 21) CAVALHEIRO, Edgard. *Fagundes Varela, o cantor da natureza*. São Paulo: Melhoramentos, 1953. (Grandes Vultos das Letras, 8).
- 22) CAVALHEIRO, Edgard. *Evolução do conto brasileiro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Departamento de Imprensa Nacional, 1954. (Os Cadernos de Cultura, 74).
- 23) CAVALHEIRO, Edgard. Ciclo paulista. In: COUTINHO, Afrânio e COUTINHO, Eduardo de Faria (Org.). *A literatura no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Global Editora, 1955, v. 4, p. 291-299.
- 24) CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 2. t. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- 25) CAVALHEIRO, Edgard (apresentação e notas). *A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Departamento de Imprensa Nacional, 1955. (Os Cadernos de Cultura, 76).

- 26) CAVALHEIRO, Edgard. Monteiro Lobato. In: CAVALHEIRO, Edgard et alii. *Homens de São Paulo*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1955, p. 399-449.
- 27) CAVALHEIRO, Edgard (seleção, apresentação e notas); MENEZES, Raimundo de (seleção, apresentação e notas). *Histórias de crimes e criminosos: uma antologia de contos brasileiros*. São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros (CODIL), 1956.
- 28) CAVALHEIRO, Edgard (apresentação, estudo crítico e notas); VARELA, Fagundes. *Fagundes Varela – Poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1957. (Nossos Clássicos, 12).
- 29) CAVALHEIRO, Edgard (introdução e notas); RIEDEL, Diaulas (Org.); WIDMANN, Albert H. (seleção). *Maravilhas do conto alemão*. São Paulo: Cultrix, 1957. (Maravilhas do Conto Universal).
- 30) CAVALHEIRO, Edgard (introdução e notas); RIEDEL, Diaulas (Org.); ECHEGARAY, Ángel Eugénio (seleção). *Maravilhas do conto espanhol*. São Paulo: Cultrix, 1957. (Maravilhas do Conto Universal).
- 31) CAVALHEIRO, Edgard (introdução e notas); RIEDEL, Diaulas (Org.); BELLADE, Jean P. L. (seleção). *Maravilhas do conto francês*. São Paulo: Cultrix, 1957. (Maravilhas do Conto Universal).
- 32) CAVALHEIRO, Edgard (introdução e notas); RIEDEL, Diaulas (Org.); VENDERELL Y LÓPEZ, Juan S. (seleção). *Maravilhas do conto hispano-americano*. São Paulo: Cultrix, 1957. (Maravilhas do Conto Universal).
- 33) CAVALHEIRO, Edgard (introdução e notas); RIEDEL, Diaulas (Org.); HOLMES, Charles R. (seleção). *Maravilhas do conto inglês*. São Paulo: Cultrix, 1957. (Maravilhas do Conto Universal).
- 34) CAVALHEIRO, Edgard (introdução e notas); RIEDEL, Diaulas (Org.); BAGNOTI, Aldo C. (seleção). *Maravilhas do conto italiano*. São Paulo: Cultrix, 1957. (Maravilhas do Conto Universal).

- 35) CAVALHEIRO, Edgard (introdução e notas); RIEDEL, Diaulas (Org.); SMITH, John C. W. (seleção). *Maravilhas do conto norte-americano*. São Paulo: Cultrix, 1957. (Maravilhas do Conto Universal).
- 36) CAVALHEIRO, Edgard (seleção, prefácio e notas); RIEDEL, Diaulas (Org.). *Maravilhas do conto português*. São Paulo: Cultrix, 1957. (Maravilhas do Conto Universal).
- 37) CAVALHEIRO, Edgard (introdução e notas); RIEDEL, Diaulas (Org.); IVANOVITCH, Serge (seleção). *Maravilhas do conto russo*. São Paulo: Cultrix, 1957. (Maravilhas do Conto Universal).
- 38) CAVALHEIRO, Edgard. Introdução. In: RIEDEL, Diaulas (Org.); FECCHIO, Élide (seleção). *Maravilhas do conto universal*. São Paulo: Cultrix, 1958, p. 9-16. (Maravilhas do Conto Universal).
- 39) CAVALHEIRO, Edgard. Introdução. In: RIEDEL, Diaulas (Org.); FECCHIO, Élide. (seleção). *Maravilhas do conto feminino*. São Paulo: Cultrix, 1958, p. 9-20. (Maravilhas do Conto Universal).
- 40) CAVALHEIRO, Edgard. Notícia sobre Mark Twain. In: TWAIN, Mark; NABUCO, Araújo (seleção e tradução). *Histórias alegres*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1958, p. 9-12.
- 41) CAVALHEIRO, Edgard. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *Literatura do Minarete*. São Paulo: Brasiliense, 1959, p. 9-20. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 1ª Série, 14).
- 42) CAVALHEIRO, Edgard. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. 2. t. São Paulo: Brasiliense, 1959, v. 1, p. 7-11. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 1ª Série, 16 e 17).
- 43) CAVALHEIRO, Edgard. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *Conferências, artigos e crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1959. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 1ª Série, 15).

- 44) CAVALHEIRO, Edgard (seleção, introdução e notas). *O Romantismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. (Panorama da Poesia Brasileira, 2).
- 45) CAVALHEIRO, Edgard (seleção e notas). *O conto paulista*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. (Panorama do Conto Brasileiro, 3).
- 46) CAVALHEIRO, Edgard (seleção e notas). *O conto mineiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1959. (Panorama do Conto Brasileiro, 4).
- 47) CAVALHEIRO, Edgard. Esta antologia... In: RIEDEL, Diaulas (Org.); ANDRÉ, Flávio (seleção e tradução). *Maravilhas do conto de Natal*. São Paulo: Cultrix, 1960, p. 9-11. (Maravilhas do Conto Universal).
- 48) CAVALHEIRO, Edgard (seleção); BRITO, Mário da Silva (introdução e notas). *O conto romântico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961. (Panorama do Conto Brasileiro, 2).
- 49) CAVALHEIRO, Edgard. Fagundes Varela. In: VARELA, Fagundes; MILANO, Attilio (comentários). *Poesias completas de Fagundes Varela*. 3. t. Rio de Janeiro: Spiker, 19[62?], v. 1, p. 7-13.
- 50) CAVALHEIRO, Edgard. Álvares de Azevedo. In: AZEVEDO, Álvares de; MILANO, Attilio (introdução). *Poesias completas de Álvares de Azevedo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1965, p. 83-86. (Prestígio).
- 51) CAVALHEIRO, Edgard. Notícia sobre Mark Twain. In: TWAIN, Mark; NABUCO, Araújo (seleção e tradução). *Mais brilhantes contos de Mark Twain*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1966.
- 52) CAVALHEIRO, Edgard. Uma obra que é a síntese da beleza, do humanismo, da sátira, da graça de uma época, no continente europeu. In: SÁNCHEZ-SÁEZ, Bráulio. *Dor e glória de Cervantes*. São Paulo: Clube do Livro, 1967, p. 5-10.

- 53) CAVALHEIRO, Edgard. Lobato entre a cruz e a espada: defesa do seu amigo e biógrafo. In: DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982, p. 207-213.
- 54) CAVALHEIRO, Edgard. Notícia sobre Mark Twain. In: TWAIN, Mark; NABUCO, Araújo (seleção e tradução). *Contos de Mark Twain*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1985, p. 9-12.
- 55) CAVALHEIRO, Edgard. Notícia sobre Mark Twain. In: TWAIN, Mark; NABUCO, Araújo (seleção e tradução). *Mark Twain: História de um inválido e outros contos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 19[85], p. 13-15. (Clássicos de Bolso).
- 56) CAVALHEIRO, Edgard. [Prefácio]. In: AZEVEDO, Álvares de; ROCHA, Hildon (seleção). *Poemas malditos*. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988, p. 16-18. (Clássicos Francisco Alves).
- 57) CAVALHEIRO, Edgard. Notícia sobre Mark Twain. In: TWAIN, Mark. *Os melhores contos de Mark Twain*. São Paulo: Círculo do Livro, 1994, p. 5-8.
- 58) CAVALHEIRO, Edgard. Introdução. In: AZEVEDO, Álvares de. *Macário*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999, p. 9-13. (Grandes Textos de Literatura, 7).

3.1.2. Obras traduzidas

- 1) HAMSDUN, Knut. *Um vagabundo toca em surdina*. Trad. de “A rainha de Sabá”. São Paulo: Livraria Martins Editora, 19[41?].
- 2) HAMSDUN, Knut. *Fome. Pan. Um vagabundo toca em surdina. A rainha de Sabá*. Trad. de “A rainha de Sabá”. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1948. (Excelsior Gigante, 16).
- 3) CERVANTES, Miguel de. *Cornélia e outras novelas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 19[50?]. (Excelsior, 27).

- 4) HAMSDUN, Knut. *A Rainha de Sabá; A morte de Glahn; O sonhador*. Trad. Edgard Cavalheiro e Maria Delling. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005. (Excelsior, 14).

3.1.3. Textos em abas (orelha) e quarta capas

- 1) ANDRADE, Mário de. *Namoros com a medicina*. 4. ed. Quarta capa por Edgard Cavalheiro. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980. (Obras completas de Mário de Andrade, 9).
- 2) BARBOSA, José Almiro Rolmes. *Réquiem para os vivos*. Quarta capa por Edgard Cavalheiro. São Paulo: Livraria do Globo, 1954.
- 3) DONATO, Mário. *Presença de Anita*. 6. ed. Orelha por Edgard Cavalheiro. Rio de Janeiro: José Olympio, 1949.
- 4) KOPKE, Carlos Burlamaqui. *Quando a gramática e a estilística se encontram...* Orelha por Edgard Cavalheiro. São Paulo: Sociedade de Estudos Filológicos, 1960.
- 5) TRAVASSOS, Nelson Palma. *Livro sobre livros*. Orelha por Edgard Cavalheiro. São Paulo: Hucitec, 1978.
- 6) TRAVASSOS, Nelson Palma. *Quando eu era menino*. Quarta capa por Edgard Cavalheiro. São Paulo: Edart, 1960. (Visão do Brasil).

3.1.4. Autoria discutível

- 1) 3º Congresso de Editores e Livreiros do Brasil (anais). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959. Autoria discutível.

Nota da pesquisa: em carta a Antônio Mello Jr. de 6 dez. 1956, Cavalheiro afirma que somente ao final do Congresso, do qual foi relator e responsável pela edição e o encaminhamento à tipografia, consegue tempo para escrever.

2) RIEDEL, Diaulas (Org.); PAES, José Paulo (introdução e notas); SANTOS, Fernando R. P. (seleção). *Maravilhas do conto moderno brasileiro*. São Paulo: Cultrix, 1958. (Maravilhas do Conto Universal). Autoria discutível.

Nota da pesquisa: o contrato de edição e publicação de obra literária celebrado em 11 dez. 1958 entre Élide Fecchio (a viúva de Edgard Cavalheiro) e Editora Cultrix, registrado no 1º Ofício de Registro de Títulos e Documentos da capital de São Paulo, atesta o nome de “Fernando R. P. Santos”, na obra em questão, como pseudônimo de Élide Fecchio. Segundo a família de Edgard Cavalheiro, trata-se de trabalho que Edgard realizou, tendo sido publicado pela viúva, cabendo a ela apenas os trâmites burocráticos relativos à publicação.

3) RIEDEL, Diaulas (Org.); GÓES, Fernando (introdução e notas); SANTOS, Fernando R. P. (seleção). *Maravilhas do conto brasileiro*. São Paulo: Cultrix, 1958. (Maravilhas do Conto Universal). Autoria discutível.

Nota da pesquisa: cf. nota anterior.

3.1.5. Obras não concluídas

1) *Antologia de contistas bissextos*.

Fonte: *Folha da Manhã*, São Paulo, 15 jul. 1958.

Nota da pesquisa: artigo não assinado noticia elaboração de antologia para a Cultrix; Sérgio Buarque de Holanda compareceria com “Viagem a Nápoles” e Rui Bloem com “Calças compridas”.

2) *Biografia do Aleijadinho*.

Fonte: CAVALHEIRO, Edgard. *Garcia Lorca*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956.

3) *Biografia do Barão de Mauá*.

Fontes: MENEZES, Raimundo de. Como vivem e trabalham os nossos escritores. *Folha da Manhã*, São Paulo, 20 nov. 1955; carta a Érico Veríssimo, 19 dez. 1957.

4) *Francisco Glicério e a propaganda republicana*.

Fontes: NEME, Mário. *Plataforma da nova geração*. Porto Alegre, Livraria do Globo, 1945, p. 127; MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. São Paulo: LTC,

1978; SODRÉ, Nelson Werneck. *Em defesa da Cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 268.

5) *História do romantismo no Brasil*.

Fontes: CAVALHEIRO, Edgard. *Garcia Lorca*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956; MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. 2. ed. São Paulo: LTC, 1978.

6) *Nacionais e estrangeiros*.

Fonte: CAVALHEIRO, Edgard. *Garcia Lorca*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956.

7) *O conto paulista – volume 2*.

Fonte: *Folha da Manhã*, São Paulo, 9 ago. 1959.

8) *O conto do Sul*. (São Paulo: Editora Civilização Brasileira. Coleção Panorama do Conto Brasileiro).

Fonte: *Revista do Globo*, Porto Alegre, p. 23, 22 fev. 1958.

Nota da pesquisa: orelha de *O conto romântico* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961) anuncia Mário da Silva Brito como organizador de *O conto do Sul*.

3.2. Separatas

1) CAVALHEIRO, Edgard. Uma trágica estudantada. Separata de: *Revista Investigações*. São Paulo, n. 7, p. 85-92, 1949.

2) CAVALHEIRO, Edgard. O crime na literatura. Separata de: *Revista Investigações*. São Paulo, n. 37, p. 81-84, 1952.

3) CAVALHEIRO, Edgard. Notas sobre a evolução do romantismo no Brasil. Separata de: *Revista Brasiliense*. São Paulo, n. 5, p. 33-52, 1956.

3.3. Publicação em periódicos

A produção em periódicos de Edgard Cavalheiro é estimada em cerca de 1000 artigos. Esta pesquisa confirmou, até a presente data, a existência de 919. O conjunto é composto de artigos autônomos e daqueles divulgados em colunas temáticas, entre as quais: 1) 42 textos em “Ruas do Brás”, coluna diária na *Folha da Noite*, cobrindo os meses de maio a agosto de 1935; 2) 113 artigos na coluna “Discoteca”, publicada na *Folha da Manhã* (de jul. de 1948 a maio de 1949) e no *Jornal de Notícias* (de jul. de 1949 a fev. de 1951); 3) 82 textos em “A semana e os livros”, no “Suplemento Literário” semanal de *O Estado de S. Paulo*, suplemento no qual o escritor colaborou desde o primeiro número, em 6 out. 1956, até a morte de Edgard, em 1958.

Serão apresentadas, a seguir, as referências aos artigos escritos por Edgard Cavalheiro obtidos pela pesquisa, havendo, quando necessário, anotações para esclarecimento de conteúdo ou para cruzar referências.

Vale esclarecer, sobre alguns nomes citados a seguir e doravante neste trabalho, que Nicolau Cavalheiro era pai de Edgard; Rosa Ferriani Cavalheiro, mãe; Élide Fecchio Cavalheiro, esposa; Lucy e Nair, irmãs; Maria Helena, Roberto e Ricardo, filhos; Maria Christina, neta; Luís Carlos Cavalheiro e Roberto Dante Cavalheiro Filho, sobrinhos.

1) CAVALHEIRO, Edgard. Baile na roça. *A Juventude*, Mogi Guaçu, 15 fev. 1931. Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

2) EDGAR CAVALHEIRO [Edgard Cavalheiro]. São José de Euclides da Cunha. [*Gazeta do Rio Pardo*, São José do Rio Pardo-SP], 27 maio 1933. Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

3) AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. Crônica de saudades pra terra distante... *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 9 jul. 1933. Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

4) _____. Crônica de orgulho pra terra distante... *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 9 jul. 1933. Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

5) _____. Entre o tédio e melancolia. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 27 ago. 1933.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

6) _____. Linhas retas e linhas curvas. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, [1?] set. 1933.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

7) _____. Programa. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 25 dez. 1933. Divulgação.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

8) EDGAR CAVALHEIRO [Edgard Cavaleiro]. Rodrigues de Abreu, um grande poeta!
Gazeta do Rio Pardo, São José do Rio Pardo-SP, 6 jan. 1934.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

9) AFRÂNIO [Edgard Cavaleiro]. Um poeta sintético. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP,
8 jan. 1934. Divulgação.

Nota da pesquisa: trata de W. Siqueira Júnior e seu livro *Haicais*.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

10) _____. Baile na roça. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 15 fev. 1934.

Nota da pesquisa: versão do poema publicado em 15 fev. 1931, agora soneto decassílabo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

11) _____. Uma romancista. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 20 maio 1934. Divulgação.

Nota da pesquisa: trata de Lúcia Miguel Pereira e seu primeiro romance, *Em surdina*.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

12) _____. OS CORUMBAS de Armando Fontes. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 3 jun.
1934. Divulgação.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

13) CAVALHEIRO, Edgard. Medeiros e Albuquerque. [*A Gazeta*, São Paulo?], 20 jun. 1934.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

14) AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. Notas à margem de um concurso de contos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 jun. 1934.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

15) CAVALHEIRO, Edgard. Uma página do meu diário de guerra. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 9 jul. 1934.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

16) GRIEQUINHO [Edgard Cavalheiro]. Contos brasileiros. *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 jul. 1934.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

17) AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. Um cronista. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 29 jul. 1934. Divulgação.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

18) CAVALHEIRO, Edgard. Prestígio e decadência dos pseudônimos. *Folha da Noite*, São Paulo, 8 ago. 1934.

Nota da pesquisa: referido em carta a Carlos Drummond de Andrade de 3 de abril de 1956 depositada no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ. Texto republicado, com modificações, em 1951 no *Almanaque d'“O Pensamento”*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

19) _____. Paulo Setúbal. *A Gazeta*, São Paulo, 8 ago. 1934.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

20) AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. Duas atitudes e outros assuntos. *O Idealista*, [Santos?], 10 out. 1934.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

21) CAVALHEIRO, Edgard. Um homem útil. *A Nação*, Rio de Janeiro, 4 nov. 1934.

Nota da pesquisa: versa sobre Agripino Grieco. Texto republicado em 22 dez. 1947 no *Jornal de Notícias*, de São Paulo.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Jorge de Lima.

22) AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. Retorno. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 11 nov. 1934. Divulgação.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

23) CAVALHEIRO, Edgard. No mundo dos livros. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, 16 nov. 1934.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

24) _____. Coelho Netto. *A Gazeta*, São Paulo, [2?] dez. 1934.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

25) AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. História paulista. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 5 dez. 1934. Divulgação.

Nota da pesquisa: trata do conflito de 1932.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

26) _____. O caso Apporelly. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 9 dez. 1934.

Nota da pesquisa: trata do movimento de 1932. Dialoga com artigo de Mauro Borges publicado no mesmo jornal.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

27) CAVALHEIRO, Edgard. Prêmios literários. *Gazeta do Rio Pardo*, São José do Rio Pardo-SP, 28 dez. 1934.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

28) AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. Nem comunista, nem separatista. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 30 dez. 1934.

Nota da pesquisa: prossegue diálogo com Mauro Borges, referido no artigo de 9 dez. 1934.
Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

29) CAVALHEIRO, Edgard. Knut Hamsun e Rodrigues de Abreu. *Vanitas*, São Paulo, v. 4, n. 45, p. 7 e 47, dez. 1934.

Nota da pesquisa: texto republicado, com modificações, em 15 fev. 1942, em *Gazeta Magazine*, de São Paulo. Nome do autor grafado incorretamente “Edward Cavalheiro”.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

30) AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. A crônica que eu não escrevi. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 6 jan. 1935.

Nota da pesquisa: dialoga com Mauro Borges, referido no artigo de 9 dez. 1934.
Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

31) _____. Os generais morrem na cama. *Vida Bancária*, São Paulo, 12 jan. 1935.

Nota da pesquisa: assinatura grafada Afrenio.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

32) CAVALHEIRO, Edgard. Traduções. *A Gazeta*, São Paulo, 23 jan. 1935.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

33) _____. Escritores funcionários públicos. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, [1] jan. 1935.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

34) AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. Um humorista. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 3 fev. 1935. Divulgação.
Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

35) CAVALHEIRO, Edgard. Balanço. *A Gazeta*, São Paulo, 7 fev. 1935.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

36) _____. Biografias. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, 20 fev. 1935.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

37) _____. Humberto de Campos. [*A Gazeta*, São Paulo?], 14 mar. 1935.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

38) AFRÂNIO [Edgard Cavaleiro]. O famoso soneto. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 17 mar. 1935.

Nota da pesquisa: comenta soneto de Felix Auvers e traduz um do espanhol Fernando Maristany.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

39) CAVALHEIRO, Edgard. Dickens. *A Gazeta*, São Paulo, 22 mar. 1935.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

40) AFRÂNIO [Edgard Cavaleiro]. Romance. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 31 mar. 1935. Divulgação.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

41) CAVALHEIRO, Edgard. Cleómenes Campos: poeta indireto. *Vanitas*, São Paulo, v. 4, n. 48, p. 14, mar./abr. 1935.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

42) _____. As mulheres na vida de Dostoiévski. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 abr. 1935.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

43) _____. Um ensaio de filosofia estética. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, 15 abr. 1935.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

44) _____. Antônio de Alcântara Machado. *A Gazeta*, São Paulo, 16 abr. 1935.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

45) AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. Décimo segundo andar. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 5 maio 1935.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

46) EDGAR [Edgard Cavalheiro]. O Tristão. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 12 maio 1935.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

47) CAVALHEIRO, Edgard. George Sand. *A Gazeta*, São Paulo, 13 maio 1935.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

48) AFRÂNIO PINHEIRO [Edgard Cavalheiro]. Rubino de Oliveira. *Folha da Noite*, São Paulo, 24 maio 1935. Ruas do Brás.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

49) EDGARD [Edgard Cavalheiro]. O Jacaré: tipos populares. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 26 maio 1935.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

50) AFRÂNIO PINHEIRO [Edgard Cavalheiro]. Mendes Júnior. *Folha da Noite*, São Paulo, 27 maio 1935. Ruas do Brás.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

51) _____. Gonçalves Dias. *Folha da Noite*, São Paulo, 28 maio 1935. Ruas do Brás.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

52) _____. Euclides da Cunha. *Folha da Noite*, São Paulo, 30 maio 1935. Ruas do Brás.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

53) _____. Américo Brasiliense. *Folha da Noite*, São Paulo, 31 maio 1935. Ruas do Brás.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

54) _____. Almirante Barroso. *Folha da Noite*, São Paulo, 1 jun. 1935. Ruas do Brás.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

55) _____. Álvares de Azevedo. *Folha da Noite*, São Paulo, 3 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

56) _____. Sayão Lobato. *Folha da Noite*, São Paulo, 4 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

57) CAVALHEIRO, Edgard. Oh! que saudades que eu tenho... *Jornal do Funcionário*, São Paulo, 4 jun. 1935.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

58) _____. Contos leves e pesados. *A Gazeta*, São Paulo, 5 jun. 1935. Livros e autores.
Arquivo Público do Estado de São Paulo.

59) AFRÂNIO PINHEIRO [Edgard Cavaleiro]. Henrique Dias. *Folha da Noite*, São Paulo, 5 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

60) _____. Vasco da Gama. *Folha da Noite*, São Paulo, 7 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

61) _____. Júlio Ribeiro. *Folha da Noite*, São Paulo, 8 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

62) _____. Casimiro de Abreu. *Folha da Noite*, São Paulo, 10 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

63) _____. Dr. Ricardo Gonçalves. *Folha da Noite*, São Paulo, 11 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

64) _____. João Teodoro. *Folha da Noite*, São Paulo, 12 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

65) _____. Luís de Camões. *Folha da Noite*, São Paulo, 13 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

66) _____. Silva Telles. *Folha da Noite*, São Paulo, 14 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

67) _____. Rodrigues dos Santos. *Folha da Noite*, São Paulo, 15 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

68) _____. Victor Hugo. *Folha da Noite*, São Paulo, 17 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

69) _____. Carlos Botelho. *Folha da Noite*, São Paulo, 18 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

70) _____. Raymundo Correa. *Folha da Noite*, São Paulo, 19 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

71) _____. Carneiro Leão. *Folha da Noite*, São Paulo, 20 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

72) _____. Brigadeiro Machado. *Folha da Noite*, São Paulo, 21 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

73) _____. Afonso Arinos. *Folha da Noite*, São Paulo, 22 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

74) _____. Padre Vieira. *Folha da Noite*, São Paulo, 25 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

75) _____. Joaquim Nabuco. *Folha da Noite*, São Paulo, 26 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

76) _____. Evaristo da Veiga. *Folha da Noite*, São Paulo, 27 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

77) _____. Mem de Sá. *Folha da Noite*, São Paulo, 28 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

78) _____. Campos Salles. *Folha da Noite*, São Paulo, 29 jun. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

79) _____. Odorico Mendes. *Folha da Noite*, São Paulo, 1 jul. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

80) _____. Valentim Magalhães. *Folha da Noite*, São Paulo, 2 jul. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

81) _____. João Caetano. *Folha da Noite*, São Paulo, 3 jul. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

82) _____. Pasteur. *Folha da Noite*, São Paulo, 4 jul. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

83) _____. Tobias Barreto. *Folha da Noite*, São Paulo, 6 jul. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

84) _____. Vautier. *Folha da Noite*, São Paulo, 11 jul. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

85) _____. José de Alencar. *Folha da Noite*, São Paulo, 13 jul. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

86) _____. Luiz Gama. *Folha da Noite*, São Paulo, 15 jul. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

87) _____. Carlos de Campos. *Folha da Noite*, São Paulo, 16 jul. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

88) _____. Anna Nery. *Folha da Noite*, São Paulo, 17 jul. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

89) _____. Firmiano Pinto. *Folha da Noite*, São Paulo, 18 jul. 1935. Ruas do Brás.
Nota da pesquisa: assinatura Franio Pinheiro.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

90) EDGARD [Edgard Cavaleiro]. Um pouco de poesia. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 28 jul. 1935.
Nota da pesquisa: trata de Paulo Gonçalves e Cleómenes Campos.
Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

91) CAVALHEIRO, Edgard. Caminhos cruzados. *A Gazeta*, São Paulo, 30 jul. 1935.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

92) AFRÂNIO PINHEIRO [Edgard Cavaleiro]. Dr. Ubaldino Amaral. *Folha da Noite*, São Paulo, 31 jul. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

93) _____. Visconde de Abaeté. *Folha da Noite*, São Paulo, 3 ago. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

94) _____. Júlio de Castilhos. *Folha da Noite*, São Paulo, 5 ago. 1935. Ruas do Brás.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

95) CAVALHEIRO, Edgard. Como “nasceu” o Brás, cidade dinâmica e produtora. *Folha da Noite*, São Paulo, 8 ago. 1935.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

96) _____. Revistas, leitores, etc. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, 17 ago. 1935.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

97) AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. Décimo andar. [*A Cidade*, Santa Isabel-SP?], 18 ago. 1935.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

98) EDGARD [Edgard Cavalheiro]. Rodrigues de Abreu, o poeta da renúncia. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 25 ago. 1935.
Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

99) CAVALHEIRO, Edgard. Uma urgente retificação. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, [1] set. 1935.
Nota da pesquisa: trata de Paulo Gonçalves e Paulo Magalhães.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

100) _____. Em torno do cabotismo... *Jornal do Funcionário*, São Paulo, [15] set. 1935.
Nota da pesquisa: palavra cabotinismo grafada incorretamente no título.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

101) AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. A italianinha do meu bairro. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 22 set. 1935.
Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

102) E. C. [Edgard Cavalheiro]. A lágrima. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 29 set. 1935.
Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

103) CAVALHEIRO, Edgard. A vida de Joana D'Arc. *A Vinha*, Salvador-BA, out. 1935.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

104) _____. O grande poema de Jorge Amado. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1935.

Nota da pesquisa: trata de *Jubiabá*.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

105) _____. Tranquilidade. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, [1] nov. 1935.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

106) _____. Um nome. *Cultura*, São Paulo, ano 1, n. 1, nov. 1935.

Nota da pesquisa: trata de Eduardo Guimarães de Azevedo Júnior.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

107) _____. Oscar Wilde – Em torno de uma biografia. [s.n.:S.l.], 5 dez. 1935.

Nota da pesquisa: trata do livro de Balmaceda Cardoso.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

108) AFRÂNIO PINHEIRO [Edgard Cavalheiro]. Frederico Segundo, Eurico Silva e outros assuntos. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, 9 jan. 1936.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

109) _____. Teatro – Procópio Ferreira. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, 7 fev. 1936.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

110) CAVALHEIRO, Edgard. Machado de Assis e Sílvio Romero. *A Gazeta*, São Paulo, [1?] mar. 1936.

Nota da pesquisa: artigo gerou carta aberta de Nelson Romero, filho de Sílvio, publicada no mesmo jornal em 1 abr. 1936.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

111) _____. Editores e tradutores. *A Gazeta*, São Paulo, 25 mar. 1936.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

112) _____. Território humano, [s.n.:S.l.], [23?] abr. 1936.

Nota da pesquisa: trata de livro homônimo de José Geraldo Vieira.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

113) _____. O último livro de Orígenes Lessa. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 26 abr. 1936.

Nota da pesquisa: texto republicado em 3 jun. 1936 em *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

114) _____. Caricaturas. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, 30 abr. 1936.

Nota da pesquisa: trata de Fernando Levinsky e Armando Brusolo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

115) AFRÂNIO PINHEIRO [Edgard Cavaleiro]. Gente da Cia. de Comédia Moderna. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, 25 maio 1936.

Nota da pesquisa: trata do Teatro Recreio, Alma Flora e Edith Moraes.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

116) CAVALHEIRO, Edgard. O último livro de Orígenes Lessa. *Folha da Manhã*, São Paulo, 3 jun. 1936.

Nota da pesquisa: texto publicado em 26 abr. 1936 em *A Folha*, de Espírito Santo do Pinhal-SP.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

117) AFRÂNIO [Edgard Cavaleiro]. Um homem. [*A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP?], 7 jun. 1936.

Nota da pesquisa: trata de Benedito da Silva.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

118) AFRÂNIO PINHEIRO [Edgard Cavaleiro]. Edith Moraes. [*Jornal do Funcionário*, São Paulo?], 24 jun. 1936.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

119) CAVALHEIRO, Edgard. Livres opiniões: Estevão Cruz. [s.n.:S.l.], 25 jun. 1936.

Nota da pesquisa: Estevão Cruz era representante da Livraria do Globo no Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

120) _____. Dias idos e vividos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 9 ago. 1936.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

121) E. C. [Edgard Cavalheiro]. Carlos Gomes. [s.n.:S.l.], ago. 1936.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

122) CAVALHEIRO, Edgard. Os ratos. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, set. 1936.

Nota da pesquisa: trata do romance de Dionélio Machado.

USP, IEB, Biblioteca.

123) _____. Dulcina-Odilon. [s.n.:S.l.], 7 out. 1936.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

124) _____. Em torno de um livro póstumo de Antônio de Alcântara Machado. *Jornal do Comércio*, Juiz de Fora, 23 out. 1936.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

125) MARIA HELENA [Edgard Cavalheiro]. Estava triste. *Serra Negra Jornal*, Serra Negra-SP, 15 nov. 1936.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

126) CAVALHEIRO, Edgard. Um romance do mar. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, nov. 1936.

Nota da pesquisa: trata de *Mar morto*, de Jorge Amado.

USP, IEB, Biblioteca.

127) _____. Um romancista do sul. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, mar. 1937.

Nota da pesquisa: trata de Érico Veríssimo.

USP, IEB, Biblioteca.

128) _____. Notícia sobre um poeta. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, abr. 1937.

Nota da pesquisa: trata de Judas Isgorogota.

USP, IEB, Biblioteca.

129) _____. Literatura infantil ou comunismo para crianças. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, nov. 1937.

Nota da pesquisa: texto republicado em jan. 1958 na *Revista Brasiliense*, de São Paulo.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

130) _____. A Marquesa de Santos no Teatro. *O Dia*, Rio de Janeiro, 22 jan. 1938.

Nota da pesquisa: trata da peça de Viriato Corrêa encenada pela Companhia Dulcina-Odilon.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

131) AFRÂNIO [Edgard Cavalheiro]. [Cassiano Ricardo na ABL]. *Jornal do Povo*, Avaré, 23 jan. 1938. Vida literária.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

132) _____. [Sem título]. *Jornal do Povo*, Avaré, 6 fev. 1938. Vida literária.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

133) _____. [Sem título]. *Jornal do Povo*, Avaré, 27 fev. 1938. Vida literária.

Nota da pesquisa: transcreve poema dedicado a Edgard Cavalheiro. Cita Goffredo da Silva Telles.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

134) JOÃO DA SCENA [Edgard Cavalheiro]. “Marquesa de Santos”, o maior sucesso teatral do momento. *O Dia*, Rio de Janeiro, 9 mar. 1938.

Nota da pesquisa: trata da peça de Viriato Corrêa encenada pela Companhia Dulcina-Odilon.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

135) CAVALHEIRO, Edgard. O retorno de um poeta: parte 1. *Jornal do Povo*, Avaré-SP, 20 mar. 1938. Edgard Cavalheiro escreveu.

Nota da pesquisa: trata de Cid Franco.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

136) _____. O retorno de um poeta: parte 2. *Jornal do Povo*, Avaré-SP, 27 mar. 1938. Edgard Cavalheiro escreveu.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

137) _____. Navios iluminados. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, mar. 1938.

Nota da pesquisa: trata do romance homônimo de Ranulpho Prata.

USP, IEB, Biblioteca.

138) _____. Entre o conto e o romance. *Jornal do Povo*, Avaré-SP, [2?] abr. 1938. Edgard Cavalheiro escreveu.

Nota da pesquisa: trata de *O joguete*, de Orígenes Lessa. Texto republicado em 24 abr. 1938, em *A Folha*, de Espírito Santo Pinhal-SP, e em maio 1938 no *Boletim de Ariel*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

139) E. CAVALHEIRO [Edgard Cavalheiro]. Entre o conto e o romance. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 24 abr. 1938.

Nota da pesquisa: trata de *O joguete*, de Orígenes Lessa. Texto publicado em [2?] abr. 1938 no *Jornal do Povo*, de Avaré-SP, e republicado em maio 1938 no *Boletim de Ariel*, do Rio de Janeiro.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

140) CAVALHEIRO, Edgard. [Sem título]. *Viagens*, [São Paulo?], abr. 1938. Novidades literárias.

Nota da pesquisa: comenta *Retratos e retratados* (Eduardo Malta), *Porão e sobrado* (Lygia Fagundes) e *Tavares Bastos* (Aureliano Cândido e Carlos Pontes).

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

141) _____. Crônicas e cronistas. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 29 maio 1938.

Nota da pesquisa: texto republicado, com modificações, em [1943] em *A Gazeta*, de São Paulo.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

142) _____. Entre o conto e o romance. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, maio 1938.

Nota da pesquisa: trata de *O brinquedo*, de Orígenes Lessa. Texto publicado em [2?] abr. 1938 no *Jornal do Povo*, de Avaré-SP, e em 24 abr. 1938 em *A Folha*, de Espírito Santo do Pinhal-SP.

USP, IEB, Biblioteca.

143) JOÃO DA SCENA [Edgard Cavalheiro]. Um assunto estragado. *Última Hora*, [Rio de Janeiro?], 21 jun. 1938.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

144) CAVALHEIRO, Edgard. Cyro dos Anjos. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 24 jun. 1938.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

145) _____. Machado de Assis, na crítica e na biografia – I. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 26 jun. 1938.

Nota da pesquisa: texto republicado em 16 abr. 1939 na *Folha da Manhã*, em São Paulo.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

146) _____. Sud Menucci. *Última Hora*, [Rio de Janeiro?], 27 jun. 1938.

Nota da pesquisa: texto republicado em ago. 1938 no *Boletim de Ariel*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

147) _____. Emil Ludwig em português. [s.n.:S.l.], 29 jun. 1938.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

148) _____. Paulo Gonçalves. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, jun. 1938.

Nota da pesquisa: texto republicado em 22 jan. 1939 no *Jornal da Manhã*, do Rio de Janeiro.

USP, IEB, Biblioteca.

149) _____. Notícias sobre o poeta Mário Donato. [*Última Hora*, Rio de Janeiro?], 2 jul. 1938.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

150) _____. Machado de Assis, na crítica e na biografia – II. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 3 jul. 1938.

Nota da pesquisa: texto republicado em 16 abr. 1939 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

151) _____. “O feijão e o sonho”. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 jul. 1938.

Nota da pesquisa: trata do romance de Orígenes Lessa.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

152) _____. Em São Paulo também há poesia... *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, jul. 1938.

Nota da pesquisa: texto republicado em 4 set. 1938 em *A Folha*, de Espírito Santo do Pinhal-SP.

USP, IEB, Biblioteca.

153) _____. O novo romance de Orígenes Lessa. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 4 ago. 1938.

Nota da pesquisa: trata de *O feijão e o sonho*.

USP, FFLCH, Biblioteca Florestan Fernandes, Seção de Periódicos.

154) _____. O feijão e o sonho. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 13 ago. 1938.

Nota da pesquisa: trata do livro homônimo de Orígenes Lessa.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

155) _____. “Terra”: o poema de Mário Donato. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 17 ago. 1938.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

156) _____. Érico Veríssimo e o romance brasileiro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 ago. 1938.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

157) _____. Sud Menucci. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, ago. 1938.

Nota da pesquisa: texto publicado em 27 jun. 1938 em *Última Hora*, de [Rio de Janeiro?].
USP, IEB, Biblioteca.

158) _____. O amanuense Belmiro. [*Universidade?*], [S.l.], ago. 1938.

Nota da pesquisa: trata de livro de Cyro dos Anjos.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

159) _____. Em São Paulo também há poesia... *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 4 set. 1938.

Nota da pesquisa: texto publicado em jul. 1938 no *Boletim de Ariel*, do Rio de Janeiro.
Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

160) _____. De “Parque Antigo” a “Vovô Morungaba”. *Boletim de Ariel*, Rio de Janeiro, set. 1938.

Nota da pesquisa: trata de Galeão Coutinho. Texto republicado em 30 out. 1938 no *Jornal da Manhã*, do Rio de Janeiro.
USP, IEB, Biblioteca.

161) _____. A mensagem poética de Emílio Moura. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 1 out. 1938.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

162) _____. O ensaísta Vianna Moog. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 out. 1938.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

163) _____. Nota sobre “Poço dos paus”. *Folha da Manhã*, São Paulo, 16 out. 1938.

Nota da pesquisa: trata do romance de Fran Martins. Texto republicado em [1938?], em *Seiva*, de Salvador.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

164) MARIA HELENA [Edgard Cavalheiro]. A canção que eu nunca farei. *Serra Negra Jornal*, Serra Negra-SP, 25 out. 1938.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

165) CAVALHEIRO, Edgard. Um romance paulista. *Folha da Manhã*, São Paulo, 30 out. 1938.

Nota da pesquisa: trata de Aristides Ávila e seu romance *A teoria da distância*.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

166) _____. Do “Parque Antigo” a “Vovo Morungaba”. *Jornal da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 out. 1938.

Nota da pesquisa: trata de Galeão Coutinho. Texto publicado em set. 1938 no *Boletim de Ariel*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

167) _____. Castro Alves, o maior poeta do Brasil. *Folha da Manhã*, São Paulo, 13 nov. 1938.

Nota da pesquisa: texto republicado em set. 1939 em *Seiva*, de Salvador.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

168) _____. Letras mineiras. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 13 nov. 1938.

Nota da pesquisa: texto republicado em nov. 1938 em [*Renovação*, Recife-PE?].

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

169) _____. O romancista Amadeu de Queiroz. *Jornal da Manhã*, Rio de Janeiro, 13 nov. 1938.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

170) _____. Uma grande vida num grande livro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 20 nov. 1938.

Nota da pesquisa: trata de *Madame Curie*, tradução de Monteiro Lobato para a Companhia Editora Nacional.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

171) _____. Intenções, interpretações, etc. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 27 nov. 1938.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

172) _____. Letras mineiras. [*Renovação*, Recife-PE?], nov. 1938.

Nota da pesquisa: texto publicado em 13 nov. 1938 em *A Folha*, de Espírito Santo do Pinhal-SP.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

173) _____. Revistas literárias. [*Itinerário?*], [S.l.], nov. 1938.

Nota da pesquisa: escrito em castelhano, trata de periódicos brasileiros.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

174) E. C. [Edgard Cavalheiro]. Brasil: nacionalismo e universalismo. [s.n.:S.l.], nov. 1938.

Nota da pesquisa: escrito em castelhano.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

175) CAVALHEIRO, Edgard. Atualidade de Machado de Assis. *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 dez. 1938.

Nota da pesquisa: trata de livro de Peregrino Júnior.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

176) _____. A poesia de Jamil Almansur Haddad. *Folha da Manhã*, São Paulo, 18 dez. 1938.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

177) _____. Hasta Cuando? [s.n.t.], 1938.

Nota da pesquisa: trata de *O romance brasileiro* de Olívio Montenegro.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

178) _____. Notas sobre Poço dos Paus. *Seiva*, Salvador, [1938?].

Nota da pesquisa: trata do romance de Fran Martins. Texto publicado em 16 out. 1938 em *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

179) _____. Porão e sobrado. *Folha da Manhã*, São Paulo, 1 jan. 1939.

Nota da pesquisa: trata de livro de poemas homônimo, estreia literária de Lygia Fagundes Telles.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

180) _____. A propósito de um dicionário. *Jornal da Manhã*, Rio de Janeiro, 1 jan. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

181) _____. Morro dos ventos uivantes. *Folha da Manhã*, São Paulo, 8 jan. 1939.

Nota da pesquisa: trata de livro de Emily Bronte, lançamento da Livraria do Globo.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

182) _____. Um grande amigo dos livros. *Folha da Manhã*, São Paulo, 15 jan. 1939.

Nota da pesquisa: trata de D. Pedro II.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

183) _____. Duas reedições. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 jan. 1939.

Nota da pesquisa: trata de Cid Franco com o livro de poemas *À procura de Cristo e Tropas e boiadas* de Hugo de Carvalho Ramos.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

184) _____. Paulo Gonçalves. *Jornal da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 jan. 1939.

Nota da pesquisa: texto publicado em jun. 1938 no *Boletim de Ariel*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

185) _____. Terra – O poema de Mário Donato. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 29 jan. 1939.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

186) _____. Livros brasileiros na Argentina. *Cultura*, São Paulo, jan. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

187) _____. A poesia em S. Paulo. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 fev. 1939.

Nota da pesquisa: trata do livro de poemas *Desencanto*, de Judas Isgorogota.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

188) _____. Um romancista do velho Recife. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 fev. 1939.

Nota da pesquisa: trata de Mário Sette.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

189) _____. Marcha heroica ou amorosa? *Folha da Manhã*, São Paulo, 19 fev. 1939.

Nota da pesquisa: trata do livro de poemas *Marcha heroica* de Calazans de Campos.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

190) _____. Notas sobre Somerset Maugham. *Folha da Manhã*, São Paulo, 26 fev. 1939.

Centro Cultural São Paulo, Biblioteca Sérgio Milliet.

191) _____. Ressurreição de Tavares Bastos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 mar. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

192) _____. Retratos e retratados. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 mar. 1939.

Nota da pesquisa: trata de Eduardo Malta.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

193) _____. Euclides – notas de um fichário. *Folha da Manhã*, São Paulo, 26 mar. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

194) _____. Gilka Machado e “Sublimação”. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 abr. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

195) _____. As obras “incompletas e erradas” de José de Alencar. *Folha da Manhã*, São Paulo, 9 abr. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

196) _____. “Os Sertões”, em versão espanhola. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 13 abr. 1939. USP, FFLCH, Biblioteca Florestan Fernandes, Seção de Periódicos.

197) _____. Machado de Assis, na crítica e na biografia. *Folha da Manhã*, São Paulo, 16 abr. 1939.

Nota da pesquisa: texto publicado em 26 jun. 1938 em *A Folha*, de Espírito Santo do Pinhal-SP.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

198) _____. Um livrão. *Folha da Manhã*, São Paulo, 30 abr. 1939.

Nota da pesquisa: trata de *A odisseia de um médico americano*, de Victor Heiser (Trad. Pepita de Leão), publicado pela Livraria do Globo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

199) _____. [Sem título]. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 5 maio 1939. Da capa ao índice.

Nota da pesquisa: trata do ofício do crítico literário.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

200) _____. A casa sobre a areia. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 maio 1939.

Nota da pesquisa: trata do romance de Antonio Constantino, *Embrião*.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

201) _____. Os mortos ressurgem. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 20 maio 1939. Da capa ao índice.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

202) _____. Duas comédias de Raymundo Magalhães Júnior. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 maio 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

203) _____. Proteção ao trabalhador intelectual. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 maio 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

204) _____. Nota sobre “Barro Sujo”. *Folha da Manhã*, São Paulo, 4 jun. 1939.

Nota da pesquisa: trata de livro de poemas, estreia literária, de Tiana Amarante.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

205) _____. Lion Feuchtwanger e o romance histórico. *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 jun. 1939.

Nota da pesquisa: texto publicado, com modificações, em 9 fev. 1941 em *O Estado de S. Paulo*, de São Paulo, e em 1943 no livro *Biografias e biógrafos*.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

206) _____. Machado de Assis e o teatro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 18 jun. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

207) _____. A crítica literária na obra de Machado de Assis. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 21 jun. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

208) _____. O viajante sem porto. [*Viagens*, São Paulo?], jun. 1939. Novidades literárias.

Nota da pesquisa: trata de Machado de Assis.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

209) _____. Plácido de Castro e o Acre. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 jul. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

210) _____. As cigarras andam roucas. *Folha da Manhã*, São Paulo, 9 jul. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

211) _____. Os personagens explicam o autor. *Folha da Manhã*, São Paulo, 16 jul. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

212) _____. Marco Aurélio ou Silvestre Bonnard? *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 27 jul. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

213) _____. Caminhos seculares. [*Viagens*, São Paulo?], jul. 1939. Novidades literárias. Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

214) _____. Emil Ludwig e a biografia. *Folha da Manhã*, São Paulo, 6 ago. 1939.

Nota da pesquisa: texto publicado, com modificações, em 14 maio 1941 (*O Estado de S. Paulo*, de São Paulo), 24 out. 1948 (*Folha da Manhã*, de São Paulo) e em 1943 (como capítulo de *Biografias e biógrafos*). Texto republicado em 16 set. 1939 na *Revista do Globo*, de Porto Alegre.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

215) _____. A “História Universal” de Wells. *Folha da Manhã*, São Paulo, 13 ago. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

216) _____. Enquanto a morte não vem. *Folha da Manhã*, São Paulo, 20 ago. 1939.

Nota da pesquisa: trata de livro homônimo, estreia de Souza Júnior.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

217) _____. Carimbamba contou... *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 ago. 1939.

Nota da pesquisa: trata de Amadeu de Queiroz e do grupo da Drogaria Baruel.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

218) _____. O capítulo que estava faltando. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 27 ago. 1939.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

219) _____. A nossa vez. [*Viagens*, São Paulo?], ago. 1939. Novidades literárias.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

220) _____. Cais de Santos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 set. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

221) _____. Emil Ludwig e a biografia. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 16 set. 1939.

Nota da pesquisa: texto publicado, com modificações, em 14 maio 1941 (*O Estado de S. Paulo*, de São Paulo), 24 out. 1948 (*Folha da Manhã*, de São Paulo) e em 1943 (como capítulo de *Biografias e biógrafos*). Texto publicado em 6 ago. 1939 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

222) _____. Um retrato de Tobias Barreto. *Folha da Manhã*, São Paulo, 17 set. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

223) _____. Dois escritores do sul. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 set. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

224) _____. Castro Alves – o maior poeta do Brasil. *Seiva*, Salvador, set. 1939.

Nota da pesquisa: texto publicado em 13 nov. 1938 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

225) _____. A vida secreta de D'Annunzio. *Folha da Manhã*, São Paulo, 1 out. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

226) _____. Amores de Dostoiévski. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 5 out. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

227) _____. “Eunápio Cachimbo”, o novo livro de Galeão Coutinho. *Folha da Manhã*, São Paulo, 15 out. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

228) _____. Van Loon, um grande divulgador. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 out. 1939.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

229) _____. Romances e romances e romances. *Folha da Manhã*, São Paulo, 29 out. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

230) _____. Lytton Strachey e a biografia moderna. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 nov. 1939.

Nota da pesquisa: texto publicado, com modificações, em 1943 como capítulo de *Biografias e biógrafos*.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

231) _____. Estrategistas. *Ujotabê Jornal*, São Paulo, 7 nov. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

232) _____. Um casal de artistas e uma nova autora. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 nov. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

233) _____. Um rio imita o Reno. *Folha da Manhã*, São Paulo, 19 nov. 1939.

Nota da pesquisa: texto republicado em 13 jan. 1940 na *Revista do Globo*, de Porto Alegre.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

234) _____. Planalto. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 dez. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

235) _____. Canudos. *Euclydes*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 124, 15 dez. 1939.

Biblioteca Nacional-RJ, Seção de Periódicos.

236) _____. A vida patética de Dostoiévski. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 dez. 1939.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

237) _____. Um trabalhador intelectual. *Folha da Manhã*, São Paulo, 31 dez. 1939.

Nota da pesquisa: trata de *Nosso Brasil*, de Luiz Amaral Wagner.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

238) MARIA HELENA [Edgard Cavaleiro]. Minha confidente. *Serra Negra Jornal*, Serra Negra-SP, [193-].

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

239) _____. Sob a proteção do teu amor. *Serra Negra Jornal*, Serra Negra-SP, [193-].
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

240) CAVALHEIRO, Edgard. Notas sobre Carlota Joaquina. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 jan. 1940.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

241) _____. Ouvindo Hildebrando Lima. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 11 jan. 1940.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

242) _____. Um rio imita o Reno. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 13 jan. 1940.
Nota da pesquisa: texto publicado em 19 nov. 1939, na *Folha da Manhã*, de São Paulo.
USP, ECA, Biblioteca.

243) _____. Literatura brasileira. *Folha da Manhã*, São Paulo, 14 jan. 1940.
Nota da pesquisa: apresenta capítulo do livro *O Brasil que eu vi*, do alemão Wolfgang Hoffmann-Harnisch, autor que viajou pelo Brasil custeado pelo governo Vargas e teve esse livro prefaciado por Lourival Fontes, diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

244) _____. O último livro de Érico Veríssimo. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 jan. 1940.
Nota da pesquisa: trata de *Viagem à aurora do mundo*. Texto republicado em 17 fev. 1940 na *Revista do Globo*, de Porto Alegre.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

245) _____. Vida e confissões de Oscar Wilde. *Folha da Manhã*, São Paulo, 4 fev. 1940.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

246) _____. O último livro de Érico Veríssimo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 17 fev. 1940.
Nota da pesquisa: trata de *Viagem à aurora do mundo*. Texto publicado em 21 jan. 1940 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.
USP, ECA, Biblioteca.

247) _____. O movimento editorial de S. Paulo. *Folha da Manhã*, São Paulo, 18 fev. 1940.

Nota da pesquisa: apresenta entrevista com José de Barros Martins.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

248) _____. Somerset Maugham. *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 fev. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

249) _____. O regresso de um poeta. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 mar. 1940.

Nota da pesquisa: trata de Cleómenes Campos.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

250) _____. Juarez. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 mar. 1940.

Nota da pesquisa: trata de Benedito Juarez.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

251) _____. A vida trágica de Van Gogh. *Folha da Manhã*, São Paulo, 31 mar. 1940.

Nota da pesquisa: trata da biografia escrita por Irving Stone.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

252) _____. Um amigo do Brasil. *Folha da Manhã*, São Paulo, 8 abr. 1940.

Nota da pesquisa: trata de Wolfgang Hoffmann-Harnisch.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

253) _____. Eça de Queirós e Antero de Quental. *Folha da Manhã*, São Paulo, 14 abr. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

254) _____. Poesia, doce poesia. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 abr. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

255) _____. Três viajantes. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 abr. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

256) _____. No mundo dos livros – Bernard Shaw – Agente de Edison. [*VASP*, São Paulo?], abr. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

257) _____. Notícia sobre Frederico II. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 maio 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

258) _____. Três romances. *Folha da Manhã*, São Paulo, 19 maio 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

259) _____. Nijinsky. *Folha da Manhã*, São Paulo, 26 maio 1940.

Nota da pesquisa: trata da biografia escrita por Romola Nijinsky.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

260) _____. Pintores e pinturas. *Cultura*, São Paulo, maio 1940. Itinerário do espírito.

Nota da pesquisa: trata de livro homônimo de Sérgio Milliet.

Arquivo Rute Ginaque Duarte.

261) _____. Livros em revista. *Folha da Manhã*, São Paulo, 9 jun. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

262) _____. Dois romances. *Cultura*, São Paulo, 15 jun. 1940.

Nota da pesquisa: trata das obras de Oliveira Ribeiro Neto (*A vida continua*) e Fran Martins (*Mundo perdido*).

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

263) _____. Entre a poesia e o vinho. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 jun. 1940.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

264) _____. Falam os escritores... *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 jun. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

265) _____. Rebecca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 30 jun. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

266) _____. A questão sexual pelo mundo. *Folha da Manhã*, São Paulo, 14 jul. 1940.

Nota da pesquisa: trata de livro homônimo de Magnus Hirschfield.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

267) _____. Ritinha Sorocabana: parte 1. *Euclides*, Rio de Janeiro, 15 jul. 1940.

Biblioteca Nacional-RJ, Seção de Periódicos.

268) _____. Resignação. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 21 jul. 1940.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

269) _____. Rousseau, Montaigne, Voltaire... *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 jul. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

270) _____. Romances de A. J. Cronin. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 jul. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

271) _____. De “Os Buddenbrooks” à “Montanha Mágica”. *Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo, jul. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

272) _____. Poesia. *Cultura*, São Paulo, jul. 1940. Itinerário do espírito.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

273) _____. Ritinha Sorocabana: parte 2. *Euclides*, Rio de Janeiro, 1 ago. 1940.

Biblioteca Nacional-RJ, Seção de Periódicos.

274) _____. Fagundes Varela. *Folha da Manhã*, São Paulo, 4 ago. 1940.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

275) _____. Três camaradas. *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 ago. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

276) _____. Três novelas. *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 ago. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

277) _____. Contos e contistas. *Cultura*, São Paulo, ago. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

278) _____. Viagens e viajantes. *Folha da Manhã*, São Paulo, 8 set. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

279) _____. Poesia sob as arcadas e outras poesias. *Folha da Manhã*, São Paulo, 29 set. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

280) _____. Uma biografia. *Cultura*, São Paulo, set. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

281) _____. Debret e sua viagem pitoresca e histórica ao Brasil. *Folha da Manhã*, São Paulo, 6 out. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

282) _____. Da crítica literária. [*Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo?], 13 out. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

283) _____. Apontamentos sobre Dickens. *Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo, [15] out. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

284) _____. A vida de Paulo Eiró. *Folha da Manhã*, São Paulo, 20 out. 1940.

Nota da pesquisa: trata da biografia escrita por Afonso Schmidt.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

285) _____. Alma e paisagem. [*Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo?], 20 out. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

286) _____. Verso e poesia. *A Gazeta*, São Paulo, 27 out. 1940. Livros e autores.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

287) _____. Mirabeau e Amiel. *A Gazeta*, São Paulo, 3 nov. 1940. Livros e autores.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

288) _____. Literatura brasileira. *A Gazeta*, São Paulo, 7 nov. 1940. Livros e autores.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

289) _____. A vida de Eleonora Duse. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 nov. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

290) _____. Leitura brasileira. *A Gazeta*, São Paulo, 13 nov. 1940. Livros e autores.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

291) _____. Antônio de Alcântara Machado. *Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo, [15] dez. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

292) _____. Bazar. *A Gazeta*, São Paulo, 17 dez. 1940. Livros e autores.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

293) _____. Bonecos de Engonço. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 dez. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

294) _____. Escritores de sempre. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 dez. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

295) _____. Obras de Casimiro de Abreu. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 jan. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

296) _____. A glória de Belmiro Braga. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 26 jan. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

297) _____. Federico Garcia Lorca: parte 1. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 jan. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

298) _____. Federico Garcia Lorca: parte 2. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 jan. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

299) _____. Medeiros e Albuquerque. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 2 fev. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

300) _____. Lion Feuchtwanger e o romance histórico. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 fev. 1941.

Nota da pesquisa: texto publicado, com modificações, em 11 jun. 1939 na *Folha da Manhã*, de São Paulo, e em 1943, no livro *Biografias e biógrafos*.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

301) _____. Meninos prodígios. [*Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo?], [15?] fev. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

302) _____. O romance de Manuel Antônio de Almeida. [s.n.:S.l.], 16 fev. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

303) _____. Bernard Shaw entre um biógrafo e um inventor. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 23 fev. 1941.

Nota da pesquisa: texto republicado em 31 maio 1941 na *Revista do Globo*, de Porto Alegre.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

304) _____. Antonio Nobre. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 fev. 1941.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

305) _____. “Sinfonia inacabada” e seu autor. [*Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo?], [1?] mar. 1941.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

306) _____. Claudius o Deus e Messalina. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 9 mar. 1941.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

307) _____. O drama do café e o romance brasileiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 mar. 1941.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

308) _____. Lembrança de Júlio César da Silva. [*Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo?], [15?] mar. 1941.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

309) _____. Alencar. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 16 mar. 1941.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

310) _____. Gilka Machado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 mar. 1941.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

311) _____. Um amigo do Brasil. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 23 mar. 1941.
Nota da pesquisa: publicado como “colofão” [posfácio] em *Imaginária: aspectos da arte espanhola e suas influências*, de Bráulio Sánchez-Sáez (Curitiba: Guaíra, 1941).
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

312) _____. Anjo e demônio. [*Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo?], [1?] abr. 1941.

Nota da pesquisa: trata de George Sand.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

313) _____. A mocidade de Churchill. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 6 abr. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

314) _____. Atividades de Gilberto Freyre. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 20 abr. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

315) _____. Biografia e biógrafos – Lytton Strachey – o precursor. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 abr. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

316) _____. No tempo de Bilac. [*Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo?], [1?] maio 1941.

Nota da pesquisa: texto republicado em 21 maio 1942 em [*Leitura*, Rio de Janeiro?].

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

317) _____. Arnold Zweig. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 4 maio 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

318) _____. Biografia e biógrafos – Emil Ludwig – o psicólogo da biografia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 maio 1941.

Nota da pesquisa: texto publicado, com modificações, em 6 ago. 1939 (*Folha da Manhã*, de São Paulo), 16 set. 1939 (*Revista do Globo*, de Porto Alegre), 24 out. 1948 (*Folha da Manhã*, de São Paulo) e em 1943 (como capítulo de *Biografias e biógrafos*), sendo idênticos os primeiros dois citados.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

319) _____. Formação da sociologia brasileira. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 25 maio 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

320) _____. Aventuras e desventuras de um biógrafo. *Jornal da Manhã*, Rio de Janeiro, 25 maio 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

321) _____. Biografia e biógrafos – André Maurois e a biografia romanceada. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 maio 1941.

Nota da pesquisa: texto republicado, com modificações, em 2 nov. 1947 na *Folha da Manhã*, de São Paulo. Texto publicado em 1943 como capítulo de *Biografias e biógrafos*.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

322) _____. G. B. S. Entre um biógrafo e um inventor. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 31 maio 1941.

Nota da pesquisa: texto publicado em 23 fev. 1941, em [*Gazeta Magazine*, São Paulo?]. Trata de George Bernard Shaw.

USP, ECA, Biblioteca.

323) _____. Alegria e tristeza em Emílio de Menezes. [*Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo?], [1?] jun. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

324) _____. Sarmiento. *Planalto: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 1 jun. 1941.

USP, IEB, Biblioteca.

325) _____. Estes dias tumultuosos... [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 1 jun. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

326) _____. William Berrien. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 8 jun. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

327) _____. Valdomiro Silveira. [*Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo?], [15?] jun. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

328) _____. O romancista Archibald J. Cronin. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 15 jun. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

329) _____. Vida e obra de Manuel Batista Cepelos. *Planalto: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 15 jun. 1941.

USP, IEB, Biblioteca.

330) _____. A trágica história de Bigger Thomas. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 28 jun. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

331) _____. Escritores tradutores e vulgarizadores. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 29 jun. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

332) _____. Apontamentos sobre Monteiro Lobato. *Planalto: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 1 jul. 1941.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

333) _____. Profecias de Goethe. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 6 jul. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

334) _____. Notas sobre Castro Alves. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 jul. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

335) _____. O romance de Nina Fedorova. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 13 jul. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

336) _____. Valdomiro Silveira e a literatura regional. *Planalto: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 15 jul. 1941.

USP, IEB, Biblioteca.

337) _____. Quando o tédio nos visita... – parte 1. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 jul. 1941.

Nota da pesquisa: trata de Álvares de Azevedo e *Noite na Taverna*.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

338) _____. Quando o tédio nos visita... – parte 2. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 jul. 1941.

Nota da pesquisa: trata de Álvares de Azevedo e *Noite na Taverna*.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

339) _____. Romances de Somerset Maugham. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 3 ago. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

340) _____. Literatura de guerra. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 10 ago. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

341) _____. A poesia de Lila Ripoll. [*Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo?], [15?] ago. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

342) _____. Antônio de Alcântara Machado. *Planalto: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 15 ago. 1941.

USP, IEB, Biblioteca.

343) _____. Um amigo de Fagundes Varela. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 17 ago. 1941.

Nota da pesquisa: trata de Otaviano Hudson.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

344) _____. Jack London o grande vagabundo. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 31 ago. 1941.

Nota da pesquisa: artigo saiu com assinatura de outra pessoa mas, em 7 set. 1941, houve a correção no mesmo periódico.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

345) _____. Brasiliana volume 200. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 7 set. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

346) _____. Momento em Pequim. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 set. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

347) _____. Um ensaísta. *Planalto: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 15 set. 1941.

Nota da pesquisa: trata de Sérgio Milliet.

USP, IEB, Biblioteca.

348) _____. Ainda a literatura de guerra. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 28 set. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

349) _____. O transeunte da cidade das letras. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 5 out. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

350) _____. Romance de um general. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 12 out. 1941.

Nota da pesquisa: trata de *O general*, de C. S. Forester.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

351) _____. Romances em revista. *Planalto: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, 15 out. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

352) _____. Vida e glória de Charles Dickens. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 26 out. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

353) _____. Donana sofredora. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 2 nov. 1941.

Nota da pesquisa: trata de livro de Mário Neme na Coleção Caderno Azul da Editora Guaíra.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

354) _____. Por quem os sinos dobram. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 9 nov. 1941.

Nota da pesquisa: trata de Ernest Hemingway em tradução de Monteiro Lobato.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

355) _____. Notas sobre o poeta Paulo Gonçalves. [s.n.:S.l.], 15 nov. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

356) _____. Luiz Delfino. [*Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo?], [15?] nov. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

357) _____. Escritores e livros em revista. [s.n.:S.l.], 16 nov. 1941.

Nota da pesquisa: trata da segunda série de *Falam os escritores...*, de Silveira Peixoto.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

358) _____. O testamento de uma geração – Começo de inquérito. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 nov. 1941.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Jorge de Lima.

359) _____. Gente de Minas. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 23 nov. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

360) _____. Leitores e livros. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 30 nov. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

361) E. C. [Edgard Cavalheiro]. Amadeu de Queiroz. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 nov. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

362) CAVALHEIRO, Edgard. “Retorno” à vida. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 7 dez. 1941.

Nota da pesquisa: trata de estreia literária de Edmundo Rossi.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

363) E. C. [Edgard Cavalheiro]. Galeão Coutinho. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 dez. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

364) _____. Jorge de Lima. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

365) CAVALHEIRO, Edgard. Floriano Peixoto e outros assuntos. *A Gazeta*, São Paulo, 15 dez. 1941.

Nota da pesquisa: trata de *Vocações da Unidade*, de Floriano Peixoto.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

366) E. C. [Edgard Cavalheiro]. Cândido Mota Filho. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 dez. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

367) CAVALHEIRO, Edgard. [*Duas cartas no meu destino*, de Sérgio Milliet]. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 20 dez. 1941.

Arquivo Rute Ginaque Duarte.

368) _____. Sentimento e razão. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 21 dez. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

369) E. C. [Edgard Cavalheiro]. Abner Mourão. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 dez. 1941.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

370) _____. Luiz da Câmara Cascudo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 dez. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

371) _____. Afonso Schmidt. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 dez. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

372) _____. Abguar Bastos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 dez. 1941.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

373) EDGAR CAVALIÉRE [Edgard Cavaleiro]. [Pensamento]. *O Governador*, Rio de Janeiro, [1941?].

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

374) E. C. [Edgard Cavaleiro]. Sérgio Milliet. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 jan. 1942.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

375) CAVALHEIRO, Edgard. No sítio do picapau amarelo. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 11 jan. 1942.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

376) E. C. [Edgard Cavaleiro]. Tristão de Athayde. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 jan. 1942.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

377) _____. Belmonte. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 jan. 1942.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

378) _____. E agora, que fazer? *A Gazeta*, São Paulo, 18 jan. 1942. Livros e autores.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

379) _____. Rubens do Amaral. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 jan. 1942.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

380) _____. Emiliano Di Cavalcanti. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jan. 1942.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

381) _____. Augusto Frederico Schmidt. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 fev. 1942.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

382) CAVALHEIRO, Edgard. Gato preto em campo de neve. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 1 fev. 1942.

Nota da pesquisa: trata de obra de Érico Veríssimo.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

383) _____. Os Estados Unidos de ontem e de hoje. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 8 fev. 1942.

Nota da pesquisa: texto republicado em 28 mar. 1942 em [s.n.:S.l.].

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

384) E. C. [Edgard Cavalheiro]. Arthur Ramos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 fev. 1942.
Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

385) CAVALHEIRO, Edgard. A trilogia do exílio. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 fev. 1942.

UNICAMP, IEL, CEDAE, Fundo Oswald de Andrade.

386) _____. Knut Hamsun e Rodrigues de Abreu. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 15 fev. 1942.

Nota da pesquisa: texto publicado, com modificações, em *Vanitas*, São Paulo, v. 4, n. 45, p. 7 e 47, dez. 1934.

UNICAMP, IEL, CEDAE, Fundo Oswald de Andrade.

387) E. C. [Edgard Cavalheiro]. Eduardo Frieiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 fev. 1942.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

388) _____. Sud Menucci. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 mar. 1942.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

389) _____. Manoelito de Ornellas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 mar. 1942.
Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

390) CAVALHEIRO, Edgard. Água-mãe. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 15 mar. 1942.
Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

391) E. C. [Edgard Cavalleiro]. João Alphonsus. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 mar. 1942.
Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

392) _____. João Alphonsus – Conclusão. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 mar. 1942.
Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

393) CAVALHEIRO, Edgard. Em busca do amor. [*Gazeta Magazine*, São Paulo?], 22 mar. 1942.
Nota da pesquisa: trata da biografia que Marie Jenney Howe fez de George Sand.
Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

394) _____. Os Estados Unidos de ontem e de hoje. [s.n.:S.l.], 28 mar. 1942.
Nota da pesquisa: texto publicado em 8 fev. 1942 em [*Gazeta Magazine*, São Paulo?].
Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

395) _____. [Sem título]. *Moscardo*, São Paulo, n. 688, p. 3, 16 maio 1942.
Nota da pesquisa: trata de inquéritos literários. Periódico anteriormente chamado *Il Moscone*.
Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=213535&PagFis=9245>
(acessado em 6 jul. 2011).

396) E. C. [Edgard Cavalleiro]. Oduvaldo Viana. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 mar. 1942.
Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

397) _____. Afonso Arinos de Melo Franco. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 abr. 1942.
Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

398) CAVALHEIRO, Edgard. Antonio Nobre e a morte. [*Leitura*, Rio de Janeiro?], 9 abr. 1942.

Arquivo Maria Helena Cavaleheiro.

399) E. C. [Edgard Cavaleheiro]. Pedro Calmon. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 abr. 1942.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

400) CAVALHEIRO, Edgard. Posição de Rui Barbosa. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 abr. 1942.

Arquivo Maria Helena Cavaleheiro.

401) E. C. [Edgard Cavaleheiro]. Renato de Almeida. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 abr. 1942.

Arquivo Maria Helena Cavaleheiro.

402) CAVALHEIRO, Edgard. Compreensão de Eça de Queirós. *Folha da Manhã*, São Paulo, 19 abr. 1942. A Colaboração Nacional.

Arquivo Maria Helena Cavaleheiro.

403) _____. O maior poeta do Brasil. [*Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo?], [1?] abr. 1942.

Nota da pesquisa: trata de Castro Alves.

Arquivo Maria Helena Cavaleheiro.

404) _____. Testamento de uma geração – Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Oswald de Andrade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 maio 1942.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

405) _____. Traduções e outros assuntos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 16 maio 1942. A Colaboração Nacional.

Arquivo Maria Helena Cavaleheiro.

406) E. C. [Edgard Cavalheiro]. Ascenso Ferreira. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 maio 1942.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

407) CAVALHEIRO, Edgard. No tempo de Bilac... [*Leitura*, Rio de Janeiro?], 21 maio 1942.

Nota da pesquisa: texto publicado em [1?] maio 1941 em [*Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo?].

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

408) E. C. [Edgard Cavalheiro]. Oswald de Andrade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 maio 1942.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

409) CAVALHEIRO, Edgard. A propósito de um dicionário. *Folha da Manhã*, São Paulo, 26 maio 1942. A Colaboração Nacional.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

410) _____. A quinta coluna no Brasil. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 jun. 1942. A Colaboração Nacional.

Nota da pesquisa: trata de livro homônimo publicado pelo Ten. Cel. Aurélio da Silva Py.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

411) _____. Ezequiel Freire: uma voz solitária. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, jun. 1942.

Nota da pesquisa: reproduz poema “O beijo da visão”, trechos dos poemas “Na roça” e “O saci” e o soneto “Fé e esperança”.

Academia Brasileira de Letras-RJ, Biblioteca Rodolfo Garcia.

412) _____. Guerra e literatura. *Folha da Manhã*, São Paulo, 8 jul. 1942. A Colaboração Nacional.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

413) _____. Lincoln e a democracia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 jul. 1942.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

414) _____. Pierre Van Paassen. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 ago. 1942.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

415) _____. Nietzsche e os alemães. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 ago. 1942. A Colaboração Nacional.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

416) _____. Apresentação de Thomas Mann. *Folha da Manhã*, São Paulo, 13 out. 1942.
Nota da pesquisa: texto republicado em 24 out. 1942, *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, e em [1] fev. 1943, em [*Brasilidade*, São Paulo?].
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

417) _____. Apresentação de Thomas Mann. *Dom Casmurro*, Rio de Janeiro, 24 out. 1942.
Nota da pesquisa: texto publicado em 13 out. 1942, na *Folha da Manhã*, de São Paulo, e republicado em [1] fev. 1943, em [*Brasilidade*, São Paulo?].
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

418) _____. O romance das vitaminas. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 nov. 1942.
Nota da pesquisa: texto republicado em [1?] jan. 1943, na *Folha de Manhã*, de São Paulo, e em 1950 no *Almanaque d'“O Pensamento”*, de São Paulo.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

419) _____. Bolívar – O cavaleiro da glória. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 nov. 1942.
Nota da pesquisa: texto publicado, com modificações, em [mar.?] 1943 em *Leitura*, do Rio de Janeiro, e em 1952 no *Almanaque d'“O Pensamento”*, de São Paulo.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

420) _____. História dos Estados Unidos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 dez. 1942.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

421) _____. Lobato, escritor infantil. *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 dez. 1942.
Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

422) _____. Plutarco: o pai da biografia. *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro, dez. 1942.

Nota da pesquisa: texto republicado em 1943 como capítulo de *Biografias e biógrafos*.

Academia Brasileira de Letras-RJ, Biblioteca Rodolfo Garcia.

423) _____. Testamento de uma geração. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, [1942].

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

424) _____. Uma reportagem na França ocupada. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 jan. 1943.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

425) _____. Folhas na Tempestade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 jan. 1943.

Nota da pesquisa: trata do romance de Lin Yutang traduzido por Ruth Monteiro Lobato.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

426) _____. Escritores norte-americanos e outros. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jan. 1943.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

427) _____. O romance das vitaminas. *Folha da Manhã*, São Paulo, [1?] jan. 1943.

Nota da pesquisa: texto publicado em 21 nov. 1942, na *Folha da Manhã*, de São Paulo, e republicado em 1950 no *Almanaque d'“O Pensamento”*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

428) _____. Homens e máquinas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 fev. 1943.

Nota da pesquisa: comenta *Tempos modernos*, de Carlitos. Texto republicado em 5 jun. 1943 em [*Radical*, São Paulo?].

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

429) _____. Apresentação de Thomas Mann. [*Brasilidade*, São Paulo?], [1] fev. 1943.

Nota da pesquisa: texto publicado em 13 out. 1942, na *Folha da Manhã*, de São Paulo, e em 24 out. 1942, em *Dom Casmurro*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

430) _____. O romancista Archibald J. Cronin. *Vamos Ler!*, Rio de Janeiro, 4 mar. 1943.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

431) _____. Notas sobre Fagundes Varela. *Atlântico: Revista luso-brasileira*, Lisboa-Rio de Janeiro, 15 mar. 1943.
USP, FFLCH, Biblioteca Florestan Fernandes, Seção de Periódicos.

432) _____. Cavaleiro da glória e da liberdade. *Leitura*, Rio de Janeiro, [mar.?] 1943.
Nota da pesquisa: trata de livro homônimo de Emil Ludwig, sobre Simon Bolívar. Texto publicado, com modificações, em 26 nov. 1942 em *O Estado de S. Paulo*, de São Paulo, e em 1952 no *Almanaque d'“O Pensamento”*, de São Paulo.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

433) _____. Monteiro Lobato e as crianças – parte 1. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 maio 1943.
Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

434) _____. Monteiro Lobato e as crianças – parte 2. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 maio 1943.
Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

435) _____. Homens e máquinas. [*Radical*, São Paulo?], 5 jun. 1943.
Nota da pesquisa: comenta *Tempos modernos*, de Carlitos. Texto publicado em 4 fev. 1943 em *O Estado de S. Paulo*, de São Paulo.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

436) _____. O maltratado gênero. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 28 ago. 1943.
USP, ECA, Biblioteca.

437) _____. Um inédito de Euclides da Cunha. *Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo, [1] set. 1943.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

438) E. C. [Edgard Cavalheiro]. [Auta de Souza]. [Rotogravura *O Estado de S. Paulo*, São Paulo?], [1?] set. 1943.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

439) CAVALHEIRO, Edgard. Há vinte e cinco anos – parte 1. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 set. 1943.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

440) _____. Há vinte e cinco anos – parte 2. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 set. 1943.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

441) _____. Há vinte e cinco anos – parte 3. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 set. 1943.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

442) _____. Dois romances. [Folha da Manhã, São Paulo?], 12 set. 1943.

Nota da pesquisa: trata de Jorge Amado e José Geraldo Vieira.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

443) _____. Plataforma da nova geração. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 set. 1943.

Nota da pesquisa: resposta ao inquérito promovido por Mário Neme para *O Estado de S. Paulo*.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

444) _____. O universal Maupassant. *Leitura*, Rio de Janeiro, [1?] set. 1943.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

445) _____. Há vinte e cinco anos. [Leitura, Rio de Janeiro?], [1?] [set.?] 1943.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

446) _____. Mário de Andrade cronista. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 out. 1943.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

447) _____. Escritores norte-americanos e outros. *Leitura*, Rio de Janeiro, [1943].
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

448) _____. Crônicas e cronistas. *A Gazeta*, São Paulo, [1943].

Nota da pesquisa: texto publicado, com modificações, a 29 maio 1938 em *A Folha*, de Espírito Santo do Pinhal-SP.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

449) _____. Os livros da quinzena; Notícias diversas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 8 abr. 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

450) _____. Abertura; Livros da quinzena; Juízo final; Notícias diversas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 22 abr. 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

451) _____. Intenções, interpretações, etc. *Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 maio 1944.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

452) _____. Abertura; Livros da quinzena; Grandes católicos; A vida boêmia de Paula Nei; Notícias diversas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 6 maio 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

453) _____. Abertura; Revistas; Notícias diversas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 20 maio 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

454) _____. Jorge Amado; O livro da quinzena; Notícias diversas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 10 jun. 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

455) _____. Guilherme Figueiredo; Livros da quinzena. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 24 jun. 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

456) _____. [Sem título]. *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, jun. 1944.

Nota da pesquisa: trata de Lasar Segall.

USP, IEB, Biblioteca.

457) _____. Livros da quinzena; Notícias diversas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 8 jul. 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

458) _____. Um livro de ensaios; “Tempo” de Guilherme de Almeida; Polêmica; Notícias diversas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 22 jul. 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

459) _____. “Memórias” de Monteiro Lobato – 1. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 jul. 1944.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

460) _____. “Memórias” de Monteiro Lobato – 2. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 jul. 1944.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

461) _____. Nelson Rodrigues; A voz do grande rio; Notícias diversas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 5 ago. 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

462) _____. A missão dos escritores. *Folha da Manhã*, São Paulo, 17 ago. 1944.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

463) _____. “Diário de Crítica”, de Milliet; ABDE; APL; União Cultural Brasil-Estados Unidos; Bibliotecas. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 19 ago. 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

464) _____. O rumoroso caso dos pocket-books. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 23 set. 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

465) _____. Lobato, a Academia e a Veneta. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 out. 1944.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

466) _____. Meus contos nasceram comigo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 7 out. 1944.

USP, ECA, Biblioteca.

467) _____. Traduções. *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 out. 1944.

Arquivo Luís Carlos Cavalheiro

468) _____. O general Curzon e o coronel Bramble. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 out. 1944.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

469) _____. Lobato, um homem de “veneta”. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 21 out. 1944.

Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

470) _____. William Berrien de Almeida e Silva. *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 out. 1944.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

471) _____. Joaquim Inácio da Fonseca Saraiva; O livro da quinzena; Noticiário. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 11 nov. 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

472) _____. Obras completas de Mário de Andrade; Noticiário. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 25 nov. 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

473) _____. Um drama inédito de Fagundes Varela. *Clima*, São Paulo, nov. 1944.

Nota da pesquisa: trata da peça *A morte do capitão-mór*.

USP, FFLCH, CAPH, Arquivo Aziz Simão.

474) _____. Os intelectuais e o futebol. *Arakan*, [S.l.], nov. 1944.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

475) _____. Os críticos de S. Paulo; O livro da quinzena; Noticiário. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 30 dez. 1944. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

476) _____. Teatro bom, plateia má; Livro da quinzena; Noticiário. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 27 jan. 1945. Correio literário de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

477) _____. O professor Fernando de Azevedo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 10 mar. 1945. Correio literário de São Paulo.

USP, IEB, Arquivo Fernando de Azevedo.

478) _____. Formando bibliotecários. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 24 mar. 1945. Correio literário de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

479) _____. Confissões de Mário de Andrade. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 7 abr. 1945.

USP, ECA, Biblioteca.

480) _____. O endeusamento do chefe... [*Jornal de São Paulo*, São Paulo?], 15 abr. 1945.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

481) _____. Bibliotecas infantis. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 12 maio 1945. Correio literário de São Paulo.

Nota da pesquisa: trata da inauguração da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato. USP, ECA, Biblioteca.

482) _____. Uma universidade popular. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 26 maio 1945. Correio literário de São Paulo.

Nota da pesquisa: trata da organização da “Universidade Popular”, iniciativa da ABDE como fruto do III Congresso Brasileiro de Escritores. USP, ECA, Biblioteca.

483) _____. Produção literária de 1945 – parte 1. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 9 jun. 1945. Correio literário de São Paulo.

Nota da pesquisa: comenta a produção literária de 1945 e também sobre críticos e cronistas. USP, ECA, Biblioteca.

484) _____. Produção literária de 1945 – parte 2. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 23 jun. 1945. Correio literário de São Paulo.

Nota da pesquisa: continua tratando da produção literária de 1945. USP, ECA, Biblioteca.

485) _____. Produção literária de 1945 – parte 3. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 14 jul. 1945. Correio literário de São Paulo.

Nota da pesquisa: continua tratando da produção literária de 1945. USP, ECA, Biblioteca.

486) _____. Divulgação cultural. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 28 jul. 1945. Correio literário de São Paulo.

Nota da pesquisa: trata das atividades do Departamento de Cultura de São Paulo e noticiário. USP, ECA, Biblioteca.

487) _____. [Garcia Lorca]. *Revista Viver*, [S.l.], jul. 1945. Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

488) _____. Evolução do conto brasileiro – I. *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 ago. 1945.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

489) _____. O concurso da ABDE. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 25 ago. 1945. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

490) _____. Evolução do conto brasileiro – II. *Folha da Manhã*, São Paulo, 30 ago. 1945.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

491) _____. Evolução do conto brasileiro. *Boletim Bibliográfico – Biblioteca Municipal Mário de Andrade*, São Paulo, jul./ago. 1945.

Arquivo Vladimir Sacchetta.

492) _____. Concurso decepcionante. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 8 set. 1945. Correio literário de São Paulo.

Nota da pesquisa: trata de concurso para provimento de cadeira na FFCL USP.

USP, ECA, Biblioteca.

493) _____. Evolução do Conto Brasileiro – III. *Folha da Manhã*, São Paulo, 13 set. 1945.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

494) _____. Um curso sobre Balzac. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 set. 1945.

Nota da pesquisa: trata de Paulo Rónai.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

495) _____. Lembranças de Belmiro Braga. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 1945.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

496) _____. Evolução do Conto Brasileiro – IV. *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 set. 1945.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

497) _____. 4 opiniões sobre “A viagem”. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 29 set. 1945.
USP, ECA, Biblioteca.

498) _____. Evolução do Conto Brasileiro – V (Conclusão). *Folha da Manhã*, São Paulo, 30 set. 1945.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

499) _____. Congresso infantil. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 13 out. 1945. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

500) _____. Semana de Balzac. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 24 nov. 1945.

USP, ECA, Biblioteca.

501) _____. A exportação de livros brasileiros. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 12 jan. 1946. Correio literário de São Paulo.

USP, ECA, Biblioteca.

502) _____. Carolina, de Theodore Dreiser. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 23 mar. 1946.

USP, ECA, Biblioteca.

503) _____. O conto. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 13 abr. 1946.

USP, ECA, Biblioteca.

504) _____. [Sem título]. *Atualidades literárias*, São Paulo, 1 jul. 1946.

Nota da pesquisa: trata de *Uma tragédia americana*, de Theodore Dreiser, livro em discussão na Sociedade Livro-do-Mês.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

505) _____. Francisco Glicério, autodidata, foi um produto do próprio esforço. *A Noite*, São Paulo, 14 ago. 1946.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

506) _____. Glicério – o propagandista da República. *Folha da Manhã*, São Paulo, 15 ago. 1946.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

507) _____. Francisco Glicério – campeão da República. *Folha da Manhã*, São Paulo, 18 ago. 1946.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro

508) _____. Notas sobre Francisco Glicério. *Diário do Povo*, Campinas, 31 ago. 1946.

Nota da pesquisa: texto republicado em 1 set. 1946 em *A Tribuna*, de Santos.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

509) _____. Notas sobre Francisco Glicério. *A Tribuna*, Santos, 1 set. 1946.

Nota da pesquisa: texto publicado em 31 ago. 1946 em *Diário do Povo*, de Campinas.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

510) _____. O público não quer livros baratos. *Atualidades literárias*, São Paulo, 1 set. 1946.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

511) _____. Francisco Glicério. *A Cidade*, [Cayobi?], 8 set. 1946.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

512) _____. Castro Alves soube interpretar os anseios e as aspirações do seu povo. *Hoje*, [S.l.], 21 set. 1946.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

513) _____. Variações sobre o livro popular e o livro barato. *Atualidades literárias*, São Paulo, 1 out. 1946.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

514) _____. [Sem título]. *Atualidades literárias*, São Paulo, 1 out. 1946.

Nota da pesquisa: sugere obra para a Sociedade Livro-do-Mês: *Esta geração perdida*, de Max Dickman.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

515) _____. O preço dos livros. *Correio Paulistano*, São Paulo, 2 out. 194[6?].

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

516) _____. “Garcia Lorca” – Edgard Cavaleiro. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 6 out. 1946.

Arquivos implacáveis de João Condé.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

517) _____. A vida anedótica de John Barrymore. *Folha da Manhã*, São Paulo, 6 out. 1946.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

518) _____. “Entre o amor e o pecado” foi classificado como livro do mês... [s.n.:S.l.], [out.?] 1946.

Nota da pesquisa: justifica voto em concurso da Sociedade Livro-do-Mês.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

519) _____. Omelete em Bombaim. *Folha da Manhã*, São Paulo, 3 nov. 1946.

Nota da pesquisa: texto republicado em abr. 1947 em *Leitura*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

520) _____. Falando claro. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 21 dez. 1946.

USP, ECA, Biblioteca.

521) _____. Uma ideia em marcha. *Província de São Pedro*, Porto Alegre, dez. 1946.

USP, FFLCH, Biblioteca Florestan Fernandes.

522) _____. [Sem título]. *Atualidades literárias*, São Paulo, 1 jan. 1947.

Nota da pesquisa: trata de biografia de Irvin Stone, livro em discussão na Sociedade Livro-do-Mês.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

523) _____. Medeiros e Albuquerque. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 25 jan. 1947.

USP, ECA, Biblioteca.

524) _____. Castro Alves. *A Tribuna*, Santos, 14 mar. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

525) _____. Omelete em Bombaim. *Leitura*, Rio de Janeiro, abr. 1947.

Nota da pesquisa: texto publicado em 3 nov. 1946 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

526) _____. Editores e autores. *Boletim da Câmara Brasileira do Livro*, São Paulo, jul. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

527) _____. Congresso Ibero-Americano de Editores. *Revista Industrial de São Paulo*, São Paulo, [2?] ago. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

528) _____. Alexandre Cassona. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 410, p. 2, 23 ago. 1947.

Nota da pesquisa: texto republicado em 31 ago. 1947 no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

529) _____. Alexandre Cassona. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 31 ago. 1947.

Nota da pesquisa: texto publicado em 23 ago. 1947 no *Jornal de Notícias*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

530) _____. Romantismo: origens e conceitos – I: o adjetivo bem fadado. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 set. 1947.

Nota da pesquisa: texto republicado a 18 out. 1947 no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

531) _____. A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto – parte 1. *Folha da Manhã*, São Paulo, 14 set. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

532) _____. Abelardo Cerqueira César. *Correio Paulistano*, São Paulo, 16 set. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

533) _____. A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto – parte 2. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 set. 1947.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

534) _____. Um projeto errado. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 set. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

535) _____. A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto – parte 3. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 set. 1947.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

536) _____. Editores e autores. *Atualidades Literárias*, São Paulo, 1 out. 1947. Começo de Conversa.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

537) _____. Romantismo: origens e conceitos – II: os pré-românticos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 out. 1947.

Nota da pesquisa: texto republicado em 26 out. 1947 no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

538) _____. Romantismo – o adjetivo bem fadado. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 18 out. 1947.

Nota da pesquisa: texto publicado em 7 set. 1947 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

539) _____. Romantismo: origens e conceitos – III: que é Romantismo? *Folha da Manhã*, São Paulo, 19 out. 1947.

Nota da pesquisa: texto republicado em 2 nov. 1947 no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

540) _____. Quando os tempos eram outros. *Correio Paulistano*, São Paulo, 19 out. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

541) _____. Embaixadores no Prata. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 462, p. 2-9, 23 out. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

542) _____. Romantismo – II: os pré-românticos. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 26 out. 1947.

Nota da pesquisa: texto publicado em 5 out. 1947 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

543) _____. A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto – parte 1. *O Jornal*, Rio de Janeiro, [26?] [out.?] 1947. Documentário.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

544) _____. Direitos autorais e outros assuntos. *Correio Paulistano*, São Paulo, 31 out. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

545) _____. Esplendor e decadência de John Barrymore. *Leitura*, Rio de Janeiro, out. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

546) _____. André Maurois. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 nov. 1947.

Nota da pesquisa: texto publicado em 1943 como capítulo de *Biografias e biógrafos*. Texto publicado, com modificações, em 28 maio 1941 em *O Estado de S. Paulo*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

547) _____. Romantismo – III: que é Romantismo? *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 nov. 1947.

Nota da pesquisa: texto publicado em 19 out. 1947 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

548) _____. A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto – parte 2. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 2 nov. 1947. Documentário.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

549) _____. A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto – parte 3. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 nov. 1947. Documentário.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

550) _____. Manuel Antônio de Almeida. *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 nov. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

551) _____. O pai do Romantismo brasileiro – parte 1. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 23 nov. 1947.

Nota da pesquisa: texto republicado em 7 dez. 1947 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

552) _____. O pai do Romantismo brasileiro – parte 2. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 30 nov. 1947.

Nota da pesquisa: texto republicado em 14 dez. 1947 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

553) _____. A primeira grande voz do nosso Romantismo. *Correio Paulistano*, São Paulo, 30 nov. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

554) _____. O pai do Romantismo brasileiro – parte 1. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 dez. 1947.

Nota da pesquisa: texto publicado em 23 nov. 1947 no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

555) _____. O pai do Romantismo brasileiro – parte 2. *Folha da Manhã*, São Paulo, 14 dez. 1947.

Nota da pesquisa: texto publicado em 30 nov. 1947 no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

556) _____. Um homem útil. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 488, p. 2, 22 dez. 1947.

Nota da pesquisa: trata de Agripino Grieco. Texto publicado em 4 nov. 1934 em *A Nação*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

557) _____. Uma aventura maravilhosa. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 dez. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

558) _____. “Presença de Anita”, uma estreia no romance. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 dez. 1947.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

559) _____. Dorival Caymmi. *Folha da Manhã*, São Paulo, 1 jan. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

560) _____. Biógrafo versus biografado. *Correio Paulistano*, São Paulo, 16 jan. 1948.

Nota da pesquisa: trata da biografia de Bernard Shaw escrita por Frank Harris.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

561) _____. Balanço de 47. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 539, p. 2-4, 23 jan. 1948.
UFMG, CEL, AEM, Inventário Murilo Rubião.

562) _____. Uma estreia no romance. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 24 jan. 1948.
USP, ECA, Biblioteca.

563) _____. A literatura infantil de Monteiro Lobato. *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 jan. 1948.
Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

564) _____. Língua portuguesa ou brasileira? *Folha da Manhã*, São Paulo, 8 fev. 1948.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

565) _____. Biógrafo versus biografado. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 21 fev. 1948.
USP, ECA, Biblioteca.

566) _____. Notas sobre Mário de Andrade. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 fev. 1948.
Nota da pesquisa: compara duas edições de *Amar*, verbo intransitivo. Texto republicado em 12 set. 1948.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

567) _____. Gandhi. [s.n.:S.I.], 25 fev. 1948.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

568) _____. O livro em crise. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 569, p. 2, 28 fev. 1948.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

569) _____. Um intérprete de Balzac. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 29 fev. 1948.
Nota da pesquisa: trata de Paulo Rónai. Texto republicado em 21 mar. 1948 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

570) _____. O Manifesto Republicano de 1870. [s.n.:S.l.], 2 mar. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

571) _____. O livro, esse desprezado... *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 mar. 1948.

Nota da pesquisa: texto difere do publicado com o mesmo título em jan. 1956 em *Atualidades Pedagógicas*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

572) _____. Um intérprete de Balzac. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 mar. 1948.

Nota da pesquisa: trata de Paulo Rónai. Texto publicado em 29 fev. 1948 no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

573) _____. As duas inconfidências. *Correio Paulistano*, São Paulo, 23 mar. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

574) _____. Júlio Verne. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 592, p. 2, 26 mar. 1948.

Nota da pesquisa: trata de livro de George Waltz Júnior. Texto republicado em 4 jul. 1948 no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

575) _____. O livro – um sério problema – parte 1. *Folha da Manhã*, São Paulo, 31 mar. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

576) _____. O livro – um sério problema – parte 2 – conclusão. *Folha da Manhã*, São Paulo, 1 abr. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

577) _____. O livro em crise. *Atualidades Literárias*, São Paulo, 1 abr. 1948. Os problemas do livro brasileiro.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

578) _____. Infância e mocidade de Glicério – parte 1. *Correio Paulistano*, São Paulo, 2 abr. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

579) _____. Cuillén, o cubano. *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 abr. 1948.

Nota da pesquisa: trata de Nicolas Guillén, grafado incorretamente no título. Texto republicado em 18 abr. 1948 na *Folha do Norte*, de Belém.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

580) _____. Guillén, o cubano. *Folha do Norte*, Belém, 18 abr. 1948.

Nota da pesquisa: texto publicado em 11 abr. 1948 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

581) _____. Infância e mocidade de Glicério – parte 2. *Correio Paulistano*, São Paulo, 28 abr. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

582) _____. As crianças escrevem para Monteiro Lobato. *Panorama: arte e literatura*, Belo Horizonte, abr. 1948.

UNICAMP, IEL, CEDAE, Fundo Monteiro Lobato.

583) _____. Suas últimas palavras... *Folha da Manhã*, São Paulo, 16 maio 1948.

Nota da pesquisa: texto republicado em 31 jul. 1949 no *Jornal da Manhã*, do Rio de Janeiro.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

584) _____. Cinema e arte. *Jornal de Notícias*, São Paulo, 18 maio 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

585) _____. Tavares Bastos. *Correio Paulistano*, São Paulo, 25 maio 1948.

Nota da pesquisa: texto republicado, com modificações, em 15 ago. 1948 no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

586) _____. O poeta Cepelos. *Folha da Manhã*, São Paulo, 6 jun. 1948.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

587) _____. Notas sobre D. Pedro II. [s.n.:S.l.], 11 jun. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

588) _____. “Hamlet” e o teatro brasileiro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 20 jun. 1948.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

589) _____. [Sem título]. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 jun. 1948.

Nota da pesquisa: trata da morte de Monteiro Lobato.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

590) _____. Alberto Rangel; Tobias Barreto; Romances nacionais; Madame Curie; Peregrino Júnior; Poesia à venda. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 jul. 1948. Caderno de Leitura.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

591) _____. Júlio Verne. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 4 jul. 1948.

Nota da pesquisa: trata de livro de George Waltz Júnior. Texto publicado em 26 mar. 1948 no *Jornal de Notícias*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

592) _____. A propósito de Lincoln. *Correio Paulistano*, São Paulo, 6 jul. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

593) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 8 jul. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Stabat Mater e Debussy.

Arquivo Luís Carlos Cavaleiro.

594) _____. Maupassant de corpo inteiro. *Correio Paulistano*, São Paulo, 9 jul. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

595) _____. A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto – parte 1. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 10 jul. 1948.

USP, ECA, Biblioteca.

596) _____. Lembranças de Monteiro Lobato. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, n. 7887, p. 25, 11 jul. 1948.

Nota da pesquisa: nota na edição de 1959 de *Urupês* aponta *Folha da Manhã* como veículo desse artigo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

597) _____. A última lição de Mestre Lobato. *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 jul. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

598) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 15 jul. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Gluck e Mozart.

Arquivo Luís Carlos Cavaleiro.

599) _____. Presença de Antonio Nobre. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 686, p. 2, 16 jul. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

600) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 jul. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Compay.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

601) _____. A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto – parte 2. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 24 jul. 1948.

USP, ECA, Biblioteca.

602) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 29 jul. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Wagner e Rousseau.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

603) _____. Vida de Sarmiento. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, jul. 1948. Serviu à Humanidade.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

604) _____. Afinal, quem somos? *Folha da Manhã*, São Paulo, 1 ago. 1948.

Nota da pesquisa: trata de livro espírita homônimo de Pedro Granja.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

605) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 ago. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Strauss.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

606) _____. A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto – parte 3. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 7 ago. 1948.

USP, ECA, Biblioteca.

607) _____. Viajantes e sedentários. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 709, p. 2, 12 ago. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

608) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 ago. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando M. Anderson.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

609) _____. Caminhos de Israel. *Folha da Manhã*, São Paulo, 15 ago. 1948.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

610) _____. Tavares Bastos. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 15 ago. 1948.

Nota da pesquisa: texto publicado, com modificações, em 25 maio 1948 no *Correio Paulistano*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

611) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 19 ago. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Vivaldi e Haydn.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

612) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 26 ago. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Saint-Saens, Berlioz e Smetana.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

613) _____. Judeus pródigos e judeus sem dinheiro. *Folha da Manhã*, São Paulo, 29 ago. 1948.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

614) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 set. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Duke Ellington, Erskine Hawkins, Benny Goodman, NBC's Chamber Music, Nat King Cole e Dorival Caymmi.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

615) _____. O professor Sud. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 731, p. 2, 7 set. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

616) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 9 set. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Beethoven e Tchaikovsky.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

617) _____. Reminiscência de Mário de Andrade. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 12 set. 1948.

Nota da pesquisa: compara duas edições de *Amar, verbo intransitivo*. Texto publicado em 22 fev. 1948 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

USP, IEB, Arquivo Carlos Alberto Passos.

618) _____. “Nem tudo que reluz é ouro”. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 set. 1948.

Nota da pesquisa: trata de obra de Nelson Palma Travassos.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

619) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 16 set. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Romeu e Julieta, Sebastian e Dvorak.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

620) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 set. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Der Rosenkavalier e La Damnation of Faust.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

621) _____. Cinquentenário de Sérgio Milliet. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 750, p. 2-4, 30 set. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

622) _____. As crianças escrevem para Monteiro Lobato. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 3 out. 1948.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

623) _____. Morte de Lobato. *Folha da Manhã*, São Paulo, 6 out. 1948.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

624) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 out. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Rex Ellington, Count Basie e Louis Armstrong.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

625) _____. Do livro e da propaganda; Realidade ou mito?. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 out. 1948. Caderno de Leitura.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

626) _____. Licença prévia, tarifas postais e outras tristezas. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 out. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

627) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 14 out. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando obras de pequena extensão.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

628) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 out. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Rossini e Wagner.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

629) _____. Emil Ludwig – conceito e método na biografia. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 out. 1948.

Nota da pesquisa: texto publicado, com modificações, em 6 ago. 1939 (*Folha da Manhã*, de São Paulo), 16 set. 1939 (*Revista do Globo*, de Porto Alegre), 14 maio 1941 (*O Estado de S. Paulo*, de São Paulo) e em 1943 (como capítulo de *Biografias e biógrafos*), sendo idênticos os primeiros dois citados.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

630) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 out. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Mozart, Ambroise Thomaz e Toscanini.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

631) _____. Edison: servidor da humanidade. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, out. 1948.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

632) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 4 nov. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Debussy e Respighi.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

633) _____. Futebol e literatura. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 nov. 1948.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

634) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 nov. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Zequinha de Abreu, Francisco Alves e Vicente Celestino.
Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

635) _____. O velho Braga. *Folha da Manhã*, São Paulo, 14 nov. 1948.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

636) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 18 nov. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Sir Thomas Beecham e Toscanini.
Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

637) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 nov. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Stravinsky e Nijinsky.
Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

638) _____. Correspondência de Mário; Machado e o teatro; Obras completas; Vida em tormento. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 nov. 1948. Caderno de Leitura.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

639) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 dez. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Blitzstein, Virgil Thomson, Leonard Bernstein.
Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

640) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 9 dez. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Bach.
Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

641) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 16 dez. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando fados.
Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

642) _____. O velho Bertaso. *Folha da Manhã*, São Paulo, 20 dez. 1948.

Nota da pesquisa: texto republicado em maio 1953 no *Jornal de Letras*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

643) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 23 dez. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando canções de Natal.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

644) _____. Livros e censura. *Folha da Manhã*, São Paulo, 29 dez. 1948.

Nota da pesquisa: texto republicado em 2 jan. 1949 no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

645) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 30 dez. 1948.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Verdi e Rossini.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

646) _____. História de Luiz Gama: o negrinho que foi vendido como escravo. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, dez. 1948. Exemplos que ficam.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

647) _____. O caso Jorge de Lima. *Revista Acadêmica*, Rio de Janeiro, dez. 1948.

Biblioteca Municipal Mário de Andrade.

648) _____. Livros e censura. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 2 jan. 1949.

Nota da pesquisa: texto publicado em 29 dez. 1948 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

649) _____. Ainda o perigo da censura. *Folha da Manhã*, São Paulo, 6 jan. 1949.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

650) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 6 jan. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Haydn, Corelli e Mozart.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

651) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 13 jan. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Mozart, Beethoven e Ravel.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

652) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 20 jan. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Handel.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

653) _____. Seleção de dezembro. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 22 jan. 1949.

USP, ECA, Biblioteca.

654) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 jan. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Jean Sablon, Maurice Chevalier.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

655) _____. Através dos romances. *Folha da Manhã*, São Paulo, 30 jan. 1949.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

656) _____. [Sem título]. *Atualidades Literárias*, São Paulo, 1 fev. 1949.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

657) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 3 fev. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Villa-Lobos.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

658) _____. Reembolso postal. *Folha da Manhã*, São Paulo, 5 fev. 1949.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

659) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 fev. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando canções populares brasileiras.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

660) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 17 fev. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Stravinsky e Aaron Copland.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

661) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 fev. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Bach, Mozart e Beethoven.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

662) _____. Algumas estreias de 1948. *Folha da Manhã*, São Paulo, 27 fev. 1949.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

663) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 3 mar. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Mozart.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

664) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 mar. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando música italiana.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

665) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 17 mar. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Chopin.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

666) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 mar. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando compositores soviéticos.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

667) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 31 mar. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando composições curtas.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

668) _____. Departamento de Cultura. *Folha da Manhã*, São Paulo, 2 abr. 1949.

Nota da pesquisa: trata da posse de José de Barros Martins.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

669) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 7 abr. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando quartetos.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

670) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 14 abr. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando lançamentos internacionais.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

671) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 21 abr. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando lançamentos nacionais.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

672) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 28 abr. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Manuel de Falla, Saint-Saens e Schubert.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

673) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 12 maio 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando prêmios musicais.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

674) _____. Discoteca. *Folha da Manhã*, São Paulo, 26 maio 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando cantores franceses.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

675) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 978, p. 7, 2 jul. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Alban Berg e Stravinsky.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=9818>
(acessado em 6 jul. 2011).

676) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 984, p. 7, 9 jul. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Mozart, Debussy e Ravel.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=9894>
(acessado em 6 jul. 2011).

677) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 996, p. 7, 23 jul. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Beethoven.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=10038>
(acessado em 6 jul. 2011).

678) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1002, p. 7, 30 jul. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Brahms.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=10112>
(acessado em 6 jul. 2011).

679) _____. Suas últimas palavras... *Jornal da Manhã*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1949.

Nota da pesquisa: texto publicado em 16 maio 1948 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

680) _____. Uma trágica estudantada. *Investigações: Revista do Departamento de Investigações*, São Paulo, jul. 1949.

Nota da pesquisa: artigo publicado também como separata em 1949 (v. Separatas).

Biblioteca Dr. Virgílio do Nascimento, Academia de Polícia de São Paulo.

681) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1008, p. 7, 6 ago. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Haydn.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=10186>
(acessado em 6 jul. 2011).

682) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1014, p. 7, 13 ago. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Haydn.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=10262>
(acessado em 6 jul. 2011).

683) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1020, p. 7, 20 ago. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Gounod.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=10338>
(acessado em 6 jul. 2011).

684) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1026, p. 7, 27 ago. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Chopin.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=10414>
(acessado em 6 jul. 2011).

685) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1032, p. 7, 3 set. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Debussy.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=10490>
(acessado em 6 jul. 2011).

686) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1037, p. 7, 10 set. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Debussy.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=10554>
(acessado em 6 jul. 2011).

687) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1043, p. 7, 17 set. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando quartetos de Beethoven – parte 1.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=10630>
(acessado em 6 jul. 2011).

688) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1049, p. 7, 24 set. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando quartetos de Beethoven – parte 2.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=10706>
(acessado em 6 jul. 2011).

689) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1055, p. 7, 1 out. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando quartetos de Beethoven – parte 3.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=10782>
(acessado em 6 jul. 2011).

690) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1061, p. 7, 8 out. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Ravel e Scarlatti.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=10854>
(acessado em 6 jul. 2011).

691) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1067, p. 7, 15 out. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Mussorgsky.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=10928>
(acessado em 6 jul. 2011).

692) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1073, p. 7, 22 out. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Sibelius e Beethoven.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=11002>
(acessado em 6 jul. 2011).

693) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1079, p. 7, 29 out. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Handel.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=11076>
(acessado em 6 jul. 2011).

694) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1084, p. 5, 5 nov. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Mozart.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=11134>
(acessado em 6 jul. 2011).

695) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1090, p. 7, 12 nov. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Felix Mendelssohn.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=11208>
(acessado em 6 jul. 2011).

696) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1095, p. 7, 19 nov. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Chopin.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=11272>
(acessado em 6 jul. 2011).

697) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1101, p. 7, 26 nov. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Goethe.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=11346>
(acessado em 6 jul. 2011).

698) _____. Tietê. [s.n.:S.I.], [1?] nov. 1949.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

699) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1107, p. 7, 3 dez. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Schumann, Mendelssohn, Mozart, Debussy, Chopin, Bach e Vivaldi.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=11420>
(acessado em 6 jul. 2011).

700) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1113, p. 7, 10 dez. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando concertos.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=11492>
(acessado em 6 jul. 2011).

701) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1119, p. 7, 17 dez. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Tchaikovsky.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=11568>
(acessado em 6 jul. 2011).

702) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1125, p. 7, 24 dez. 1949.

Nota da pesquisa: artigo focalizando cantos de Natal.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=11644>
(acessado em 6 jul. 2011).

703) _____. A geração de Bilac. *Almanaque d'“O Pensamento”*, São Paulo, 1949.

Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

704) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1137, p. 5, 7 jan. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Beethoven, Handel, Wagner e Grieg.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=11792>
(acessado em 6 jul. 2011).

705) _____. Telefonema a Oswald de Andrade. *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 jan. 1950.

Nota da pesquisa: artigo de autoria coletiva em homenagem ao 60º aniversário de O. A.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

706) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1143, p. 7, 14 jan. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Villa-Lobos.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=11868>
(acessado em 6 jul. 2011).

707) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1149, p. 7, 21 jan. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Beethoven.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=11946>
(acessado em 6 jul. 2011).

708) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1154, p. 7, 28 jan. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando sonatas de Beethoven.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=12002>
(acessado em 6 jul. 2011).

709) _____. Unhas de fascistas? *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1155, p. 12-18, 29 jan. 1950.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

710) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1160, p. 7, 4 fev. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Beethoven.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=12078>
(acessado em 6 jul. 2011).

711) _____. Os melhores. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1161, p. 13-14, 5 fev. 1950.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

712) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1166, p. 7, 11 fev. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Beethoven.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=12158>
(acessado em 6 jul. 2011).

713) _____. Românticos – menores e maiores. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1167, p. 13, 12 fev. 1950.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

714) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1172, p. 7, 18 fev. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Beethoven.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=12236>
(acessado em 6 jul. 2011).

715) _____. Grandes poetas românticos do Brasil. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1173, p. 14-19, 19 fev. 1950.

Arquivo Maria Helena Cavalleiro.

716) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1177, p. 7, 25 fev. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Beethoven.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=12298>
(acessado em 6 jul. 2011).

717) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1183, p. 7, 4 mar. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Beethoven.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=12382>
(acessado em 6 jul. 2011).

718) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1189, p. 7, 11 mar. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Villa-Lobos.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=12464>
(acessado em 6 jul. 2011).

719) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1195, p. 7, 18 mar. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Chopin.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=12546>
(acessado em 6 jul. 2011).

720) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1201, p. 7, 25 mar. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Stravinsky, Prokofieff e Bartók.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=12628>
(acessado em 6 jul. 2011).

721) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1207, p. 7, 1 abr. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Brahms.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=12712>
(acessado em 6 jul. 2011).

722) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1212, p. 7, 7 abr. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando réquiens.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=12784>
(acessado em 6 jul. 2011).

723) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1218, p. 5, 15 abr. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Manuel de Falla.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=12868>
(acessado em 6 jul. 2011).

724) _____. No centenário de Ezequiel Freire – parte 1. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1219, p. 17-18, 16 abr. 1950.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

725) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1230, p. 7, 29 abr. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando os melhores lançamentos em discos.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=13032>
(acessado em 6 jul. 2011).

726) _____. No centenário de Ezequiel Freire – parte 2. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1231, p. 17-18, 30 abr. 1950.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

727) _____. A história de Charles Dickens. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, abr. 1950.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

728) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1236, p. 7, 6 maio 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Paul Hindemith.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=13112>
(acessado em 6 jul. 2011).

729) _____. Casimiro de Abreu. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1237, p. 17-18, 7 maio 1950.

Nota da pesquisa: texto republicado em 14 maio 1950 em *A Manhã*, do Rio de Janeiro.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

730) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1242, p. 7, 13 maio 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Bach.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=13194>
(acessado em 6 jul. 2011).

731) _____. A poesia de Casimiro de Abreu. *A Manhã*, Rio de Janeiro, 14 maio 1950.

Nota da pesquisa: texto publicado em 7 maio 1950 no *Jornal de Notícias*, de São Paulo.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

732) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1248, p. 7, 20 maio 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Pietro Mascagni.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=13276>
(acessado em 6 jul. 2011).

733) _____. Literatura brasileira. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1249, p. 17, 21 maio 1950.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

734) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1254, p. 7, 27 maio 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Addinsell, Bartók, Moszkowski, Strauss, Galuppi, Ravel e Tartini.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=13356>
(acessado em 6 jul. 2011).

735) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1272, p. 7, 17 jun. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Giovanni Battista Pergolesi.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=13604>
(acessado em 6 jul. 2011).

736) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1278, p. 7, 24 jun. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Bach.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=13682>
(acessado em 6 jul. 2011).

737) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1283, p. 7, 1 jul. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Dvorak e Smetana.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=13756>
(acessado em 6 jul. 2011).

738) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1290, p. 7, 8 jul. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Academia Charles Cross.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=13840>
(acessado em 6 jul. 2011).

739) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1302, p. 7, 22 jul. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Berlioz e Bartók.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=14006>
(acessado em 6 jul. 2011).

740) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1308, p. 7, 29 jul. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Beethoven e Vivaldi.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=14088>
(acessado em 6 jul. 2011).

741) _____. Poetas e poesia. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1309, p. 17, 30 jul. 1950.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

742) _____. Pasteur. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, jul. 1950. Servidores da Humanidade – I.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

743) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1314, p. 7, 5 ago. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando M. Anderson, Dorothy Maynor e Paul Robenson.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=14170>
(acessado em 6 jul. 2011).

744) _____. Obras-primas... enfadonhas. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1315, p. 17-18, 6 ago. 1950.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

745) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1320, p. 7, 12 ago. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Gustav Holst e Cesar Franck.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=14254>
(acessado em 6 jul. 2011).

746) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1326, p. 7, 19 ago. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando “Electra”, de Richard Strauss.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=14334>
(acessado em 6 jul. 2011).

747) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1332, p. 7, 26 ago. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Léo Delibes, Adolphe Adam, Prokofieff e Stravinsky.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=14420>
(acessado em 6 jul. 2011).

748) _____. Ruy Barbosa. *Revista d’“O Pensamento”*, São Paulo, ago. 1950. Servidores da Humanidade – II.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

749) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1338, p. 7, 2 set. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando “Dom Giovanni”, de Mozart.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=14502>
(acessado em 6 jul. 2011).

750) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1343, p. 7, 9 set. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Debussy.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=14574>
(acessado em 6 jul. 2011).

751) _____. Guerra Junqueiro, o panfletário da poesia. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1344, p. 17, 10 set. 1950.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

752) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1350, p. 7, 16 set. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Mozart, discos importados e Jazz.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=14656>
(acessado em 6 jul. 2011).

753) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1356, p. 7, 23 set. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Beethoven.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=14740>
(acessado em 6 jul. 2011).

754) _____. Carlos Gomes. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, set. 1950. Servidores da Humanidade – III.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

755) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1374, p. 7, 14 out. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Gluck.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=14982>
(acessado em 6 jul. 2011).

756) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1380, p. 5, 21 out. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Bach.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=15062>
(acessado em 6 jul. 2011).

757) _____. Cem anos de Maupassant. *Jornal de Notícias*, n. 1381, p. 17, São Paulo, 22 out. 1950.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

758) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1386, p. 5, 28 out. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Ravel.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=15134>
(acessado em 6 jul. 2011).

759) _____. Precocidades... *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1387, p. 17-18, 29 out. 1950.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

760) _____. Santos Dumont. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, out. 1950. Servidores da Humanidade – IV.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

761) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1391, p. 5, 4 nov. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Vaughan Williams, Lord Bernes e Josef Holbrooke.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=15198>
(acessado em 6 jul. 2011).

762) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1397, p. 5, 11 nov. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Beethoven, Brahms, Tedesco, Dukas, Korsakov e Schoenberg.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=15264>
(acessado em 6 jul. 2011).

763) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1402, p. 5, 18 nov. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Schoenberg.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=15326>
(acessado em 6 jul. 2011).

764) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1408, p. 5, 25 nov. 1950.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Mozart.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=15398>
(acessado em 6 jul. 2011).

765) _____. Madame Curie. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, nov. 1950. Servidores da Humanidade – V.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

766) _____. O “Monstro” Balzac – parte 1. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1438, p. 13-14, 31 dez. 1950.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

767) _____. Camões. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, dez. 1950. Servidores da Humanidade – VI.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

768) _____. O romance das vitaminas. *Almanaque d'“O Pensamento”*, São Paulo, 1950.

Nota da pesquisa: texto publicado em 21 nov. 1942 e [1?] jan. 1943, ambos na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

769) _____. [Sem título]. *Artes Plásticas*, [S.l.], [1950].

Nota da pesquisa: trata de Mário de Andrade.

Arquivo Rute Ginaque Duarte.

770) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1443, p. 14, 7 jan. 1951.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Mozart.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=15859>
(acessado em 6 jul. 2011).

771) _____. O “Monstro” Balzac – parte 2. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1449, p. 13-14, 14 jan. 1951.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

772) _____. O “Monstro” Balzac – parte 3. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1455, p. 13, 21 jan. 1951.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

773) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1461, p. 18, 28 jan. 1951.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Manuel de Falla e Handel.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=16077>

(acessado em 6 jul. 2011).

774) _____. Leonardo da Vinci. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, jan. 1951. Servidores da Humanidade – VII.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

775) _____. Discoteca. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 1484, p. 18, 25 fev. 1951.

Nota da pesquisa: artigo focalizando Noel Rosa.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=16379>

(acessado em 6 jul. 2011).

776) _____. Gandhi. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, mar. 1951. Servidores da Humanidade – VIII.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

777) _____. Michelangelo Buonarroti. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, abr. 1951. Servidores da Humanidade – IX.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

778) _____. Clube da Saudade 1º de Maio. *Trópico*, [S.l.], maio 1951.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

779) _____. Oswaldo Cruz. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, maio 1951. Servidores da Humanidade – X.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

780) _____. Charles Dickens. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, jun. 1951. Servidores da Humanidade – XI.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

781) _____. Lincoln. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, jul. 1951. Servidores da Humanidade – XII.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

782) _____. Júlio Verne. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, ago. 1951. Servidores da Humanidade – XIII.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

783) _____. Confúcio. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, nov. 1951. Servidores da Humanidade – XV.

Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

784) _____. Prestígio e decadência dos pseudônimos. *Almanaque d'“O Pensamento”*, São Paulo, 1951.

Nota da pesquisa: texto publicado, com modificações, em 8 ago. 1934 na *Folha da Noite*, de São Paulo.

Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

785) _____. Pauliceia. *Anuário Pinhalense 1951 – Folhetim de “A Folha”*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 1951.

Arquivo Sílvia Tamasso D'Onofrio.

786) _____. O crime na literatura. *Investigações: Revista do Departamento de Investigações*, São Paulo, jan. 1952.

Nota da pesquisa: artigo publicado também como separata em 1952 (cf. item “Separatas”, nesta dissertação).

Biblioteca Dr. Virgílio do Nascimento, Academia de Polícia de São Paulo.

787) _____. Lavoisier. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, fev. 1952. Servidores da Humanidade – XVI.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

788) _____. Simon Bolívar: cavaleiro da glória e da liberdade. *Almanaque d'“O Pensamento”*, São Paulo, 1952.

Nota da pesquisa: texto publicado, com modificações, em 26 nov. 1942 em *O Estado de S. Paulo*, de São Paulo, e em [mar.?] 1943 em *Leitura*, do Rio de Janeiro.

Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

789) _____. O velho Bertaso. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, maio 1953.

Nota da pesquisa: texto publicado em 20 dez. 1948 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

790) _____. Confúcio. *A Gazeta*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 24 jun. 1953.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

791) _____. Copérnico. *Almanaque d'“O Pensamento”*, São Paulo, 1953.

Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

792) _____. Famílias literárias. *Folha da Manhã*, São Paulo, 31 jan. 1954.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

793) _____. Lembranças do carimbamba Amadeu de Queiroz e da Drogaria Baruel. *Álbum Drogasil*, São Paulo, [jan/fev], 1954.

USP, IEB, Biblioteca.

794) _____. São Paulo – ontem – hoje – amanhã. *Sul América*, São Paulo, jun. 1954.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

795) _____. Anchieta. *Almanaque d'“O Pensamento”*, São Paulo, 1954.
Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

796) _____. O paulista Antônio de Alcântara Machado. *Tribuna da Imprensa*, São Paulo, 16 abr. 1955.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

797) _____. Monteiro Lobato tradutor. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1955.
Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

798) _____. Café Guarani. *Correio Paulistano*, São Paulo, 3 jul. 1955. Pensamento e Arte.
Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

799) _____. Oblivion, Itaóca. [*Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1?] jul. 1955. O Livro Inédito.
Arquivo Roberto Dante Cavaleiro Filho.

800) _____. Manoel da Nóbrega. [s.n.:S.l.], 14 ago. 1955.
Nota da pesquisa: texto republicado em 1955 no *Almanaque d'“O Pensamento”*, de São Paulo.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

801) _____. Monteiro Lobato e a Revista do Brasil. *Revista Brasiliense*, São Paulo, set. 1955.
Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

802) _____. Assim é. *Macunaima*, São Paulo, set. 1955. Edgard Cavaleiro Escreve.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

803) _____. Monteiro Lobato e Manuel Bandeira. *O Tempo*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1955.
Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

804) _____. Manoel da Nóbrega. *Almanaque d'“O Pensamento”*, São Paulo, 1955.
Servidores da Humanidade.

Nota da pesquisa: texto publicado em 14 ago. 1955 em [s.n.:S.l.].

Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

805) _____. Biografia do livro A barca de Gleyre. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 1955.
Arquivos Implacáveis de João Condé.

Nota da pesquisa: apesar do título, artigo descreve *Monteiro Lobato: vida e obra*.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

806) _____. O livro, esse desprezado... *Atualidades Pedagógicas*, São Paulo, jan. 1956.

Nota da pesquisa: texto difere do publicado com o mesmo título em 7 mar. 1948 na *Folha da Manhã*, de São Paulo.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

807) _____. Monteiro Lobato e o espiritismo. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, mar. 1956.

Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

808) _____. Monteiro Lobato e a morte. *Revista d'“O Pensamento”*, São Paulo, abr. 1956.

Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

809) _____. Notas sobre a evolução do romantismo no Brasil. *Revista Brasiliense*, São Paulo, maio 1956.

Arquivo Roberto Dante Cavaleiro Filho.

810) _____. Réquiem para os vivos. *Para Todos*, Rio de Janeiro, [1] ago. 1956. Crítica Literária.

Nota da pesquisa: trata de livro homônimo de José Almiro Rolmes Barbosa.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

811) _____. A cidade sem portas. *Para Todos*, Rio de Janeiro, [15] ago. 1956. O Livro Brasileiro.

Nota da pesquisa: trata de Francisco Pati.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

812) _____. Cassiano Ricardo, Monteiro Lobato e a Academia Brasileira de Letras. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 22 set. 1956.

Website: <http://memoria.bn.br> (acessado em 6 jul. 2011).

813) _____. Cassiano Ricardo, Monteiro Lobato e a Academia Brasileira de Letras – Conclusão. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 29 set. 1956.

Website: <http://memoria.bn.br> (acessado em 6 jul. 2011).

814) _____. Quem quer que acompanhe... *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 out. 1956. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

815) _____. Livros a mancheias; Inéditos de Machado de Assis; As memórias de Gilberto Amado; Prêmios literários; Dos Estados. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 out. 1956. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

816) _____. A lição da Ópera de Pequim. *Para Todos*, Rio de Janeiro, [15] out. 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

817) _____. Empreendimentos editoriais; Lima Barreto completo; Novas cartas chilenas; 1º Festival do Livro da América. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 out. 1956. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

818) _____. Ontem e Hoje; Congressos; Curso de literatura. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 out. 1956. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

819) _____. Solução aos problemas do livro brasileiro – pontos para debate. *Para Todos*, Rio de Janeiro, [1] nov. 1956.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

820) _____. Lobato e a Academia. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 10 nov. 1956.

Website: <http://memoria.bn.br> (acessado em 6 jul. 2011).

821) _____. A Bíblia em português; Enciclopédia Brasileira; Poesia de Casa; Poesia de Fora; 60 anos depois; Importação de livros; A Bela Época. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 nov. 1956. A semana e os livros.

Nota da pesquisa: trata, entre outros, de Lupe Cotrim Garaude.

Arquivo Roberto Dante Cavaleiro Filho.

822) _____. Literatura e Povo; Clássicos; Literatura do Brasil; Vida de Gandhi em português; Congressos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 nov. 1956. A semana e os livros.

Nota da pesquisa: trata do 3º Congresso de Editores e Livreiros e do 1º Congresso Brasileiro de Contistas.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

823) _____. Mestre Rónai; Edições Anhembi; Concurso feminino de poesia; História geral da civilização; Duas reedições; Ensaio. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 nov. 1956. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

824) _____. A Bahia de Mataripe e Adroaldo. *Revista Brasiliense*, São Paulo, nov. 1956.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

825) _____. Milagres de um arquivo; Feira de livros; Safra de romances; Contos; Obras de José Geraldo Vieira; O que leremos; Cinquentenário. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 dez. 1956. A semana e os livros.

Nota da pesquisa: trata da feira de livros no Viaduto do Chá; do 1º Congresso Brasileiro de Contistas e dos 50 anos de Luis Martins.

Arquivo Roberto Dante Cavaleiro Filho.

826) _____. O velho Amadeu; Geografia do Brasil; “Café-Society” confidencial; “Best-seller” em tradução; História em reedições. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 dez. 1956. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

827) _____. Literatura infantil; História do livro; Livros brasileiros na Itália; Uma tese sobre Proust; Da profissão de poeta; Vida e obra de Oscar Wilde. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 dez. 1956. A semana e os livros.

Nota da pesquisa: acompanha ilustração de Yoshiya Takaoka; caderno impresso erroneamente como sendo de novembro.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

828) _____. Biografia do livro Fagundes Varela. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 15 dez. 1956. Arquivos Implacáveis de João Condé.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

829) _____. Pocaí: o Artista do Livro; Poesia e Metáfora; Prêmio Euclides da Cunha; Um estudo sobre Oliveira Vianna; Concurso sobre História do Brasil; Teatro em Livro; Páginas Avulsas; Inéditos de Machado de Assis; Cuentos de mi país astral; Próximas Edições José Olympio. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 dez. 1956. A semana e os livros.

Nota da pesquisa: trata, entre outros, de Nelson Rodrigues.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

830) _____. Os melhores; Saber atual; História Geral das Civilizações; Raquel em reedição; Um ensaio; Prêmios de folclore; Uma novela premiada. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 dez. 1956. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

831) _____. O alegre grupo do Minarete. *Almanaque d'“O Pensamento”*, São Paulo, 1956. Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

832) _____. As melhores traduções; Sabino romancista; Teatro de Castro Alves; O Porco, esse desconhecido. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 jan. 1957. A semana e os livros.

Nota da pesquisa: trata, entre outros assuntos, de lançamento de livro de Nelson Palma Travassos.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

833) _____. Prêmios da Sociedade Paulista de Escritores; Guerra dos Emboabas; Da Livraria São José; Origem dos Direitos dos Povos; Livros técnicos; Almanaque; Casamento e Psiquiatria. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 jan. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

834) _____. Setenta milhões de volumes; Amadeu Amaral homenageado; Moderna Poesia Americana; Poemas de Amor. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 jan. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

835) _____. 60 Anos de Vida e 10 de Literatura; Americano Tranquilo; Medo e Direito de Amar; Victor Hugo completo; Uma estreia; A convidada; Anoitece no mar; A juventude e nossa época. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 jan. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

836) _____. Pequena história de uma grande editora. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 jan. 1957.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

837) _____. Registro; Um grande trabalhador intelectual; Nave Incorpórea; Panorama da poesia brasileira; História do livro; Edições Bartyra; Ciranda. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 fev. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

838) _____. Monteiro Lobato e Mário de Andrade. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 9 fev. 1957. Arquivos Implacáveis de João Condé, Quem você ressuscitaria.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

839) _____. Moby-Dick; 200 mil cruzeiros de prêmios; Signo Terrestre; Palestina e Egito; De Fortaleza. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 fev. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

840) _____. Livros Populares; Contos Fantásticos; Herbert Parentes Fortes; Gilberto Freyre; Na Estante. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 fev. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

841) _____. Nossos Clássicos; A Lua Vem da Ásia; Teatro em livro; Dois Mundos; Poesia de Tasso da Silveira; Um apóstolo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 fev. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

842) _____. Retrato de Portinari, Memórias Sem Malícia, Cinquentenário; A Vida de Lélia; Ex-Libris; Romances em Perspectivas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 2 mar. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

843) _____. Shakespeare Completo; Barro do Município; Traduções; Editora das Américas; Romances Históricos; Positivismo no Brasil; Pongetti Cronista; O Coronel Jack. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 mar. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

844) _____. Poetas e Poetas e Poetas; Um grande programa; Boca do Inferno; Uma bela estreia; Menino Felipe; Revistas; Saber Atual. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 mar. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

845) _____. Um Problema Nacional; Inflação e outros Estudos; Uma importante reedição; Ainda Poesia, Muita Poesia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 mar. 1957. A semana e os livros.

Nota da pesquisa: trata, entre outros assuntos, de livro de Fernando Whitaker.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

846) _____. Um Médico do Império; Bertrand Russel; Letra de Câmbio; Próximas edições; Cinquenta anos editando livros. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 mar. 1957. A semana e os livros.

Nota da pesquisa: trata, entre outros assuntos, de José Maria Whitaker e Diaulas Riedel.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

847) _____. Sobre poesia; José Sampaio; Ideias e Imagens de Machado de Assis; O cronista V. Cy.; Poemas Sintéticos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 abr. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

848) _____. Martins Pena completo; Um romance vitorioso; Autores brasileiros; Um romancista do Nordeste; Na estante. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 abr. 1957. A semana e os livros.

Nota da pesquisa: trata, entre outros assuntos, de *Chão bruto*, romance de Hernâni Donato.

Arquivo Roberto Dante Cavaleiro Filho.

849) _____. Páginas Vadias; Terras onde se fala português; O problema da terra; Um livro famoso. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 abr. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

850) _____. Registro de prosa; Registro de versos; Próximas publicações. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 maio 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavaleiro Filho.

851) _____. Nos domínios do conto; China em reportagem; Vida de um homem público; O grande Braga; Obras clássicas; Pequenas notícias. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 maio 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

852) _____. O Crime da Rua Toneleros; Dois clássicos; Memórias de um Trapaceiro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 maio 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

853) _____. O terrível Grieco; Trigésimo aniversário. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 maio 1957. A semana e os livros.

Nota da pesquisa: trata de Agripino Grieco e do aniversário da Editora Revista dos Tribunais. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

854) _____. Um estudo sobre o Homem dos Trópicos; Sartre em Português; Edições Progresso; Madona de cedro; Fernando Pessoa; Itinerário de Pasárgada; Editora das Américas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 jun. 1957. A semana e os livros. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

855) _____. Atualidades pedagógicas; Uma reedição da “Tréplica”; A Atlântida em versos; Edições Bartira; Alguns lançamentos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 jun. 1957. A semana e os livros. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

856) _____. Cultura e política; O alegre vencedor das tormentas; Prêmios da Sociedade Paulista de Escritores; Criminologia; Na estante. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 jun. 1957. A semana e os livros. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

857) _____. Registro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 jun. 1957. A semana e os livros. Arquivo Roberto Dante Cavaleiro Filho.

858) _____. Livros, imprensa e biblioteca; Um grande poeta; Novelas brasileiras; Poemas de Menotti; Registro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 jun. 1957. A semana e os livros. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

859) _____. Educação não é Privilégio; História Sincera da República; Presença da China; Editor condecorado; Todos contam a sua vida; Na estante. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 6 jul. 1957. A semana e os livros. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

860) _____. Biografia de Deodoro; Um livro pioneiro; Registro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 13 jul. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

861) _____. Passado e presente de Portugal; Um filósofo do nosso tempo; O famoso soneto; Reedição oportuna. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 20 jul. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

862) _____. Poesia; Barba-de-bode; Um estudo sobre Bach; Teoria Econômica; Lady Godiva. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 jul. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

863) _____. Mário Graciotti: um benemérito do livro. *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 4, v. 5, p. 168, jul./ago. 1957.

USP, IEB, Biblioteca.

864) _____. Thomás Ender e o Brasil; Nova Editora; Um grande livro; Estreia promissora. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 ago. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

865) _____. Marcoré; Um cronista literário; A língua que falamos; Loucos, Poetas, Amantes; O fabuloso Patrocínio Filho; Um livro premiado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 ago. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

866) _____. Diamantina; A carreira de um poeta; Maravilhas do Conto Inglês; Registro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 ago. 1957. A semana e os livros.

Nota da pesquisa: trata, entre outros assuntos, de Paulo Bomfim.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

867) _____. Conto Húngaro; Cinema; Tavares Bastos; Logosofia; Roteiro de Adolfo Caminha; Variações em torno do porco; Últimos lançamentos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 ago. 1957. A semana e os livros.

Nota da pesquisa: trata, entre outros assuntos, de livro de Nelson Palma Travassos.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

868) _____. Brasileira; Teatro de Pedro Bloch; As Noites do Morro do Encanto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 31 ago. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

869) _____. Antologias; Saber atual; Amizades e loucuras de Oscar Wilde. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 set. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavaleiro Filho.

870) _____. Sobre Coelho Netto; Poesia; Edições Saraiva; Registro; Lobato Ameaçado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 set. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavaleiro Filho.

871) _____. O último livro de José Lins do Rego; Teatro em livro; História; Romance; Filologia; Biografias. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 set. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

872) _____. Lobato ameaçado. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 22 set. 1957.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

873) _____. Pedagogia; Huxley ensaísta; Damasco e outros caminhos; Na intimidade dos livros; Poesia; Romance. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 set. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

874) _____. Futebol da Madrugada; Um Contista; Literatura Policial; Edições Pégaso; Ciência, Folclore e Filosofia; Registro em poucas linhas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 5 out. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavaleiro Filho.

875) _____. Cadernos de João; República das Letras; Literatura infantil; História; Biografias. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 out. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

876) _____. Hipólito e o Correio Brasiliense; Diário Crítico; Nossos Clássicos; Espírito e Forma; Em poucas linhas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 out. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

877) _____. Poesia e xilogravura; Grande Geografia do Brasil; Em poucas linhas; Prêmio Mário de Andrade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 out. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

878) _____. História de uma viagem ao México; Crítica; Um contista; Dois romances do sul. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 9 nov. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

879) _____. O antropófago do romantismo. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 nov. 1957.

Nota da pesquisa: aproxima Oswald de Andrade de Sousândrade.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

880) _____. O cronista Drummond; A Festa Inquieta; Estudos de Brito Broca; Letras Americanas; Religião. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 nov. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

881) _____. Prêmio Monteiro Lobato e Prêmio Brasileira de Ensaio. *Folha da Noite*, São Paulo, 21 nov. 1957.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Américo Lacombe.

882) _____. Poesias Completas de Varela; Criminologia; História e Crítica; Ensaio; Siderurgia; Autobiografia de um condenado. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 23 nov. 1957.

A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

883) _____. Homenagem a um editor; Sociologia e História; Música e Medicina; Edições Flamboyant. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 30 nov. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

884) _____. Arte Plumária; Conferência de Homero Silveira; Artesanato e Arte Popular; As Mil e Uma Noites; Nova coleção; Edições Saraiva; O que produzimos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 7 dez. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

885) _____. Toda uma vida de poesia; Pela liberdade de imprensa; Uma política de preconceitos; Em poucas linhas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 14 dez. 1957. A semana e os livros.

Nota da pesquisa: trata, entre outros assuntos, de livro de Lourival Fontes.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

886) _____. Caminhos e Fronteiras; Natal; Contos. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21 dez. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

887) _____. Alguns poetas entre muitos... *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 28 dez. 1957. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

888) _____. Lobato. *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, n. 11, [s.d.:s.m.] 1957.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

889) E. C. [Edgard Cavalheiro]. Antônio Gonçalves Dias. *Almanaque d'“O Pensamento”*, São Paulo, 1957.

Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

890) CAVALHEIRO, Edgard. Albert Schweitzer. *Almanaque d'“O Pensamento”*, São Paulo, 1957. Servidores da Humanidade.

Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

891) _____. Romances, contos e novelas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 4 jan. 1958. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

892) _____. História em poucas linhas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 jan. 1958. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

893) _____. Capas e ilustrações. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 18 jan. 1958. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

894) _____. Capas e ilustrações – II. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 25 jan. 1958. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

895) _____. Literatura infantil ou comunismo para crianças. *Revista Brasiliense*, São Paulo, jan. 1958.

Nota da pesquisa: texto publicado em nov. 1937 no *Jornal de Letras*, do Rio de Janeiro.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

896) _____. Teatro em livro. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 fev. 1958. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

897) _____. Obras de Raimundo de Menezes; Direito; Estudos de Literatura Brasileira; Dona Beja; Pascal em português. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 fev. 1958. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

898) _____. Antologias. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 fev. 1958. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

899) _____. Mauá – o realizador; Geografia Humana; Igrejas do Brasil; Em poucas linhas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 fev. 1958. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

900) _____. Aruanda; Lendas; A poesia e a época; Em poucas linhas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 1 mar. 1958. A semana e os livros.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

901) _____. Lembrança de Cornélio Pires; Da crítica e da nova crítica; Uma análise do sistema comunista; “Pátria Nova”. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 8 mar. 1958. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

902) _____. O espírito das catedrais; Teatro; Memórias de um galo de briga. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 mar. 1958. A semana e os livros.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

903) _____. Prêmios literários; Romances de Rachel de Queiróz; Originais de Machado de Assis. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 mar. 1958. A semana e os livros.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

904) _____. Afonso de Taunay; Fernando de Noronha sem retoques; Santos na história; 15 histórias curtas; Em poucas linhas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 29 mar. 1958. A semana e os livros.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

905) _____. Homenagem a Carlos Ribeiro; Poesia em quantidade. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 12 abr. 1958. A semana e os livros.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

906) _____. Obras de Menotti Del Picchia; Em poucas linhas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 19 abr. 1958. A semana e os livros.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

907) _____. Ensaio paulista; Nossos clássicos; Problemas brasileiros; Romanceiro gitano. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 abr. 1958. A semana e os livros.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

908) _____. Uma antologia de contos brasileiros; Em poucas linhas; Reedições. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 3 maio 1958. A semana e os livros.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

909) _____. História contemporânea; Poesias de Álvares de Azevedo; Vida e época de Nero; Traduções; Em poucas linhas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 10 maio 1958. A semana e os livros.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

910) _____. ABC do folclore; Em poucas linhas. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 17 maio 1958. A semana e os livros.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

911) _____. Caminho do encantamento; Psicologia; Alegres histórias de Mark Twain. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 24 maio 1958. A semana e os livros.

Website: <http://acervo.estadao.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

912) _____. Notícia sobre a evolução da música brasileira. *Almanaque d'“O Pensamento”*, São Paulo, 1958.

Grupo Editorial O Pensamento, Museu Diaulas Riedel.

913) _____. Estas memórias... *Revista Ciência & Trópico*, Recife, jul./dez. 1981.

Nota da pesquisa: texto publicado como prefácio de *A barca de Gleyre*, de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.

USP, FFLCH, Biblioteca Florestan Fernandes, Seção de Periódicos.

914) _____. Influência de Monteiro Lobato. *Revista Ciência & Trópico*, jul./dez. 1981.

Nota da pesquisa: texto publicado com o título “Ciclo paulista” em *A literatura no Brasil*. 6. ed., de Afrânio e Eduardo Coutinho (Org.) São Paulo: Global Editora, 1955.

USP, FFLCH, Biblioteca Florestan Fernandes, Seção de Periódicos.

915) _____. Primeiros artigos de Lobato. *Revista Ciência & Trópico*, Recife, jul./dez. 1981.

Nota da pesquisa: texto publicado como prefácio de *Literatura do Minarete*, de Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1959.

USP, FFLCH, Biblioteca Florestan Fernandes, Seção de Periódicos.

916) _____. Posição política de Monteiro Lobato. *Horizontes do Mundo*, [S.l.:s.d.].

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

917) _____. Glórias literárias. *Jornal da Manhã*, Rio de Janeiro, [s.d.].

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

918) _____. A Rainha de Sabá. Conto de Knut Hansum. [*Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo?], [s.d.].

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

919) _____. Aristóteles Penna – realiza hoje o seu festival artístico no Sant'Anna. [s.n.t.].

Nota da pesquisa: trata da companhia teatral Dulcina-Odilon.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

3.4. Correspondência

A correspondência de Edgard Cavalheiro, reunida pela pesquisa até o momento, registra 91 cartas remetidas por ele (Correspondência Ativa); 40 recebidas (Correspondência Passiva); dez abertas, publicadas na imprensa, e cinco de terceiros, estas localizadas nos arquivos de Luís Carlos Cavalheiro, Maria Helena Cavalheiro e Pedro Adriano Ferriani. Adicionalmente incluir-se-á aqui, também, 16 cartas, a maioria recebida pela Família Cavalheiro, posteriores ao falecimento de Edgard, pelo valor histórico-documental que tais podem adquirir numa análise da trajetória do Cavalheiro.

3.4.1. Correspondência Ativa

1) Destinatário: ANDRADE, Carlos Drummond de.

[São Paulo], 14 de novembro de 1941.

Resumo: solicita a participação em inquérito intelectual promovido por *O Estado de S. Paulo*, texto a ser futuramente recolhido em livro.

Índice onomástico: BARLÉUS, Gaspar; MARTINS, José de Barros; MILLIET, Sérgio; MIRANDA, Murilo.

Obra de E. C. citada: *Testamento de uma geração*.

Periódico citado: *O Estado de S. Paulo*.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Carlos Drummond de Andrade.

2) Destinatário: ANDRADE, Carlos Drummond de.

[São Paulo, 1941].

Resumo: solicita participação em inquérito jornalístico.

Índice onomástico: FADIMAN, Clifton.

Periódico citado: *O Estado de S. Paulo*.

Nota da pesquisa: trata-se da carta padrão enviada aos convidados a depor no inquérito jornalístico “Testamento de uma geração”, conteúdo idêntico ao divulgado em *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944, p. 11-12.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Carlos Drummond de Andrade.

3) Destinatário: ANDRADE, Carlos Drummond de.

[São Paulo], 20 de janeiro de 1942.

Resumo: insiste na participação do destinatário em inquérito jornalístico. Envia respostas publicadas e afirma possuir adicionais prontas para a publicação, além de outras em trabalho de revisão.

Índice onomástico: ANDRADE, Mário de; MENDES, Murilo; SCHMIDT, Augusto Frederico.

Periódico citado: *O Estado de S. Paulo*.

Nota da pesquisa: intermediação Drummond-Cavalheiro recebe auxílio de Murilo Mendes.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Carlos Drummond de Andrade.

4) Destinatário: ANDRADE, Carlos Drummond de.

[São Paulo], 2 de dezembro de 1942.

Resumo: solicita resposta do destinatário em inquérito jornalístico; fornece lista de pseudônimos utilizados por escritores.

Índice onomástico: LOBATO, Monteiro.

Nota da pesquisa: papel timbrado Banco do Estado de São Paulo S. A.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Carlos Drummond de Andrade.

5) Destinatário: ANDRADE, Carlos Drummond de.

[São Paulo, 1942].

Resumo: afirma que acabara de ler um conto quando recebeu o jornal com “o poema do filho não gerado”, de Drummond. Achando curiosa a “identidade de alguns sentimentos” dos dois textos, envia o conto para o poeta.

Índice onomástico: FISH, Horace.

Periódicos citados: *Jornal de Letras*; *Mistério Magazine*.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Carlos Drummond de Andrade.

6) Destinatário: ANDRADE, Carlos Drummond de.

São Paulo, 3 de abril de 1956.

Resumo: enumera informações sobre pseudônimos além de curiosidades e correções na biografia de autoria do remetente (obra não citada: *Monteiro Lobato: vida e obra*). Interessa-se por dicionário de pseudônimos em elaboração pelo destinatário, afirmando ter focalizado o tema na imprensa.

Índice onomástico: CAMARGO, Albino de; CRULS, Gastão; D'HÃ, Gui; DIAS, Mattinho; LOBATO, Monteiro; MENUCCI, Sud; PRADO, Guilherme de Almeida.

Outra obra citada: *Gente de cinema*.

Periódico citado: *Folha da Noite*.

Nota da pesquisa: aparentemente página três da carta é numerada como seis. Artigo citado é: Prestígio e decadência dos pseudônimos. *Folha da Noite*, São Paulo, 8 ago. 1934.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Carlos Drummond de Andrade.

7) Destinatário: ANDRADE, Carlos Drummond de.

São Paulo, 31 de julho de 1956.

Resumo: revela identidade de três pseudônimos de Lobato; envia fichas.

Índice onomástico: MOURA, Olinto de.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Carlos Drummond de Andrade.

8) Destinatário: ANDRADE, Carlos Drummond de.

São Paulo, 18 de março de 1957.

Resumo: informa que José Paulo Paes é o autor das *Novas cartas chilenas*, publicado sob pseudônimo, confirma o encaminhamento dos originais dessa obra para a Brasiliense; refere-se a pseudônimos.

Índice onomástico: PAES, José Paulo; PRADO, Guilherme de Almeida; VAZ, Léo.

Obras citadas: *Novas carta chilenas*; *Gente de cinema*.

Periódico citado: *O Estado de S. Paulo*.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Carlos Drummond de Andrade.

9) Destinatário: ANDRADE, Carlos Drummond de.

[São Paulo], [s.d.].

Resumo: envia anexo e pergunta se poeta conhece o “opúsculo”.

Nota da pesquisa: papel timbrado Companhia Distribuidora de Livros (CODIL).

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Carlos Drummond de Andrade.

10) Destinatário: ANDRADE, Mário de.

[São Paulo], janeiro de 1944.

Resumo: tece considerações sobre o projeto da Enciclopédia Brasileira; deseja que o plano da obra fique a cargo do destinatário. Elogia entrevista em periódico. Refere-se à montagem do novo escritório [Livraria do Globo, São Paulo], convidando-o para visita.

Índice onomástico: FREITAS, Afonso de.

Periódico citado: *Diretrizes*.

Nota da pesquisa: data de envio é anterior a 13 de janeiro, dia da resposta de Mário, confirmando ter recebido de Edgard projeto elaborado pela Globo. Entrevista citada: BARBOSA, Francisco de Assis. Acusa Mário de Andrade: ‘Todos são responsáveis’.

Diretrizes, Rio de Janeiro, 6 jan. 1944.

USP, IEB, Arquivo Mário de Andrade.

11) Destinatário: BARRETO, Plínio.

São Paulo, 28 de novembro de 1955.

Resumo: agradece artigo elogioso focalizando a biografia de Monteiro Lobato.

Índice onomástico: LOBATO, Monteiro.

Periódico citado: *O Estado de S. Paulo*.

Nota da pesquisa: artigo citado: BARRETO, Plínio. Uma excelente biografia. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 27 nov. 1955.

USP, IEB, Arquivo Plínio Barreto.

12) Destinatário: CARVALHO, Genauro de.

[São Paulo], 21 de maio de 1939.

Resumo: solicita exclusão de seu nome do corpo redatorial.

Periódico citado: *Roteiro: Quinzenário de cultura*.

EDGARD Cavalheiro. *Roteiro: Quinzenário de cultura*, São Paulo, 21 jun. 1939.

13) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Rio Grande, 10 de novembro de 1940.

Resumo: descreve viagem marítima ao sul do país e a passagem por várias cidades. Solicita resposta aos cuidados de Érico Veríssimo na Livraria do Globo de Porto Alegre.

Índice onomástico: BARBOSA, José Almiro Rolmes; VERÍSSIMO, Érico.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

14) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 13 de novembro de 1940.

Resumo: noticia viagem; presencia a recepção do presidente da República em visita a cidade.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Nair; VARGAS, Getúlio.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

15) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 19 de novembro de 1940.

Resumo: acusa recebimento de carta e recebimento de notícias da irmã.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Lucy; NORMA (?).

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

16) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1941.

Resumo: comunica atraso de trabalhos e noticia encontro com amigos comuns; solicita notícias da família; envia artigo de jornal e solicita a compra de periódico no qual saiu texto de sua autoria.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Lucy; FERREIRA, Bibi; FERREIRA, Procópio; ROONEY, Mickey.

Periódicos citados: *Diário de Notícias*; *Gazeta Magazine*.

Nota da pesquisa: jornal solicitado publicou CAVALHEIRO, Edgard. *Brasiliana* volume 200. *Gazeta Magazine*, São Paulo, 7 set. 1941 (sobre coleção da Companhia Editora Nacional).
Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

17) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

[São Paulo], 19[43?].

Resumo: solicita à esposa que localize pasta vermelha contendo autorização dada por Monteiro Lobato para realizar radiofonização de sua obra infantil.

Índice onomástico: LACERDA, Carlos; LOBATO, Monteiro.

Nota da pesquisa: programa “No Sítio do Picapau Amarelo” foi transmitido pela Rádio Gazeta de São Paulo em abril de 1943. Informações complementares sobre o programa podem ser obtidas em: LACERDA, Carlos. *Minhas cartas e as dos outros*. Túlio Vieira da Costa (Org.). 2. t. Brasília: Editora UNB; Belo Horizonte: Fundamar, 2005, tomo 1, p. 13, 73-80; SODRÉ, Nelson Werneck. *Em defesa da cultura*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988, p. 283. Além disso, no Arquivo Carlos Lacerda da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, há, entre outros documentos relativos ao programa de rádio, o roteiro de dois deles; a primeira produção foi “Narizinho no reino das águas claras”. Adicionalmente: a *Folha da Noite* de 28 de abril de 1943 apresenta uma propaganda do programa “No sítio do picapau amarelo”; na pasta 33A do Arquivo Monteiro Lobato, da Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato, em São Paulo, há uma carta de Monteiro Lobato para Cesídio Ambrogi, de 10 de setembro de 1944, onde se lê: “Em geral as teatralizações que têm aparecido são um desastre, como a do Carlos Lacerda e E. Cavalheiro”.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

18) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 4 de novembro de 1946.

Resumo: confirma chegada em Porto Alegre, na embarcação que saiu de Santos; noticia os compromissos profissionais e recepção obtida.

Índice onomástico: BERTASO, Henrique; CAVALHEIRO, Lucy; CAVALHEIRO, Maria Helena; CAVALHEIRO, Roberto; CAVALHEIRO, Rosa Ferriani; GARCIA, Hamílcar de; MARTINS, Justino; NEVES, Arthur; ROSEMBLATT, Maurício; VERÍSSIMO, Érico.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

19) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 7 de novembro de 1946.

Resumo: fornece notícias pessoais e profissionais; comentário sobre a própria saúde.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Lucy; CAVALHEIRO, Maria Helena; CAVALHEIRO, Paulina Curtis; CAVALHEIRO, Roberto; CAVALHEIRO, Rosa Ferriani; NEVES, Arthur.

Nota da pesquisa: a mensagem seria entregue por Arthur Neves, conforme indicação do remetente no início da carta.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

20) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 11 de novembro de 1946.

Resumo: confirma recebimento da “segunda carta”; notícias pessoais e profissionais; confirma retorno em avião da Panair.

Índice onomástico: BERTASO, Henrique; BERTASO, José; GARCIA, Hamilcar de; MARTINS, Justino; REVERBEL, Carlos; ROSEMBLATT, Maurício; RUSSOSKI, Isaac; RUSSOSKI, Olga; RUSSOSKI, Miguel; SIMÃO (?); VERÍSSIMO, Érico.

Nota da pesquisa: Isaac Russoski, sogro de Maurício Rosemblatt, era esposo de Olga e irmão de Miguel Russoski (fonte: Ester Netrovski Rosemblatt em entrevista concedida a Silvio Tamasso D'Onofrio. Porto Alegre, 21 fev. 2011.); Simão era funcionário na Livraria do Globo de Porto Alegre.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

21) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 14 de novembro de 1946.

Resumo: confirma retorno no dia seguinte em avião da Panair.

Índice onomástico: AARÃO (?).

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

22) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

São Paulo, 21 de fevereiro de 1947.

Resumo: comenta viagem de trem e atividades profissionais.

Índice onomástico: NELCYR (?).

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

23) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

São Paulo, 4 de março de 1947.

Resumo: confirma recebimento de carta. Tece comentários sobre encontros profissionais e lazer. Expressa planos de viagem com o médico Jagle.

Índice onomástico: BARBOSA, José Almiro Rolmes; CAVALHEIRO, Lucy; CAVALHEIRO, Maria Helena; CAVALHEIRO, Roberto; CAVALHEIRO, Rosa Ferriani; JAGLE, Adolfo; NABUCO, Araújo; OSCARITO, Oscar Lorenzo Jacinto de la Imaculada Concepción Teresa Diaz.

Obra citada: *Pampa Mia*.

Nota da pesquisa: Adolfo Jagle foi médico de Monteiro Lobato (fonte: CAVALHEIRO, Edgard. Lembranças de Monteiro Lobato. *Folha da Manhã*, São Paulo, 11 jun. 1948) e também de Edgard. Jagle publicou artigo na *Folha da Manhã* (13 jul. 1958) descrevendo os últimos momentos do Cavalheiro.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

24) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

São Paulo, 7 de março de 1947.

Resumo: comunica o convite para o casamento de Lygia Fagundes. Menciona telefonema de Assis Chateaubriand convidando-o para batizar avião em cerimônia. Tece comentários sobre eventos e pessoas.

Índice onomástico: BERTASO, Henrique; BRITO, Mário da Silva; CAVALHEIRO, Lucy; CAVALHEIRO, Nair; CAVALHEIRO, Rosa Ferriani; CEPELOS, Batista; CÉSAR, Abelardo Vergueiro; CHATEAUBRIAND, Assis; GUIMARÃES, Ruth; MACHADO, Antônio de Alcântara; MARTINS, José de Barros; MUNIA, Cássio; TELLES, Lygia Fagundes.

Obras citadas: *O destino bate à porta*; *Desejo*.

Nota da pesquisa: cerimônia relaciona-se à “Campanha Nacional de Aviação”.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

25) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

São Paulo, 15 de março de 1947.

Resumo: planeja viagem e comenta trabalho. Pergunta em post-scriptum se pacote de revistas enviado foi recebido.

Índice onomástico: ROSEMBLATT, Maurício; NELCYR (?).

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

26) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

São Paulo, 17 de março de 1947.

Resumo: confirma recebimento de carta em 13; confirma viagem; tece comentários sobre cotidiano profissional e encontro com amigos.

Índice onomástico: BARBOSA, José Almiro Rolmes; CAVALHEIRO, Lucy; SILVEIRA, Miroel.

Obra citada: *Desejo*.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

27) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Buenos Aires, 29 de junho de 1947.

Resumo: confirma ter feito boa viagem.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

28) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Buenos Aires, 1 de julho de 1947.

Resumo: comunica o envio de telegrama ao chegar a Buenos Aires; notícia de I Congresso de Editores e Livreiros da América Latina e Portugal; comenta visita a tipografias.

Índice onomástico: BAKER, Josefina; BERTASO, Henrique; BERTASO, Luíza; CAVALHEIRO, Lucy; CAVALHEIRO, Maria Helena; CAVALHEIRO, Roberto; ROSEMBLATT, Maurício.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

29) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Buenos Aires, 5 de julho de 1947.

Resumo: confirma início do Congresso; refere-se a notícias da família, transmitidas por

Helena Silveira.

Índice onomástico: BERTASO, Luíza; SILVEIRA, Helena.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

30) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Buenos Aires, 12 de julho de 1947.

Resumo: refere-se à própria saúde e de outros; confirma retorno para dia 16.

Índice onomástico: ROSEMBLATT, Maurício; CAVALHEIRO, Maria Helena; CAVALHEIRO, Roberto.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

31) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 21 de outubro de 1947.

Resumo: confirma ter feito boa viagem.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

32) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 27 de outubro de 1947.

Resumo: afirma que recepções e jantares prejudicam o andamento do trabalho; confirma retorno de avião.

Índice onomástico: BERTASO, Ady; BERTASO, Henrique; BERTASO, José; BERTASO, Luíza; CAVALHEIRO, Maria Helena; CAVALHEIRO, Roberto; GARCIA, Elba de; GARCIA, Hamílcar de; JAGLE, Adolfo; ROTH, Silvana; VERÍSSIMO, Érico; VERÍSSIMO, Mafalda.

Obra citada: *Olhai os lírios do campo*.

Nota da pesquisa: Silvana Roth atuou no longa metragem *Olhai os lírios do campo*.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

33) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 29 de outubro de 1947.

Resumo: confirma data de retorno via Varig.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

34) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 2 de fevereiro de 1948.

Resumo: confirma ter feito boa viagem.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

35) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 5 de fevereiro de 1948.

Resumo: confirma retorno por via aérea (Varig); solicita passagens para viagem a São Simão-SP.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

36) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 9 de novembro de 1948.

Resumo: comenta a viagem aérea de ida, referindo-se ao hotel. Notícia do trabalho e o do encontro com Érico Veríssimo.

Índice onomástico: NORMA (?); VERÍSSIMO, Érico.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

37) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 12 de novembro de 1948.

Resumo: confirma envio de carta e informa data de retorno.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

38) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 14 de novembro de 1948.

Resumo: notícias profissionais, referindo-se a mudanças na filial da Livraria do Globo em São Paulo; escreve do gabinete de Érico Veríssimo enquanto este revisa originais de novo romance; menção à saúde.

Índice onomástico: BERTASO, Henrique; BERTASO, José; BERTASO, José Otávio; CAVALHEIRO, Maria Helena; CAVALHEIRO, Roberto; GARCIA, Hamílcar de; PLÍNIO (?); REVERBEL, Carlos; RUSSOSKI, Miguel; VERÍSSIMO, Érico.

Obra citada: *E o vento levou*.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

39) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 16 de novembro de 1948.

Resumo: confirma data de retorno via Varig.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

40) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 13 de setembro de 1949.

Resumo: confirma chegada em Porto Alegre, depois de paradas em diferentes municípios; pede notícias da família e do andamento de obras na residência.

Índice onomástico: BERTASO, Ady; BERTASO, Henrique; BERTASO, José; CAVALHEIRO, Maria Helena; CAVALHEIRO, Roberto; GARCIA, Elba de; GARCIA, Hamilcar de; ROSEMBLATT, Maurício; VERÍSSIMO, Érico; VERÍSSIMO, Mafalda.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

41) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 16 de setembro de 1949.

Resumo: comunica o recebimento de fotos vindas em anexo; comenta encontros e negociações.

Índice onomástico: BERTASO, Henrique; BERTASO, José; GARCIA, Hamilcar de; VERÍSSIMO, Érico.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

42) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Rio de Janeiro, 19[4-].

Resumo: tece comentários sobre viagem e hotel; fornece como endereço para correspondência a Livraria Zélio Valverde (travessa do Ouvidor, 27); pede que irmã escreva.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Lucy.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

43) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

São Paulo, 19[45?].

Resumo: pede que esposa envie Linguafone, livros e discos.

Nota da pesquisa: Linguafone era método para aprendizado de idiomas e música.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

44) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Porto Alegre, 12 de setembro de 19[43?].

Resumo: confirma ter feito boa viagem; pede notícias por telegrama.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

45) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Salvador, 28 s.m. s.a.

Resumo: avisa que se encontra na Bahia porque avião não parou em São Paulo. Pede que transmita a notícia a Marcos (?).

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Roberto; MARCOS (?).

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

46) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Sem local, s.d.

Resumo: comenta telefonema e providências domésticas.

Índice onomástico: NORMA (?); ZICO (?); PAULINO (?); LOURIVAL (?).

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

47) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

[São Paulo], s.d.

Resumo: confirma recebimento de carta e retorno próximo.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

48) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

[São Paulo], s.d.

Resumo: comenta almoço e questões financeiras.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

49) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

[São Paulo], s.d.

Resumo: confirma retorno próximo.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

50) Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

[São Paulo], 19[55?].

Resumo: expressa contentamento, repetindo a palavra “viva”.

Nota da pesquisa: manuscrito no verso de um cartão comercial indicando Edgard Cavalheiro – Gerente. Livraria do Globo S. A. Nome Edgard Cavalheiro está riscado com um grande “x” manuscrito, aparentemente a mesma caneta que escreveu o bilhete.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

51) Destinatário: CAVALHEIRO, Lucy.

São Lourenço, 15 de julho de 1937.

Resumo: envia notícias de passeio a Minas Gerais.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Rosa Ferriani; CAVALHEIRO, Rubens; ODETTE (?); DURVAL (?).

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

52) Destinatário: CAVALHEIRO, Rosa Ferriani.

Aparecida do Norte, 10 de fevereiro de 1942.

Resumo: envia lembrança de seu casamento à mãe e aos irmãos em verso de fotografia tirada no dia anterior, data de seu casamento.

Nota da pesquisa: foto retrata os noivos nas escadarias da “Basílica Velha” de Aparecida.

Arquivo Luís Carlos Cavalheiro.

53) Destinatário: COSTA, Austro.

São Paulo, 14 de outubro de 1941.

Resumo: elogia artigo do destinatário publicado em periódico.

Índice onomástico: CUNHA, José Antonio D'Almeida.

Obra de E. C. citada: *Fagundes Varela*.

Obra citada: *Leonor, poema brasileiro em oito cantos*.

Nota da pesquisa: carta publicada no *Jornal do Comércio* de Recife/PE em 31 out. 1941.
Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

54) Destinatário: COUTO, Ribeiro.

[São Paulo], 2 de dezembro de 1942.

Resumo: envia livro, em anexo; noticia o sucesso da antologia *As obras-primas do conto universal* e o início de novo volume dedicado a contos brasileiros; solicita autorização para incluir conto do destinatário, mencionando valores de pagamento; pede fotografia.

Índice onomástico: BARBOSA, José Almiro Rolmes.

Obra de E. C. citada: *As obras-primas do conto universal*.

Obras citadas: “Bahianinha”; “Bloco das mimosas borboletas” (contos do destinatário).

Nota da pesquisa: remetente elaborava, à época, *O conto paulista*, onde foi incluído “Bloco das mimosas borboletas”.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Acervo Ribeiro Couto.

55) Destinatário: ÉLIS, Bernardo.

São Paulo, 28 de março de 1958.

Resumo: solicita informações biográficas para antologia de contos *Maravilhas do conto moderno*, organizada por José Paulo Paes.

Índice onomástico: PAES, José Paulo.

Obra citada: “Assassinato por tabela” (conto).

UNICAMP, IEL, CEDAE, Fundo Bernardo Élis.

56) Destinatário: GUIARD, Oswaldo Barbosa.

São Paulo, 13 de abril de 1957.

Resumo: na condição de presidente da Câmara Brasileira do Livro, afirma ao secretário geral da “Semana” não poder atender ao pedido de auxílio para a impressão de cartazes.

Nota da pesquisa: apresenta carimbo azul ao final onde se lê “Câmara Brasileira do Livro – Edgard Cavaleiro – Presidente”.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

57) Destinatário: LISBOA, Henriqueta.

São Paulo, 5 de dezembro de 1945.

Resumo: remetente agradece envio de livro, elogiando autora; comenta que conhecera o trabalho dela por intermédio de Mário de Andrade; promete enviar livro de autoria do remetente sobre Garcia Lorca.

Índice onomástico: ANDRADE, Mário de; LORCA, Federico Garcia.

Obras citadas: *A face lívida*; *Prisioneira da noite*; *O menino poeta*.

UFMG, AEM, Acervo Henriqueta Lisboa.

58) Destinatário: LISBOA, Henriqueta.

São Paulo, 11 de dezembro de 1952.

Resumo: comunica a premiação de obra da destinatária, que recebeu indicação de remetente; tece elogios à produção da autora.

Índice onomástico: ANDRADE, Oswald de; HADDAD, Jamil Almansur; NERY, Adalgiza.

Obra citada: *Madrinha lua*.

UFMG, AEM, Acervo Henriqueta Lisboa.

59) Destinatário: LACERDA, Carlos.

São Paulo, 25 de setembro de 1941.

Resumo: pedido de notícia sobre andamento de trabalhos de tradução; confirma remessa de livros.

Índice onomástico: GUILHERME, Olímpio; MARTINS, José de Barros; MENDES, Murilo.

Obra de E. C. citada: *Noite na Taverna*.

Obras citadas: *O pensamento vivo de Confúcio*; *Pais e filho*; *O Castelo de Eppstein*.

UNB, BCE, Arquivo Carlos Lacerda.

60) Destinatário: LACERDA, Carlos.

São Paulo, 29 de novembro de 1945.

Resumo: referência a reportagens divulgadas na imprensa e a ambiente político.

Índice onomástico: BRIGADEIRO, Eduardo Gomes; CAVALHEIRO, Élide Fecchio; CAVALHEIRO, Roberto; PRESTES, Luis Carlos.

Obra citada: *Bailarina solta no mundo*.

Periódico citado: *Diário Carioca*.

UNB, BCE, Arquivo Carlos Lacerda.

61) Destinatário: LOBATO, Monteiro.

São Paulo, 6 de outubro de 1946.

Resumo: revela a intenção de biografar destinatário; relata entrevistas realizadas; refere-se a *Biografias e biógrafos*; noticia o nascimento de filha e o interesse que o “arquivo” de Lobato, sob sua guarda, tem gerado.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Maria Helena; CUNHA, Euclides da; HARRIS, Frank; LOBATO, Pureza Monteiro; LOBATO, Ruth Monteiro; MAUDSLEY, Henry; SAMPAIO, Paulo; SHAKESPEARE, William; SHAW, George Bernard; WILDE, Oscar.

Nota da pesquisa: documento incompleto, há apenas a primeira e a última páginas. Falta, ao menos, uma intermediária.

UNICAMP, IEL, CEDAE, Fundo Monteiro Lobato.

62) Destinatário: LOBATO, Monteiro.

[São Paulo, 1946-1947].

Resumo: refere-se à aquisição de nova residência do remetente, com mais espaço para o arquivo do destinatário. Informa que entrevista do remetente na Argentina foi transcrita em jornal brasileiro.

Índice onomástico: FERREIRA, Octalles Marcondes; LOBATO, Pureza Monteiro; LOBATO, Ruth Monteiro; PERÓN, Juan Domingo.

Periódico citado: *O Estado de S. Paulo*.

Nota da pesquisa: material truncado: falta, no mínimo, a página inicial.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

63) Destinatário: MARQUES, José Floriano de Azevedo.

Nova Louzã, 29 de dezembro de 1925.

Resumo: felicitações de ano novo a professor.

Arquivo Roberto Dante Cavalleiro Filho.

64) Destinatário: MELLO JÚNIOR, Antônio.

São Paulo, 9 de março de 1954.

Resumo: alega impossibilidade de dar palestra na segunda “Semana Monteiro Lobato” por ter seu tempo consumido na elaboração de biografia; afirma que Antonio Olavo Pereira poderia providenciar substituto para a palestra.

Índice onomástico: PEREIRA, Antônio Olavo; RIZZINI, Jorge.

Nota da pesquisa: trata-se da redação de *Monteiro Lobato: vida e obra*.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

65) Destinatário: MELLO JÚNIOR, Antônio; GUIARD, Oswaldo Barbosa.

São Paulo, 22 de março de 1955.

Resumo: acusa recebimento da carta de 14 mar. 1955. Afirma que o tema da conferência relacionará Monteiro Lobato com o Brasil; confirma presença em 22 de abril.

Índice onomástico: BARBOSA, Carmen Dolores; LOBATO, Monteiro.

Obra citada: *Literatura do Minarete*.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

66) Destinatário: MELLO JÚNIOR, Antônio.

São Paulo, 27 de março de 1956.

Resumo: acusa recebimento de carta e trata de fotos que deveria enviar para jornal. Comenta envio de livros para exposição.

Índice onomástico: QUERIDO, Lycurgo Barbosa; ATHAYDE, Tristão de; TAHAN, Malba.

Periódico citado: *Folha da Manhã*.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

67) Destinatário: MELLO JÚNIOR, Antônio; GUIARD, Oswaldo Barbosa.

São Paulo, 13 de dezembro de 1955.

Resumo: acusa recebimento de carta de 30 nov. 1955; noticia o encontro com Érico Veríssimo (que veio passar o Natal no Brasil). Sugere nomes de escritores para a “Semana Monteiro Lobato” e também concurso de artigos em periódico.

Índice onomástico: LOBATO, Monteiro; PELEGIRINO, Hélio; PEREIRA, Antônio Olavo; PRADO JÚNIOR, Caio, REGO, José Lins do; SODRÉ, Nelson Werneck; TELLES, Lygia Fagundes; VERÍSSIMO, Érico.

Obra de E. C. citada: *Monteiro Lobato: vida e obra*.

Periódico citado: *Correio Paulistano*.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

68) Destinatário: MELLO JÚNIOR, Antônio.

São Paulo, 13 de abril de 1956.

Resumo: comunica a presença em jantar, em sua homenagem, em Taubaté. Comenta envio de livros. Em post-scriptum, confirma recebimento de jornais, solicitando outros.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Ricardo; DONATO, Mário; GÓES, Fernando; MEDAUAR, Jorge; MONTEIRO, Jerônimo; SILVEIRA, Homero; TOLLA, Bruno Di.

Nota da pesquisa: livros referidos possivelmente sejam os emprestados para exposição na “IV Semana”, cuja listagem encontra-se no CDPH UNITAU.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

69) Destinatário: MELLO JÚNIOR, Antônio.

São Paulo, 6 de dezembro de 1956.

Resumo: referência aos anais do Congresso de Editores, sob sua responsabilidade, em preparo; notícia da negociação para pagamento da desapropriação do Sítio do Picapau Amarelo; sugere nomes de intelectuais para participar da “Semana Monteiro Lobato” de 1956.

Índice onomástico: BARBOSA, José Almiro Rolmes; FEIJÓ, Germinal; GÓES, Fernando; GUISSARD, Oswaldo Barbosa; NEVES, Arthur, PEREIRA, Lúcia Miguel; QUADROS, Jânio; QUEIRÓZ, Rachel de; RIZZINI, Carlos; SILVEIRA, Homero; SODRÉ, Nelson Werneck; VERÍSSIMO, Érico.

Nota da pesquisa: referência ao Terceiro Congresso de Editores e Livreiros do Brasil, no Rio de Janeiro, de 5 a 9 nov. 1956, do qual participou como presidente da Câmara Brasileira do Livro, cujos anais foram publicados pelo Ministério da Educação e Cultura (RJ, 1959).

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

70) Destinatário: MEYER, Augusto.

[São Paulo], 2 de janeiro de 1941.

Resumo: reitera convite para participar de inquérito jornalístico; refere-se a outros participantes; envia exemplos.

Índice onomástico: HOLANDA, Sérgio Buarque de.

Periódico citado: *O Estado de S. Paulo*.

Nota da pesquisa: solicita colaboração para inquérito jornalístico “Testamento de uma geração”.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Augusto Meyer.

71) Destinatário: MEYER, Augusto.

[São Paulo], 14 de novembro de 1941.

Resumo: convite para participar em inquérito jornalístico, que será posteriormente divulgado em livro.

Índice onomástico: FADIMAN, Clifton.

Obra de E. C. citada: *Testamento de uma geração*.

Periódico citado: *O Estado de S. Paulo*.

Nota da pesquisa: envia em anexo (documento não localizado pela pesquisa) carta padrão explicando a proposta do inquérito, personalizada com o nome do destinatário.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ, Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, Arquivo Augusto Meyer.

72) Destinatário: MIGUÉIS, José Rodrigues.

São Paulo, 24 de abril de 1957.

Resumo: comunica seleção de obra do destinatário em antologia de contos em preparo; solicita fotografia e sugestões para a obra.

Índice onomástico: ARCHER, Maria.

Obras citadas: “Beleza orgulhosa” (conto); *Grande enciclopédia luso-brasileira*; “Onde a noite se acaba” (conto); “Páscoa feliz” (conto).

Periódico citado: *Revista do Brasil*.

Brown University/USA, John Hay Library, Manuscripts.

73) Destinatário: MIGUÉIS, José Rodrigues.

São Paulo, 27 de maio de 1957.

Resumo: confirma a edição de antologia de contos; refere-se a censura, mercado editorial, entidades livresas, projetos e amizades.

Índice onomástico: ARCHER, Maria; BRANDÃO, Raul; CÂMARA, João Gonçalves Zarco

da; CASTRO, José Maria Ferreira de; COELHO, Arthur; COELHO, José Francisco Trindade; CRAVEIRO, Francisco Lopes; D'ALMEIDA, José Valentim Fialho; DANTAS, Júlio; FONSECA, Antônio José Branquinho da; FONSECA, Manuel da; GOMES, Joaquim Soeiro Pereira; MONTEIRO, Domingos; NAMORA, Fernando Gonçalves; PATRÍCIO, Antônio; PIRES, José Cardoso; QUEIRÓS, Eça de; REDOL, Alves; RÉGIO, José; REZENDE, Nilson de; RIBEIRO, Aquilino; SARDINHA, Antônio; SIMÕES, João Gaspar; SOROMENHO, Fernando Monteiro de Castro; TORGA, Miguel.

Obra citada: “Saudades para a dona Genciana” (conto).

Brown University/USA, John Hay Library, Manuscripts.

74) Destinatário: MIGUÉIS, José Rodrigues.

São Paulo, 15 de julho de 1957.

Resumo: confirma inclusão de conto do destinatário em antologia e solicita fotografia.

Obra citada: “Saudades para a dona Genciana” (conto).

Brown University/USA, John Hay Library, Manuscripts.

75) Destinatário: MIGUÉIS, José Rodrigues.

São Paulo, 15 de agosto de 1957.

Resumo: confirma recebimento de fotografias; comenta antologias de contos.

Índice onomástico: COELHO, Arthur.

Obras de E. C. citadas: *Maravilhas do conto francês*; *Maravilhas do conto inglês*; *Maravilhas do conto norte-americano*; *Maravilhas do conto português*.

Brown University/USA, John Hay Library, Manuscripts.

76) Destinatário: MOREIRA, Lino.

São Paulo, 17 de novembro de 1954.

Resumo: envia notícias do trabalho em biografia e solicita acesso ao arquivo do destinatário.

Índice onomástico: LOBATO, Monteiro; MACUCO; MONTEIRO, João; RANGEL, Godofredo; RANGEL, Nelo.

Periódicos citados: *Onze de Agosto*; *Arcadia*; *Minarete*; *O Povo*; *Vida Moderna*.

Nota da pesquisa: Nelo, citado, era filho de Godofredo, cujo arquivo em Belo Horizonte Edgard visitou em 1954.

USP, IEB, Arquivo Lino Moreira.

77) Destinatário: RAMOS, Arthur.

[São Paulo], 19 de novembro de 1941.

Resumo: convite para participação de inquérito jornalístico. Informa que matérias começarão a ser impressas a partir de 25 de novembro; pede de cinco a 20 páginas.

Obra de E. C. citada: *Testamento de uma geração*.

Periódico citado: *O Estado de S. Paulo*.

Fundação Biblioteca Nacional-RJ, Seção de Manuscritos.

78) Destinatário: RAMOS, Arthur.

[São Paulo], 194[1?].

Resumo: convite formal para participar de inquérito jornalístico.

Índice onomástico: FADIMAN, Clifton.

Periódico citado: *O Estado de S. Paulo*.

Nota da pesquisa: o depoimento de Arthur Ramos foi incluído em *Testamento de uma geração*. Anexo citado não localizado pela pesquisa.

Fundação Biblioteca Nacional-RJ, Seção de Manuscritos.

79) Destinatário: RAMOS, Arthur.

[São Paulo], 2 de janeiro de 1942.

Resumo: confirma participação de destinatário em inquérito jornalístico.

Periódico citado: *O Estado de S. Paulo*.

Fundação Biblioteca Nacional-RJ, Seção de Manuscritos.

80) Destinatário: RAMOS, Arthur.

[São Paulo], 20 de fevereiro de 1942.

Resumo: confirma publicação do depoimento do destinatário em 8 fev. 1942. Pede desculpas pela restrita nota biográfica, acusa falta de espaço no jornal.

Periódico citado: *O Estado de S. Paulo*.

Fundação Biblioteca Nacional-RJ, Seção de Manuscritos.

81) Destinatário: RAMOS, Arthur.

[São Paulo], 20 de janeiro de 1944.

Resumo: pede autorização para publicar depoimento do remetente em volume a ser editado

pela Livraria do Globo. Envia em anexo modelo de autorização.

Obra de E. C. citada: *Testamento de uma geração*.

Nota da pesquisa: o depoimento de Arthur Ramos foi incluído em *Testamento de uma geração*.

Fundação Biblioteca Nacional-RJ, Seção de Manuscritos.

82) Destinatário: RÓNAI, Paulo; HOLANDA, Aurélio Buarque de.

[São Paulo], 28 de maio 1944.

Resumo: comunica Rónai e Aurélio na mesma folha; ao primeiro noticia pesquisa em sebos paulistas, ao segundo comenta envio de livros em castelhano de sua propriedade.

Índice onomástico: CARPEAUX, Otto Maria; HOLANDA, Aurélio Buarque de; PIRANDELLO, Luigi; ROSEMBLATT, Maurício; VERGA, Giovanni.

Obra de E. C. citada: *Fagundes Varela*.

Obras citadas: *Antologia del cuento hispano-americano*; *Los cuentistas chilenos*.

Arquivo Nora Rónai.

83) Destinatário: RUBIÃO, Murilo.

São Paulo, 26 de novembro de 1947.

Resumo: agradece pelo envio de livro. Demonstra intenção em publicar crítica sobre a obra.

Obras citadas: *O ex-mágico*; “O ex-mágico da Taberna Minhota” (conto).

Nota da pesquisa: Cavaleiro cita a obra do destinatário em artigo: Balanço de 47. *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 539, p. 2-4, 23 jan. 1948.

UFMG, AEM, Inventário Murilo Rubião.

84) Destinatário: SILVA, Carolino Sucupira Mendes.

São Paulo, 27 de fevereiro de 1956.

Resumo: agradece pela recepção em homenagem à publicação da biografia de Monteiro Lobato.

Índice onomástico: GONÇALVES, Diva Sarcinelli; GONÇALVES, Manoel Carlos; JARDINI, Júlio; SILVA, Hebe.

Nota da pesquisa: o destinatário exercia o mandato de presidente da Câmara Municipal de Espírito Santo do Pinhal-SP. Jornais locais noticiaram o evento: *A Gazeta*, 23 fev. 1956 e *A Folha*, 2 mar. 1956.

UMA carta. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 11 mar. 1956.

85) Destinatário: VERÍSSIMO, Érico.

São Paulo, 23 de dezembro de 1941.

Resumo: comenta carta recebida; último livro de Veríssimo (*Gato preto em campo de neve*) e próximos lançamentos.

Índice onomástico: BARBOSA, José Almiro Rolmes; MARQUES (?); RAMOS, Frederico José da Silva (FREDÃO); ROSEMBLATT, Maurício; VERÍSSIMO, Clarissa; VERÍSSIMO, Luis Fernando; VERÍSSIMO, Mafalda.

Obras citadas: *Caravana*; *Gato preto em campo de neve*.

Arquivo da Coordenadoria de Literatura do Instituto Moreira Salles-RJ.

86) Destinatário: VERÍSSIMO, Érico.

São Paulo, 23 de fevereiro de 1942.

Resumo: comunica casamento, mudança de residência e convida para visita; comenta crítica literária e pergunta sobre projetos futuros.

Índice onomástico: GARCIA, Hamilcar de; ESTELA (?); VERÍSSIMO, Clarissa; VERÍSSIMO, Luis Fernando; VERÍSSIMO, Mafalda.

Obras citadas: *Gato preto em campo de neve*; *Caravana*.

Arquivo da Coordenadoria de Literatura do Instituto Moreira Salles-RJ.

87) Destinatário: VERÍSSIMO, Érico.

São Paulo, 19 de maio de 1942.

Resumo: comenta a missão do escritor em tempos de guerra.

Índice onomástico: BARBOSA, José Almiro Rolmes; BONAPARTE, Napoleão; ESTELA (?); GOETHE; MANN, Thomas; MUNKENS (?); RAMOS, Frederico José da Silva (FREDÃO); ROSEMBLATT, Luíza; ROSEMBLATT, Maurício; VERÍSSIMO, Clarissa; VERÍSSIMO, Luis Fernando; VERÍSSIMO, Mafalda; ZWEIG, Stefan.

Obras citadas: *Caravana*; *Eu financiei Hitler*.

Arquivo da Coordenadoria de Literatura do Instituto Moreira Salles-RJ.

88) Destinatário: VERÍSSIMO, Érico.

São Paulo, 7 de julho de 1942.

Resumo: solicita autorização para incluir tradução feita pelo destinatário em antologia de contos que organiza; pede notícias de familiares e de amigos em comum.

Índice onomástico: MANSFIELD, Katherine; RAMOS, Frederico José da Silva; ROSEMBLATT, Ester; ROSEMBLATT, Luíza; ROSEMBLATT, Maurício; VERÍSSIMO, Clarice; VERÍSSIMO, Luis Fernando; VERÍSSIMO, Mafalda.

Obras citadas: “A lição de canto” (conto de Katherine Mansfield); *Felicidade*.

Nota da pesquisa: Edgard agradece pela autorização em *As obras-primas do conto universal*.

São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942, p. 16.

Arquivo da Coordenadoria de Literatura do Instituto Moreira Salles-RJ.

89) Destinatário: VERÍSSIMO, Érico.

São Paulo, 5 de dezembro de 1942.

Resumo: noticia gravidez de esposa; pergunta por recebimento de livro e opinião sobre o mesmo; confirma recebimento de obra; impressão de outra e chegada ao mercado de duas outras; critica o autor Érico Veríssimo.

Índice onomástico: BARBOSA, José Almiro Rolmes; CUNHA, Marques da; KIPLING, Rudyard; MARTINS, José de Barros; MILLIET, Sérgio; RAMOS, Frederico José da Silva Fredão; RODRIGUES, Barbosa; ROSEMBLATT, Luíza; ROSEMBLATT, Maurício; VERÍSSIMO, Mafalda.

Obras de E. C. citadas: *Biografias e biógrafos*; *As obras-primas do conto brasileiro*.

Obras citadas: *As mãos de meu filho*; *Escritores norte-americanos e outros*.

Nota da pesquisa: “antologia” enviada para Veríssimo, não nomeada, provavelmente seja *As obras-primas do conto universal*, onde saiu tradução, negociada em carta anterior, feita por Érico.

90) Destinatário: VERÍSSIMO, Érico.

São Paulo, 6 de março de 1943.

Resumo: refere-se a possibilidade de viagem ao sul, com o objetivo de elaborar biografia; noticia publicação de livro; refere-se a livros de Veríssimo; pergunta sobre viagens.

Índice onomástico: BRAGA, Rubem; CANDIDO, Antonio; CÉSAR, Abelardo Vergueiro; GLICÉRIO, Francisco; MILLIET, Sérgio; MOOG, Vianna; OLYMPIO, José;

ROSEMBLATT, Maurício; SOUZA JÚNIOR, De.

Obras citadas: *Caravana*; *O resto é silêncio*.

Periódicos citados: *Folha da Manhã*; *O Estado de S. Paulo*.

Nota da pesquisa: biografia em elaboração por Edgard, de Glicério, comentada, não chegou a ser publicada; livro indicado por Sérgio Milliet, não nomeado, é *Biografias e biógrafos*.

91) Destinatário: VERÍSSIMO, Érico.

São Paulo, 19 de dezembro de 1957.

Resumo: externa satisfação ao saber de continuidade da obra de Veríssimo; confirma remessa de livros; comenta guerra de 1932 em São Paulo; comenta escrita de biografia.

Índice onomástico: PICCHIA, Menotti Del; ÉLIS, Bernardo; LOBATO, Monteiro; VERÍSSIMO, Mafalda; VERÍSSIMO, Clarice; VERÍSSIMO, Luis Fernando; Barão de Mauá.

Obra citada: *O tempo e o vento*.

Nota da pesquisa: biografia de Mauá, citada como em elaboração, não foi concluída/publicada.

3.4.2. Correspondência Passiva

1) Remetente: ALPHONSUS, João.

Belo Horizonte, 7 de dezembro de 1942.

Resumo: acusa recebimento de carta de 2 dez. 1942. Autoriza publicação de conto em antologia. Solicita intermediação para a publicação de livro.

Índice onomástico: BARBOSA, José Almiro Rolmes; BLUHM, Paulo; FRIEIRO, Eduardo; MARTINS, José de Barros; NABUCO, Araújo.

Obra de E. C. citada: *As obras-primas do conto brasileiro*.

Obras citadas: “Galinha cega” (conto); *Pesca da baleia*; *Eis a noite!*

CONDÉ, João. Carta do contista João Alphonsus, já falecido, a Edgard Cavalheiro. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 24 out. 1953. Arquivos Implacáveis de João Condé.

2) Remetente: ALPHONSUS, João.

São Paulo, [194-?].

Resumo: manifesta satisfação com notícias editoriais e apresenta informações sobre autores; solicita o envio da carta a José de Barros Martins etc.

Índice onomástico: ASSIS, Machado de; BLUHM, Paulo; FIGUEIREDO, Jackson de; HOLANDA, Aurélio Buarque de; LOBATO, Monteiro; MARTINS, José de Barros; NABUCO, Araújo; PEREIRA, Lúcia Miguel; RANGEL, Godofredo.

Obra de E. C. citada: *Testamento de uma geração*.

Obras citadas: “Galinha cega” (conto); *Iracema*.

Periódicos citados: *Diretrizes*; *Revista do Brasil*; *Folha de Minas*.

Nota da pesquisa: radicado em Belo Horizonte-MG, remetente escreve quando de passagem por São Paulo.

CONDÉ, João. [Carta de João Alphonsus a Edgard Cavalheiro]. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 12 fev. 1955. Arquivos Implacáveis de João Condé.

3) Remetente: ANDRADE, Mário de.

[São Paulo], 13 de janeiro de 1944.

Resumo: afirma-se impossibilitado de participar do projeto de elaboração de enciclopédia.

Sugere consultar material elaborado pelo Instituto Nacional do Livro. Considera pouco factível projeto da Livraria do Globo.

Índice onomástico: FONSECA, Simões da; MATOS, Eusébio de.

USP, IEB, Arquivo Mário de Andrade.

4) Remetente: BANDEIRA, Manuel.

[Rio de Janeiro], 6 de novembro de 1955.

Resumo: solicita informações de biografia escrita pelo destinatário.

Índice onomástico: ARINOS, Afonso; LOBATO, Monteiro; MAIA, Alcides; Malfatti, Anita; LOPES NETO, Simões; SILVEIRA, Valdomiro.

Obra de E. C. citada: *Monteiro Lobato: vida e obra*.

Obra citada: *Noções de história das literaturas*.

Nota da pesquisa: resposta de Cavalheiro é publicada em artigo: Monteiro Lobato e Manuel Bandeira. *O Tempo*, Rio de Janeiro, 20 nov. 1955.

BANDEIRA, Manuel. Carta aberta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 6 nov. 1955.

5) Remetente: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

São Paulo, 4 de novembro de 1946.

Resumo: pergunta sobre viagem; fornece notícias de filhos, parentes e amigos.

Índice onomástico: MARTUCHELI (?); NABUCO, Araújo.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

6) Remetente: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Barra Mansa, 13 de março de 1947.

Resumo: refere-se à viagem e família.

Índice onomástico: NELCYR (?).

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

7) Remetente: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

São Paulo, 12 de setembro de 1949.

Resumo: notícias pessoais; menção ao andamento de construção; envio de fotos.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Maria Helena; CAVALHEIRO, Roberto; VERÍSSIMO, Érico; VERÍSSIMO, Mafalda.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

8) Remetente: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

São Paulo, 8 s.m. s.a.

Resumo: fornece e solicita notícias de parentes.

Obra de E. C. citada: *Garcia Lorca*.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Roberto; FECCHIO, João; CAVALHEIRO, Nair; CAVALHEIRO, Maria Helena; CAVALHEIRO, Lucy; GUIMARÃES, Ney; CAVALHEIRO, Paulina Curtis; CAVALHEIRO, Roberto Dante; JUNQUEIRA (?); SIMÃO VIAJANTE (?).

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

9) Remetente: COUTO, Ribeiro.

Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1942.

Resumo: opina sobre escolha de um de seus contos para inclusão em antologia.

Obras citadas: *Largo da Matriz*, "Uma noite de chuva ou Simão, diletante de ambientes" (conto), "O bloco das mimosas borboletas" (conto), "Maternidade" (conto), "Baianinha" (conto), "Pai" (conto), "Mistério de sábado" (conto), "O Baiano" (conto).

Nota da pesquisa: conto "Uma noite de chuva ou Simão, diletante de ambientes", do remetente, foi publicado na antologia *As obras-primas do conto brasileiro*, organizada por

Edgard Cavalheiro e José Almiro Rolmes Barbosa para a Livraria Martins Editora, em 1943.

CONDÉ, João. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 17 abr. 1953. Arquivos Implacáveis de João Condé, Correspondência.

10) Remetente: CRIS (?).

São Simão, 31 de agosto de 1947.

Resumo: solicita visita e pede cópias de artigos que forem publicados.

Obras citadas: *Arco do triunfo*; *A vida e a morte de uma cidade espanhola*.

Periódicos citados: *Província de São Pedro*; *Folha [da Manhã]*.

Índice onomástico: IRACY (?); LOBATO, Monteiro; SÉRGIO, Roberto.

Nota da pesquisa: remetente não identificado, aparentemente esposo de Iracy (?).

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

11) Remetente: DONATO, Mário.

[São Paulo, 1955].

Resumo: elogia Cavalheiro pela biografia, nomeando-o “Apóstolo do mestre Lobato”.

Índice onomástico: BARBOSA, Rui; DAUDET, Alphonse; EMÍLIA; LOBATO, Monteiro; TATU, Jeca.

LOBATO e os modernistas. *O Tempo*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1955.

12) Remetente: FERREIRA, Ascenso.

[São Paulo], 30 de setembro de 1953.

Resumo: agradece por recepção em São Paulo.

Índice onomástico: BARROSO, Inezita; BORGES, Durval Rosa; COELHO, Luís Lopes; DONATO, Mário; PEREIRA, Antônio Olavo; PEREIRA, Daniel; PIMENTEL, Osmar; SARAIVA, Jorge.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

13) Remetente: GUIARD, Oswaldo Barbosa.

Taubaté, 6 de janeiro de 1958.

Resumo: presidente da Comissão Executiva da Semana Monteiro Lobato comunica a programação prevista para 1958; solicita auxílio; cita participantes.

Índice onomástico: BARBOSA, Carmen Dolores; CALMON, Pedro; CANDINHO [Cândido

Mota Filho?]; LOBATO, Monteiro; LEMOS, Túlio de; MELLO JÚNIOR, Antônio; NUNES, Cel. Janary; PICCHIA, Menotti Del; PRADO JÚNIOR, Caio; SILVA, Marcelo Pereira da; VERÍSSIMO, Érico.

Obra de E. C. citada: *Monteiro Lobato: vida e obra*.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

14) Remetente: GUIARD, Oswaldo Barbosa

Taubaté, 26 de fevereiro de 1958.

Resumo: encarrega Edgard de criar mensagem de saudação aos taubateanos, na homenagem pelos dez anos de falecimento de Monteiro Lobato na “Semana” de 1958.

Índice onomástico: DUPRÉ, Leandro; TELLES, Lygia Fagundes; AMARAL, Rubens do; LEITE, Aureliano.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

15) Remetente: LEITE, Gentil Eugênio de Carvalho; MEDAUAR, Jorge.

Taubaté, 1956.

Resumo: enviam poema fazendo trocadilho com a palavra “cavalheiro”. Refere-se a Lobato e o destinatário como imortais taubateanos.

Índice onomástico: LOBATO, Monteiro.

Obra de E. C. citada: *Monteiro Lobato: vida e obra*.

Nota da pesquisa: poema a quatro mãos feito durante a IV Semana Monteiro Lobato.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

16) Remetente: LOBATO, Monteiro.

São Paulo, 13 de outubro de 1940.

Resumo: agradece pelo envio do livro *Fagundes Varela*, desculpando-se pela demora em se manifestar; parabeniza pelo trabalho; convida destinatário a visitá-lo.

Obra de E. C. citada: *Fagundes Varela*.

Nota da pesquisa: trata-se da carta citada por Edgard, em seu *Monteiro Lobato: vida e obra* (v. 1, p. 1), que marca o início da amizade com Lobato.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

17) Remetente: LOBATO, Monteiro.

[São Paulo, 1941?].

Resumo: remetente ironiza proposta de depoimento intelectual e afirma que levaria 11 anos para responder, em milhares de páginas, a tão amplas e complexas questões suscitadas.

Nota da pesquisa: carta publicada, a título de “noticiário”, em CAVALHEIRO, Edgard (Org.). *Testamento de uma geração*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944, p. 272-273.

CONDÉ, João. [Testamento de uma geração]. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1953. Arquivos Implacáveis de João Condé, Correspondência.

18) Remetente: LOBATO, Monteiro.

[São Paulo], [11 de outubro de] 1944.

Resumo: solicita que destinatário envelope e encaminhe ao correio carta enviada em anexo.

Índice onomástico: LEÃO, Múcio.

Nota da pesquisa: bilhete que acompanhou carta ao então presidente da Academia Brasileira de Letras, com recusa à ocupação de cadeira. Carta referida publicada na íntegra por Múcio Leão em “Vida dos Livros”, no *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ed. 136, p. 6, 14 jun. 1956 (Website: http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=030015_01&PagFis=62862 – acessado em 6 jul. 2011).

CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, v. 2, p. 238.

19) Remetente: LOBATO, Monteiro.

Buenos Aires, 10 de agosto de 1946.

Resumo: manifesta alegria ao saber que destinatário está de casa nova e também alívio ao saber que arquivo terá melhor acomodação. Afirma estar bem na Argentina e sugere visita.

Índice onomástico: ALBERDI; CARNEGIE, Andrew; CAVALHEIRO, Élide Fecchio; ITARARÉ, Barão de; LOBATO, Pureza Monteiro; LOBATO, Ruth Monteiro; MUSSOLINI, Benito; PERÓN, Juan Domingo; SARMIENTO; VEIRA, Pe. Antônio.

Nota da pesquisa: casa que Edgard foi morar nessa época era própria: rua Luiziânia, 315 – Brooklin Novo. Monteiro Lobato fornece como endereço “Sarmiento, 2608”.

LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959, v. 2, p. 189-191.

20) Remetente: LOBATO, Monteiro.

Buenos Aires, 14 de setembro de 1946.

Resumo: confirma recebimento de carta; fornece notícias sobre Areias-SP; parabeniza destinatário por nascimento de filha, referindo-se à educação de filhos. Afirma ter recebido livro *Garcia Lorca*, mencionando tratativas para publicação do livro; refere-se ao arquivo deixado com destinatário.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Maria Helena; DUTRA, Eurico Gaspar; ENGRÁCIA (?); LAURINDO (?); MARTINS (?); MOTA, Cardeal Dom Carmelo; OLINTO (?); PENA, Pedro; PRIETO, Ramón; SAMPAIO, Júlia; SAMPAIO, Júlio; SAMPAIO, Paulo.

Obra de E. C. citada: *Garcia Lorca*.

Obras citadas: “Suplício moderno” (conto de *Urupês*); “Bocartorta” (conto de *Urupês*); *Urupês*; *Os doze trabalhos de Hércules*.

Nota da pesquisa: em *Monteiro Lobato: vida e obra*, v. 1, p. 138, há referência a esta carta.

LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1959, v. 2, p. 195-198.

21) Remetente: LOBATO, Monteiro.

[São Paulo, 194-?].

Resumo: envio de documentos.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

22) Remetente: MACIEL, Gualter Gontijo.

[Belo Horizonte], 8 de novembro de 1940.

Resumo: mensagem anexa a artigo de sua autoria focalizando o lançamento de obra de Cavaleiro.

Índice onomástico: VARELA, Fagundes.

Obra de E. C. citada: *Fagundes Varela*.

Periódico citado: *Minas Gerais*.

Nota da pesquisa: artigo referido: Livros novos: Edgard Cavaleiro – Fagundes Varela. *Minas Gerais*, Belo Horizonte, 7 nov. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

23) Remetente: MELLO JÚNIOR, Antônio; GUIARD, Oswaldo Barbosa.

Taubaté, 26 de janeiro de 1954.

Resumo: Comissão Executiva do Conselho da Semana Monteiro Lobato convida destinatário para palestra na segunda edição da “Semana”.

Índice onomástico: LOBATO, Monteiro.

Obra citada: *Urupês*.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

24) Remetente: MELLO JÚNIOR, Antônio; GUIARD, Oswaldo Barbosa.

Taubaté, 19 de fevereiro de 1954.

Resumo: reiteram convite para participar da II Semana Monteiro Lobato de Taubaté-SP.

Nota da pesquisa: Cavaleiro responde ao convite em 9 mar. 1954.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

25) Remetente: MELLO JÚNIOR, Antônio.

Taubaté, 8 de maio de 1954.

Resumo: lembrança de passado comum em Pinhal entre 1920 e 1923. Envia dois exemplares de *O Lábaro*, periódico taubateano que se opõe à Semana Monteiro Lobato.

Índice onomástico: DONATO, Mário; JACAREÍ; LOBATO, Monteiro; PEREIRA, Urbano Alves de Souza.

Periódico citado: *O Lábaro*.

Nota da pesquisa: aparentemente truncada. Provavelmente primeira carta após a recusa de Edgard em participar da segunda “Semana”.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

26) Remetente: MELLO JÚNIOR, Antônio; GUIARD, Oswaldo Barbosa.

Taubaté, 14 de março de 1955.

Resumo: presidente e secretário da Comissão Executiva da Semana Monteiro Lobato solicitam de destinatário o tema de palestra na terceira edição do evento.

Índice onomástico: LOBATO, Monteiro; PEDRO, Alim; MOTA FILHO, Cândido.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

27) Remetente: MELLO JÚNIOR, Antônio; GUIARD, Oswaldo Barbosa.

Taubaté, 30 de novembro de 1955.

Resumo: presidente e secretário da Comissão Executiva da Semana Monteiro Lobato solicitam ajuda de destinatário para quarta edição do evento; cumprimentam pela biografia.

Índice onomástico: ATHAYDE, Tristão de; LOBATO, Monteiro; REGO, José Lins do; VERÍSSIMO, Érico.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

28) Remetente: MELLO JÚNIOR, Antônio; GUIARD, Oswaldo Barbosa.

Taubaté, 9 de janeiro de 1956.

Resumo: externam dúvida sobre local de nascimento de Lobato apontado na biografia.

Índice onomástico: CALAZANS, Padre; GARCEZ, Lucas Nogueira; JUNIOR, [ilegível]; LOBATO, Monteiro; LOBATO, Pureza Monteiro; QUADROS, Jânio; RIZZINI, Carlos.

Obra citada: *Urupês*.

UNITAU, CDPH, Fundo Semanas Monteiro Lobato.

29) Remetente: MIGUÉIS, José Rodrigues.

Nova York, 30 de abril de 1957.

Resumo: comenta trajetória e exílio intelectual; sugere conto para antologia e comenta alternativas.

Índice onomástico: ARCHER, Maria; LEÃO, Múcio; MONTEIRO, Adolfo Casais; REZENDE, Nilson de.

Obras citadas: “Beleza orgulhosa” (conto); *Crime em réu menor*; *O passageiro do expresso*; “Paixão e calvário das letras portuguesas” (conto); “Páscoa feliz” (conto); *Primeira pessoa do plural*; *Reflexões de um burguês*; “Saudades para a dona Genciana” (conto).

Periódico citado: *Reader's Digest*.

Brown University/USA, John Hay Library, Manuscripts.

30) Remetente: MIGUÉIS, José Rodrigues.

Lisboa, 27 de setembro de 1957.

Resumo: comenta retorno a Portugal; referência ao câmbio de livros e à censura.

Índice onomástico: COELHO, Arthur; COELHO, Ione; RAMOS, Graciliano; REZENDE, Nilson de.

Obras citadas: *Memórias do cárcere*; “Saudades para a dona Genciana” (conto).
Brown University/USA, John Hay Library, Manuscripts.

31) Remetente: PACHECO, Armando.

São Paulo, 1 de março de 1944.

Resumo: desculpa-se por publicar entrevista concedida por destinatário sem que este tenha antes aprovado o texto. Rememora ocasião da entrevista e assuntos tratados.

Índice onomástico: PROFESSOR JACARANDÁ (?).

Obra de E. C. citada: *Fagundes Varela*.

Periódicos citados: *Vamos Ler!*; *A Folha*.

Nota da pesquisa: refere-se a artigo publicado em *Vamos Ler!*

ATITUDE deselegante. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 12 mar. 1944.

32) Remetente: PEREIRA, Urbano Alves de Souza.

Taubaté, 18 de abril de 1956.

Resumo: elogia a reconstrução biográfica do amigo de infância, Monteiro Lobato.

Índice onomástico: LOBATO, Monteiro.

Obra de E. C. citada: *Monteiro Lobato: vida e obra*.

Obra citada: *Urupês*.

Nota da pesquisa: Urbano era um dos três amigos apelidados por Lobato de “jacarés” por não abandonarem as margens do Paraíba do Sul (MELLO JÚNIOR, Antônio. *Edgard Cavalheiro: subsídios para uma biografia*. Taubaté: O Taubateano, 1978, p. 25).

LOBATO e Cavalheiro em Taubaté. *Última Hora*, São Paulo, 18 abr. 1956.

33) Remetente: PIRES, Hugo.

[São Paulo], 14 de julho de 1952.

Resumo: envia ilustração de sua autoria retratando o busto de Lima Barreto; tece considerações sobre a qualidade da reprodução.

Índice onomástico: BARRETO, Lima.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

34) Remetente: ROMERO, Nelson.

Rio de Janeiro, 21 de março de 1936.

Resumo: ressalva a artigo do destinatário dedicado a Sílvio Romero.

Índice onomástico: ASSIS, Machado de; BARRETO, Tobias; OLYMPIO, José; ROMERO, Sílvio.

Obra citada: *Machado de Assis*.

Periódico citado: *A Gazeta*.

Nota da pesquisa: carta em resposta a artigo de Cavalheiro: Machado de Assis e Sílvio Romero. *A Gazeta*, São Paulo, 1 mar. 1936.

“MACHADO de Assis” de Sílvio Romero. *A Gazeta*, São Paulo, 1 abr. 1936.

35) Remetente: RÓNAI, Paulo.

Rio de Janeiro, 24 de julho de 1955.

Resumo: comunica adiamento de concurso em que participa.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Élide Fecchio; LOBATO, Monteiro; RÓNAI, Cora.

Arquivo Nora Rónai.

36) Remetente: SILVEIRA, Valdomiro.

Santos, 28 de outubro de 1940.

Resumo: acusa o recebimento de livro, agradece e elogia o trabalho; tece comentários sobre a literatura biográfica e o trabalho do biógrafo.

Índice onomástico: VARELA, Fagundes.

Obra de E. C. citada: *Fagundes Varela*.

Nota da pesquisa: a carta apresenta também a assinatura de “Isabel”.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

37) Remetente: VERÍSSIMO, Érico.

Porto Alegre, 21 de novembro de 1941.

Resumo: desculpa-se pela demora em responder, noticiando escrita de livro; tece comentários sobre a crítica especializada.

Índice onomástico: BARBOSA, José Almiro Rolmes; CUNHA (?); QUEIRÓS, Eça de.

Obra citada: *Gato preto em campo de neve*.

Nota da pesquisa: republicada nos “Arquivos Implacáveis de João Condé”, de *O Cruzeiro*, em 12 out. 1957.

CONDÉ, João. [Carta de Érico Veríssimo a Edgard Cavalheiro]. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1954. Arquivos Implacáveis de João Condé, Correspondência.

38) Remetente: VERÍSSIMO, Érico.

Porto Alegre, 25 de maio de 1942.

Resumo: agradece carta reconfortante. Comenta críticas contrárias e favoráveis recebidas.

Confirma escrita de novela, revelando que argumento teria surgido de experiência pessoal.

Índice onomástico: BARATA (?).

Obra de E. C. citada: *As obras-primas do conto brasileiro*.

Obra citada: *Caminhos cruzados*.

Periódico citado: *Lux*.

CONDÉ, João. Duas cartas do romancista Érico Veríssimo, nas quais descreve o processo de elaboração do romance *O resto é silêncio*. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1955. Arquivos Implacáveis de João Condé, Correspondência.

39) Remetente: VERÍSSIMO, Érico.

Porto Alegre, 29 de dezembro de 1942.

Resumo: parabeniza destinatário pelo nascimento do primeiro filho e também por sucesso de antologia. Indaga sobre o recebimento de livro enviado.

Índice onomástico: WILDE, Thornton.

Obra citada: *O resto é silêncio*.

Periódico citado: *Time*.

CONDÉ, João. Duas cartas do romancista Érico Veríssimo, nas quais descreve o processo de elaboração do romance *O resto é silêncio*. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 25 jun. 1955. Arquivos Implacáveis de João Condé, Correspondência.

40) Remetente: XAVIER, Chico.

Pedro Leopoldo-MG, 22 de fevereiro de 1956.

Resumo: confirma recebimento de carta de destinatário e o elogia por biografia.

Índice onomástico: PEREIRA, Antônio Olavo; LOBATO, Monteiro; RIEDEL, Diaulas.

Nota da pesquisa: carta reproduzida em 3 maio 1956 na *Folha da Noite*.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

3.4.3. Cartas abertas

1) Destinatário: *Diretrizes*, Rio de Janeiro, n. 117, p. 7.

[São Paulo], 24 de setembro de 1942.

Resumo: manifestação de apoio ao escritor José Lins do Rego.

Nota da pesquisa: assinam também o documento: ALMEIDA, Carmen de; BASTOS, Humberto; BATINI, Tito; CRUZ, Herculano Torres; DONATO, Mário; FRANKENTHAL, Naum; GAMA, Maurício Loureiro; LIMA, Heitor Ferreira; MARQUES, Corifeu de Azevedo; MARTINS, Manoel; MENDONÇA, Rivadávia; MILLIET, Sérgio; NABUCO, Araújo; PÁDUA, Ciro T. De; PARANHOS, Rio Branco; ROSSI, Edmundo; SCLIAR, Carlos e ZINGG, Paulo.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=163880&PagFis=4554>
(acessado em 6 jul. 2011).

2) Destinatário: *Moscardo*, São Paulo, n. 787, p. 14-15.

[São Paulo], 26 de agosto de 1944.

Resumo: comenta remuneração dos escritores. Periódico anteriormente chamado *Il Moscone*.

Índice onomástico: CUPOLO, Eugênio.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=213535&PagFis=10748>
(acessado em 6 jul. 2011).

3) Destinatário: *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 846, p. 7.

[São Paulo], 25 de janeiro de 1949.

Resumo: apresenta manifesto de chapa que disputa eleição na ABDE.

Índice onomástico: ACCIOLI, João; BRITO, Mário da Silva; FARIA, José Escobar; FERRAZ, João de Souza; KOPKE, Carlos Burlamaqui; MIRANDA, José Tavares de; NAZÁRIO, Joaquim Nobre Pinto; PRADO JÚNIOR, Caio; RODRIGUES, Geraldo Pinto e SILVEIRA, Helena.

Nota da pesquisa: assinam também o documento: ALENCAR, Mauro de; BASTOS, Abguar; BRAGA, Edgard; CAMPOS, Diego Pires de; CAVALCANTI, Emiliano Di; CÉSAR, Osório;

CORREIA, J. B. Da Rocha; DONATO, Mário; GIOVANINI, Luís; GUARNIERI, Rossine Camargo; HADDAD, Jamil Almansur; NEME, Pedro; NEVES, Arthur; PÁDUA, Ciro T. De; RAMOS, Péricles Eugênio da Silva; ROSA, Roldão Mendes; SAIA, Luís; SCHMIDT, Afonso; SILVA, Domingos Carvalho da; SILVA, Mário Júlio; SILVEIRA, Miroel e VIEIRA, José Geraldo.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=8114>
(acessado em 6 jul. 2011).

4) Destinatário: “Aos intelectuais e ao povo de São Paulo”.

São Paulo, 2 de março de 1950.

Resumo: convite para o III Congresso Brasileiro de Escritores.

Nota da pesquisa: publicada na *Folha da Manhã* de 2 abr. 1950 (caderno 1, p. 10). Assinam também o documento: ACAYABA, Cícero Vieira de; ALMEIDA, Antônio Tavares de; ALVES, Oswaldo; AMARAL, Valentim do; ANDRADE, Condelaç Chaves; BANDEIRA, Antônio Rangel; BASTOS, Abgvar; BERTOLINI, Nadir; BRITO, Nabor Caires de; BUENO, Moacyr; CAETANO FILHO, Manuel; CAMPOS, Diego Pires de; CAMPOS, Raul Rocha; CARDOSO, Ruy Barbosa; CARNEIRO, André; CARVALHO, Benedito Geraldo de; CASTELAR, José; CHIARINI, João; CINTRA, Joaquim Correa; COUTINHO, Galeão; COUTINHO, Tarcísio; CRUZ, Paulo Santos; DANTAS, Paulo; DIAS, José Tavares; FARIA, José Escobar; FERNANDES, José Eduardo; FERNANDES, Mário; FERNANDES, Nízio; FERRAZ, Antônio Oswaldo; FIORAVANTI JUNIOR, João; FRANCO, Jaime; GALHARDO, José B. De Averaldo; GOMES, José Maria; GOMES, Yaynha Pereira; GUARNIERI, Rossine Camargo; HADDAD, Jamil Almansur; LAGO, Mário; LEMOS, João Baptista; LUNA, Antônio de; MACHADO, Geraldo Toledo; MARTINS, Ibiapaba; MENDONÇA, Rivadávia; MICHELIN, Orlando José; MORAIS, Hélio de; MOREIRA, Albertino; NAZÁRIO, Joaquim Nobre Pinto; NEVES, Arthur; PÁDUA, Ciro T. De; PAES, José Paulo; PALMÉRIO, Eduardo; PESSOA, Samuel Barnsley; PICCHIA, Menotti Del; PIMENTEL, Cyro; PRADO JÚNIOR, Caio; QUISSAK, Ernesto; RODRIGUES, Geraldo Pinto; ROSA, Roldão Mendes; SAIA, Luís; SALES, Braz Paulo; SCHMIDT, Afonso; SERRONI, Arnaldo; SILVA, Antonieta Dias de Moraes; SILVA, Domingos Carvalho da; SILVA, Márcio da Costa e; SILVEIRA, Helena; SIMONIAN, Rosália; SOUZA, Edison Ruivo de; SUCUPIRA FILHO; TEIXEIRA, Maria de Lourdes; TELLES, Lygia Fagundes; TORELLY, Aparício; TRAVASSOS, Nelson Palma;

TRENCH, Harly; VENTURI, Maslowa Gomes; VIEIRA, José Geraldo e WASHINGTON, Luís.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

5) Destinatário: *Folha da Manhã*, São Paulo.

São Paulo, 18 de julho de 1952.

Resumo: mensagem de saudação ao romancista Jorge Amado, em visita a São Paulo.

Obra citada: *Terras do sem fim*.

Nota da pesquisa: assinam também o documento: ABDALA, José João; ACCIOLI, João; ALEGRETTI, Derville; ALMEIDA, Paulo Mendes de; AMARAL, Valentim do; BARROS, Fernando de; BASTOS, Abguar; BRITO, Mário da Silva; CARVALHO, Flávio de; CUCE, José; DONATO, Mário; FELICIANO, Lincoln; FERRAZ, Elói Lopes; FLEURY, Gumercindo; FRANCO, Cid; GOMES, José Maria; GONZALEZ, Francisco Rebolo; GRACIANO, Clóvis; GUARNIERI, Eduardo de; GUARNIERI, Mozart Camargo; GUISSARD, Jaurés; HADDAD, Jamil Almansur; JORGE, Salomão; KOPKE, Carlos Burlamaqui; LEMOS, Túlio de; MACHADO, Eumene; MARCONDES, Milton Pereira; MARTINS, José de Barros; MATOS, Valdemar Belfort de; MILLIET, Sérgio; MIRAGLIA, José; MORAIS, Léo Ribeiro de; ORTIZ, Carlos; PIZA, Vladimir de Toledo; QUADROS, Jânio; ROSEMBERG, Davi; SANTAMARIA, Conceição; SANTOS, Arual Antonio; SCHMIDT, Afonso; SEABRA, Ernani; SILVEIRA, Helena; SOBRINHO, João Salgado; TEIXEIRA, Maria de Lourdes; VIANA, Oduvaldo; VIEIRA, José Geraldo.

6) Destinatário: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, n. 18332, p. 2.

São Paulo, 24 de dezembro de 1952.

Resumo: comenta concurso de poesia promovido pela Câmara Brasileira do Livro.

Índice onomástico: ANDRADE, Oswald de; BRITO, Mário da Silva; LISBOA, Henriqueta; MARQUES, Oswaldino; MEIRELES, Cecília; MELO, Thiago de; NOGUEIRA, Rui; PIMENTEL, Cyro; PINTO, Alcides; REIS, Marcos Konder; SILVA, Domingos Carvalho da; SILVEIRA, Paulo César da.

Nota da pesquisa: divulgada em coluna intitulada “Telefonema”.

UFMG, CEL, AEM, Acervo Henriqueta Lisboa.

7) Destinatário: Deputado Carlos Luz.

[São Paulo], 1955.

Resumo: manifesta posição da Câmara Brasileira do Livro frente a votação no Legislativo.

Nota da pesquisa: publicada no *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 4, v. 3, jul./ago. 1955.

USP, IEB, Biblioteca.

8) Destinatário: “Prêmio Monteiro Lobato”.

[São Paulo], 11 de março de 1956.

Nota da pesquisa: publicada na *Folha da Manhã* de 11 mar. 1956, à página 3, divulgando a apuração do prêmio Monteiro Lobato, do qual Edgard era um dos jurados.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

9) Destinatário: José Nabantino Ramos.

[São Paulo], 1956.

Resumo: envio de congratulações por inauguração de seção especializada em periódico.

Periódico citado: *Folha da Manhã*.

Índice onomástico: PIMENTEL, Osmar.

Nota da pesquisa: publicada no *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 2, v. 4, p. 71, mar./abr. 1956. Destinatário então diretor da *Folha da Manhã*.

USP, IEB, Biblioteca.

10) Destinatário: Sólon Borges dos Reis.

[São Paulo], 1957.

Resumo: manifesta posição da Câmara Brasileira do Livro em matéria de ensino primário.

Periódico citado: *Diário Oficial do Estado do São Paulo*.

Nota da pesquisa: publicada no *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 1, v. 5, p. 13, jan./fev. 1957. Destinatário então diretor do Departamento Estadual de Educação.

USP, IEB, Biblioteca.

3.4.4. Terceiros

1) Remetente: CAVALHEIRO, Nicolau; CAVALHEIRO, Rosa Ferriani.

Destinatário: LEITE, Angelina.

Nova Louzã, 15 de dezembro de 1910.

Resumo: enviam foto da filha Lucy Cavalheiro.

Arquivo Luís Carlos Cavalheiro.

2) Remetente: CAVALHEIRO, Nicolau; CAVALHEIRO, Rosa Ferriani.

Destinatário: PERINI, Humberto.

[Espírito Santo do Pinhal-SP], 4 de fevereiro de 1912.

Resumo: envia fotografia retratando Edgard Cavalheiro aos sete meses.

Nota da pesquisa: fotografia reproduzida em CONDÉ, João. Álbum de família. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, 26 jan. 1957. Arquivos Implacáveis de João Condé.

Arquivo Luís Carlos Cavalheiro.

3) Remetente: CAVALHEIRO, Nicolau.

Destinatário: FERRIANI SOBRINHO, Adriano.

Nova Louzã, 22 de agosto de 1931.

Resumo: explica tratativas pecuniárias e comerciais.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

4) Remetente: CAVALHEIRO, Nicolau; CAVALHEIRO, Rosa Ferriani.

Destinatário: FERRIANI SOBRINHO, Adriano; FERRIANI, Angelina Parducci.

[Espírito Santo do Pinhal-SP], 19 de maio de 1913.

Resumo: envio de fotografia do casal Nicolau e Rosa Cavalheiro, manifestando estima.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

5) Remetente: CAVALHEIRO, Lucy.

Destinatário: CAVALHEIRO, Rosa Ferriani.

Rio de Janeiro, 16 de agosto de 1942.

Resumo: manifesta saudades, referindo-se à vista do alto do Corcovado.

Nota da pesquisa: autógrafo no verso de fotografia de Edgard, Élide e Lucy.

Arquivo Luís Carlos Cavaleiro.

3.4.5. Póstuma

1) Remetente: ANDRADE, Lélío de Castro; SILVA, Raul de Andrada e.

Destinatário: Família Cavaleiro.

São Paulo, 1 de julho de 1958.

Resumo: enviam condolências à família em nome da Editora Paulo de Azevedo e da Livraria Francisco Alves.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Edgard.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

2) Remetente: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Destinatário: Diretor de *A Gazeta* de Espírito Santo do Pinhal-SP.

São Paulo, 14 de agosto de 1958.

Resumo: agradece homenagens prestadas por ocasião do falecimento do marido.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Edgard.

Nota da pesquisa: publicada a 28 ago. 1958 em *A Gazeta* de Espírito Santo do Pinhal-SP.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César.

3) Remetente: CAVALHEIRO, Lucy.

Destinatário: SANTOS, Oswaldo dos.

São Paulo, 21 de julho de 1961.

Resumo: agradece vereador santista pela apresentação de decreto-lei 62/61 na Câmara Municipal de São Vicente que denomina logradouro público com o nome de Edgard Cavaleiro.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Edgard.

Arquivo Luís Carlos Cavaleiro.

4) Remetente: CAVALHEIRO, Lucy

Destinatário: PONTES, Alceu de Toledo.

São Paulo, 23 de abril de 1970.

Resumo: agradece pela homenagem póstuma que a recém-inaugurada Academia Jundiaense de Letras prestou à memória de seu irmão Edgard Cavalheiro. Afirma que notícia de que Edgard foi nomeado patrono chegou através de conterrâneo.

Índice onomástico: MENDES, Fábio Rodrigues.

Nota da pesquisa: destinatário então Diretor da Academia Jundiaense de Letras.

Arquivo Luís Carlos Cavalheiro.

5) Remetente: DANTAS, Paulo.

Destinatário: CAVALHEIRO, Família.

[São Paulo], 8 de agosto de 1958.

Resumo: envia artigo de sua autoria com mensagem no próprio recorte; dedica artigo à memória do falecido Edgard Cavalheiro.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Edgard.

Periódico citado: *Revista Brasiliense*.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

6) Remetente: FITTIPALDI, Mário.

Destinatário: CAVALHEIRO, Lucy.

São Paulo, 3 de julho de 1964.

Resumo: convite para participar da solenidade que atribuirá o nome de Edgard Cavalheiro à Sala de Reuniões de Diretoria da Câmara Brasileira do Livro, havendo também a colocação de um retrato na parede da sala.

Obra de E. C. citada: *Monteiro Lobato: vida e obra*.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Edgard.

Nota da pesquisa: cerimônia ocorreria em 6 jul. 1964. Remetente assina como presidente da CBL.

Arquivo Luís Carlos Cavalheiro.

7) Remetente: LACERDA, Carlos.

Destinatário: CAVALHEIRO, Lucy.

Rio de Janeiro, 14 de abril de 196[0?].

Resumo: agradece por palavras enviadas em carta.

Nota da pesquisa: endereço de envio é “Palácio Guanabara”; possivelmente enviado quando Carlos Lacerda era Governador do Estado (1960 a 1965).

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

8) Remetente: MARTINS, José de Barros.

Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

São Paulo, 2 de julho de 1959.

Resumo: envia cópia de trecho de relatório da Câmara Brasileira do Livro em que se destaca o “Desaparecimento de Edgard Cavalheiro”.

Índice onomástico: RIEDEL, Diaulas.

Nota da pesquisa: remetente então presidente da CBL. Ofício 025/B/59.

Arquivo Luís Carlos Cavalheiro.

9) Remetente: MENDES, Fábio Rodrigues.

Destinatário: CAVALHEIRO, Rosa Ferriani.

Jundiaí, 27 de março de 1970.

Resumo: comunica que Edgard tornou-se patrono da cadeira de número 17 na fundação da Academia Jundiaense de Letras (3 mar. 1970), por proposição do remetente.

Índice onomástico: LEITE, Dorival de Souza.

Nota da pesquisa: envia duas páginas datilografadas contendo a descrição da fundação e os nomes envolvidos; remetente figura como um dos fundadores.

Arquivo Luís Carlos Cavalheiro.

10) Remetente: MENEZES, Corália Porto de.

Destinatário: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Espírito Santo do Pinhal-SP, 15 de julho de 1958.

Resumo: envia mensagem de solidariedade à viúva Cavalheiro.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Edgard; FERRIANI, Hélio; FERRIANI, Jorge; GONÇALVES, Manoel Carlos; JAGLE, Adolfo; JABUR, Amin; SALVETTI, Zeca; [ilegível], Luís.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

11) Remetente: NUNES JÚNIOR, André.

Destinatário: Família Cavalheiro.

São Paulo, 11 de julho de 1958.

Resumo: Presidente da Câmara Municipal de São Paulo comunica movimentos da Casa em virtude do falecimento de Edgard.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Edgard; COSTA, Pedro Geraldo.

Nota da pesquisa: ofício: “Proc. 5666/58”. Carimbo “2758”.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

12) Remetente: NUNES, Cassiano.

Destinatário: CAVALHEIRO, Lucy.

[Sem local], [1961].

Resumo: envia cópia de projeto de vereador que propõe o nome de Edgard para logradouro público, projeto já aprovado na Câmara Municipal de São Vicente-SP.

Índice onomástico: ARROYO (?); CAVALHEIRO, Edgard; SANTOS, Oswaldo dos.

Arquivo Luís Carlos Cavalheiro.

13) Remetente: PAES, José Paulo.

Destinatário: CAVALHEIRO JÚNIOR, Edgard.

São Paulo, 11 de outubro de 1958.

Resumo: envia pequeno poema de sua autoria sobre amizade entre remetente e o destinatário.

Nota da pesquisa: José Paulo Paes foi padrinho de batismo de Ricardo Cavalheiro, nascido em 1956, filho caçula de Edgard Cavalheiro.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

14) Remetente: PIERONI, Narciso.

Destinatário: Família Cavalheiro.

São Paulo, 11 de julho de 1958.

Resumo: deputado Narciso Pieroni envia voto de pesar à família de Edgard Cavalheiro, aprovado pela Assembleia Legislativa de São Paulo.

Índice onomástico: CASTANHO, Arruda; CAVALHEIRO, Edgard.

Nota da pesquisa: sessão legislativa: R. G. 4441/1958, u. 2518; referendo número 391 de 1958, votado em 2 jul. 1958.

Arquivo Luís Carlos Cavalheiro.

15) Remetente: SILVA, Carolino Sucupira Mendes.

Destinatário: Família Cavalheiro.

Espírito Santo do Pinhal-SP, 18 de julho de 1958.

Resumo: Presidente da Câmara envia ofício comunicando que propôs deliberação na Casa, aceita por unanimidade, de homenagear Edgard em sessão de 30 jul. 1958.

Índice onomástico: CAVALHEIRO, Edgard.

Nota da pesquisa: ofício “47/58”.

Arquivo Luís Carlos Cavalheiro.

16) Remetente: CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Destinatário: MELLO JÚNIOR, Antônio.

São Paulo, 5 de dezembro de 1978.

Resumo: agradece envio de livro de autoria do destinatário.

Índice de nomes: CAVALHEIRO, Edgard; RIBEIRO, José Antônio Pereira.

Nota da pesquisa: livro em questão, não nomeado, é *Edgard Cavalheiro: subsídios para uma biografia* (Taubaté: O Taubateano, 1978).

Arquivo Antônio Bento Mello.

3.5. Entrevistas

1) O QUE vai pelos teatros. *Correio da Noite*, Rio de Janeiro, 15 out. 1940.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

2) BARBOSA, José Almiro Rolmes. A vida de Fagundes Varela. *Folha da Manhã*, São Paulo, 19 jan. 1941.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

3) BARBOSA, Francisco de Assis. Para que público você escreve? *Diretrizes*, São Paulo, 12 jun. 1941.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

4) O PÚBLICO não gosta de contos? *Folha da Manhã*, São Paulo, 29 nov. 1942.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

5) ASSISTIMOS a uma ressurreição: a palavra do escritor Edgard Cavaleiro. *Folha da Noite*, São Paulo, 2 mar. 1945.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

6) Por que o governo foi derrotado, mesmo tendo o apoio da Igreja? *Jornal de Notícias*, São Paulo, n. 249, p. 2, 8 fev. 1947.

Website: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=583138&PagFis=2309> (acessado em 6 jul. 2011).

7) MANIFESTAM-SE os editores sobre os direitos autorais. *Folha da Manhã*, São Paulo, 19 set. 1947.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

8) CÂMARA Brasileira do Livro pleiteará a anulação da lei. *Folha da Noite*, São Paulo, 11 jan. 1949.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

9) LESIVA à indústria editorial a nova lei aprovada pelo Congresso. *Diário da Noite*, São Paulo, 12 jan. 1949.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

10) RODRIGUES, Pinto. Livro: presente de amigo. *Folha da Manhã*, São Paulo, 25 dez. 1949. Mosaico.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

11) VOLTA-SE para os livros práticos a preferência do público leitor. *Folha da Noite*, São Paulo, 11 jan. 1950.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

12) OBRAS medíocres nos concursos literários de São Paulo. *O Diário*, Belo Horizonte, 12 jul. 1953.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

13) CONVERSA com Edgard Cavaleiro, um dos membros da comissão julgadora. *A Gazeta*, São Paulo, 12 dez. 1953.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

14) DESLIGA o telefone e desmente. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 2 maio 1954.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

15) “O GRANDE problema atual da literatura é de ordem editorial”. *Diário de Notícias*, Salvador, 18 jul. 1954.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

16) SCHNEIDER, Otto. Mil páginas para Monteiro Lobato. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, 7 ago. 1954. Literatura.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

17) “É PRECISO multiplicar o número de leitores”. *A Gazeta*, São Paulo, 14 dez. 1954.

Arquivo Maria Helena Cavaleiro.

18) A PREOCUPAÇÃO do biógrafo Edgard Cavalheiro: um Lobato vivo, não estátua ou figura de museu de cera. *Diário de S. Paulo*, São Paulo, 11 set. 1955.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato.

19) EDGARD Cavalheiro conta-nos a sua “aventura”. *Diário da Noite*, São Paulo, 5 nov. 1955.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

20) MENEZES, Raimundo de. Como vivem e trabalham os nossos escritores. *Folha da Manhã*, São Paulo, 20 nov. 1955.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

21) SILVEIRA, Helena. Vale a pena dar palmada? [s.n.], São Paulo, 20 nov. 1955.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

22) “DE TRANSCENDENTAL importância o estímulo ao comércio do livro”. *Correio Paulistano*, São Paulo, 7 dez. 1955.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

23) DOIS livros inéditos de Machado de Assis vão ser publicados. *Diário da Noite*, São Paulo, 16 dez. 1955.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

24) PORTÃO, Ramão Gomes. “Falta ao escritor brasileiro a consciência de profissional”. *Última Hora*, São Paulo, 4 jan. 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

25) EDGARD Cavalheiro nunca acreditou na história da geração de 45. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 13 jan. 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

26) FORMIGA, Euricles. Chico Xavier, um homem símbolo. *Folha da Noite*, São Paulo, 7 fev. 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

27) MONTEIRO Lobato: vida e obra. *Banespa*, São Paulo, fevereiro 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

28) O ESCRITOR Edgard Cavalheiro fala sobre o Dia das Mães. *Folha da Noite*, São Paulo, 4 maio 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

29) EDGARD Cavalheiro acha que crítica é bom para o autor, para o livro e para o leitor. *A Gazeta*, São Paulo, [9?] jun. 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

30) A OPINIÃO de Edgard Cavalheiro. *Shopping News*, São Paulo, 10 jun. 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

31) VÃO subir ainda mais os preços dos livros. *A Época*, [S.l.], 27 jun. 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

32) AMEAÇADO o comércio editorial do país com as traduções portuguesas. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 28 jun. 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

33) “OS PRIVILÉGIOS dados ao livro português nos serão prejudiciais”. *Diário de Minas*, Belo Horizonte, [1] ago. 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

34) FALA ao Jornal do Povo Edgard Cavalheiro. *Jornal do Povo*, Belo Horizonte, 4 ago. 1956. Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

35) “A POESIA contemporânea brasileira não fica a dever nada às demais nações”. [s.n.], Ribeirão Preto, 2 set. 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

36) FALAM os editores. *A Gazeta*, São Paulo, 20 set. 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

37) RAMADAN, Zacaria B. “Falta aos escritores brasileiros o cunho de internacionalidade”. *A Notícia*, Ribeirão Preto, 23 set. 1956. No mundo das artes e das letras.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

38) PALPITANTE entrevista com Edgar Cavalheiro. *Folha de Pinheiros*, São Paulo, 29 set. 1956. No mundo das artes e das letras.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

39) PALAVRAS carinhosas. *Folha de Pinheiros*, São Paulo, 6 out. 1956.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

40) CONGRESSO Brasileiro de Contistas. *Folha da Manhã*, São Paulo, 4 nov. 1956.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

41) QUAL seria o nome mais indicado para a futura capital do país? *Folha da Manhã*, São Paulo, 10 jan. 1957.

Website: <http://acervo.folha.com.br> (acessado em 6 jul. 2011).

3.6. Dedicatórias em livros

3.6.1. Oferecidas por Edgard Cavalheiro

1) ANDRADE, Mário de.

Biografias e biógrafos. Curitiba: Guaíra, 1943. (Caderno Azul, 12).

Transcrição: “Ao Mário de Andrade, este opúsculo sem nenhum caráter, do fã Edgard Cavalheiro, 1943”.

USP, IEB, Arquivo Mário de Andrade.

2) ANDRADE, Mário de.

As obras-primas do conto universal. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1942. (Obras-primas, 2).

Transcrição: “A Mário de Andrade, que poderia figurar folgadoamente num livro como este, oferecem o Rolmes e o Edgard Cavalheiro”.

Nota da pesquisa: apresenta também assinatura de José Almiro Rolmes Barbosa, coautor.

USP, IEB, Arquivo Mário de Andrade.

3) ANDRADE, Mário de.

Testamento de uma geração. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944. (Autores Brasileiros, 9).

Transcrição: “Ao Mário de Andrade, esperando não “aborrecê-lo” com a inclusão dos pedaços da conferência, o amigo e admirador Edgard. 28/11/44”.

USP, IEB, Arquivo Mário de Andrade.

4) BRAGA, Rubem.

Garcia Lorca. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

Transcrição: “Ao Rubem Braga – o maior cronista do Brasil e também para Zora – a mulher do maior cronista, com o abraço do amigo Edgard”.

Revista Acadêmica, Rio de Janeiro, n. 68, p. 52, jul. 1947.

5) CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Antologia dos grandes contos humorísticos. São Paulo: Brasiliense, 1944.

Transcrição: “Para a inspiração da minha vida, luz dos meus olhos, frufusinha do meu coração, etc. etc. e tal, do tal ECavalheiro”.

Nota da pesquisa: apresenta também dedicatória de Araújo Nabuco, coautor.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

6) CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Biografias e biógrafos. Curitiba: Guaíra, 1943. (Caderno Azul, 12).

Transcrição: “À minha adorada mulherzinha, companheira de verdade, mais este livrinho, do Edgard Cavalheiro. Janeiro, 1943”.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

7) CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Fagundes Varela. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1940.

Transcrição: “À Élide, com o coração do Edgard Cavalheiro. 9/9/1940”.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

8) CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

Garcia Lorca. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

Transcrição: “Ao meu amor, para ser juntado aos outros do grande escritor. Edgard. 10/10/946”.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

9) CAVALHEIRO, Élide Fecchio.

As obras-primas do conto universal. 9. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1957, p. 5. (Obras-primas, 2).

Dedicatória impressa: “A Élide, paciente colaboradora”.

10) CAVALHEIRO, Élide Fecchio; CAVALHEIRO, Rosa Ferriani; CAVALHEIRO, Lucy; QUEIROZ, Amadeu de.

Monteiro Lobato: vida e obra. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, v. 1, p. VII.

Dedicatória impressa: “Para Élide, Mamãe, Lucy e Amadeu de Queiroz”.

11) CAVALHEIRO, Família (Rosa Ferriani, Lucy, João, Dante, Paulina e Paulo).

Garcia Lorca. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

Transcrição: “À Mamãe, Lucy, João, Dante, Paulina e Paulo mais este livro do Edgard.
23/7/46”.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

12) CAVALHEIRO, Roberto; CAVALHEIRO, Maria Helena.

Álvares de Azevedo. São Paulo: Melhoramentos, 1953, p. 3. (Grandes Vultos das Letras, 7).

Dedicatória impressa: “Para Roberto e Maria Helena”.

13) CAVALHEIRO, Lucy.

Evolução do conto brasileiro. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Departamento de Imprensa Nacional, 1954. (Os Cadernos de Cultura, 74).

Transcrição: “Para Lucy, carinhosamente Edgard”.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

14) CAVALHEIRO, Lucy.

Notas sobre a evolução do romantismo no Brasil. Separata de: *Revista Brasiliense*. São Paulo, n. 5, p. 33-52, 1956.

Transcrição: “Para Lucy – abraço do Edgard”.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

15) CAVALHEIRO, Nicolau.

Fagundes Varela. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1940, p. IX.

Dedicatória impressa: “À Memória de Meu Pai, é dedicado este livro”.

16) CAVALHEIRO, Rosa Ferriani.

Evolução do conto brasileiro. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Departamento de Imprensa Nacional, 1954. (Os Cadernos de Cultura, 74).

Transcrição: “Para mamãe, do Edgard”.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

17) CAVALHEIRO, Rosa Ferriani; CAVALHEIRO, Lucy.

Fagundes Varela. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1940.

Transcrição: “Para Mamãe e Lucy, do Edgard. 22/10/42”.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

18) CAVALHEIRO, Ruth.

A correspondência entre Monteiro Lobato e Lima Barreto. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura/Departamento de Imprensa Nacional, 1955. (Os Cadernos de Cultura, 76).

Transcrição: “Para Ruth, com o abraço do Edgard Cavalheiro”.

Nota da pesquisa: Ruth era cunhada de Edgard, esposa de João Roberto Cavalheiro.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

19) FERRIANI, Angelina Parducci e FERRIANI SOBRINHO, Adriano.

Monteiro Lobato: vida e obra. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, v. 1.

Transcrição: “Para Tia Angelina e Tio Pirão, com um abraço do sobrinho Edgard. Dez. 955”.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

20) FLORENCE, Arnaldo D'Ávila.

Monteiro Lobato: vida e obra. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, v. 1.

Transcrição: “Para o velho amigo Arnaldo D'Ávila Florence, com um grande e afetuoso abraço do Edgard Cavalheiro. 29/11/1955”.

Arquivo Arnaldo D'Ávila Florence.

21) Helena.

Obras-primas do conto moderno. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1951, p. 5. (Obras-primas, 3).

Dedicatória impressa: “A Helena – incansável colaboradora”.

22) MELEGA, Marcos.

Fagundes Varela. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1940.

Transcrição: “Ao Marcos Melega, meu melhor exemplo e o primeiro da família a subir pelo talento e pela força de vontade, esta tentativa do primo Edgard. 1942”.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

23) MELONI, Leandro.

Garcia Lorca. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956. (Turquesa, 4).

Transcrição: “Ao Leandro, com um abraço do amigo Edgard Cavalheiro. 3/6/56”.

Arquivo Leandro Meloni.

24) MELONI, Leandro.

Histórias de crimes e criminosos: uma antologia de contos brasileiros. São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros (CODIL), 1956.

Transcrição: “Para o Leandro, com um abraço do Edgard Cavalheiro. Junho 1956”.

Arquivo Leandro Meloni.

25) MOTTA, Rosa Goldemberg.

Fagundes Varela. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, [1940?].

Transcrição: “Para Rosa Goldemberg, este [só?] de peito do Edgard”.

Arquivo Rosa Goldemberg Motta.

26) MOTTA, Rosa Goldemberg.

Caderno de autógrafos e dedicatórias.

Transcrição: “Lugar comum: o silêncio é de ouro... Edgard Cavalheiro. P. Alegre, 25/5/1943”.

Arquivo Rosa Goldemberg Motta.

27) MOTTA, Rosa Goldemberg.

Testamento de uma geração. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1944.

Transcrição: “À Dona Rosa, lembrança do Edgard. 29/11/44”.

Arquivo Rosa Goldemberg Motta.

28) NABUCO, Araújo; DONATO, Mário; OLIVEIRA, José Pires de.

Garcia Lorca. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

Dedicatória impressa: “Para Araújo Nabuco, Mário Donato e José Pires de Oliveira”.

29) NABUCO, Araújo; DONATO, Mário; PAES, José Paulo.

Garcia Lorca. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956. (Turquesa, 4).

Dedicatória impressa: “Para Araújo Nabuco, Mário Donato e José Paulo Paes”.

30) NUNES, Cassiano.

Garcia Lorca. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1946.

Transcrição: “Ao meu caro Cassiano Nunes, com um abraço muito afetuoso do Edgard
28/7/946”.

UNB, BCE, Espaço Cassiano Nunes.

31) NUNES, Cassiano.

Monteiro Lobato: vida e obra. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, v. 1.

Transcrição: “Para o Cassiano Nunes, com a velha amizade do Edgard Cavalheiro. Dez. 56”.

UNB, BCE, Espaço Cassiano Nunes.

32) QUEIRÓZ, Rachel de.

Garcia Lorca. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956. (Turquesa, 4).

Transcrição: “Para Raquel de Queiroz, do velho admirador e leitor constante, Edgard
Cavalheiro. 1/6/56”.

Instituto Moreira Salles-RJ, Acervo Rachel de Queiróz.

33) RÓNAI, Cora.

Álvares de Azevedo. São Paulo: Melhoramentos, 1953. (Grandes Vultos das Letras, 7).

Transcrição: “Para quando Cora puder ler – este livrinho de um grande amigo de Paulo e
Nora. Agosto 954. Edgard”.

Arquivo Nora Rónai.

34) RÓNAI, Cora.

Fagundes Varela. São Paulo: Melhoramentos, 1953. (Grandes Vultos das Letras, 8).

Transcrição: “Para Cora – lembrança do Edgard Cavalheiro. 14/8/54”.

Arquivo Nora Rónai.

35) RÓNAI, Nora e Paulo.

Garcia Lorca. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956. (Turquesa, 4).

Transcrição: “Ao meus caros amigo Nora e Paulo Rónai – muito afetosamente oferece o
Edgard Cavalheiro. 1/6/56”.

Arquivo Nora Rónai.

36) RÓNAI, Nora e Paulo.

Maravilhas do conto português. São Paulo: Cultrix, 1957.

Transcrição: “Para Nora e Paulo Rónai – com o melhor abraço do velho, fiel e sempre amigo Edgard Cavalheiro. Nov. 57”.

Arquivo Nora Rónai.

37) RÓNAI, Paulo.

Biografias e biógrafos. Curitiba: Guaíra, 1943. (Caderno Azul, 12).

Transcrição: “Rónai: Isto não vale nada, mas afinal de contas eu não trabalho 16 horas por dia... Foi o que a minha preguiça conseguiu tirar do tema. O livro não presta, mas o amigo é dos bons. [20?]/5/44 Edgard”.

Arquivo Nora Rónai.

38) RÓNAI, Paulo.

Fagundes Varela. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956.

Transcrição: “Ao meu caro Paulo Rónai, com um afetuoso abraço do velho amigo Edgard Cavalheiro. 22/56. abraços à família”.

Arquivo Nora Rónai.

39) RÓNAI, Paulo.

Fagundes Varela: Poesias. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953. (Biblioteca de Literatura Brasileira).

Transcrição: “Ao amigo Paulo Rónai, lembrança de sua visita à rua Louisiana, 351, do Edgard. 14/8/54”.

Arquivo Nora Rónai.

40) RÓNAI, Paulo.

Histórias de crimes e criminosos: uma antologia de contos brasileiros. São Paulo: Companhia Distribuidora de Livros (CODIL), 1956.

Transcrição: “Ao querido amigo Paulo Rónai, este sub-produto do Edgard Cavalheiro”.

Nota da pesquisa: apresenta também dedicatória de Raimundo de Menezes, coautor, com local e data: “S. P. maio, 1956”.

Arquivo Nora Rónai.

41) RÓNAI, Paulo.

Monteiro Lobato: vida e obra. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, v. 1.

Transcrição: “Para o Rónai – com o mais afetuoso abraço do velho e fiel amigo Edgard Cavalheiro. agosto 956”.

Arquivo Nora Rónai.

42) RÓNAI, Paulo.

Notas sobre a evolução do romantismo no Brasil. Separata de: *Revista Brasiliense*. São Paulo, n. 5, p. 33-52, 1956.

Transcrição: “Ao meu caro Paulo Rónai com um afetuoso abraço do Edgard Cavalheiro”.

Arquivo Nora Rónai.

43) RÓNAI, Paulo.

Obras-primas do conto moderno. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1944. (Obras-primas, 3).

Transcrição: “Ao Paulo Rónai, que vai fazer uma grande antologia do conto, este conto de um antologista muito preguiçoso e muito cínico. 26/5/44. Edgard”.

Arquivo Nora Rónai.

44) SILVA, Astrogildo Pereira Duarte.

Garcia Lorca. 2. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956.

Transcrição: “Para o Astrogildo Pereira, com um grande abraço do admirador muito grato Edgard Cavalheiro”.

Arquivo Sílvio Tamasso D'Onofrio.

45) TOLEDO FILHO, Tharcillo e Yvone.

Fagundes Varela. 3. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1956, p. 1.

Transcrição: “Para os amigos Yvone e Tharcillo com um abraço do amigo Edgard Cavalheiro”.

Arquivo Tharcillo Toledo Filho.

46) TOLEDO FILHO, Tharcillo e Yvone.

Monteiro Lobato: vida e obra. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956, v. 1.

Transcrição: “Para Yvone e Tharcillo – lembrança muito afetuosa do amigo Edgard Cavalheiro – 57”.

Arquivo Tharcillo Toledo Filho.

3.6.2. Recebidas por Edgard Cavalheiro

A grande maioria das dedicatórias apresentadas a seguir foi autografada em livros da extinta Biblioteca Edgard Cavalheiro, localizada no Esporte Clube Comercial de Espírito Santo do Pinhal-SP. Contando com a presença do governador de São Paulo, Lucas Nogueira Garcez¹⁵⁸, a biblioteca foi inaugurada em 13 de maio de 1951, contando com um acervo inicial de cinco mil exemplares doados pelo escritor, de sua biblioteca particular. A placa de bronze com os dizeres “Biblioteca Edgard Cavalheiro – Homenagem do E. C. Comercial ao seu benfeitor. 13-5-1951”, descerrada na inauguração da Biblioteca, continua afixada no Clube.

Algumas décadas mais tarde a Biblioteca foi desativada e o acervo restante, com os carimbos identificadores, dispersou-se.

Procurando conservar os antigos livros que pertenceram à Biblioteca Edgard Cavalheiro, um primo segundo de Edgard, Pedro Adriano Ferriani, vem colecionando e restaurando os exemplares que localiza. Dessa coleção, apresentamos as referências ordenadas por sobrenome de autor seguidas da transcrição das dedicatórias.

1) ACAUÃ, Antonio. *Uma aventura no tempo de Nassau*. Rio de Janeiro: Livraria do Globo, 1951.

Transcrição: “Ao amigo Edgar Cavalheiro oferece cordialmente o Acauã. P Alegre, 19/9/51”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

2) ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando eu era vivo*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942.

Transcrição: “Ao Edgar, com um abraço do [Paulo]. Natal de 1942”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

¹⁵⁸ Livro Ata do Esporte Clube Comercial. De 6 out. 1943 a 30 dez. 1953, p. 168.

3) AMADO, James. *Chamado do mar*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1949.

Transcrição: “Para o querido Edgar, com o velho carinho do James. [Jan.] 1949”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

4) ARAÚJO, Carlos da Silva. *Europa, 1955*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1956.

Transcrição: “Ao escritor Sr. Edgard Cavalheiro”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

5) AVILA, Affonso. *O açude e sonetos da descoberta*. Belo Horizonte: Santelmo, 1953.

Transcrição: “Ao ensaísta Edgar Cavalheiro, com as homenagens de Affonso Avila. B. Horizonte. 24/7/53”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

6) BAIRÃO, Reynaldo. *Elegia a um poeta morto*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1949.

Transcrição: “A Edgard Cavalheiro, sinceramente oferece Reynaldo Bairão. S. Paulo, 12/10/1949”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

7) CAMARGO, Enéas. *A América e o após-guerra*. São Carlos-SP: [s.n.], 1944.

Transcrição: “Ao eminente escritor e jornalista Edgard Cavalheiro, com a homenagem do autor. S Paulo 10/10/1945”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

8) CARVALHAIS, Maria. *Floresta sem pássaros*. Rio de Janeiro: Aurora, 1952.

Transcrição: “A Edgard Cavalheiro homenagem de Maria Carvalhais. Novembro de 1952. Av. Epitácio Pessoa 1858 – Lagoa – Rio”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

9) CORDEIRO, Cruz. *Uma sombra que desce*. São Paulo: Cultura Moderna, 1939.

Transcrição: “Para Edgard Cavalheiro, toma a liberdade de oferecer, com admiração Cruz Cordeiro. Rio, 1 de Março, 1940”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

10) CORDOVIL, Cacy. *Ronda de fogo: contos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

Transcrição: “A Edgard Cavalheiro, com admiração e simpatia, Cacy Cordovil. S. Paulo – dez. – 1941”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

11) CÔRTEZ-RODRIGUES, Armando. *Quando o mar galgou a terra*. [s.n.t.].

Transcrição: “A Edgard Cavalheiro, com o apreço, a admiração e os afetuosos cumprimentos de Açores, Ilha de S. Miguel, Novembro de 1946, Armando Côrtes-Rodrigues”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

12) DANTAS, Arruda. *Poema do meu desespero*. São Paulo: Letras, 1945.

Transcrição: “Ao caríssimo Edgard Cavalheiro, no velho lugar-comum do “Vergílio do jovem Dante...”, sempre a gratidão comovida do Arruda. S.P. [6]/8/45”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

13) DOURADO, Waldomiro Autran. *Sombra e exílio*. Belo Horizonte: Edições João Calazans, 1950.

Transcrição: “A Edgard Cavalheiro, cordialmente, oferece W. Autran Dourado. BH-12-VI-50”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

14) FARIA, José Escobar. *Poemas de câmara*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1950.

Transcrição: “A Edgar Cavalheiro com o meu cordial abraço. Escobar Faria. S. Paulo, junho – 950. R. 13 de maio, 1240”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

15) FARIA, José Escobar. *Poemas e elegias*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1953.

Transcrição: “A Edgar Cavalheiro, com a admiração e o abraço cordial de José Escobar Faria. S. Paulo, julho – 53”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

16) FERREIRA, Barros. *Serra brava*. São Paulo: Saraiva, 1951.

Transcrição: “Ao Edgard Cavalheiro, com a mais viva das estimas e o sincero apreço de Barros Ferreira. P.S.: não é ao brilhante crítico e sim ao velho amigo que são ofertadas estas páginas antigas. S. Paulo, 1/2/51”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

17) FERREIRA, Jurandir. *O céu entre montanhas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1948.

Transcrição: “Ao Edgard Cavalheiro, escritor eminente, peço desculpas pela forma como está livro lhe oferece (sic). Jurandir Ferreira, Poços de Caldas, 4-XI-48”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

18) FRIEIRO, Eduardo. *Os livros nossos amigos*. Belo Horizonte: Inconfidência, 1945.

Transcrição: “Ao Edgard Cavalheiro, afetuosamente, oferece o Eduardo Frieiro. Março 945”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

19) IMBASSAHY, Carlos; GRANJA, Pedro. *Fantasmas, fantasias e fantoches*. São Paulo: Édipo, 1950.

Transcrição: “Ao Edgard Cavalheiro – o abraço amigo de Pedro Granja. 19/10/50”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

20) LESSA, Orígenes. [s.n.t.].

Transcrição: “Ao Edgard, cujo nome é um cartão de visita, o autor”.

Revista do Globo, Porto Alegre, 22 jun. 1946, p. 63.

21) LIMA, Adroaldo Barbosa. *Cântico das horas mortas*. São Paulo: Saraiva, 1946.

Transcrição: “A Edgard Cavalheiro, inteligência de escol, oferece o autor. S. Paulo, 4-4-46”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

22) LORCA, Federico Garcia. *Cartas a sus amigos* [GASCH, Sebastián; TORRE, Guillermo de; DALFI, Ana Maria et alii]. Barcelona/Espanha: Ediciones Cobalto, 1950.

Transcrição: “Ao velho Edgard, estas “cartas” de Lorca, um dos únicos livros do poeta cuja venda é permitida na Espanha. [Gasch] Madrid, 23 set. 1950”.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

23) MAIA, Vasconcelos. *Fora da vida*. Salvador: Elo, [194-?].

Transcrição: “Ao [querido?] Cavaleiro, com abraço do Vasconcelos Maia”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

24) MELANTÔNIO, Pascoal. *Geração “coca-cola”*. São Paulo: Obelisco, 1957.

Transcrição: “Ao escritor Edgard Cavaleiro com a admiração e amizade do autor. S. Paulo 12/8/57”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

25) MEYER, Vinícius. *Brasil querido!*. Belo Horizonte: Secretaria da Educação de Minas Gerais, 1950.

Transcrição: “A Edgard Cavaleiro, com admiração e simpatia, oferece o autor. Belo Horizonte, 1951. Rua da Paraíba, 945”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

26) MIRANDA, Adalmir da Cunha. *A participação política do estudante*. [s.n.:S.l.], 1955.

Transcrição: “A Edgard Cavaleiro com um abraço do Adalmir Miranda. [BH?], 31/3/55”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

27) MONTI, Antoni di. *Iremos longe demais*. [Rio de Janeiro?]: Imprensa Nacional, 1951.

Transcrição: “A Edgard Cavaleiro, atenciosamente, oferece Antoni di Monti. São Paulo, 1952”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

28) ORNELLAS, Manoelito de. *Tiaraju*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1945.

Transcrição: “Para Edgard Cavaleiro, meu amigo, com um abraço do Manoelito de Ornellas. Junho 1945”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

29) PEDROSA, Milton. *Passos cegos: romance*. [Belo Horizonte?]: Cultura Brasileira, 1951.

Transcrição: “Ao Edgard Cavaleiro, com as homenagens e o abraço fraternal do seu Milton Pedrosa. Belo Horizonte – 949 – Janeiro”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

30) PIMENTEL, Cyro. *Poemas*. São Paulo: Cadernos do Clube de Poesia, 1948.

Transcrição: “A Edgard Cavalheiro, cordialmente oferece Cyro Pimentel. [Junho, 1949?]. R. Alves Guimarães, 361. S Paulo”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

31) PIRAJÁ, Nair Miranda. *Poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

Transcrição: “Ao Edgard Cavalheiro com admiração. Nair Miranda Pirajá. [Dez?] 50”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

32) POUSADA, Antônio. *Minha vida bem contada*. São Paulo: Brasiliense, 1949.

Transcrição: “Ao meu bom amigo Edgard Cavalheiro a [incomensurável?] gratidão do Antonio Pousada. Julho – 1949”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

33) POUSADA, Antônio. *Novelas trasmontanas*. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1942.

Transcrição: “A Edgard Cavalheiro a eterna gratidão de Antônio Pousada”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

34) POUSADA, Antônio. *Vaidade e aflição*. São Paulo: Brasiliense, 1951.

Transcrição: “Ao distinto companheiro Edgard Cavalheiro o abraço muito amigo do Antônio Pousada”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

35) REGINA, Sônia. *O pássaro de Jade*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1946.

Transcrição: “Ao julgamento de Edgard Cavalheiro, Sônia Regina submete seus poemas. Rio, 1946. Rua Pires de Almeida, 60 apto. 106. Laranjeiras – Rio”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

36) REID, Lawrie. *Madona felicidade*. São Paulo: Brasiliense, 1949.

Transcrição: “Ao Edgard Cavalheiro, com a admiração do Reid. [Jun?], 1949”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

37) REIS, Marcos Konder. *Menino de luto*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1947.

Transcrição: “A Edgard Cavalheiro, cordialmente, oferece Marcos Konder Reis. Rio, 11-47”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

38) RIBEIRO, Walter Fontenelle. *História da literatura universal*. São Paulo: Casa da Boa Imprensa, 1939.

Transcrição: “Ao Edgard Cavalheiro – com admiração e amizade do Walter Fontenelle. Maio, 39”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

39) SAMPAIO, Paulo. *As forças do ideal e o destino*. [s.n.t.].

Transcrição: “Ao ilustre jornalista Edgard Cavalheiro, homenagem do autor, Paulo Sampaio, Novembro, 1938”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

40) SÁNCHEZ-SÁEZ, Bráulio. *Cultura Hispano-americana: Forma y expresión de cultura hispánica*. São Paulo: Editora Anchieta, 1942. (Biblioteca Universitária Anchieta, Arte, Série 1, Vol. 1).

Dedicatória impressa: “Dedico esta obra a mis amigos brasileños: Monteiro Lobato, Menotti Del Picchia, [...], Edgard Cavalheiro, [...] y muchos otros que con sus bondades y cultura, me defendieron de los charlatanes y envidiosos, enemigos reales de la cultura y de la aproximación entre los pueblos”.

41) SEGRE, Mário Lúcio. *Primeiras poesias*. São Paulo: Tipografia Rossolillo, 1946.

Transcrição: “Ao [Exmo. Sr.?] Edgar Cavalheiro, o autor modestamente oferece. 8/7/46. M.L.Segre”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

42) SILVEIRA, Cid. *Poesias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944.

Transcrição: “Ao Edgard Cavalheiro, com um abraço do Cid. Rio, 5.10.44”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

43) SOBRINHO, Alves Mota. *Província*. São Paulo: Brasiliense, 1950.

Transcrição: “Ao Edgard Cavalheiro, grande conhecedor do conto brasileiro, cordial e afetosamente, o admirador e amigo, Alves Mota Sobrinho. S.P. 1950”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

44) SODRÉ, Nelson Werneck. *O que se deve ler para conhecer o Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Leitura, 1945.

Transcrição: “A Edgard Cavalheiro com a velha estima e constante admiração do Nelson W. Sodré. Caçapava – 1º.II.945”.

Arquivo Marisa Midori Deaecto.

45) SOUZA, Antonio Candido de Mello e. *O método crítico de Sílvio Romero*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1961, p. 15-16.

Dedicatória impressa: “Depois de pronta, uma generosa equipe de amigos a fez datilografar e imprimir em tempo relâmpago. Apraz-me, a este respeito, lembrar os nomes do lamentado Edgard Cavalheiro, da sua então secretária, Da. Rosa Motta...”.

46) TAVARES, Odorico. *Poesias*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1945.

Transcrição: “Para o querido Edgar não vender este livro no “sebo” – se é que o sebo comprasse; um abraço do seu Odorico. S Paulo 1940”.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

47) TEIXEIRA, Múcio. *Vida e obras de Castro Alves*. Salvador: Tipografia do Diário da Bahia, 1896.

Transcrição: “Ao Edgard, como expressão de uma grande e velha amizade Dermeval 18/9/54”.

Nota da pesquisa: autor da dedicatória pode ser Dermeval Costa Lima, profissional da comunicação, ligado, assim como Cavalheiro, às “Semanas Monteiro Lobato” de Taubaté-SP. USP, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin.

48) TELLES, Lygia Fagundes. *Histórias do desencontro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958, p. V.

Dedicatória impressa: “Para Carlos Drummond de Andrade, Helena Silveira, Alfredo Mesquita, Hilda Hilst e Edgard Cavalheiro”.

3.7. Manuscritos

No acervo de Edgard Cavalheiro, sob a guarda da Família, encontram-se dez pequenos cadernos, contendo anotações autógrafas do escritor, que poderão ser descritos sumariamente nesta pesquisa. Os manuscritos trazem na capa as seguintes indicações feitas pelo autor:

- 1) “Edgard Cavalheiro. 1º de abril de 1925”.
- 2) “Apreciação de Livros, Revistas, Jornaes, etc. 27 – maio – 933 [a] 16 – Agosto – 933”.
- 3) “Curiosidades literárias – históricas, etc. Opiniões sobre homens célebres, anedotas, etc, etc. Maio – 933”.
- 4) “Conceitos e imagens que me agradaram. Maio – 933”.
- 5) “Nº 3 – Minhas leituras – livros, jornaes, revistas, etc. 23 – outubro – 1933 a 31 – dezembro – 1933. Anno I – nº 3”.
- 6) “Impressões de leituras I. Janeiro de 1934 a Abril 934. Nº 1º. 4º”.
- 7) “Anno II – nº 3. Minhas leituras I – Impressões I. 19 de Outubro de 1934 a. Numero 6”.
- 8) “22 de agosto de 1935 a 25 abril de 1936”.
- 9) [Mais forte do que a vida].
- 10) [Aquele ideia lhe viera sem saber muito bem como].

A seguir, reprodução da capa e de uma página interna do caderno intitulado “Apreciação de Livros, Revistas, Jornaes, etc. 27 – maio – 933 [a] 16 – Agosto – 933”.

- 77 -

vai o famoso corisco, que o seu Sr. do
Papelão não dá. Nem se pode falar em
votar mais tarde depois disso.

O Sr. Venceslau de Azevedo: Para
o certo, tenho Yrs!

21/ Junho - 98.

O Quinze - Rochel Quinz -
Cto. Ed. Pousada - 2ª edic - 931.
Livreiro do múnho. Publicações,
vai opinar com os outros o mesmo.

(08 - Junho - 98).

Assia - J. Turquerieff -
Edições Unites - Copo. T.U. Comp -
Coleção Polgo. - Vol. 1º - S. Paulo - 978.

Iniciando a coleção, as
Edições Unites, que tanto estão bonifícios
no têm dois, mas, do agora. Ação (Ane),
livro da sociedade e unido ao. Livro de
acorde. No 1º e imediatamente em parte
dado. Tem um pouco de. Um nome

Além dos referidos cadernos, a Família Edgard Cavalheiro conserva 13 exemplares de livros que pertenceram ao escritor, exibindo anotações de leitura (marginália). São eles:

- 1) ALENCAR, José de. *Diva*. São Paulo: C. Teixeira e Cª Editores, 1918.
Nota da pesquisa: autografado e datado “28-4-930”.
- 2) LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 2 t. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- 3) _____. *América*. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- 4) _____. *Cidades mortas*. São Paulo: Brasiliense, 1946.

- 5) _____. *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- 6) _____. *Mr. Slang e o Brasil e Problema vital*. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- 7) _____. *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- 8) _____. *O escândalo do petróleo e do ferro*. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- 9) _____. *O mundo da lua e miscelânea*. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- 10) _____. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- 11) _____. *Urupês*. São Paulo: Brasiliense, 1946.
- 12) TAUNAY, Visconde de. *Dias de guerra e de sertão*. 2. ed. São Paulo: M. L. & Cia. Editores, 1923.

Nota da pesquisa: autografado, numerado “n_º 176” e datado “3-2-1930”.

- 13) TAUNAY, Visconde de. *Reminiscências*. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Melhoramentos, 1923.

Nota da pesquisa: autografado, numerado “n_º 177” e datado “22-4-930”.

Adicionalmente, no Arquivo Sílvio Tamasso D'Onofrio há também um exemplar que pertenceu a Edgard apresentando autógrafos e marginália de Edgard Cavalheiro feitas a lápis, matriz explícita, portanto:

TEIXEIRA, Múcio. *Terra Incógnita*. São Paulo: Casa Duprat, 1916. 407 p.

Transcrição da marginália:

P. 1: “Edgard Cavalheiro. São Paulo, 18 de maio de 1929. Nro. 132”.

Página de rosto: “Edgard Cavalheiro”.

P. 17: correção de “Carnaval Fúnebre” para “Terra Incógnita”.

P. 21: correção de “seis” para “seios”.

P. 27: palavra “Thálamo” assinalada e indicação: “Thálamo: leito nupcial”.

P. 51: correção de “brilhannte” para “brilhante”.

P. 75: correção de “família” para “família”.

P. 83: correção de “inestimaveis” para “inestimáveis”.

P. 89: correção de “1836” para “1846”.

P. 107: seleção de parágrafo.

P. 403: “Lido em São Paulo, no mês de maio de 1929, na Rua Maria Marcolina, 193. Edgard”.

3.8. Volumes encadernados

Além dos manuscritos, Edgard Cavalheiro e esposa organizaram e encadernaram treze “livros” reunindo artigos de periódicos, colados na folhas, muitas vezes na frente e no verso delas. Dez volumes coligem artigos de e sobre Cavalheiro; muitos artigos possuem intervenções autógrafas do autor, testemunhando releitura dos textos. Um volume congrega artigos e reportagens focalizando a pessoa e a obra de Mário de Andrade e os últimos dois apresentam eventos ligados à Revolução Constitucionalista de 1932: nesses três volumes não há material de autoria de Cavalheiro.

Os títulos dos volumes aparecem impressos na lombada ou primeira página:

- 1) [Artigos e reportagens da década de 1930].
- 2) “Edgard Cavalheiro – Crônicas, artigos, crítica, etc. 1939-40”.
- 3) “Artigos, notas e cartas sobre Fagundes Varela de Edgard Cavalheiro”.
- 4) “Edgard Cavalheiro – Crônicas, artigos, entrevistas, etc. 1941-1942”.
- 5) “Edgard Cavalheiro – Crônicas, artigos, entrevistas, etc. 1943-1946”.
- 6) “Notas e artigos sobre Garcia Lorca – Testamento – Antologias – Biografias e biógrafos, etc”.
- 7) “Edgard Cavalheiro – Crônicas, artigos, entrevistas, etc. 1947-1948”.
- 8) “Edgard Cavalheiro – Artigos – Entrevistas e discursos. 1949-1956”.
- 9) “Edgard Cavalheiro – Artigos de crítica ao Monteiro Lobato Vida e Obra”
- 10) “Edgard Cavalheiro – Crônicas, artigos, entrevistas, etc. 1958”.
- 11) [Mário de Andrade].
- 12) [Revolução constitucionalista de 1932 – volume I].
- 13) [Revolução constitucionalista de 1932 – volume II].

A imagem a seguir ilustra um desses volumes encadernados. No detalhe, a lombada.

3.9. Pseudônimos

- Afrânio

Nota da pesquisa: afirma em discurso que é pela adoração à obra *Sinhazinha* (1929), de Afrânio Peixoto, que escolhe o pseudônimo Afrânio para assinar suas primeiras colaborações em periódicos.

- Afrânio Pinheiro

Nota da pesquisa: variação do anterior, contendo referência ao pseudônimo utilizado por Mário de Andrade em artigos de apoio à Revolução Constitucionalista de 1932, Luís Pinho¹⁵⁹.

- E. C.

- E. Cavaleiro

- Edgar

- Edgar Cavalière

- Edgard

- Griequinho

- João da Scena

- Maria Helena

¹⁵⁹ LOPEZ, Telê Ancona. *Mário de Andrade: ideologia e cultura popular*. São Paulo, 1970. 363 f. Tese (Doutorado – Orientação: Antonio Candido) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, p. 60.

3.10. Arquivo Edgard Cavalheiro

- Exemplar zero, autografado, de *Monteiro Lobato: vida e obra*.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

- Contrato de edição entre Edgard Cavalheiro e Editora Cultrix Ltda., de 24 ago. 1957.

Arquivo Luís Carlos Cavalheiro.

- Óleo sobre tela de Yoshiya Takaoka retratando Edgard Cavalheiro, datado 1956.

3.11. Iconografia

O DESENHO reproduzido no clichê é bem significativo do sucesso que a biografia de Edgard Cavalheiro sobre Monteiro Lobato vem obtendo. Foi enviado ao escritor por um operário da Moóca, que se assinou simplesmente "Carlos". A charge tem uma legenda expressiva: "Já não lhe disse que quero sossego?", diz Lobato para o seu biógrafo. Mas sossego é que Lobato não está tendo, desde que Edgard Cavalheiro resolveu mostrar ao Brasil inteiro o que fez e o que foi impedido de fazer pelo nosso País, esse grande, esse admirável paulista.

Última Hora - 10/4/56

Ilustração encomendada pela Editora Cultrix, ao artista plástico Aldemir Martins, que teve 100 reproduções distribuídas aos amigos de Edgard em 1959. Uma dessas cópias, assinalada como tendo sido propriedade de Mário Donato, está na “Sala dos Acadêmicos”, enquadrada e afixada na parede, no terceiro andar da Academia Paulista de Letras, em São Paulo. Já o Arquivo Antônio Bento Mello, em Taubaté-SP, conserva a cópia de número 56.

Década de 30 (CAVALHEIRO, Edgard. A vida de Fagundes Varela. *Rotogravura O Estado de S. Paulo*, São Paulo, ago. 1940).

Década de 40 (Arquivo Maria Helena Cavaleiro).

3.12. Arquivos consultados

2º Oficial de Registro de Títulos e Documentos e Civil de Pessoa Jurídica da Comarca de São Paulo – Capital.

Academia Brasileira de Letras.

Academia Paulista de Letras.

Arquivo Antônio Bento Mello.

Arquivo Arnaldo D'Ávila Florence.

Arquivo João Batista Rozon.

Arquivo José Fernando de Barros Martins.

Arquivo Luís Carlos Cavalheiro.

Arquivo Lygia Fagundes Telles.

Arquivo Maria Christina Cavalheiro Neves.

Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

Arquivo Marisa Midori Deaecto.

Arquivo Nora Rónai.

Arquivo Pedro Adriano Ferriani.

Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Arquivo Roberto Dante Cavalheiro Filho.

Arquivo Rosa Goldemberg Motta.

Arquivo Rute Ginaque Duarte.

Arquivo Setembrino Mello.

Arquivo Tharcillo Toledo Filho.

Arquivo Vladimir Sacchetta.

Biblioteca Dr. Virgílio do Nascimento, Academia de Polícia de São Paulo.

Biblioteca Infantojuvenil Monteiro Lobato (São Paulo-SP).

Biblioteca Mário de Andrade.

Biblioteca Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César (Espírito Santo do Pinhal-SP).

Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa (Belo Horizonte-MG).

Cartório de Registro Civil de Espírito Santo do Pinhal/SP.

Cemitério Municipal de Espírito Santo do Pinhal-SP.

Cemitério Municipal de Mogi Guaçu-SP.

Cemitério São Paulo – São Paulo-SP.

Centro Cultural São Paulo.

Esporte Clube Comercial (Espírito Santo do Pinhal-SP).

Fundação Biblioteca Nacional-RJ.

Fundação Casa de Rui Barbosa-RJ.

Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado (São Paulo-SP).

Grupo Editorial O Pensamento – Museu Diaulas Riedel.

Instituto Moreira Salles-RJ.

Governo da República Federativa do Brasil – Ministério dos Transportes – Inventariança da Extinta Rede Ferroviária Federal S. A. – Unidade Regional de São Paulo.

Museu da Imagem e do Som-SP.

Museu Municipal Dr. Abelardo Vergueiro César (Espírito Santo do Pinhal-SP).

Prefeitura Municipal de São Paulo (Secretaria da Habitação, Arquivo Municipal).

Rádio Gazeta de São Paulo.

Universidade de Brasília (UNB) – Biblioteca Central (BCE) – Arquivo Carlos Lacerda e Espaço Cassiano Nunes.

Universidade de Taubaté (UNITAU) – Centro de Documentação e Pesquisa Histórica (CDPH).

Universidade de São Paulo (USP) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Biblioteca Florestan Fernandes; Centro de Apoio à Pesquisa em História (CAPH); Instituto de Estudos Brasileiros (IEB); Biblioteca da Faculdade de Educação; Biblioteca da Escola de Comunicação e Artes; Biblioteca da Faculdade de Economia e Administração; Biblioteca da Faculdade de Direito.

Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) – Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE); Fundos Bernardo Élis, Oswald de Andrade e Monteiro Lobato.

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Faculdade de Letras – Centro de Estudos Literários (CEL) – Acervo de Escritores Mineiros (AEM).

4. Seleta

CAVALHEIRO, Edgard. Biografias. *Jornal do Funcionário*, São Paulo, 20 fev. 1935.

É inegável o interesse que as biografias despertam. Períodos há, em que assume ares epidêmicos. Para logo mais, com a volubilidade tão humana, ser abandonada por outros gêneros. Assim, temos épocas do romance, da poesia, da sociologia, do conto etc. Não ousou afirmar, ser o que estamos atravessando, a da biografia. Muitos dizem ser a do romance. Outros, da sociologia. Mas de sociologia ou de biografias, romance ou poesias (não romance ou poesia escritos para distração, para passagem de horas de ócio), o que é assinalável é o cunho altamente didático, altamente educativo de todos esses gêneros... Para quem busca nos livros alguma coisa, algum ensinamento, indiscutivelmente a biografia deve ser a procurada.

Olhando de relance a vasta bagagem que circula por aí, que vemos nós? Ausência total de nomes nacionais. Tudo tradução. Desolador. Um gênero tão atraente, tão curioso. Onde o nosso Maurois? O nosso Ludwig? O nosso Portalés? Falta de matéria? Não creio... Álvares de Azevedo, apesar dos seus dois ou três biógrafos, ainda é assunto palpitante, digno de uma nota forte, segura. Castro Alves, esmiuçado convenientemente por Afrânio Peixoto, ainda não fornecerá a um engenhoso, um belo volume? Uma vida romanceada, com todo o sentimentalismo de que somos capazes? Junqueira Freire não terá direito, porventura, de sair da aridez daquelas páginas que o sr. Homero Pires o sepultou definitivamente? E Fagundes Varela, o boêmio errante, fluminense de nascimento e paulista por formação, que material vasto não fornecerá? Quantos nomes por aí, que vagas reminiscências, passageiras referências nos mostra toda uma vida à procura de um escritor? Não é pois por falta de material. Sim, por desinteresse ou por outro motivo qualquer...

Quantas as grandes biografias que temos? Não chegarão sem dúvida a uma dúzia. O monumento de Alberto Faria sobre Mauá. O de Alfredo Pujol sobre Machado de Assis. O de Afrânio Peixoto sobre Castro Alves. De Alberto de Souza sobre os Andradas... Mais uma ou outra, que estas linhas escritas sem consulta omitem. Vidas romanceadas, à maneira de Guy de Portalés, André Maurois ou Ludwig, quantas temos? Nenhuma... Nada de sério. Tirando duas ou três de Oswaldo Orico, destacando-se com especialidade a sobre Patrocínio, é de uma desolação saárica as restantes... Coelho Netto em *Conquista e Fogo Fátuo*, abordou vidas em conjunto. Magnificamente. Mas foi uma “caravana” que ele retratou. Não um homem. E Paula Ney, só, que livrão não forneceria a um paciente e jeitoso escritor! Jorge de Lima tem um

recentíssimo volume sobre Anchieta, que já foi estudado em mais de um volume. Ou melhor, em quase uma dezena...

Não temos biógrafos. Mas ainda é tempo. O campo é vastíssimo. E não seria tempo de podermos dizer com segurança: atravessamos o período da biografia? Hoje dizem ser o romance. Quando teremos o outro?

CAVALHEIRO, Edgard. Um grande amigo dos livros. *Folha da Manhã*, São Paulo, 15 jan. 1939.

Tem sido verdadeiramente grande o interesse pela figura de D. Pedro II nestes últimos tempos. Os livros onde a personalidade política e humana do nosso segundo e último imperador é focalizada, em todos os seus ângulos, amontoam-se de forma por todos os títulos louvável. Na verdade, um homem que nos governou (bem ou mal não interessa no momento) durante mais de cinquenta anos terá, forçosamente, deixado profundas e inapagáveis marcas na nossa formação política ou social. Se tanto essa influência como a sua personalidade não foi ainda analisada com a argúcia necessária, tudo faz prever, porém, que esse ou esses estudos não tardarão. O campo é fértil e tentador. O material acumulado não é nada desprezível. Basta um golpe de vista pelas mais recentes novidades. Somente na “Brasiliana”, da Editora Nacional, em edições ou reedições, encontramos um contingente apreciável.

O volume do Visconde de Taunay não passa, infelizmente, de trechos esparsos de um diário ainda inédito, alguns discursos de louvor em nome do Instituto Histórico e Geográfico, uma dúzia de cartas etc.

Já a biografia que o sr. Pedro Calmon traçou é bem mais interessante e completa. Aqui, D. Pedro II é o filósofo, estudado por um dos mais amáveis historiadores que temos. Tão amável, que Maciel Filho, completando certa frase de Nelson Werneck Sodré, a propósito deste volume, falou em “Delly da nossa história”, “literatura água flor de laranjeira” etc. Realmente, se há escritor que faça tudo para não causar tristes emoções ou profundas reviravoltas aos seus leitores, é o autor de *Espírito do Brasil Colonial*, cujo otimismo tem resistido mesmo ao bolor das pesquisas históricas. Intimamente estará convicto de que somos o país mais rico do mundo, os homens mais inteligentes etc. Cotadíssimo em Portugal ou na Argentina, embaixador da nossa cultura e da nossa história nesses países, de uma coisa podemos ficar descansados: a celeberrima “cordialidade brasileira” terá granjeado mais alguns pontos, graças à sua ação. Homem cordial,

historiador cordial. Mas, evidentemente, a história dispensa tanta cordialidade.

Ainda tratando diretamente de D. Pedro II, acaba de aparecer o primeiro volume de uma biografia que promete, pelo menos quanto ao tamanho, ser a mais ampla e completa possível. Refiro-me a *História de Pedro II*, de Heitor Lyra. Com o subtítulo de *Ascensão*, abrange um período que vai de 1825 a 1870. Somente para esses anos, são dedicadas mais de 500 páginas. Qualquer juízo sobre essa obra será prematuro. A impressão é que, com mais dois volumes idênticos, estará concluída a grande e indispensável biografia do nosso Imperador. Não queremos, com isso, falar em biografia definitiva, pois todos sabem muito bem como, graças à versatilidade dos historiadores, os grandes homens ora são figuras gigantescas, ora tristes e ridículos manequins. A verdade é que poucas vezes uma biografia nos satisfaz integralmente. Em geral, uma interpretação é sempre um encontro. O simples fato (e refiro-me, está claro, aos verdadeiros biógrafos) de escolher esta ou aquela figura, já denota qualquer ponto de contato muito íntimo entre biógrafo e biografado. Muitas vezes, quando se trata de um criador de emoções, é uma libertação, um alijamento do “fantasma de cabeceira”. Outras, quando se referem a homens públicos, governantes ou títeres, é o meio, o cenário em que a figura se movimentou, que nos atrai e prende. No caso de D. Pedro II, particularmente, é todo um longo e cheio período de acontecimentos dos mais marcantes, da nossa história, é toda a nossa vida como nação independente, durante mais de meio século. Acrescente-se ainda o drama do Imperador como homem, drama dos mais curiosos pelos contrastes que apresenta. Alma de professor, mestre-escola por tendência, literato desviado, poeta de segunda categoria, chefe de família típico, enfim, um sem número de classificações já foram empregadas para defini-lo e, quase todas, concordam em situá-lo um tanto fora do cargo que, por força do nascimento, ocupou como exemplar funcionário público que foi.

Euclides da Cunha traçou-lhe um perfil dos mais felizes, pela concisão e firmeza dos traços: “O Imperador, em que pese a sua educação perfeita e as sensíveis falhas de estadista, era o grande plenipotenciário do nosso bom senso equilibrado e da nossa seriedade. A sua bela meia ciência, toda ornada de excertos hebraicos, e das estrelas da astronomia doméstica de Flammarion, mas ansiosamente atraída para o convívio dos sábios e contumaz frequentadora de institutos, era a nossa mesma ânsia, talvez precipitada mas nobilíssima, de acertar, e a sua bonomia, os seus hábitos modestos, certos sem brilhos, mas em todo caso decentes, com que andávamos na história. Tinha a força sugestiva e dominadora dos símbolos, ou das imagens. Era, para a civilização, tão distraída por infinitos assumptos mais urgentes e mais sérios, um

índice abreviado onde ela apreciava de um lance os aspectos capitais da nossa vida: o epítome vivo do Brasil”.

Suas cartas, sobretudo as trocadas com o conde de Gobineau, confirmam plenamente tudo o que Euclides da Cunha escreveu. Documentos vivos e humanos como não existem outros, elas espelham, como sempre, a alma verdadeira, o outro homem que a vida raramente deixava aparecer. Escritas sem olhos no grande juiz que é o povo, constituem flagrantes e comoventes confissões. É certo que talvez, intimamente, D. Pedro II receasse virem a público, num futuro remoto, todas as cartas que escrevia. Não podia desconhecer a importância do papel que representava, a repercussão dos seus gestos e atitudes. Embora não fosse dotado de uma autocrítica muito rigorosa, não lhe seria possível afastar de si, por mais que o desejasse, o imperador, o governante de um dos mais vastos territórios do mundo.

A correspondência com o barão de Cotegipe reunida e anotada pelo sr. Wanderley Pinho, de índole diversa da trocada com o conde de Gobineau, é feita mais de bilhetinhos e recadinhos ao ministro, sobre miudezas incríveis, nada oferecendo com o seu esforço. Vale pelos comentários aliás, que ocupam quase todo o volume. Quem escreve é sempre o chefe de Estado, preocupado com os acontecimentos da guerra do Paraguai: remessa de lanchas, notícias do front, rabiscadas às carreiras, quase sempre. Coisas assim: “sr. Cotegipe – Nada recebi ainda do Paranhos. Talvez o Vassimon traga notícias importantes. Deve estar cá de 10 por diante. D. Pedro 2º”. Ou assim: “sr. Cotegipe – Faça-me o favor de mandar esta carta ao Caxias – D. Pedro II”. Não há confissões do homem. Sobram, isso sim, impertinências de governante, que tudo quer saber, que deseja estar ao corrente dos mínimos detalhes. Revela, contudo, um interesse muito humano pelos que sofriam nas trincheiras. Tentava, por todos os meios ao seu alcance, aplinar as naturais dificuldades que se ofereciam aos soldados, lá no Sul. No íntimo esta guerra devia lhe causar um profundo desgosto. Não fora feito para as grandes agitações. Ambicionava, antes de mais nada, entregar-se ao puro diletantismo intelectual, no conforto sossegado do gabinete de leituras. A menor quebra no ritmo desses passeios espirituais aborrecia-o grandemente, punha-o fora de si, desnortado. Essa conclusão se impõe especialmente depois de lida a correspondência com o conde Gobineau. O refrão das cartas é sempre o mesmo, e os assuntos giram sempre sobre um único ponto. “A política não é para mim, senão o duro cumprimento de um dever”. Ou então: “Há trinta e três anos carrego a minha cruz”. A cruz eram os encargos políticos, pois queixava-se, “apenas da falta dessa verdadeira vida de espírito”, que julgava indispensável para continuar a viver. As lamentações vão num crescendo comovente. Em dezembro de 1877 escreve: “O trabalho é também o meu

grande consolo e, no entanto, não tenho a atmosfera artística no meio da qual viveis, para me proteger contra os miasmas da política”. Volta a tocar no assunto na carta seguinte: “eu vos invejo, pois vejo-me cercado de miasmas políticos”. Retorna ainda, em outro desabafo: “faço o que posso para me desvencilhar desta política que por vezes me sufoca”.

O tom não varia. Só deseja saber o que escreve o sr. Renan, o que pensa o sr. Berthelot, qual o juízo que fazem do último livro do sr. Victor Hugo. Não pergunta coisa alguma sobre reformas políticas ou sociais. Mas está em dia com todas as novidades científicas e literárias. “Vossa majestade não aprecia os generais”, escreve o conde Gobineau. Nem os generais nem os políticos. Em compensação, a morte de Merimée provoca-lhe insistentes pedidos de detalhes, palavras comovidas e o último livro de Renan, que tanto tarda a chegar, deixa-o ansioso, como uma criança à espera de um presente. Nas viagens pela Europa, seu interesse concentrava-se todo em torno dos grandes homens, sábios e artistas. Ia visitá-los. Pedia que viessem vê-lo. O encontro com Victor Hugo ficou célebre. Sempre às voltas com a ideia de fazer qualquer coisa puramente literária, tentava ora traduzir Tucídides, ora quase a por no papel suas impressões de viagem. Numa das últimas cartas, datada precisamente de 4 de novembro de 1881, confessava ao amigo: “O meu entusiasmo quase poético pelas ciências cresce dia a dia”.

A morte de Gobineau em outubro de 1882 vem interromper esta curiosa e sugestiva correspondência. Não cessa, porém, o interesse do Imperador pelas ciências, letras e artes. Talvez tenha mesmo aumentado. O Visconde de Taunay anota no seu diário íntimo, em abril de 1889: “O Imperador cada vez mais esquecido das coisas presentes e alheio aos assuntos políticos”. Seis meses antes de proclamada a República, o ambiente enfarruscado, o trono oscilante, que fazia sua majestade? É ainda o Visconde de Taunay quem informa: “Voltando à casa achei o volume de Pierre Lotti – *Japonneries d'automne* – recambiado pelo Imperador, a quem eu o emprestara no dia 30 de abril pp. Vem cheio de indicações a lápis e várias notas bem interessantes”. E conclui com estas palavras, por demais significativas: “O manuseio indica que o livro foi lido e apreciado com todo o cuidado, página por página e sujeito a assídua leitura. É valioso documento de quanto está são o mecanismo mental, pelo menos em assuntos literários”. Esse “pelo menos em assuntos literários” é definitivo. Mas bastaria lembrar que, em pleno mar, a caminho do exílio, incorrigível literato que sempre timbrou em ser, é em sonetos que desafoga suas mágoas. Um deles se tornou conhecidíssimo pela chave de ouro “a justiça de Deus na voz da História”.

O exílio não fez senão acrescer esse interesse que se relacionasse com os livros. A poucos meses da morte, escreve ao Visconde de Taunay: “Arrisquei alguns passeios pelo Parnaso: sobretudo traduções como o poema de Lucrécio”. Volta a falar em traduções da *Bíblia* e das *Mil e uma noites*, “sofrivelmente adiantadas”. Estuda matemáticas com Picard e confessa que se o corpo está envelhecendo, o espírito continua sempre moço. Nas vésperas do descanso final, lembrando-se dos seus fieis e grandes amigos – que ficaram em São Cristóvão –, os livros, tantas vezes manuseados, numa inútil e melancólica esperança, diz ainda que espera revê-los “como a filhos queridos”.

CAVALHEIRO, Edgard. Machado de Assis, na crítica e na biografia. *Folha da Manhã*, São Paulo, 16 abr. 1939.

Com relação a Machado de Assis dá-se um fato curioso: sendo o escritor brasileiro que mais atenção tem merecido dos nossos críticos e homens de letras, é, ao mesmo tempo, o menos satisfatoriamente explicado por todos eles. O que sobre sua personalidade e obra já se escreveu, constitui, sem dúvida, uma excelente e nada desprezível bibliografia. Depoimentos dos que o conheceram pessoalmente não faltam. Cartas que escreveu, atos íntimos que praticou, são conhecidos. Excetuando a infância, mais ou menos na obscuridade, sua vida está aí, aos olhos dos que a queiram conhecer e devassar. Tem sido interpretada de todas as maneiras. E, no entanto, ainda nos dava a impressão de alguém com quem restava algumas contas por ajustar. Essa terá sido a impressão dos que leram os primores literários que são os livros de Graça Aranha e Alfredo Pujol, ou dos que conheceram o capcioso estudo de Sílvio Romero e a carinhosa defesa de Labieno. Mesmo as páginas de comovente e fiel admiração de Mário de Alencar, seu amigo mais chegado nos últimos anos, não conseguem satisfazer o leitor exigente, não deixam uma ideia nítida, precisa, do que ele foi e qual a significação da sua obra em relação ao tempo e à sua pessoa mesmo.

É lugar comum o afirmar-se que os seus contemporâneos não o compreenderam. Elogiavam-no ou detratavam-no, nesses elogios ou doestos incolores, que afetam, quando muito, o homem, nunca o escritor, que escreve para ser compreendido, que tem uma mensagem para transmitir, um recado a dar, como se diz hoje em dia. A correspondência trocada com Graça Aranha, Joaquim Nabuco, José Veríssimo e outros, revela, com muita clareza, o quanto esses amigos (todos inteligentíssimos) estavam longe de perceber a grandeza do monumento que ele estava construindo. Ultimamente, depois do estudo do sr. Augusto

Meyer, que desceu com muita felicidade aos subterrâneos “machadianos” e dos ensaios do sr. Mário Cassasanta, Peregrino Júnior etc., alguma luz se fez (embora insuficiente para iluminá-lo em toda extensão) na vida e na obra daquele que é, numa quase unanimidade, considerado o nosso maior escritor.

Explica-se essa incompreensão revelada pela maioria dos que dele preocuparam, se atentarmos em que, com raras exceções, e assim mesmo em pequena escala, separavam, antes de mais nada, o criador da criação, julgando-o incapaz de confidências, de desabafos, mesmo através de personagens. Tirando o *Memorial de Aires*, confessadamente autobiográfico, que explica os últimos anos de vida, o restante da obra era, de caso pensado, relegada para um plano secundário, afastando-se, dessa maneira, da fonte mais pura, do veio mais precioso.

Coube à sra. Lúcia Miguel Pereira (*Machado de Assis, estudo crítico e biográfico*, Editora Nacional, Coleção Brasileira, Rio de Janeiro) quebrar o tabu, num excelente trabalho, agora reaparecido em segunda edição, com algumas corrigendas e um curso prefácio. Mostramos ela que Machado de Assis não faz outra coisa senão se confessar, com uma insistência que, há uns anos atrás, diríamos “freudiana”. Está inteiramente dentro das páginas que escreveu, naquele estilo “faz-que-vai-mas-não-vai”, que seus inúmeros discípulos ainda não conseguiram desmoralizar. Desde quando moleque de morro, doente, franzino, com “umas coisas esquisitas”, até seus últimos dias em Cosme Velho, na casa em que viveu com a compreensiva e meiga Carolina, um terço da existência, pode o leitor perceber na sua obra referências, ora veladas, ora expostas com subterfúgios curiosíssimos, como, por exemplo, o de se expandir por lábios femininos, num despistamento que somente a perspicácia da autora (não fosse ela mulher) perceberia. Ele não terá, como acentua dona Lúcia Miguel Pereira, “contado propriamente as circunstâncias de sua existência, mas exprimiu os sentimentos que elas lhe provocavam”. A obra que deixou não será, portanto, o simples reflexo de uma existência, mas precisamente o avesso de sua vida “não esquecendo que o avesso, aqui, não significa o lado oposto, mas o lado de dentro, inseparável do de fora, condicionado por ele”. Essas conclusões encontram o melhor ponto de apoio no fato dele somente sentir-se à vontade quando escrevia na primeira pessoa. As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* é escrito dessa forma. Assim como *Memorial de Aires*, *D. Casmurro* (seus melhores livros) etc. Os exemplos sobre a importância autobiográfica dos seus livros são muitos e não é este o lugar apropriado para enumerá-la. O melhor é, se ainda não o fizeram, ler o volume de dona Lúcia Miguel Pereira. Machado de Assis está vivo, muito vivo nestas páginas. Estou certo de que ele apreciaria este estilo discreto, elegante, nítido, com que a autora acompanhou a linha

ascensional que foi a sua vida. Linha ascensional magnífica, que constitui mesmo um comovedor exemplo de amor ao trabalho, de honestidade intelectual, de perseverança e aplicação.

A partir dos primeiros passos, quando era ainda Joaquim Maria, pardinho, feio, de pés no chão e camisa de riscado, filho de um modestíssimo pintor de casas e de uma lavadeira, uma coisa logo é ressaltada e que constituirá, talvez, um dos traços primordiais de seu espírito: a curiosidade. Curiosidade que o levava aos quarenta e cinco anos a aprender o alemão e, aos setenta, o grego. Curiosidade que o encoraja, tímido como era, a frequentar meios estranhos, como a padaria de Mme. Gallot, onde lhe ensinaram as primeiras noções de francês, e a perder o melhor da mocidade enterrado nas salas do Gabinete Português de Leitura. Curiosidade que obriga o chefe das oficinas, quando ainda revisor de provas na Imprensa Nacional, a fazer queixa da sua constante distração ao diretor, pois volta e meia abandonava o serviço para se embeber na leitura de qualquer volume. Acentue-se que o diretor, o romancista de *Memórias de um sargento de milícias*, em lugar da repreensão esperada, acolhe-o generosamente, dando-lhe mesmo um lugar de maior destaque, que será como que uma mola a impulsioná-lo para frente. Dali para a casa de Paula Brito, desta para o jornalismo, ao lado de Quintino Bocaiúva, do jornalismo para o cargo de ajudante do diretor de publicação do *Diário Oficial*, até a nomeação para a Secretaria da Agricultura, onde atinge o mais alto posto que o funcionalismo permite alcançar, muitas outras amizades conquistaria ele, simplesmente com o seu talento. Sizenando e Joaquim Nabuco, Bocaiúva e tantos outros mais, se honraram em tê-lo como amigo, e, ele, numa sucessão de sacrifícios, de heroicos esforços morais e intelectuais, tudo faz para se elevar ao nível social, que já em criança, timidamente cobiçara nos corredores do Colégio São Cristóvão, vendo as sinhás-moças chegarem acompanhadas pelos pagens, enquanto ele, de bandeja na mão, apregoava as quitandas que lhe garantiam o magro ganha-pão. Se a nossa imaginação dificilmente conseguirá reconstituir esse quadro, compreendemos, contudo, alguns gestos de audácia que praticou, gestos tão próprios dos grandes tímidos, e não nos espantamos de alguns trechos dos artigos políticos que escreveu, quando, como Dickens, fazia reportagens no Senado. Compreendemos esses gestos e essas atitudes, quando o vemos, órfão de pai e mãe, amparado pela madrastra, sonhando com o futuro, com as glórias que somente o estudo e o saber lhe permitiriam alcançar. Alcançou mais do que talvez sonhara. Poeta, crítico, cronista, jornalista, teatrólogo, *conteur*, romancista, é o nosso maior escritor, e o destino (em outros pontos tão adversos) permitiu que desfrutasse essa glória em vida. Numa análise rigorosa talvez

salvássemos apenas o *conteur* e o romancista. Ainda assim é muito grande, paira muito acima da massa geral.

Do livro de estreia *Queda que as mulheres têm para os tolos*, cuja história dona Lúcia Miguel Pereira esclarece com argumentos convincentes, até o *Memorial de Aires*, foi uma lenta, mas segura ascensão. Longe de se envaidecer com os sucessivos triunfos, continuou sempre a produzir, sem visar fáceis sucessos, ou fazer concessões aos leitores e críticos. Produziu pouco, se o compararmos com um Coelho Netto, mas sempre do melhor. Acreditando na literatura e nos livros, foi um dos mais puros intelectuais que tivemos.

Condena-se muito a sua atitude com relação aos meios de onde saiu e, principalmente, o ter esquecido dos seus irmãos de cor e de idênticas condições sociais. Não teve palavras de solidariedade para eles. Ocultava ciosamente sua mestiçagem, ele. Isso dizem por aí. Que ele não gostava que o chamassem de mulato, é verdade. Como é fato de todos conhecido o ter fugido sempre às referências quanto às suas origens. São coisas de que se pode acusá-lo. Poderão também falar em complexos etc. É um ponto a ser estudado, de muito interesse, agora que estamos comemorando o centenário de seu nascimento. Por mim, com franqueza, desculpo não só essa possível falha, como outras mais que porventura tenha cometido. Antes de condená-lo, convém olhar o começo da sua carreira, aquilatar a luta heroica que foi obrigado a sustentar contra um destino que lhe negara tudo, no princípio. Gago, epilético, mestiço, paupérrimo, tudo teve que anular, por si mesmo, como de fato o fez, sem quebra de dignidade, sem descer às curvaturas palacianas, às incensadelas aos poderosos do dia. Embora tenha procurado ocultar sua condição de mestiço, não se “misturando”, é hoje ponto de referência aos que se dão ao trabalho de rebater os argumentos dos discípulos de Gobineau, sobre essa antipática e idiota questão de superioridade racial.

À medida que vai recuando para o passado, sentimos melhor o que representa para o Brasil esse mestiço que tanto elevou a sua raça e o seu povo, a pureza dessa personalidade que paira sobre a literatura brasileira como um símbolo da nobreza do pensamento e do poder do espírito, que inspirou não apenas a mente de dona Lúcia Miguel Pereira, mas de todos aqueles que se entregaram ao estudo da sua vida e da sua obra.

CAVALHEIRO, Edgard. Um retrato de Tobias Barreto. *Folha da Manhã*, São Paulo, [set?] 1939.

Figura realmente curiosa a desse mestiço desabusado e inteligentíssimo que foi Tobias Barreto. Sua vida, acidentada e tumultuosa, deixou marcas profundas, influenciando poderosamente em toda uma geração. Endeusado por uns, combatido por outros, detratado por muitos, ainda hoje o eco de sua voz ressoa em mensagens vivas e cheias de interesse para a nossa cultura. Grande afirmador, não recuando frente aos obstáculos que se lhe apresentassem, afeito e atrevido como poucos, era lógico que errasse muito, que cometesse inúmeras injustiças e contradições, naturais aliás, em todo autodidata. Numa terra de intelectuais dúbios e penumbrentos, de pensadores incertos e incolores, foi bem uma gritante e escandalosa mancha em vermelho. Teria, forçosamente, que viver em atrito com os seus contemporâneos. Gostava da discussão, não enjeitando brigas de espécie alguma, “em qualquer terreno”, como costumava dizer. Vaidoso como poucos, ao se julgar dono de uma verdade, tornava-se a intransigência feita homem. Foi o primeiro “dono do assunto” entre nós. Depois a classe proliferou e hoje é um perigo muito grande a gente se aventurar em searas alheias.

Tobias Barreto teve, inegavelmente, grandes defeitos, quer como homem, quer como intelectual. Não é possível esquecer seu pernósticoismo somente porque sabia alemão, porque lera Kant no original. Pernóstico e cabotino, o que em nada diminui ou desmerece o seu valor, pois se teve pontos baixos, no mais das vezes pairou muito acima dos seus contemporâneos.

Depois do estudo do Sr. Hermes Lima, estudo claro e sereno, profundo e exaustivo, sobre a época em que ele viveu e as ideias que agitou, temos agora o seu retrato excelentemente realizado pelo sr. Omer Mont'Alegre. (*Tobias Barreto*. Rio de Janeiro, Vecchi Editor, 1939). Um retrato excelente, repetimos, que é ao mesmo tempo um roteiro seguro para a sua obra. Acompanhando o homem, passo a passo, vai o sr. Omer Mont'Alegre abordando as suas produções, ressaltando aqui e ali, o caminho para onde se dirigiu o seu espírito inquieto e variável, insaciável e insatisfeito. Está claro que nem tudo quanto afirma este biógrafo a gente pode aceitar sem discussões. Mas a maioria das afirmativas mostram muito bem o nenhum embasbacamento frente à figura estudada. Sabe conservar seu próprio ponto de vista, mesmo quando oposto ao do biografado. A complexidade que apresenta a obra e a ação de Tobias Barreto não permite opiniões estereotipadas. Os pontos de discordância serão sempre inúmeros. Afirma, por exemplo, o sr. Omer Mont'Alegre, que Tobias “era modesto”, “que

nunca falou dogmaticamente, nunca proferiu uma proposição categórica”, o que me parece tão errado como afirmar que ele não sofria “aquilo que tanto afeiou Machado de Assis: o complexo de inferioridade”. Reforçando esse conceito, diz que sendo mulato, o “sergipano sempre soube entrar e sair em qualquer parte que lhe aprouvesse e a cor nunca foi empecilho na sua vida”. Bem, mas isso não anula o complexo de inferioridade. Machado de Assis também entrava e saía de qualquer parte, a cor nunca lhe prejudicou, socialmente falando. A diferença entre Tobias e Machado, é que este recalcou o seu complexo e aquele exteriorizava o seu, a todo momento e lugar. Veja-se a briga com Castro Alves ou aqueles versos, injustos e medíocres contra Nabuco.

Mas esses e outros pequenos detalhes de que se pode discordar são, como disse antes, mais devidos à complexidade da personalidade de Tobias Barreto, que propriamente aos defeitos do biógrafo. Este também sabe – e quantas vezes! – ver os pontos fracos do seu homem. Há mesmo anotações de uma grande felicidade. O caso de Tobias escravocrata, caso difícil e espinhoso, encontra nele uma compreensão das mais lúcidas e uma conclusão das mais aceitáveis. “Não quero, de nenhum modo, escreve o sr. Omer Mont'Alegre, inocentá-lo; há, nas poucas passagens de sua obra que se refere ao abolicionismo, muito fel político derramado contra o visconde do Rio Branco”.

Também o poeta, encontra nele a sua definição exata e precisa: “Como poeta Tobias não esteve nunca acima da mediocridade”. Isso mostra a perfeita independência mantida pelo autor. Mas não é só. Vejam também este pedacinho: “Evitemos citar as opiniões de Sílvio Romero que são, por demais, fruto da amizade mais do que fraterna que sempre o ligou a Tobias”. Agora uma definição das melhores que conheço sobre o grande sergipano: “Tobias era um ajudante dos sábios da época, neste laboratório; ele próprio nunca foi um sábio”. E completa seu pensamento, por muitas outras páginas, mostrando como ele, não possuindo força criadora, descarregou todo o seu talento na obra notável de divulgador, de grande intérprete dos sábios do além-mar, ou melhor, da “sua cara” Alemanha.

Por esses detalhes, apanhados aqui e acolá, é fácil verificar que o trabalho do sr. Omer Mont'Alegre está longe de ser uma apologia oca e adjetivosa. Teve o bom senso de não levar seu herói às nuvens, num endeusamento sistemático. Fez, numa prosa simples e clara, sempre apoiado nas melhores fontes e informações, um retrato fiel, de corpo inteiro, que tanto eleva o biografado como o biógrafo.

CAVALHEIRO, Edgard. A vida secreta de D'Annunzio. *Folha da Manhã*, São Paulo, 1 out. 1939.

Confesso, com toda a franqueza, que Gabriel D'Annunzio nunca me impressionou fortemente, quer como homem, quer como escritor. É verdade que são poucos os livros que dele conheço. *Il Fuoco*, quatro ou cinco peças, um volume de poesias, artigos ou poemas avulsos, eis o que me foi possível suportar. Do homem, sabia um pouco mais. O que faltava saber, Tom Antongini vem de me contar, nesta *Vida secreta de D'Annunzio*, excelentemente traduzida pelo sr. Manuel Bandeira, que a Editora Nacional incluiu na sua coleção “Vidas Célebres”. Tom Antongini foi secretário particular do autor de *La figlia de Iorio* durante uns trinta anos e, nessa qualidade, pode acompanhar, passo a passo, o seu biografado, em várias e das mais importantes fases da sua existência. Também escritor, teve o cuidado de tomar notas minuciosas de tudo quanto se referisse ao patrão, a quem admira sem restrições. Este volume pode, portanto, ser considerado um dos mais completos e fieis entre os já escritos sobre D'Annunzio. A própria documentação apresentada não deixa dúvida alguma nesse sentido.

Resta verificar se compensa o tempo perdido. São quase setecentas páginas de texto. Confessemos que a leitura é das mais agradáveis. Os fatos narrados são sempre pitorescos, e as personagens que transitam pelo volume, em contatos ora longos, ora curtos, com o poeta, justificam o interesse, mesmo do leitor displicente ou desinteressado quanto à figura central da obra. E Tom Antongini sabe envolvê-los numa onda de humor dos mais sadios. Há sempre uma anedota amenizando o relato árido dos acontecimentos. Há sempre um fato curioso e sensacional quebrando as considerações ou amortecendo os elogios, que volta e meia o autor resolve despejar para cima do seu ídolo.

A conclusão a que se chega é que a obra de D'Annunzio não nos diz nada como documento humano, e ele próprio, como homem, também grande, a justificar cultos ou nada possuía de heroico ou de apologias. Compreendo agora o estrilo que o sr. Anísio Teixeira deu lá na Editora, quando se falou em incluir este livro na “Biblioteca do Espírito Moderno”, ao lado de *Madame Curie*. “Um cabotino como esse não pode ficar ao lado de Madame Curie”, teria dito o autor de *Educação para a democracia*. A verdade é que a vida de Gabriel D'Annunzio estaria deslocada numa “Biblioteca do Espírito Moderno”. Ninguém mais fora de época, mais inatual, menos espírito do nosso tempo.

Já disseram, e não custa repetir, que a sua morte literária data de 1914, ao estalar da grande guerra. Desde então deixou de interessar como escritor. Mais ou menos o caso do nosso Coelho Netto, depois que Graça Aranha fez aquele barulho na Academia. Como homem, também já foi dito, devia ter morrido no período de Fiume. Mas o destino, caprichoso e vingativo, deu-lhe mais vinte e tantos inúteis anos de vida. É o período estéril e com o seu tanto de ridículo do Vittoriale. A senilidade mental que lentamente o foi atacando, repercutia aqui fora em atos que causavam desolação entre os raros fieis dos bons tempos. Os gestos de grande cabotinismo, que sempre soube usar em proveito da própria glória, cresciam à medida que o esquecimento e o desinteresse iam cercando seu nome. Foi uma luta desesperada, constante, para se manter no cartaz.

Tom Antongini procura, em diversos pontos, defender D'Annunzio da pecha de cabotino. Mas as próprias frases que transcreve, os próprios casos que transmite, não fazem senão confirmar o fato que procura, tão sem argumentos, negar. Seria fácil enumerar uma dezena de situações apanhadas aqui e ali, sem muita escolha. Vejam este trecho: “Um galgo, ou um cavalo de corrida bem amestrados, as pernas de Ida Rubinstein, o corpo de um verdadeiro “ardito” de regresso dos vaus do Piave, o modelado e as juntas do meu crânio perfeitamente polido: eis as quatro belezas mais expressivas do mundo”. Concorde que isso pode ser levado à conta de uma excessiva vaidade pessoal. Mas não é só. Sem tocarmos na sua surpresa (fingida surpresa) de que lhe viessem cobrar imposto, temos a confissão do próprio D'Annunzio nestas palavras: “Mais de uma vez escrevi o meu próprio louvor sem nenhuma timidez”. E se acham pouco, leiam esta dedicatória, oferecendo as *Laudes* a um amigo francês: “A A. D., este píncaro da poesia de todos os tempos e de todos os países”. Aliás, Antongini mesmo conclui, esquecendo afirmações anteriores, que D'Annunzio considerava a humanidade dividida em duas metades: ele de um lado, o resto do outro.

“Orgulho desmesurado, desconhecido até dos anjos rebeldes”, escreve o fiel secretário, acrescentando que devia, em homenagem à verdade, confessar que “a partir de 1923 as suas declarações, públicas e privadas, sobre o valor de sua obra, assumiam formas muito menos modestas, muito menos reservadas”. O *imprimatur* que deu para a edição nacional das suas “obras completas”, é típico. Uma assinatura e esta pequena frase: “inebriado de si mesmo”. Poderia continuar enumerando fatos e fatos. Aquelas vigas de ferro, por exemplo, que ele fez o arquiteto colocar na entrada da sua “cidadela espiritual”, vigas que obrigavam o visitante a se curvar para transpor a portam numa reverência forçada, dispensa comentários. É bem verdade que ele próprio, certo dia, deu com a testa nelas, ferindo-se com alguma gravidade...

Nada disso, porém, teria importância se Gabriel D'Annunzio tivesse sido um autor mais interessado na “condição humana”. Bernard Shaw ainda hoje faz coisas piores e ninguém reclama. Qualquer crítico, mesmo sem muita percuciência, poderia apontar os grandes defeitos da obra d'annunziana. Sem dúvida que o excesso verbal seria a primeira coisa a ser condenada. Mas não é esse o meu intuito. Desejo somente acentuar a nenhuma importância social de suas obras, a nenhuma lição que sua vida oferece. Pelo menos lição no sentido moral, de paradigma, de exemplo. Mesmo a luta permanente pelo dinheiro, a eterna luta do gênio contra as condições materiais, está longe de impressionar o mais ingênuo dos leitores. Lendo, ainda hoje, as cartas de um Baudelaire, principalmente algumas dirigidas à sua mãe, nós nos comovemos, somos solidários com a trágica e miserável existência que suportou. É que Baudelaire, como tantos outros, queria dinheiro para as coisas essenciais da vida. D'Annunzio não. Sempre foi o supérfluo que o levou aos braços dos credores. Duzentas luxuosas almofadas para esta casa, dez ou vinte cavalos de raça para aquela cavalaria, ou então, um sem número de cães, tratados com um carinho que jamais terá dispensado a um pobre diabo qualquer. A luta que enfrentava era sempre para o supérfluo, nunca para o essencial, repitamos. Ele mesmo se julgou um “animal de luxo para o qual o supérfluo é tão necessário quanto o ar”. Daí a nenhuma solidariedade do leitor com as suas desventuras financeiras. E se nesse ponto, que talvez tenha sido o único em que verdadeiramente conheceu reveses sérios, nós não estamos de acordo com ele, que fará nos outros.

As sugestões que esse variado e pitoresco volume de Tom Antongini oferece são tantas, que não cabem numa simples crônica. Narrando sempre muito bem, embora sem espírito crítico de espécie alguma, consegue segurar o leitor até a página final. Nesta época, um volume de setecentas páginas precisa, em verdade, ser muito interessante para que a gente não o largue pelo meio. Isso, apesar de Antongini cair, de vez em quando, em plena euforia adjetivosa. Interessante, contudo, é que os trechos transcritos para exemplificar o valor do poeta causam sempre o efeito oposto almejado. Escolhe sempre mal. Os casos que conta, porém, são sempre dos melhores, dos mais sugestivos e divertidos. A visita ao Marechal Hermes da Fonseca, por exemplo, se conhecida aqui, naquela época, teria ocasionado um número incalculável de piadas e canções. Das melhores – e estou que é a melhor – é a história do grafólogo. Vale a pena transcrevê-la. Não encontro fecho melhor para estas linhas: “Em Lucerna, onde estivemos juntos, conta Antongini, D'Annunzio sofreu a sua maior desilusão grafológica. Mandou-me submeter a sua letra à apreciação de um grafólogo que residia no Hotel Scheweiverhof. O grafólogo não sabia de quem se tratava. Compulsou longamente o

manuscrito e em seguida sentenciou: “Megalomaniaco, sem sombra de engenho”. D'Annunzio divertiu-se muito com essa definição e contou-a a todo o mundo. No *Libro segreto*, aludiu ao fato, modificando ligeiramente a resposta do grafólogo. Este ter-se-ia limitado a dizer: “Espírito um pouco pesado”.

CAVALHEIRO, Edgard. A vida patética de Dostoiévski. *Folha da Manhã*, São Paulo, 24 dez. 1939.

Um livro que estava faltando, entre tantas e nem sempre felizes traduções, era, incontestavelmente, aquele que nos viesse contar a vida de Fiódor Dostoiévski. Temos, é certo, o lúcido e penetrante ensaio do sr. Hamilton Nogueira, publicado há alguns anos, ensaio rico de observações sobre a obra do grande romancista russo. Circula também, por aí, a tradução do estudo de Stefan Zweig, feito com muito brilho e pouca profundidade, como aliás, sempre acontece com tudo o que tem produzido. Mas uma “vida mesmo”, não tínhamos, em português.

Coube a Vecchi editor lançá-la. Trata-se da *Vida patética de Dostoiévski*, de André Levinson, em tradução muito bem cuidada do sr. Costa Neves.

A bibliografia existente, no mundo, sobre o autor de *Crime e castigo*, é vastíssima. Somam-se dezenas, entre estudos críticos e biográficos, já publicados. Henry Troyat, o romancista laureado de *L'Araignée*, acaba de publicar um trabalho com mais de 600 páginas em torno da sua vida e da sua obra. Grandes nomes, como Berdiaeff e Merejewsky, estudaram-no carinhosamente, tanto sua filha como sua viúva nos deixaram páginas da maior importância sobre o homem. Cartas, depoimentos dos contemporâneos etc., não faltam. A dificuldade para o biógrafo que se aventurasse a contar a sua vida não estava, portanto, na penúria de material, mas no excesso. Extrair, dessa enorme massa de informações, o essencial, não era tarefa fácil ou cômoda. André Levinson, porém realizou, brilhantemente, a empresa. E num volume de duzentas e poucas páginas, acrescenta-se.

Capítulos rápidos, cenas capitais apanhadas ao vivo e, sobretudo, uma felicidade muito grande na escolha dos detalhes abordados, constituem qualidades dignas de serem destacadas, em primeiro lugar. É preciso notar que acima das informações bebidas em outras fontes, André Levinson foi procurar na própria obra de Dostoiévski a feição mais característica do seu espírito. Como ele mesmo diz em nota final, este livro “não pretende ser nem um estudo literário, nem uma discussão doutrinal. É uma biografia dum escritor. Portanto, não se poderia

prescindir o exame dos seus escritos. Mas a obra é tratada em função de sua vida. Situar essa vida no seu quadro material e no seu ambiente intelectual, eis a principal precaução que tive”.

Não resta dúvida alguma de que o conseguiu e da maneira mais convincente e satisfatória. A imagem que nos oferece do biografado é das mais aceitáveis. Logo de início nos coloca na frente do momento culminante da vida de Dostoiévski. O momento em que caminhava para morrer fuzilado pelo crime de ter ideias. “Estava prestes a morrer. Aos 27 anos, em pleno vigor! Ora, era-lhe necessário imaginar, o mais rápido e claramente possível, como se dera tudo aquilo: ele existia ainda, vivia e, dentro de três minutos, seria qualquer coisa ou alguém completamente diferente. Mas, quem? Tinha dois minutos para decidir isso. O penúltimo, porém, se esgotava. O último, o supremo, destinava-o a olhar em redor de si. Na proximidade da praça, erguia-se uma catedral; o sol batia de chapa sobre a cúpula dourada. Cravou os olhos nessa cúpula com incrível fixidez. Não podia desviá-los daqueles raios que lhe pareciam participar dessa nova natureza, desse além, onde iria precipitar-se daí a um momento”.

Depois sons de clarins, rufos de tambores, armas que apontam e o silêncio trágico que precede os grandes momentos. Silêncio que não foi quebrado pela palavra “fogo”, como todos esperavam, mas por um zum-zum prenunciador de novas inesperadas. Era a comutação da pena, para desterro perpétuo. Vinte anos depois, ao recordar esse dia, Dostoiévski dizia à esposa: “Não me recordo doutro dia tão feliz...”.

Esse acontecimento, verdadeiramente patético, marcou toda sua existência. Predisposto à epilepsia (pai alcoólico, ele de uma susceptibilidade doentia, a mãe fraca, constantemente acamada), sofreu bem mais profundamente que os outros esse incrível e estúpido castigo do Czar. Os olhos fitos na cúpula da catedral, aquela Bíblia que esposas de desterrados lhe deram, quando a caminho do exílio, uma inata predisposição para o misticismo, a conveniência forçada com os prisioneiros, levá-lo-iam, quando retomasse a pena, para desnudar as almas humanas ao cristianismo. São do diário do escritor, de agosto de 1880, estas palavras: “Conheço nosso povo! Vivi com ele no presídio! Ele me fez voltar ao Cristo que aprendi a conhecer em criança, na minha casa paterna, e que mais tarde perdi, quando me tornei um “liberal europeu”. Esse reencontro com o mais íntimo do seu ser, marcá-lo-ia profundamente, virando a diretriz do seu pensamento. Assunto por tantos já debatido e estudado, embora as controvérsias ainda predominem, pode-se afirmar sem hesitações que ele foi, acima de tudo, um romancista cristão. Claro que essa definição comporta inúmeras nuances, são inúmeras as variáveis, as faces com que pode ser encarada.

Mas não se trata de analisar sua posição em face do pensamento russo, ou melhor, do pensamento humano. O livro de André Levinson, como já mostramos, pretende ser apenas uma biografia.

Em linhas gerais, a sua vida é de todos conhecida, como conhecidos são os fatos que envolveram sua estreia literária com *Os pobres diabos*. Primeiro a leitura a Grigorovich, que “sufoca o entusiasmo concentrado”. Depois a corrida à casa de Nekrassorff e a volta, alta madrugada, ao quarto de Dostoiévski, onde os dois o abraçam tumultuosamente, entusiasmados com o livro e decidem o seu destino: “Toca a levá-lo a Bielinski, o grande crítico consagrador, o homem capaz de fazer ou desfazer uma celebridade”. E Bielinski, depois de alguma relutância, aceita em receber os originais. A entrevista dos dois homens nunca mais deveria apagar-se da memória de Dostoiévski. Um quarto de século mais tarde, descreve-a aos leitores do seu diário: “Assim pois (era o dia seguinte), levaram-me à casa de Bielinski. Recordo-me que de início impressionei-me fortemente com o seu aspecto, seu nariz, sua fronte; queria saber porque havia imaginado inteiramente outro esse “crítico terrível”. Recebeu-me com um ar desdenhoso e dos mais reservados. “Não podia ser de outra maneira”, digo a mim mesmo. Mas cinco minutos ainda não eram decorridos e tudo mudou: aquele ar importante não provinha de sua pessoa, do grande crítico recebendo um jovem principiante e sim, se bem nos explicamos, do respeito para com os sentimentos que deseja exprimir-me o mais breve possível, para com as graves palavras que se apressava tão singularmente a dizer-me. Discorreu com calor, os olhos brilhantes de paixão: Sim, o senhor mesmo, acaso compreende – repetia, no tom grandiloquente a que estava habituado – acaso compreende o que escreveu aí? – Ele tinha certo jeito de levantar a voz sempre que experimentava um sentimento poderoso. – Por ser o senhor sinceramente um artista de extrema sensibilidade é que conseguiu escrever semelhante coisa; mas mediu o senhor todo o alcance da tremenda verdade que nos descreveu? Não é possível que a tenha compreendido, o senhor, que nem vinte anos tem!”.

E nesse tom Bielinski continuou a analisar o trabalho tímido do estreante, que ali sentado à sua frente, mudo de comoção, bebia com os olhos, ouvidos, todo o corpo, as palavras quentes que o crítico entusiasmado ia soltando.

A seguir é a consagração do público, a inveja dos concorrentes, a vida nos salões onde não faz papel brilhante devido à sua extrema timidez, a conspiração de Petrachevski, o exílio, a volta, o casamento, enfim a série de acontecimentos ora tristes, ora alegres, ora trágicos, que encheram a vida e que, entremeados com a publicação de suas obras mais importantes, foram

por André Levinson encarados de uma forma das mais precisas e concludentes. Ao finalizar o volume, coloca ele num post-scriptum confidencial, trechos de cartas de Tolstoi, Strakoff, Turgueneff e Constantino Pobiesonoszeff, em que esses contemporâneos se exprimem sobre o grande escritor. Diz o primeiro: “Não vi nunca esse homem, e tão depressa morreu, logo compreendi que não havia para mim homem mais precioso, mais chegado, mais necessário...”. Strakoff, crítico e autor de uma célebre biografia sobre ele, confessa francamente: “Não posso considerar Dostoiévski nem um homem de bem, nem um homem feliz. Foi mau, invejoso, depravado, que passou a vida entre tribulações tais que o teriam tornado digno de lástima e ridículo, se não tivesse sido ao mesmo tempo tão mau e tão inteligente”.

Não é melhor a opinião de Turgueneff, que o compara ao “mui famoso marquês de Sade”. Constantino Pobiesonoszeff, porém, numa súplica ao Czar, em favor da família Dostoiévski, além de considerar a grande perda que para a Rússia representava a sua morte, confessa que ninguém poderia substituí-lo no coração da mocidade, que tinha confiança nele e a ele acorria “verbalmente ou por cartas, como a um diretor espiritual”.

Essas opiniões, tão contraditórias, mostram suficientemente que o processo da vida e da obra de Fiódor Dostoiévski ainda está em curso, ainda não foi julgado definitivamente. E, se pensarmos bem, talvez nunca o seja. Consola-nos a certeza de que um escritor é tanto mais poderoso quanto maior for a sua capacidade de reação frente às interpretações dos homens de todas as idades e tendências, que dele se acercam.

CAVALHEIRO, Edgard. Vida e confissões de Oscar Wilde. *Folha da Manhã*, São Paulo, 4 fev. 1940.

O processo sobre a vida e a obra de Oscar Wilde, tem a sua reconstituição e o seu juizamento na forma mais completa e convincente, neste exaustivo e admirável volume de Frank Harris, *Oscar Wilde – Sua vida e confissões*, que a Editora Nacional acaba de apresentar ao público brasileiro através da tradução de Godofredo Rangel. O nome deste tradutor dispensa comentários. É um dos mais honestos e cuidadosos que contamos.

Poucas vidas oferecerão um interesse humano tão grande como a do autor de *Salomé*. Sua personalidade (mais interessante para muitos do que sua obra) somente será compreendida e poderá ser satisfatoriamente explicada quando estiver bem localizada no meio em que viveu, dentro mesmo daquela sociedade hipócrita e cretina, sociedade que teve em

Lord Queensberry seu tipo padrão, e nos juízes que o condenaram, seus representantes oficiais. Frank Harris, com uma coragem e com uma audácia das mais raras, nos expõe cruamente, sem nada ocultar, toda a falsa moral em que viviam aqueles que condenaram Wilde, tudo aquilo que sobre ele lançaram, dos mais baixos insultos às mais incríveis humilhações. “Na Grã-Bretanha”, conclui Frank Harris, “o homem de gênio é temido e execrado na proporção de sua genialidade; e se, por acaso, é escritor ou músico, tratá-lo-ão além disso com maior desprezo. A prevenção contra Oscar Wilde se manifestou com veemência de todos os lados. O juiz Collins não proibiu as aclamações que acolhiam no tribunal o triunfo do Lord Queensberry. Nenhum dos policiais que se encontravam perto da porta tentou conter a assuada da multidão, que perseguiu Oscar Wilde com apupos e injúrias quando ele se retirou. Oscar já estava julgado e condenado antes de qualquer ação que lhe movessem”. Não são nada lisonjeiros para o caráter de uma raça os fatos narrados quando do processo e da condenação infamante do esteta de Dorian Gray. “Mas ah! Os ingleses”, como disse Goethe, “são pedantes; prezam mui pouco os homens de letras ou de outros méritos puramente espirituais. Gostam de ater-se à regra, sem cuidar das exceções, salvo quando as exceções são homens de grandes títulos, ou fortunas, ou “pessoas de importância” para o governo. Os ingleses em sua maioria são muito ignorantes para conhecerem o valor de um livro”.

Mas não será esse, talvez, o lado mais interessante deste interessantíssimo volume. O que importa ressaltar, nesta vida tão agitada e trágica, é o eterno problema da sinceridade em arte. Tanto os romances como as peças teatrais, os ensaios como as pequenas obras, que Wilde escreveu no período anterior à prisão, são belos, algumas obras de arte podem ser apontadas, não há dúvida. Mas inegavelmente falta em qualquer dessas obras uma certa nota, nota que lhes garanta a perdurabilidade no decorrer dos anos. Quantas páginas não sacrificou ele pelos seus paradoxos de efeito! Paradoxos que tanto têm servido aos nossos cronistas sem assunto ou para enfeite desses horríveis álbuns de lembranças. Oscar Wilde, e não avanço novidade alguma, só foi grande e humano, grandemente humano, quando um dia, depois da prisão, escreveu aquela célebre “Balada do cárcere de Reading”, que nós podemos ler na excelente tradução de Gondim da Fonseca. Essa balada é uma parte do *De profundis*, esse grito angustioso de um homem que já viveu sua vida e aguarda o momento final, sem esperanças e sem consolo, garantem a sua eternidade nas letras. São gritos partidos do mais íntimo do seu ser. Sinceros, por isso mesmo que eternos.

Mas é preciso insistir: o mal de Oscar Wilde foi o meio. Mesmo na infância, quando cursava o Portora Royal School (não esquecer também o processo movido contra seu pai em Dublin) ou depois na adolescência em Oxford, o clima que encontrou era dos mais propícios para o desenvolvimento das suas tendências. A influência de Ruskin, esse hoje esquecido contemplativo da beleza, que poderia ter servido de rota ao adolescente, conquistador aplaudido de inúmeros prêmios literários, só se fez sentir de um lado, justamente o pior de sua obra. Wilde mesmo confessou que as ideias morais, piedosas etc., do seu mestre, não lhe interessavam. Suas aulas lhe provocavam bocejos. Seu estilo, porém, ah! Que maravilha, que sublimidade! O estilo e o amor puro à beleza. Tal e qual um autêntico grego dos tempos de Péricles. “Sou um grego nascido fora de seu tempo”, confessou certa vez. A beleza sempre, sob todas as formas. A defesa que, anos mais tarde, fazia das suas preferências, é uma dessas coisas arrepiantes. Frank Harris a transcreve, minuciosamente, e para essas páginas eu remeto o meu provável leitor.

Quando a pudicícia e a hipocrisia britânica o condenavam, no mais abjeto e safado dos julgamentos, ele se considera um homem liquidado, mentalmente morto, mesmo antes das torturas do cárcere. E quando Frank Harris, mais tarde, lhe aconselha, com tanta insistência, a ser um novo Dante, fazendo dos horrorosos meses na prisão um novo *Inferno*, responde desalentado que viera ao mundo para cantar a “alegria e o orgulho de viver, para cantar o prazer de existir, as delícias de tudo o que é belo no mais belo dos mundos”. E os homens, diz ele, “apoderaram-se de mim, torturaram-me até que eu conhecesse a piedade e a dor. Agora já não posso cantar sinceramente a alegria, porque conheço o sofrimento – e não fui feito para cantar a este. Detesto-o e apenas desejo entoar voluptuosamente canções de amor e de prazer. Unicamente a alegria me atrai; a alegria da vida, da beleza, do amor. Eu poderia cantar a canção de Apolo, o Deus-Sol, eles procuraram obrigar-me a cantar a de Márcias martirizado”.

Era sua mais ardente convicção. As cartas em prol dos presidiários, seus ex-companheiros, a “Balada imortal” e o *De profundis* são, porém, amostras mais do que suficientes do que, se ele quisesse ou as circunstâncias tivessem permitido, poderia ainda ter feito. Mas nada fez, a não ser cair de degradação em degradação, a menor das quais não será, talvez, aquela “grande paixão romântica” que Harris nos conta com tantos detalhes.

Disse, no início, que este volume constitui a mais completa e convincente das provas no processo sobre a sua vida e a sua obra. Resta acrescentar que a tradução brasileira, feita sobre a última edição inglesa, é integral tal como a deixou Frank Harris, com todos os acréscimos e alterações posteriormente feitos. Dessa maneira, nos é possível ler a “plena e

final confissão de Lord Alfred Douglas”, escrita em 1925, logo após a saída de *Vida e Confissões*. As recordações que Bernard Shaw escreveu sobre Oscar Wilde também figuram na íntegra, entre os apêndices, bem como poesias de Lord Alfred Douglas, uma parte do *De profundis*, inúmeras cartas trocadas pelo autor em virtude da publicação do trabalho *Os últimos dias de Oscar*, descrição de Robert Ross, além da quantidade de notas e observações ocorridas mais tarde, tanto ao autor como aos seus amigos, ou aos amigos de Wilde.

Um grande livro, indiscutivelmente.

CAVALHEIRO, Edgard. A vida trágica de Van Gogh. *Folha da Manhã*, São Paulo, 31 mar. 1940.

Não podia ser mais feliz a ideia de José Olympio Editor, incluindo como segundo volume da sua nova coleção “O Romance da Vida” (destinada a focalizar “vidas que foram romances”), este admirável trabalho de Irving Stone sobre Van Gogh.

A existência de Vicente Van Gogh foi, realmente, um romance, um trágico e acidentado romance. Mesmo quando narrada “historicamente”, com a maior precisão nas datas e o máximo escrúpulo nos detalhes, já constituía uma dessas vidas impossíveis de serem acompanhadas sem emoções e sobressaltos. Contada, porém, como o fez Irving Stone, resultou nesse volume denso e humano que em português recebeu o nome de *A vida trágica de Van Gogh*.

Este autor foge, completamente, ao padrão comum. Tomando com a história ou a cronologia bem maior liberdade que Maurois ou Zweig, por exemplo, deixa-nos a clara certeza de que, acima do biógrafo, estamos em presença do romancista, do próprio dissecador de sentimentos humanos. O que procura, ao nos transmitir os dias trágicos de Van Gogh, é o drama angustiante de um espírito criador em busca do mais satisfatório meio de expressão, a luta travada no mais profundo de uma alma humana, inquieta e insatisfeita como poucas. Não transita, como a maioria dos que fazem biografia, pelos caminhos normais isto é, antecedentes, nascimento, infância, adolescência, mocidade, maturidade e morte. Coloca-nos, logo de entrada, frente a um Van Gogh já homem modesto, mas futuro vendedor de estampas, na filial de Londres, de Goupil & Cia., negociantes de arte e editores de gravuras. Um Vicente apaixonado pela filha de sua hospedeira, a prosaica e insensível Úrsula, cujo desprezo o livraria da existência convencional e que, em resposta à sua mais ardente declaração de amor, só tem esta frase: “ruivo sem sorte”.

Esse ruivo sem sorte será um dos sujeitos mais infelizes no amor. Tanto Úrsula como Christina, Key ou Margot, que foram as mulheres que mais de perto o interessaram, são figuras que só vieram acrescentar novas dores às inúmeras que o assaltaram no decorrer dos anos. Mas não é a vida amorosa de Van Gogh que nos interessa ressaltar, embora Irving Stone nela se tenha demorado, em capítulos dos mais vivos e felizes com que conta o volume. Dando como causa do seu abandono de Londres e, portanto, do emprego em Goupil & Cia., esse amor sem esperanças, provocado por Úrsula, Irving Stone acompanha a volta de Vicente ao lar paterno, onde se decidirá o novo destino a ser dado à “ovelha má” da família. Leva-o, a seguir, para Amsterdam, onde irá preparar-se para pastor, seguindo a tradição paterna. Mendes Costa, um excelente mestre, ampara-o nas dúvidas que o assaltam, dando-lhe a certeza de que um dia se realizará, encontrando o meio de expressão que o satisfaça integralmente. Não nascera para simples pastor, como o pai. Desiste em tempo, indo parar numa Comissão Belga de Evangelização. Depois de algumas vicissitudes, é mandado para Borinage, onde estão localizadas as terríveis minas de carvão que Zola, anos depois, visitará na colheita de material para *Germinál*. Somente a estadia de Van Gogh nesse lugar justifica um livro. Acaba numa espécie de Messias fracassado, põe-se, quase instintivamente, a fazer rabiscos num papel, nascendo assim, de uma forma quase imprevista, a grande vocação que será a sua maior tragédia e a sua maior glória: a pintura.

Neste momento entra em cena um personagem que, por vezes, toma conta do volume, e em alguns excelentes primeiros planos, rouba o livro ao seu verdadeiro dono. Trata-se de Théo, o irmão ideal, o “incansável, cuja bondade e paciência não tinham limites, o melhor e mais amado de todos os irmãos”. Théo sustenta-lo-á pelo resto da vida. Amparado e guiado por ele Vicente toma a peito, seriamente, os primeiros estudos indispensáveis para reproduzir em folhas de papel e depois telas, aquilo que a natureza e os homens lhe inspiravam. Toda a luta mantida, tanto em Etten como em Haya, em Nuemen como em Paris, Arles ou Saint Rémy e, por fim, em Auvers, em busca de uma perfeição jamais atingida, é reconstituída em páginas que não se percorrem sem emoção.

Em Haya é o aprendizado, cheio de peripécias, com Mauve, “mestre bondoso por algumas semanas”, ou Weissenbruch e de Bock, os primeiros amigos pintores. Também em Haya é o romance com Christina, quase esposa.

Mas será talvez nas partes referentes a Paris, que o volume se torna mais interessante, pois o autor traz à baila todos esses hoje grandes nomes, então ignorados e respeitados pintores, que porfiavam por um lugar ao sol, que heroicamente tentavam criar algo de novo,

ante a incompreensão e a má vontade geral. É Lautrec, pintando prostitutas, terminando seus dias enclausurado num manicômio, à espera da morte. É Paul Gauguin, ex-banqueiro e atual pintor sem um níquel no bolso, à cata do amigo que lhe garanta o almoço, ou Seurat, o incansável Georges Seurat, tentando tornar a pintura uma “ciência abstrata”. É ainda esse ingênuo Rousseau, enterrado numa pocilga junto da Bastilha, a pintar, a pintar sem folga.

Os nomes desfilam, cada um com a sua mania, cada um com a sua ideia destinada a revolucionar a história da pintura. Eles vão sendo encontrados por Van Gogh em todos os lugares: nos cafés, nos ateliês, nos restaurantes. Seja Cézanne, que se transformará depois no “amargo solitário de Aix”, indignado com Zola por causa da publicação de *L'Oeuvre*, ou o próprio Zola, pregando o culto ao feio, incluindo logo no grupo que se forma a esse feiíssimo Van Gogh, cujos trabalhos tão bem se harmonizavam com a nova corrente em ascensão.

Depois do deslumbramento inicial, vem a necessidade de afastar-se para produzir. E Van Gogh vai para Arles e ali, a loucura visita-o, tempos depois. Casa de saúde, manicômio (em S. Rémy) e, finalmente, Auvers, nas mãos do sr. Gachet, de quem deixa um excelente retrato. Em Auvers, uma tarde, dispara contra o próprio peito, o tiro que o imobilizará para sempre.

Não interessa ao cabo da leitura de um livro movimentado e admirável como este, verificar até que ponto a fantasia substitui a verdade. Pode-se mesmo não aceitar nem a metade do que Irving Stone escreve. Os que apreciam as minuciosas bibliografias ou as transcrições rigorosamente aspeadas, estranharão o absoluto desprezo do autor que, em lugar algum, chamou em seu auxílio o depoimento de um contemporâneo (a fonte rigorosamente histórica). Aliás, é preciso reconhecer que essas coisas não interessam numa obra deste gênero. O que interessa é o homem. É é inegável que temos, pela frente, um homem vivo e real, um homem como devia ter sido Vicente Gogh: torturado, insatisfeito, em luta permanente contra si mesmo. Um homem infeliz nos amores e em tudo o mais na vida. Como artista não chegou a ver aceita e consagrada a obra na qual pôs o melhor do seu gênio. Talento, aplicação, força de vontade, de que sacrifícios não foi capaz, para atingir aquilo que julgava a perfeição, ou melhor, o seu verdadeiro meio de expressão? Recebiam-no com motejos e ironias. Que importa! Produzia com desespero, um, às vezes dois quadros num só dia. Quadros que se amontoavam no apartamento de Théo e que todos os museus e galerias particulares disputam hoje em dia a peso de ouro e que, no entanto, foram produzidos na mais negra miséria, no maior desamparo possível. A velha história de todos os inovadores.

Essa vida, a que tão bem assenta o qualificativo de trágica, está toda neste livro. É possível, já o dissemos, que neste ou naquele detalhe, neste ou naquele capítulo, os amigos da verdade histórica, das aspas e da bibliografia protestem. Em qualquer circunstância, porém, será impossível deixar de reconhecer que Irving Stone realizou um livro admirável, “uma vida” que é um romance, denso e humano, como há poucos por aí.

CAVALHEIRO, Edgard. Nijinsky. *Folha da Manhã*, São Paulo, 26 maio 1940.

Coleção muitos títulos digna de aplausos é a intitulada “O Romance da Vida”, na qual José Olympio editor tem incluído uma série de obras das mais sugestivas da literatura contemporânea. Já tivemos a trágica história de Maximiliano e Carlota do México, contada com arte e veracidade histórica por Bertita Harding, em *A coroa fantasma*. A seguir, num livro emocionante, Irving Stone focalizou a vida trágica de Van Gogh. Em terceiro lugar, o prisioneiro n.º 46635, René Belbenoit, em *A ilha do diabo*, escreveu a sua odisseia de foragido de Cayenna, num volume que leva ao leitor todas as emoções de um romance dos mais sensacionais e humanos. Com a vantagem de ser uma autobiografia digna de todo culto, embora o aventureiro e o extraordinário de muitas situações faça pensar em exageros ou produto de uma fértil e exaltada imaginação. Mas a sinceridade dos fatos que nos são transmitidos transparece em todas as páginas e, ao cabo da leitura, já não temos dúvidas sobre o agitado romance vivido por René Belbenoit.

Continuando a série, depois das reedições das autobiografias de Hellen Keller e Isadora Duncan, acaba de sair *Nijinsky*, de Romola Nijinsky, esposa do grande bailarino que foi o “deus da dança” nos anos que precederam a grande guerra, a de 1914.

Enlouquecendo antes de atingir os trinta anos de idade, longe estava Nijinsky de ser um “astro” em declínio. Muito ainda daria para a arte que foi a sua razão de ser, e pela qual tanto se sacrificou. Todas as pessoas que tiveram a ventura de vê-lo, e ainda resta mesmo entre nós um grande número delas, são unânimes na impressão recebida: era sublime; ultrapassava tudo que a imaginação poderia conceber.

Será essa, com certeza, a impressão que o livro de Romola Nijinsky irá causar à maioria dos seus leitores. Quando fala dos bailados de Nijinsky, seu estilo como que adquire novo brilho, anima-se envolvendo o leitor, que acaba entusiasmado, quase disposto a interromper a leitura para aplaudi-lo. É que ela nos apresenta, realmente, o bailarino dançando aos nossos olhos. Aliás, segundo as impressões de todos os que o conheceram pessoalmente, e

Paul Claudel no prefácio acentua esse ponto, Nijinsky dava sempre a impressão de estar em plena dança, mesmo nos mais prosaicos momentos da vida. “Não havia nenhum dos seus gestos, escreve Claudel, por mais insignificante que fosse, como, por exemplo, quando voltava para nós o movimento, quando a cabeça pequena rodava subitamente sobre o pescoço longo, que não se realizasse em plena glória, com uma vivacidade ao mesmo tempo feroz e suave e com uma autoridade fulminante. Mesmo em repouso parecia dançar imperceptivelmente”.

Explicando os bailados interpretados por Nijinsky e depois situando-o, com muita arte, em pleno trabalho criador, a autora reconstitui em algumas páginas das mais emocionantes, momentos que se foram eternos para ela, não o terão sido menos para os que assistiram em Paris ou Petersburgo, Viena ou Londres, Berlim ou Nova York, Rio ou Buenos Aires, o extraordinário artista. Mas o volume não decorre todo nesse ambiente de pura criação artística, de constantes e ruidosos triunfos para o bailado russo e, particularmente, para Nijinsky. Um sem número de pequenos incidentes irão turvar a ascensão gloriosa e sem contratempos em que vinha decorrendo a vida do dócil e quieto Vaslav.

Filho de bailarinos (até a noite do seu nascimento, mesmo uma hora antes, sua mãe ainda dançou), e escolhido no exame preliminar para a Escola Imperial, com cinco outros entre cento e cinquenta concorrentes, Nijinsky pode ouvir, de seu professor, ainda aos dezesseis anos de idade, que este nada mais tinha para lhe ensinar, pois ele já ultrapassara todos os mestres. E dois anos antes de tomar grau, ser incluído no corpo permanente do Teatro Mariinsky, caso inédito e até então sem precedentes. Os sucessos foram num crescendo jamais visto e, em pouco tempo, graças a Diaghilev, Paris e quase todas as capitais da Europa puderam aplaudi-lo.

Até a primeira viagem para a América do Sul, na vida de Nijinsky, todos os momentos são exclusivamente dedicados à arte. Um anseio de perfeição, uma luta infatigável para sobrepujar a si mesmo a cada novo espetáculo, mas sempre longe, muito longe das pequenas misérias que envenenam a vida, embora constituam condições quase essenciais de qualquer existência. É que Nijinsky, tratado por Diaghilev como uma criança, uma criança dócil, a quem se evita toda espécie de aborrecimentos, encontrava, quase sempre, tudo à mão, bastando-lhe o simples gesto de estendê-la, para que as coisas viessem ao seu encontro. Nada de preocupações financeiras, e muito menos questões sentimentais. O caráter da amizade que o ligava a Diaghilev, poucos desgostos lhe ocasionaram. Conservando-o afastado de todo contato com o mundo exterior, Diaghilev soube

mantê-lo sempre num terreno onde as pequenas misérias não chegavam.

Mas viajando para a América do Sul, justamente no Rio de Janeiro resolve casar. Diaghilev ficara na Europa e Romola, que há tempos seguia a trupe, via concretizado o sonho acalentado, de unir-se ao seu ídolo. Numa joalheria da Avenida Rio Branco adquirem as alianças e dois nomes e uma data são gravados: Vaslav – Romola, 1-9-13. Dias depois, em Buenos Aires, realiza-se o casamento.

Começa então a série de amolações e miseriazinhas que tanto iriam influir nos próximos anos do artista. “Bem que Romola Nijinsky, escreve Gastão Cruls, se esforça por persuadir o leitor que o bailarino nunca foi tão feliz como quando viveu a seu lado, gozando do seu afeto, embevecido com as gracinhas da filha. Uma série de desastres até o epílogo do sanatório, falam mais alto do que as suas palavras e convencem-nos do contrário”.

E assim acontece, na verdade. Claro que tanto as circunstâncias que cercaram o seu romance com Nijinsky como a sua conduta como esposa (descrita por ela mesmo, portanto suspeita), não a fazem culpada direta, embora indiretamente todas as contrariedades advindas a Nijinsky tiveram-na como alvo. É que Diaghilev, sabendo ser amigo, sabia também ser inimigo.

Mas muitos desses detalhes, alguns talvez falsos ou falsamente interpretados, poderiam ter sido evitados pela autora. Aquele telefonema de Pavlova, por exemplo, para saber se Nijinsky fraturara mesmo o pé, não pode ser aceito sem restrições. Algum exagero, desculpável neste ou naquele ponto, como a dramatização do último bailado do marido, na Suíça, embora bem realizada, não convence o leitor. Contudo, o número de fatos interessantes e perfeitamente aceitáveis ultrapassa em muito os discutíveis. Ressalte-se, para gáudio dos leitores desta tradução brasileira, as páginas do mais franco entusiasmo pelo Rio de Janeiro, cuja natureza (era fatal!) provocou trechos como este: “A baía do Rio! Destacando-se do céu de um azul profundo e sob um sol radioso, levantava-se o círculo das montanhas cobertas de palmeiras. De atalaia à grande enseada, soberbo e altivo, emerge das águas o poderoso pico Pão de Açúcar, a cuja base brincam continuamente as ondas, sempre a se desfazerem em extensa franja de espumas azuis e brancas. Envolveria-nos um magnífico e natural anfiteatro, e só tínhamos olhos para todas aquelas maravilhas, correndo para um lado a outro e exclamando a cada passo:

- Talvez Bakst não fizesse melhor!

Foi com facilidade que o navio se abeirou do cais bem construído e começou a despejar os passageiros. Todos estavam tão absorvidos pela beleza da paisagem...”

E por aí vai, sem uma única palavra de censura ou de desagrado pelas nossas coisas.

CAVALHEIRO, Edgard. Uma biografia. *Cultura*, São Paulo, set. 1940.

Poucos são os escritores entre nós que se arriscam a biografar vultos de nosso passado. As dificuldades e a série de empecilhos deparados a todo momento, desanimam os mais bem intencionados. Tudo é difícil. Uma simples consulta bibliográfica demanda tempo e paciência. Tempo e paciência quase sempre inutilmente consumidos, pois o hábito de ocultarem informes ou de sabotagem material está muito arraigado, não somente entre os particulares, como até mesmo entre as próprias instituições criadas e mantidas para tais fins. Dispensável mencionar nomes ou instituições. Lembro, de passagem, para exemplificar, as quatro ou cinco cartas que a propósito de *Fagundes Varela* dirigi à Academia Brasileira de Letras. Até hoje aguardo resposta. O caso não é único nem excepcional.

Penso nessas pequenas misérias ao concluir a leitura de *Santos Dumont*, do sr. Gondim da Fonseca. Imagino, como desculpa para a sua pobreza bibliográfica, as cartas que o autor terá escrito, as recusas que terá ouvido, e o número de incidentes desagradáveis que terá suportado para levar a cabo o seu trabalho. É a primeira biografia sobre o grande inventor brasileiro. Infelizmente está longe de ser a biografia exigida pela figura extraordinária de Santos Dumont. Sobretudo na parte referente à documentação, o volume pode ser considerado como fraquíssimo. Basta acentuar que o autor não tomou conhecimento do riquíssimo material existente no Museu Paulista. São duas salas, amplas e bem arrumadas, com uma infinidade de objetos de uso pessoal, de trabalhos executados nas preliminares dos seus inventos, sem falarmos na quantidade de fotografias das fases mais diversas e características desse “paulista honorário”, talvez a única figura brasileira de real projeção no estrangeiro. Se o sr. Gondim da Fonseca tivesse feito essa imprescindível visita ao Museu, não teria escrito com tanta convicção esta notinha: “Não existe, infelizmente, uma única boa obra sobre Bartolomeu de Gusmões, o que é pena”. É desconhecer o arquivo existente no já referido Museu Paulista e o exaustivo e completo trabalho de pesquisa de Afonso de Taunay, em dois grossos volumes.

São essas as lacunas que mais de perto nos alertaram quanto à pobreza de documentação apresentada pelo sr. Gondim da Fonseca neste volume que Vecchi editor apresentou com tanto cuidado. Deixando, porém, de lado esse ângulo importantíssimo numa biografia, que encontramos que possa compensá-lo? O estilo? A interpretação convincente ou a compreensão exata da figura estudada?

A prosa do sr. Gondim da Fonseca não é má. Ele escreve com grande vivacidade e humor. Mas que desleixo, santo Deus! Que irritante uso e abuso do presente do indicativo. Certas páginas nos deixam a impressão de que ele não está retratando Santos Dumont, mas sim fazendo a sua autobiografia. Vejam esses pedacinhos: “Minha mãe, coitada, se desgraçava toda para vir de Santa Teresa pagar as visitas das pessoas que a iam ver para a consolar, depois da morte do velho. Acabou doente e o nosso médico, que era o dr. Guarany Goulart (talvez vocês conhecessem pois ele viveu até 1920 ou 22) pediu-lhe que se transferisse para a cidade afim de a não obrigar a subir o morro. Viemos para a rua da Saúde e foi lá que ela morreu. Morreu em 1905”. Acham pouco? Mas ele continua, imperturbável. Não custa nada transcrever: “O cais do porto veio com o Passos. Vadieí muito, em guri, por aquelas paragens”. É o caso de perguntarmos: e nós, com isso?

Afinal de contas, estamos lendo uma biografia de Alberto Santos Dumont e não a história sem interesse do menino Gondim da Fonseca. No prefácio, como que prevenindo essas objeções, ele deixou acentuado: “Não pode conseguintemente o meu livro ser exalçado ou condenado por uma só passagem, um só trecho, uma só frase: há de considerar-se em conjunto, visto como o subordinei a um plano geral”.

É uma desculpa prévia. Mas não nos convence. A verdade é que não se trata de uma frase ou trecho apanhados depois de cuidadosa procura. Pelas trezentas e poucas páginas do volume, tanto as frases como os trechos (e, às vezes, páginas inteiras) vão se amontoando e o conjunto, está claro, sofre profundamente com isso. E não se pode, com a maior boa vontade do mundo, considerar frase ou trecho, os treze capítulos que enchem as páginas 101 a 176. Estas setenta e tantas páginas, destinadas à reconstituição do Rio de Janeiro em 1903, nada tem a ver com a vida de Santos Dumont. Para contar as homenagens prestadas pelo Brasil ao seu filho que regressava vitorioso da Europa o autor espalha-se por todos esses capítulos, onde descreve como se pensava, como se escrevia, se comia e se bebia no Rio, em princípios do século. Mostra-nos, também, como era a cidade, seus meios de transportes, seus habitantes, o que vestiam, quais os ordenados que percebiam, como se divertiam, quais os grandes homens públicos etc. Nem uma vez encontramos o nome de Santos Dumont ou qualquer

referência à sua vida. Além de constituir uma evocação histórica já realizada brilhantemente por Luís Edmundo, que importância moral na vida do homem ou na história dos inventos de Santos Dumont, têm tudo isso. Moldou-lhe, modificou-lhe o caráter? Abriu novos rumos para as suas invenções? Note-se que ele vinha de Paris, a passeio, e por pouco tempo. Sua estada não ultrapassou os dezesseis dias. Para quê, então, todos esses informes históricos, uma vez que o biografado não vivia nesse meio, não condicionava sua vida a tal ambiente? Só há uma explicação: que isso não passava de um pretexto para o autor fazer algumas perfídias e muitas gracinhas, absolutamente deslocadas e impróprias num trabalho dessa natureza. Leiam os trechos sobre Herbert Moses, de um mau gosto e de uma impropriedade incriveis. Sobre impropriedade, principalmente de expressões, o sr. Gondim da Fonseca é fértil. Mencionamos uma, para que essas notas não se alonguem muito: “E mais do que os seus sucessos, os seus desastres celebrizavam-no, demonstravam a sua têmpera dura, de obstinado, de trabalhador, de verdadeiro “bull-dog” da aerostação”. Imagem nada feliz, sem a menor dúvida.

A conclusão se impõe e é tempo de fazê-la: *Santos Dumont* é uma biografia escrita por um polemista desabusado. Ora, nada mais contraditório e errado do que um polemista a meter-se em fazer biografias. Salve-se, contudo, nesse trabalho, a defesa de prioridade do “mais pesado que o ar”, disputada ao nosso patricio pelos irmãos Orville e Wilbur Wright. Por estar no seu elemento, o sr. Gondim da Fonseca convence, defendendo para justo o título de “pai da aviação”.

CAVALHEIRO, Edgard. A vida de Paulo Eiró. *Folha da Manhã*, São Paulo, 20 out. 1940.

Esta *A vida de Paulo Eiró*, de Afonso Schmidt, que a Editora Nacional incluiu na sua “Brasileira”, sob o número 182, constitui, por muitos títulos, um volume precioso, digno da mais acurada leitura e dos maiores louvores. Paulo Eiró, como todos sabem, foi um poeta paulistano que viveu em pleno romantismo. Como tantos outros de sua época, foi infeliz, desajustado, inquieto. Nasceu a 15 de abril de 1836, na povoação de Santo Amaro e faleceu em S. Paulo, no Hospício de Alienados, a 27 de junho de 1871. Viveu, portanto, trinta e cinco anos, cinco dos quais no hospício. Sua vida intelectual, porém, não abrange um período superior a um decênio. Amadeu Amaral, justificando esse período de produtividade do poeta, escreveu: “Feitas as contas, a vida intelectual de Paulo Eiró pode ser limitada no espaço que vai dos 15 anos – máximo recuo que é lícito conceder aos seus inícios de poeta, já bastante precoce – até os 25 anos, idade em que já manifestava francos sinais de insânia”. Que

produziu ele nesse tempo? É ainda Amadeu Amaral quem escreve: “Nesses dez anos, esse rapaz extraordinário fez um mundo de coisas, que só a tal faísca maravilhosa pode explicar. Ilustrou-se. Acumulou um acervo de conhecimentos absolutamente notável. Se tudo quanto compôs e organizou pudesse ou tivesse de ser impresso, havia de ser matéria para diversos e alentados volumes”. No entanto, com o poeta e sua obra acontecia um fenômeno dos mais interessantes, fenômeno já assinalado por Francisco Pati: “Todos nós conhecemos o poeta; nenhum de nós, entretanto, lhe conhece as poesias”. Por ocasião das festas do primeiro centenário do seu nascimento, muitas produções foram publicadas em jornais e revistas e o poeta tornou-se um pouco mais conhecido. Dissemos um pouco mais e com razão, pois somente agora, lendo as 65 produções enfeixadas neste volume da “Brasiliiana” é que melhor poderemos aquilatar do valor e da importância do seu espólio poético. Ainda não é toda a produção de Paulo Eiró, mas sim uma rigorosa seleção, organizada, prefaciada e anotada pelo sr. José Gonçalves, sobrinho-neto do desventurado poeta. Essas poesias, o prefácio e as anotações preciosíssimas do sr. José Gonçalves completam brilhantemente a história trágica da vida de Paulo Eiró, narrada por Afonso Schmidt.

Fazer-lhe a biografia, ele Schmidt, é contar a história de um poeta que amou; mais do que isso, de um poeta que enlouqueceu de amor.

E em cento e cinquenta páginas o excelente prosador que ele é, nos transmite os fatos culminantes da trágica existência de Eiró. Poeta, *conteur* e novelista, era natural que Schmidt preferisse a forma romanceada. E através das páginas desta novela tão deliciosa de se ler, tão comovente pelo que nos conta, pode o novelista e poeta dar largas à sua pena. Se os fatos essenciais são rigorosamente históricos, os detalhes pertencem, quase sempre, à imaginação do autor. História e fantasia fundem-se, assim, numa obra que sendo um encanto como leitura, constitui valiosa reconstituição de uma época e de certos hábitos da nossa vida familiar, hábitos que o tempo vem se encarregando de alterar completamente. “A farinhada”, “A vida de Santo Amaro”, “Os médicos daquele tempo” e, sobretudo, “A Tinguijada”, são pedaços do S. Paulo antigo que nós já não alcançamos e que Schmidt nos evoca naquela linguagem clara e poética que tanto o caracteriza. Também o “teatrinho” de Eiró lhe oferece margens para páginas pitorescas, assim como o “trote” dos alunos da Academia de Direito.

Sobre a vida de Paulo Eiró, propriamente dita, há capítulos ou trechos de uma grande dramaticidade, trechos que não se percorrem sem a mais profunda emoção. Vejam este: “Naqueles momentos de angústia, procurava abandonar a casa numa ânsia de ir para S. Paulo ou para o Rio. A família fazia o possível para dissuadi-lo do intento, mas ele – que era de

ordinário tão calmo e submisso – rebeldava-se, tinha gritos de cólera e, numa ansiedade cega, fugia correndo porta à fora, como o portão da chácara estivesse fechado a cadeado, atirava-se contra a cerca de espinheiros, numa loucura de fugir, fugir...

– Nhozinho! Mas que é isso?

Era Anna, a escrava que o havia criado. Vinha correndo atrás dele e, com boas palavras, com rogos muito doces, muito humildes, ia desvencilhá-lo dos espinhos, conseguindo que voltasse para casa, a roupa em trapos, o rosto lanhado, os braços a escorrerem sangue”.

Ao lado de cenas como essas, surge, porém, de vez em quando, a nota irônica, o tipo pitoresco, que ameniza a leitura e movimentava o volume. Esta Nhá Trindinha, “o jornal” de Santo Amaro, mexeriqueira e casamenteira como poucas, por exemplo. Chega-se a torcer pela sua presença. Também a preta Anna, a doce mãe-preta, que a gente vai encontrar no inventário do seu dono “avaliada em cem mil réis”. E outras figuras mais, como Juca Piquira, Ignacio Jacu...

Mas perguntará o leitor, o livro não tem defeitos? É perfeito? Não é.

Os críticos, com toda certeza, irão reclamar pela ausência de análise em tantos momentos em que ela se fazia necessária para a melhor compreensão da figura do poeta. A loucura de Eiró, por exemplo, é um desses momentos que desejaríamos melhor elucidados. A Musa, eis outro detalhe que não chega a convencer o leitor. Não sentimos o grande amor de Eiró por ela. Sua figura fica de tal forma esfumada e indecisa, que não a sentimos, não chegamos a crer que por ela o poeta tenha “enlouquecido de amor”. São detalhes que não prejudicam o conjunto, bem sabemos, mas que teriam, nas mãos de Schmidt, explicação e análise mais clara e profunda, se ele tivesse desejado, em lugar de uma “delicada história de amor”, fazer uma biografia crítica de Paulo Eiró.

Não é justo concluir estas ligeiras notas sem algumas referências ao trabalho do sr. José Gonçalves. Monteiro Lobato chama-o, e com toda a razão, de “o melhor parente do mundo”. Somente os parentes excepcionais, na verdade, teriam a paciência e a perseverança que ele tem tido, para conseguir manter o nome do seu ilustre ascendente. A publicação destas poesias inéditas, as anotações, a relação das obras de Eiró e de tudo quanto sobre ele se tem escrito, é tarefa a que todos os elogios são poucos. Se existisse para cada nome do Brasil antigo um parente dessa marca, não há dúvida que seria a coisa mais agradável do mundo ser biógrafo nesta terra.

CAVALHEIRO, Edgard. Aventuras e desventuras de um biógrafo. *Jornal da Manhã*, [São Paulo], 25 maio 1941.

O estímulo de amigos e a paixão pelo assunto, levou-me algum tempo ao exercício da crítica literária. Um dia, com um volume ao lado e o papel na máquina, fiz mentalmente esta reflexão: “tenho comentado inúmeros livros, mas seria capaz de escrever algum?”. Ocorreu-me, então, certa conversa com médico amigo, que confessava ter operado mais de cem clientes de apendicite e ainda ignorava como “era”, em verdade, um apêndice inflamado. Não sentira, pessoalmente, os sintomas do caso, ignorava as reações psíquicas do paciente, enfim, desconhecia a doença “por dentro”. Não ocultava o mórbido desejo de ser vítima, para mais tarde, dizia ele, “falar com conhecimento de causa”.

Escrever sobre livros está longe de ter alguma semelhança com operar apêndices. Mas, criticá-los e não ter ainda nenhum volume publicado, eis o problema que, apesar de tudo, começou a me apoquentar. Saber eu o que representa “um livro”, para com tanta convicção continuar falando deles? Meu amigo médico embora desejasse sinceramente ter um “apêndice-prova”, não se atrevia a tanto, ou não podia tentar a experiência. Um livro, porém, não é um apêndice inflamado. O jeito era tentar a prova, para tirar a cisma. A experiência deu resultado e *Fagundes Varela* aí está. Acontece, no entanto, que dado o modesto resultado desse trabalho, ando agora numa roda viva para responder satisfatoriamente à curiosidade de amigos ou simples leitores que desejam saber o que publicarei em seguida, qual o futuro biografado e outras perguntas pelo estilo. É um assunto particularíssimo, talvez um tanto descabido numa crônica. Mesmo porque, pensando bem, há tantas coisas interessantes e dignas deste espaço, que não deixa de ser audácia e de beirar pelo cabotinismo, comentários em torno de um livro entre os milhares que se publicaram no Brasil, no ano de 1940. Confesso, no entanto, que há meses penso nestas linhas. E se não as escrevi antes, foi pelo instintivo e visceral horror no emprego da primeira pessoa. Tanto usam e abusam por aí do presente do indicativo (em assuntos, quase sempre, absolutamente impessoais), que só depois de longas hesitações, disponho-me a contar algumas das aventuras e desventuras acontecidas no período da colheita do material, isto é, durante os anos em que andei esmiuçando jornais e revistas, em arquivos públicos e particulares. Durante o tempo em que andei interrogando pessoas, descobrindo parentes do meu herói, percorrendo idênticos caminhos que os percorridos por ele, embebendo-me em paisagens que deslumbraram seus olhos, lendo autores que ele terá lido e sobretudo, analisando pavorosamente tudo que saiu de sua pena. E

contarei, não pela possível vaidade que possa existir no autor que concluiu satisfatoriamente o seu trabalho e o viu compreendido e aplaudido por quase todos. Não. Contarei, por ajuizar que, de certa forma, estes pequenos e muitas vezes mesquinhos incidentes possam servir de lição ou roteiro a outros que tentem semelhante empresa. De uma coisa estou certo: quem mais aprendeu, em *Fagundes Varela*, foi o seu humilde autor. Nada paga, na verdade, o deslumbramento das lições recebidas aqui e ali, as surpresas que a cada passo surgiam. Um verdadeiro curso de romantismo, poesia, psicologia, história etc. Um verdadeiro curso, também, e sobretudo, de “conhecimento do homem”, do homem na sua mais séria e ao mesmo tempo pitoresca doença: a vaidade literária.

Estou a ver aquele “sabedor de coisas”, usando de toda malícia e esperteza para apanhar informes, e nada soltando, nem um indício sequer. Com que habilidade de velho experimentado e causídico ele ia me levando para a sua rede e armava o bote, certo de apanhar a vítima desprevenida! Artes que empregava com verdadeira volúpia, uma vez que o seu interesse no assunto era antes de diletante que propriamente de autor angustiado por falta de dados, de pontos de partida. No fundo, o homem não possuía quase nada, mas o pouco que possuía, com que avareza, com que egoísmo, com que ciúmes ele defendia de olhares estranhos aos seus. Uma simples data ou certidão, ou mesmo um poema que julgava inédito, era-lhe preciosidade que valorizava por subentendidos, por sorrisos e olhares cheios de intenções ocultas. Se ele soubesse que na terceira ou quarta visita levei-lhe dados falsos e documentos que não eram verdadeiros senão em parte, e que esses dados e documentos serviram para fazê-lo soltar o que possuía, certo de que eles nada mais valiam... Se ele soubesse que eu não possuía cartas de que garantia ter cópias! Pequenos “truques” contra a esperteza de quem, na primeira vista, consegui burlar a minha boa fé e ingenuidade. Com que intuito? Divulgar em primeira mão o inédito ou o fato até então desconhecido. Vaidade de “rato” de biblioteca. Aliás, a fauna é imensa e variada e com ela terá que se haver quem quer que tente incursões por esse domínio. Sobretudo se está lidando com membros dos “Institutos Históricos”. É considerável o número de indivíduos que julgam o documento original como o maior galardão de suas glórias de escritores. Não perceberam ainda que o documento em si pouco vale se na análise que dele se fizer ou na sua interpretação, o autor não souber situá-lo convenientemente ou dele tirar todo o partido possível. Convém bater na tecla: o documento é importante, mas não é tudo. Que valor terá ele nas mãos de um simples copista ou de um desses historiadores convictos de que a história é transcrição? Nenhum, está claro. Ou este, bem definido: o de facilitar aos que nele procuram pontos de apoio para conclusões

psicológicas, históricas, sociais ou, simplesmente, cronológicas. Um documento, mesmo quando importante sob qualquer ponto de vista, não vale pelo que revela, mas sim pelo que dele podemos concluir. A interpretação é que importa. Mas pessoas que possuem documentos e os guardam avaramente para depois publicá-los pela glória de se revelarem grandes pesquisadores, não faltam, infelizmente, entre nós.

Contarei de um, que a piedade me obriga a não revelar o nome. A piedade e a firme intenção de não dar caráter pessoal a estas notas. Aliás, este é de um pitoresco que se aproxima do cômico. Nas vésperas da saída do livro, cheio de intimidades e de abraços, revelava grande curiosidade, querendo saber em que provas estava, quando sairia, se ainda estava em tempo para mais alguns acréscimos etc. Quando lhe afirmei que não mais haveria tempo para a alteração de uma vírgula, pude notar a alegria como que recebeu a nova. Dias depois, precisamente três dias, um vespertino da capital publica um artigo com um documento que eu lhe solicitara insistentemente e que ele sempre negara possuir. O documento de pouca ou nenhuma importância, já lhe deu margem para dois ou três artigos. Não passa, é claro, de simples pretexto, uma vez que não esclarece nem explica nada. Interessante é que nesses artigos, a partir do segundo, compreende-se, ele começa, sempre, contando a vida do poeta, com dados extraídos do meu livro, tendo, porém, a extrema cautela de nem de leve mencioná-lo. Desconhece-o completamente. Mais curioso é este pormenor: nas 350 páginas do volume tenho plena consciência de não ter feito senão afirmativas que pudesse, de pronto, documentar. Mas, não querendo enfastiar os leitores com a descrição árida da vida e obra do poeta, ao lado do fato em si, por duas ou três vezes acrescentei um pormenor ou uma frase pitoresca, sem apoio de ninguém, a não ser na possibilidade do fato ter acontecido, possibilidade oriunda da série de circunstâncias que o prepararam etc. Pois bem, um desses pormenores, que não direi qual é, absolutamente lógico, mas exclusivamente de minha inventiva, é citado pelo tal articulista. Ele só o poderia ter lido no meu livro, mas no seu extenso e minucioso artigo, escrito com o fito único de revelar uma pequena informação de caráter subsidiário, informação que anteriormente negara possuir, nem de leve deixa perceber que acabava de devorar atentamente o volume que lhe fornecera todas aquelas datas e fatos. Num dos últimos artigos chega mesmo a algumas indiretas “ao recente e incompleto biógrafo do poeta”.

Curioso é que, dias depois, um comentarista enumerando as pessoas que tinham tecido louvores ao volume, colocou o nome do tal na lista. Não podia desejar vingança mais completa e satisfatória.

Mas para este caso encontro explicação. O homem é romancista. Há tempos mandou-me seu livro com extensa e adjetivosa dedicatória. No exercício da crítica, procurando sempre fazer um trabalho honesto acima das panelinhas e amizades, disse o que pensava sobre o seu romance: sublitteratura, pornografia disfarçada em freudismo etc. Já viram, no Brasil, alguém receber uma crítica contra e não guardar rancor?

Se este caso, como estão vendo, tem a sua explicação, que dizer de ilustre membro da Academia Brasileira de Letras, bombardeado durante anos com cartas solicitando alguns informes que ele poderia prestar com toda facilidade? Cartas que até hoje nem sequer foram respondidas. Aliás, nem mesmo o mais corriqueiro agradecimento do exemplar que lhe foi enviado, ingenuamente, pelo autor. Pouca coisa, pode-se esperar da Academia Brasileira de Letras e da maioria dos seus membros, em qualquer gênero de informação que dela ou dele solicitemos. Fazem ouvidos de mercador. Nada informam, nada ouvem, nada querem saber. O interessado que arranje pistolões, viaje para o Rio e se defenda como puder. Com paciência e tempo, talvez consiga saber que aquilo que procura está em poder de acadêmico Fulano, que prepara um trabalho sobre idêntico assunto. Há quantos anos? Quatro, cinco, dez. Que importa o tempo para quem tem a imortalidade garantida?

Lidar com instituições, porém, não é nada em comparação com os parentes. Ah! Os parentes... Aquela senhora, por exemplo, sobrinha em não me lembro quantos graus, do poeta. Nada sabia, mas que habilidade e que insistência para entrar no livro! Que imaginação e que desrespeito à verdade, com os seus casos absurdos que “ouvira em pequena e nunca mais esquecera”. Jurava, se fosse preciso, que tinha acontecido daquele jeito mesmo. Mas esta, a gente ainda pode perdoar. Afinal de contas não se mostrava envergonhada do parentesco, revelava mesmo certo orgulho da descendência e não tinha nada a objetar quanto a detalhes da embriaguez e da vida conjugal do poeta. Detalhes que levou à mais furiosa indignação certo cavalheiro, também parente longínquo, que por nada deste mundo queria aceitar a boemia ou os desregramentos do parente. Toda essa história, garantia ele, não passava de lendas forjadas por inimigos e difamadores do poeta. Até que ele sempre foi um bom rapaz. Gostava do seu violão, é verdade, mas somente para tocar peças clássicas, de Chopins e outros que tais. O pior, contudo, para o biógrafo à cata de informes, foi o suplício de ouvir durante horas e horas histórias já sabidas, que senhoras e cavalheiros lhe transmitiam certos de estarem dizendo sensacionais novidades. Episódios batidos, poemas mais do que populares, eram mencionados com ares misteriosos, como se estivessem a transmitir segredos de Estado. Ouvindo tudo, concordando quase sempre, raramente opondo minhas dúvidas, fingia tomar notas e mais

notas, ante os olhares satisfeitos e felizes. Boa gente, no fundo. O livro é o maior culpado. Ele exerce uma atração muito grande e quanto não dariam eles para verem as referências às suas pessoas no texto. Ah! Os parentes! Leitor amigo, se algum dia tentares semelhante empresa, arma-te de paciência, escuta-os na mais intransigente inocência e ouve tudo, mas tudo o que lhe quiserem contar. Depois some de vista. Muda de endereço e esquece, propositadamente, de enviar o exemplar ao parente que não pudeste incluir na bibliografia ou no texto.

Como estão vendo, não é sem tropeços que se reúne material para uma biografia, entre nós. E ainda nada disse da correspondência mantida com pessoas que acham um trabalhão responder à mais corriqueira pergunta. Também estou passando por cima da absoluta falta de organização em arquivos particulares e até mesmo em alguns públicos. Nesses lugares, em geral há sempre um gênio preparando qualquer trabalho sobre o assunto, trabalho que será uma formidável revelação, e que jamais aparecerá. As desculpas que arranjaram para não permitirem que olhares estranhos devassem o mistério, não variam: ou o volume procurando está na encadernação ou foi retirado para limpeza. Nada disse, também, dos horários de nossas bibliotecas. Horários erradíssimos que não permitem tempo para nada, arranjados parece que exclusivamente para impedirem consultar aos que são obrigados a ter o seu emprego.

Ao chegar a estas alturas, uma pergunta se impõe: quer, tudo isso, dizer que não vale a pena tentar escrever trabalhos históricos, entre nós, não é? Não concluo pela afirmativa, embora hesite na negativa. Estou expondo fatos, ou melhor, alguns contratempos da série anotada, por curiosidade, num caderninho. Se é verdade que as anotações contrárias, ou antes, desanimadoras de qualquer tentativa ocupam maior espaço no caderno, não é menos verdade que algumas páginas estão reservadas às vantagens ou benefícios colhidos no trabalho. Não falo, da alegria encontrada neste ou naquele momento, quando o desânimo parecia chegar e um acontecimento qualquer vinha afastá-lo, substituindo-o por redobrado entusiasmo. Ou então dos instantes de pura satisfação ao descobrir um inédito ou um detalhe que escapou a todos que vieram antes, como, para citar um exemplo, aquela declaração do credor do poeta, J. J. Oswald, até então jamais mencionadas e que tantas coisas esclarecem. Mas são detalhes que somente quem os experimentou poderá avaliá-los. Quero é falar das amizades conseguidas, das pessoas que ao primeiro contato se interessam pelo nosso trabalho ou daqueles que, mesmo sem nos conhecer, nos ajudam e estimulam, tornam-se amigos, compartilham do nosso entusiasmo e procuram ajudar no que podem. Jamais poderei esquecer, por exemplo, de um Frei, do convento de Angra dos Reis. Infelizmente perdi a carta

que me escreveu e não retive na memória o seu nome – um nome alemão difícilimo de ser guardado – e nem sequer pude colocá-lo entre as pessoas que me enviaram material. Pois esse homem, que imagino um velho, em mãos de quem uma carta dirigida por palpite do sr. “Vigário de Angra dos Reis”, não só respondeu satisfatoriamente, como copiou em folhas de papel almaço histórias e lendas de Angra. Fará mais de vinte páginas, em letra trêmula, mas caprichadas, num esforço que ainda não pude agradecer, pois quando da visita que fiz à Angra, não mais o encontrei por lá.

Gestos como esse, poderia contar alguns outros. Estas notas, no entanto, já estão se tornando demasiadamente longas e ainda resta falar dos amigos cujos conselhos muito valeram, de amigos que afrontaram uma, duas e mais vezes os tremendos originais, como Amadeu de Queiroz, Rudolf Franke, Mário Donato ou Araújo Nabuco. Mas estes são amigos e dos amigos não é demais esperar gestos assim. Dignos de menção são os amigos que o livro trouxe. Não posso deixar de mencionar um nome, entre outros.

É o de Rubens Borba de Moraes, diretor da Biblioteca Municipal de São Paulo. Confesso que se a ideia de escrever novos livros de pesquisa ainda não se afastou de minha intenção, é por saber que, dirigindo a nossa principal Biblioteca, está um diretor como Rubens Borba de Moraes. Não o conhecia, senão de nome e referência de amigos comuns. Isso não foi empecilho para que me facilitasse tudo, para que ele próprio, interessado no livro, indicasse fontes e se locomovesse para consegui-las. Não são muitos, infelizmente, os diretores de Biblioteca que compreendem que a função na qual estão investidos é a de ajudarem os consulentes e estudiosos, e se possível, orientá-los pelo caminho mais fácil. Diretores que compreendem ser contra todas as leis de qualquer moral em qualquer parte do mundo, o uso do cargo para sabotagem de material, para despistamentos dos pesquisadores bem intencionados. Com a agravante, ainda, de virem, mais tarde, se vangloriarem, em artigos e livros comodamente feitos, sobre esse material que não lhes pertence e sim à coletividade, da esperteza com que burlaram a boa fé do consulente.

Verifico que já fui longe e muito resta a dizer. Muito resta a dizer pró e contra o trabalho. Nesta tarde ensolarada, antes de bater ponto final nesta linhas, lembro-me daquele crepúsculo em Mangaratiba, onde fui parar na peregrinação de caminhos palmilhados pelo poeta. Quanto tempo durou o reflexo do sol sobre a baía quieta e bem comportada, não saberia dizê-lo. Ainda tenho na retina o espetáculo deslumbrante. Crepúsculo assim só o de Porto Alegre, visto de certo andar do Clube do Comércio. Valia a pena escrever outro livro, para de novo gozá-lo. Mas os crepúsculos como os dias, não se repetem, idênticos.

CAVALHEIRO, Edgard. Vida e obra de Manuel Batista Cepelos. *Planalto: Quinzenário de cultura*, São Paulo, 15 jun. 1941.

Sobre a vida e a obra de Manuel Batista Cepelos, não sei de melhor legenda do que este verso do próprio poeta: “O tempo é destruidor e os homens são perversos”.

Poucos poetas, na verdade, foram, como ele, vítimas da maldade dos homens e da ação destruidora do tempo. Incompreendido pelos contemporâneos, Cepelos caiu depois de morto num lamentável e injusto ostracismo. Durante mais de 20 anos não se falou dele e da sua obra, a não ser em ligeiras e superficiais crônicas, geralmente escritas às pressas, sem nada trazerem de novo para a compreensão do homem e da mensagem poética por ele deixada. Há pouco tempo, porém, surgiu quem lhe viesse fazer justiça, reavivando-o na memória dos homens, num trabalho a que todos os louvores são mesquinhos. Referimo-nos ao livro de Melo Nóbrega, volume honesto e puro de intenções, no qual é narrada a triste experiência do poeta, ao mesmo tempo que se faça justiça à obra que nos legou, obra que está muito acima de tantas outras de incríveis medalhões que circulam por aí, aureolados por falsas e imerecidas consagrações.

Pequena é a bagagem deixada por Batista Cepelos. Cinco ou seis volumes, entre poemas, crônicas, além de um romance e do poema dramático *Maria Madalena*. E dessa bagagem, o que realmente valerá a pena destacar? Um livro pelo menos se impõe logo à nossa admiração e ao nosso entusiasmo: *Os bandeirantes*. Bastaria, aliás, esse volume para consagrar qualquer poeta. O restante, porém, está longe de merecer qualquer desprezo. Sobretudo o poema dramático *Maria Madalena* e o livro de versos *Vaidades*.

A produção de Batista Cepelos é perfeitamente explicada pela sua existência, toda ela marcada pela desgraça e pela instabilidade de situações. A desgraça que o atingiu em cheio, quando em plena fase de intensa e alta produtividade, não só lhe veio amargar os últimos anos de vida, como serviu, sem dúvida alguma, para amortecer-lhe o ímpeto criador, para levar ao seu temperamento sensível e facilmente sugestionável, o desânimo e o desalento. É curta, embora acidentada, a sua biografia. Convém resumi-la para melhor compreendermos o poeta.

Nasceu a 10 de dezembro de 1872, em Cotia, de pais humildes. Fez os primeiros estudos na classe lecionada pelo próprio pai e segundo ouvi de pessoas que o conheceram menino, foi sempre arredio e “esquisitão”. Ainda existe em Cotia quem se lembre do pequeno Manuel, cujo retrato orna hoje a Prefeitura local. Moço ainda, dizem que para evitar impertinências do delegado do lugar que se tornou acérrimo e gratuito inimigo do rapazola

tímido e bem comportado, veio ele para São Paulo e aqui assentou praça na Força Pública, então Corpo Municipal Permanente. Talentoso e muito dedicado aos estudos, galgou rapidamente os postos superiores. Aos vinte e poucos anos já era capitão, tendo-se destacado quando da campanha do Paraná, em 1894. A folha de serviços que deixou é das mais lisonjeiras para o soldado. Quase duas dezenas de referências elogiosas atestam a passagem do futuro cantor de *Os bandeirantes*, pelos diversos postos da carreira militar. Suas tendências, no entanto, não se harmonizavam com a vida escolhida, talvez um tanto impensadamente. Percebe isso e trata de mudar o rumo enquanto havia tempo. Ainda sargento, servindo na guarnição de Santa Rita do Passa Quatro, surpreendera a todos os conhecidos e amigos, saudando uma cantora italiana de passagem pela cidade. Acontece que a veia literária, embora entre paredes, manifestara-se no sargento Cepelos.

Em 1895, contando vinte e três anos de idade, inicia o curso de preparatórios, pelo sistema em voga na época, isto é, os exames parcelados. Não abandona, contudo, a farda. Somente ao completar 30 anos é que o canudo de bacharel substituirá as divisas de capitão. Formado em direito, vai ser promotor em Apiaí.

Nestas alturas, as suas atividades literárias já se confundem com as atividades militares, estudantis e jurídicas. Ainda preparatoriano, publica o poemeto *A derrubada*. Estreia medíocre, não renunciando o poeta que ele viria a ser. E por cúmulo, inteiramente voltado para um tema no qual jamais poderá se sentir à vontade. É fácil verificar que a natureza não foi, em tempo algum, um rico filão para Cepelos. A mediocridade de *A derrubada* foi reconhecida pelo próprio autor que, mais tarde, nem sequer a incluiu entre as “obras publicadas”. Deste folheto para o poema *O cisne encantado*, o passo é grande, os progressos são notórios. Marco expressivo na evolução do poeta, este poema que é “a biografia interior de um homem atormentado pelos problemas sociais de sua época”, como disse Melo Nóbrega, teve a virtude de atrair para o autor as atenções dos intelectuais mais em evidência, na Pauliceia. Mas o poema, reconheçamos, é ainda medíocre. Pelo menos, lido agora, tantos anos depois, agora que o cisne branco como símbolo da felicidade sobre a terra se nos apresenta regularmente desmoralizado pelo uso abusivo que dele fizeram. Ao falarmos em cisnes, o soneto de Júlio Salusse vem logo à tona e o desejo de passarmos adiante, para não cairmos em repetições e lugares comuns, torna-se imperativo. Mesmo porque, se estamos aqui preocupados com a arte de Batista Cepelos, não será, evidentemente, por esse poema e sim pela grande obra que publicará quatro anos depois: *Os bandeirantes*, seu melhor trabalho e um dos livros mais significativos livros da poesia brasileira. Todo o convencionalismo do

Cisne e toda a mediocridade de *A derrubada* cedem lugar a este grande poema no qual o autor objetiva os melhores dotes poéticos de que é dotado. Verdadeira novidade para a época, *Os bandeirantes* surpreende pela naturalidade dos versos, pela precisão das descrições, pela riqueza das imagens, pelo vigor impressionante com que fixa as situações e figuras, pela força poética, enfim, com que soube envolver os cantos que o compõem. Força poética que o torna, aos nossos olhos, de atualidade indiscutível e incontestável. Trata-se de um poema de exaltação da terra natal, de um poema no qual cultua heróis e feitos legendários dos velhos bandeirantes que formaram a nação, velhos bandeirantes plantadores de cidades e desbravadores de sertões:

*O que sobremaneira eleva o Bandeirante
 À eterna gratidão de remotas idades
 É o sulco que ele abriu, o sulco triunfante
 Em que iam florescer as futuras cidades.*

Olavo Bilac, apadrinhando o volume, percebeu que estava em presença de algo novo e, sem poder precisar com clareza aquilo que apenas pressentia, deixou escrito no prefácio que o poeta lhe solicitara: “Batista Cepelos parece-me ter adivinhado ou descoberto um caminho novo”. E concluía com estas palavras: “Este é, em suma, um livro que não se confundirá com o comum dos livros de versos; é o livro de um legítimo, original e excelente poeta, a quem tenho orgulho de saudar em primeira mão”.

Legítimo, original e excelente poeta, não há dúvida. Seja delineando o cenário onde fará ressurgir seus heróis, seja cantando-os em seus feitos transbordantes de audácia e intrepidez, ou seja, principalmente, evocando a alma da terra paulista nas suas mais doces paisagens e nas suas mais caras tradições, a poesia de Cepelos se impõe, penetra imediatamente na sensibilidade do leitor, conquista-lhe segura e perdurável simpatia. Reparem como ele, debruçado às margens do centenário Tietê, desabafa-se em confidências ao velho rio que tantas confidências já ouviu dos poetas que aqui viveram:

*De tarde, quando o sol poucos brilhos expande,
 Sozinho, a meditar em tanto nem sei quê,
 Tomo o rumo da Luz, vou até a Ponte Grande,
 A fim de conversar com meu velho Tietê...*

*A cabeça recosto e, por cima da grade,
Vejo as águas em todo o seu largo trajeto;
Então ele me conta a história da Cidade,
Como um velho guerreiro a distrair o neto...*

*Cofiando lentamente a barba de cem anos,
O bom velho me conta essa história, e também
Fala do tempo de hoje e dos seus desenganos
Mas não fica zangado e não xinga ninguém.*

*Refere-se ele às monções que, soberbamente
Tantas vezes levou, na faixa das conquistas,
Escutando pulsar o coração valente
Daquela geração de valentes paulistas!*

.....

*Tem saudades também o desditoso Rio!
E então a sua voz é de cortar rochedo,
Quando, quase a chorar, num longo murmúrio,
Começa a recitar Álvares de Azevedo!*

*Muitas vezes, aqui, sob a calma divina
De um divino luar, cândido como um véu,
Castro Alves, levantando a cabeça leonina,
Se punha a interpelar as estrelas do céu!*

.....

Tão felizes como esses são os versos em que evoca Anchieta ou Tibiriçá, as festas populares (S. João, sobretudo), ou a guerra dos Emboabas, o feito de Anhanguera ou a epopeia de Antônio Raposo Tavares.

Os bandeirantes constituem, ainda hoje, uma das mais belas representações poéticas do bandeirismo paulista. Interessante acentuar que Cepelos não atinge, em momento algum, a épica, embora trate de feitos verdadeiramente épicos. Ainda assim o poema está longe de ser um pálido reflexo das figuras e das ações dos bandeirantes. Estou que a força desse volume vem mais do poder sugestivo que o poeta deu aos seus poemas, do que propriamente da força declamatória dos seus versos. Perdem eles, dessa maneira, em grandiosidade, mas ganham, indiscutivelmente, em profundidade.

Mas é tempo de passarmos em revista o restante da produção de Batista Cepelos. Entre *Os bandeirantes* e *Os corvos* medeia o espaço de um ano. A edição desses *Trabalhos em prosa*, impressos na Tipografia Americana em 1907, que tenho em mãos e que creio ser a única, está longe de contribuir para a glória do poeta. Melo Nóbrega, sempre tão bem informado, passa por cima deste volume, fazendo-lhe, indiretamente, uma única referência, sem esquecer, está claro, de relacioná-lo entre as obras do biografado. Naturalmente julgou que não valia a pena deter-se nele, pois, tirando uma ou outra confissão de caráter autobiográfico, pouco se salvará. Os títulos de algumas das crônicas que o compõem dizem melhor do que qualquer comentário. “O nariz”, “A morte do Sabiá”, “As flores”, “O lírio”, “As rosas”, “O boi”, “O sapo”, “Amigos”, “A flor azul”, e outras pelo estilo. Como será fácil perceber, não passam de simples exercícios literários, que não atingem nem mesmo a honesta mediocridade de *O cisne encantado*, apesar de literariamente superiores ao poemeto *A derrubada*. Acreditamos terem sido compostos em período anterior à publicação de *Os bandeirantes*, embora reunidos em volume somente um ano depois. Com prefácio de Araripe Júnior, volta o poeta ao cartaz em 1908, com o excelente livro de versos *Vaidades*. Nesta obra encontramos um Cepelos preocupado com problemas sociais, fato anotado por Araripe Júnior que o classifica timidamente de “escritor de instintos sociais”. Não será difícil conceder a Batista mais do que isso. Podemos, sem exagero, classificá-lo como precursor dessa poesia social tão em moda, entre nós, nestes últimos tempos. São exemplos claros e convincentes poemas como “Crianças pobres”, “Amas de leite”, “Os ladrões” e, sobretudo, “O operário”, estrofes compostas a propósito de uma greve e concluídas com esta significativa quadra:

Deixa o poeta sonhar, se desdenhas do poeta;

Um dia saberás o teu erro qual foi:

Ter a força do leão, a coragem do atleta,

Unida à estupidez impassível do boi...

Sobre o romance *Vil metal*, sabemos simplesmente que foi editado em 1910 pela livraria Cruz Coutinho, do Rio de Janeiro. Melo Nóbrega nada adianta sobre o conteúdo desta obra de Cepelos, o que não deixa de causar espécie. É o último livro impresso em vida do autor e logo um romance. Nossas pesquisas resultaram inúteis. Não conseguimos sequer saber o tema e o desenvolvimento dado, nem mesmo se existem exemplares por aí.

Tanto o poema dramático *Maria Madalena* como a série de contos extraviada e que teria o título de *Sensações da vida*, não receberam as glórias de brochuras, por modestas que fossem. *Maria Madalena* apareceu na *Revista do Brasil*, segunda fase, em quatro números. Este poema dramático foi representado ainda em vida de Batista Cepelos, pela Cia. Cristiano de Souza, no Teatro Trianon do Rio. Deixa-nos ele a impressão de que o teatro não era o gênero indicado para os fins visados pelo autor. Soa-nos falso, excessivamente declamatório, embora se possam destacar verdadeiros e belos poemas do texto. Poemas independentes da textura desta tragédia bíblica, escrita e levada à cena num período de grave crise moral para o poeta. Crise que se prendia à perda da noiva, assassinada pelo próprio pai em circunstâncias que transtornaram, para sempre, a vida do poeta. Esse crime que abalou tão profundamente a sociedade paulistana pelas figuras nele envolvidas, trouxe a Cepelos toda a sorte de mágoas e dissabores. Hiperemotivo, triste e arredio, inimigo das cabotinadas ou das situações de destaque, viu-se, de uma hora para outra, envolvido num crime a que toda a cidade se voltava curiosa e sôfrega dos mais íntimos detalhes. Não mais pôde suportar a vida em São Paulo. Transferiu-se para o Rio, abandonando todos os interesses aqui, para ir sofrer na capital do país, os azares de uma vida de pobre sem emprego. Anos duros e terríveis suportou o poeta, amparado por raros amigos. Entre esses raros e fieis amigos, é justo mencionar Martim Francisco. Mas, como o próprio poeta reconhecia num verso, “para quem sofre, a própria compaixão é uma ironia”. O remédio era entregar-se ao trabalho intelectual como único derivativo para as fundas tristezas que o mortificavam, como única fonte para as poucas alegrias que a vida lhe proporcionaria daí para diante. Podia exclamar, ao cabo da jornada:

*Na arte do verso, que me esgota a vida,
Vejo a minha alegria e o meu tormento.*

O pior, porém, já estava vencido e quando tudo parecia mudar em seu favor, com o sucesso de *Maria Madalena* no teatro e a nova promotoria conseguida graças aos esforços de Martim Francisco, eis que o inesperado vem abalar a opinião pública pelo estranho achado de uns meninos, lá pelos fundos da rua Pedro Américo. Um corpo caído de cabeça para baixo, “pendendo para o lado do peito, numa posição horrível. Coágulos de sangue empastavam-lhe as feições. Na superfície anfractuosa da pedreira, um rastro escuro indicava o trajeto macabro”.

Era o corpo de Batista Cepelos. Até hoje não apuraram se foi crime, suicídio ou acidente. A situação do poeta, depois de anos negros, anos nos quais foi obrigado a ganhar a própria subsistência em vagos e mesquinhos expedientes (redação dos jornais, da reportagem à crônica social), afastava a ideia de suicídio. Fora nomeado, recentemente, promotor em Cantagalo. Preparava-se, mesmo, para tomar posse do cargo. Um recital de *Maria Madalena*, em seu benefício, a ser realizado um dia depois, viria reforçar suas finanças. Note-se que todos os bilhetes já estavam vendidos. Neurastenia acumulada a partir da perda da noiva? Acidente? Crime? Mas que nos importam, agora, as causas da morte? Mais interessante será atentarmos para a obra literária por ele deixada ainda à espera de estudos e interpretações. E batemo-nos por uma reedição crítica dessa obra, uma vez que tais estudos e interpretações são impossíveis de serem realizados, pela extrema raridade dos volumes constantes do seu espólio literário. Basta acentuar que a última edição de *Os bandeirantes* (a terceira) é de 1911 e *Vaidades*, de 1908. A geração de hoje está, dessa maneira, praticamente impossibilitada de travar conhecimento com um dos grandes poetas do Brasil.

Vicente de Carvalho, tão parco em elogios aos irmãos de ofício, ao ser interrogado numa enquete patrocinada pelo *Comércio de São Paulo*, a quem daria o título de maior poeta paulista daqueles tempos, declarou hesitar entre Venceslau de Queiroz, Amadeu Amaral e Batista Cepelos, “o das rimas fulgurantes e das ricas imagens”. Não creio que se possa fazer maior elogio ao autor de *Os bandeirantes*.

CAVALHEIRO, Edgard. Jack London o grande vagabundo. [s.n.:S.l.], 31 ago. 1941.

Fazendo a defesa do vagabundo, no seu interessantíssimo livro *A importância de viver*, Lin Yutang traça curioso retrato do tipo humano que, a seu ver, deveria predominar na humanidade. Não se trata do vagabundo no sentido pejorativo, isto é, do preguiçoso, indolente, malandrão. O vagabundo glorificado por Lin Yutang deve reunir quatro qualidades

características: curiosidade gratuita, capacidade para o sonho, senso de humor para corrigir o sonho e, finalmente, certa indocilidade e imprevisibilidade de comportamento. Sobretudo estas duas características são essenciais e fortemente acentuadas pelo amável filósofo chinês.

“Nesta nossa época de ameaças à democracia e à liberdade individual, escreve ele, provavelmente só o vagabundo e o espírito de vagabundagem nos salvarão de ver-nos perdidos, como unidades numeradas em séries, nas massas disciplinadas, obedientes, arregimentadas e uniformizadas”. Mostra em seguida, em conceitos nada amáveis para com os ditadores, a importância social dessa figura que, na sua opinião, carrega sobre os ombros o futuro da civilização moderna. Último e único guardião da dignidade humana, o vagabundo tem, assim, a responsabilidade de defender o pouco que nos resta das conquistas do homem em prol de uma vida mais digna e mais de acordo com a natureza humana. Impossível deixar de reler as páginas de Lin Yutang depois da aventura desconcertante que é a leitura da biografia que Irving Stone traçou do maior vagabundo de todos os tempos: Jack London. *A vida errante de Jack London*, em tradução de Genolino Amado e Geraldo Cavalcanti leva-nos, instintivamente, às páginas do filósofo de *A importância de viver*. Nenhuma síntese mais enaltecadora da personalidade tão viva e marcante de Jack London como estas palavras com que Lin Yutang exalta o vagabundo: “O vagabundo é provavelmente o tipo mais glorioso do ser humano. Será o campeão da dignidade humana e da liberdade individual e será o último que se possa ser conquistado”.

Não é outra, em verdade, a impressão que nos deixa a existência acidentada e tão cheia de incidentes do autor de *O lobo do mar*. Foi um grande, um sublime vagabundo. Nada lhe faltou para que o glorifiquemos com o tipo mais representativo, como modelo e exemplo para as gerações de hoje, gerações em vésperas de decisões fundamentais para os destinos da espécie humana.

Acompanhar, passo a passo, através da ampla e documentadíssima biografia de Irving Stone, a existência tumultuosa de Jack London, é assistir ao desenrolar de uma vida que é a própria aventura personificada. Não é possível nos limites de uma crônica dizer tudo quanto – amores, obras, empregos, atitudes políticas, sonhos e realizações etc. – Jack London fez nos quarenta anos que se demorou entre os homens.

Acredito que a grande dificuldade do seu excelente biógrafo tenha sido a de afastar e esquecer documentos e episódios, tal a quantidade de aspectos dignos de serem ressaltados. Ainda assim, cada página deste volume é uma surpresa, uma sensação. O que London já realizara – no campo da experiência humana – aos vinte anos de idade, é de causar inveja a

quem, como o cronista e com toda a certeza a maioria dos leitores, leva esta vidinha incolor, sem horizontes desconhecidos para serem afrontados, sem grandes lances a marcarem, diariamente, a pasmaceira quotidiana. Basta acentuar que aos dezesseis anos de idade ele já era dono de um barco com o qual ganhava a vida contrabandeando ostras como um autêntico pirata. Tanto fez que acabou sendo considerado chefe do bando, admirado e invejado por velhos marujos. As circunstâncias que lhe conferiram a posse do barco e da mulher que o alegrava, espelham com toda a nitidez possível o caráter e a força máscula do adolescente. Do adolescente que, só para não ficar atrás de velhos e calejados marujos, tomava tremendos pileques, esbanjando em poucas horas o produto de longos e arriscados trabalhos.

Mas era um tipo estranho, bem diferente dos companheiros. Enquanto estes, passada a bebedeira, continuavam pelos botequins, que fazia Jack, o dono da “Razzle Dassel”? Dirigia-se à biblioteca do lugar e ali escolhia punhados de livros os mais diversos – de preferência romances de aventuras e histórias policiais – que ia devorar estirado na cabine do “Razzle Dassel”, um atrás do outro, numa sede de leitura que a nada atendia. Viveu dias perfeitos, dias inesquecíveis. Mas ele não era, evidentemente, feito com a mesma massa dos companheiros de pirataria e de porres. Se fosse como os outros o seu fim seria muito triste e muito inglório o seu destino. Aquela vida de constantes bebedeiras e de riscos contra os fiscais do governo não poderia durar muito tempo. Curioso é que depois de ter experimentado os perigos como contrabandista, passou a fazer parte da patrulha da pesca, encarregada, precisamente, de perseguir esses contrabandistas. Representara como pirata. Achava divertido representar agora do outro lado. Ingressou, portanto, na patrulha, e imediatamente se distinguiu pelo arrojo e presença de espírito na primeira vez em que se viu em apuros. Não tinha ainda dezessete anos de idade, mas já vivera muito, uma vida nem sempre agradável, mas sempre movimentada e cheia de imprevistos.

“Era grande, robusto, audaz, com a confiança e o ar de homem feito”, acentua Irving Stone. Trabalhou quase um ano na patrulha de pesca. Estava enjoado do serviço. Já não lhe oferecia sensações novas. Queria ver o mundo. E para isso só havia um meio: tornar-se marinheiro de longo curso.

Velha aspiração que enfim precisava ser realizada. “Ser marinheiro era coisa virtualmente resolvida no seu destino desde quando, quatro anos antes, havia comprado por dois dólares o seu pequenino e desconjurado bote, pondo-se a velejar no estuário. Agora, havia nas docas de São Francisco muitos navios entre os quais poderia fazer a sua escolha: cargueiros, escunas, navios de passageiros etc”. Jack escolheu o mais romântico de todos: um

veleiro destinado à pesca de focas. O seu roteiro abrangia a Coreia, o Japão, a Sibéria e noventa dias de pesca de arpão no alto mar. Era a aventura, o desconhecido, o absolutamente novo. Engajou-se, portanto.

Impossível sintetizar em poucas páginas tudo quanto Jack London realizou. Embora tendo vivido apenas quarenta anos, soube de tal maneira enchê-los, que eles representam bem cem anos de uma vida comum. Está claro que o lado mais interessante, ou melhor, o lado que mais de perto nos interessa, é o do escritor, do homem que escreveu algumas obras primas da literatura norte-americana. Pelos seus livros jamais desaparecerá da lembrança dos homens. Mas como acontece com a maioria dos grandes escritores, esses volumes de tal maneira estão entrelaçados com as aventuras do seu autor, que não é possível falar dele sem lembrá-los. A obra é parte integrante da vida, ou antes, é complemento da vida. Seus contos fortes e ásperos sobre a existência dura no Alasca, por exemplo, são resultantes da estafante viagem em busca de ouro, viagem que, se falhou quanto à sua finalidade principal, foi de enorme importância pelo material fornecido ao *conteur* e ao romancista. As cenas de mar, que podemos apreciar vivas e movimentadas nessa obra prima que é *O lobo do mar*, que representam senão as experiências do marujo da *Sophie Sutherland*, a velha escuna com a qual foi pescar focas nos mares longínquos? E assim nos cinquenta ou sessenta volumes que nos deixou, não fez ele outra coisa senão transpor para o papel parte das suas experiências pelos mais estranhos caminhos da vida. Vagabundo de estrada, perito em tomar rabeiras de trens, correspondente de guerra, explorador, entregador de jornais, tudo ele foi e de tudo soube tirar, mais tarde, páginas densas e humanas como poucas.

A literatura norte-americana, quando Jack London começou a enviar seus trabalhos para os magazines mais populares, estava mais ou menos estacionada num cômodo puritanismo muito bem comportado e perfumado. Predominavam as histórias alambicadas de amores contrariados, histórias que arrancavam fundos suspiros das donzelas e mancebos, como se dizia. Mas esse tipo de literatura causava indignação e revolta ao rapaz que teve com a vida brutal e impiedosa os mais duros contatos. Pouco lhe importava que o achassem brutal e antiestético. Bolas para o esteticismo! Com uma fecundidade espantosa, tinha crises de intensa produtividade. Eram contos e mais contos. Quase todos eram devolvidos. Custou a se impor, a se fazer aceito. Mas um dia lhe fizeram justiça e as histórias nas quais punha o melhor de si mesmo, trouxeram-lhe glória e fortuna. Sempre pensou em fazer das letras uma profissão, mas nem em sonho imaginava as alturas que iria atingir no conceito de seus patrícios e do mundo. Embora a glória lhe tenha bafejado ainda em vida e o dinheiro ganho

superasse todas as expectativas, não soube ele tirar proveito nem de um, nem de outro. Sobretudo do último. Da sua vida, como da de Balzac, pode-se dizer que foi um desesperador e inesgotável produzir para pagar quantias de antemão gastas, ou mais precisamente, esbanjadas. Seja construindo um iate, seja transformando-se em fazendeiro modelo, nos últimos anos. Jack London sempre andou errado em questões financeiras. Ganhou milhões, mas não soube aproveitá-los. Foi explorado, saqueado pelos amigos. Era quem menos aproveitava a sua fonte de renda que era a sua pena, obrigada a um trabalho de três a quatro mil palavras por dia.

Como a maioria dos grandes homens, também não foi feliz em amores. É certo que experimentou alguns bons momentos, ora com a primeira, ora com a segunda esposa. Mas nenhuma lhe deu o filho que sonhava com tanta intensidade. Creio que aquela Mamie, que ele conquistou de revólver em punho de French Frank – tinha dezesseis anos e Frank cinquenta -, foi a que menos trabalho e maiores alegrias lhe deu. Irving Stone não nos adianta nada sobre ela, mas talvez por isso mesmo é que a sua figurinha fica para sempre na memória do leitor, pois este tem toda a liberdade de imaginá-la como bem entender.

Vida de lutas e de aventuras a de Jack London. Mas vida de trabalhos e de realizações, também. Ao concluir *Três corações*, escreveu ele: “Esta novela é comemorativa. Completando-a, comemoro meu quadragésimo aniversário, meu quinquagésimo livro e meu décimo sexto ano no jogo de escrever”. Vida heroica, portanto, vida de quem, como acentua Irving Stone, cometera muitos erros, muitas loucuras, mas com a grata satisfação de saber que foram sempre grandes erros, grandes loucuras. Sim, Jack London viveu no superlativo. Tudo nele foi excepcional. Tipos dessa espécie, pletóricos de vida, sequiosos de novos horizontes, sonhadores inveterados ao mesmo tempo que realizadores admiráveis, fortes e leais não só para os outros como para consigo mesmos, salvariam, como diz Lin Yutang, a dignidade humana e com ela as conquistas da civilização, conquistas ameaçadas de perecerem ou estacionarem. Pena que existam tão poucos num mundo tão grande.

CAVALHEIRO, Edgard. Em busca do amor. [s.n.:S.l.], 22 mar. 1942.

Ao terminar a leitura da biografia que Marie Jenney Howe traçou de George Sand (*Em busca do amor* – José Olympio Editor), o leitor compreenderá por que ainda se fala tanto nessa escritora tão pouco lida atualmente. Pouquíssimos, em verdade, os leitores de hoje que se aventuraram pelas páginas de *Valentine*, *Indiana*, *Lélia*, *André Spiridion*, *Janne*, enfim,

toda uma longa fileira de volumes empoeirados pelo tempo, sem possibilidades de retorno à preferência do público, volumes outrora disputados e discutidos como poucos outros. O único que talvez encontre leitores é *História de minha vida*, no qual George Sand nos conta algumas intimidades da sua formação e muitos pormenores da acidentada carreira literária e amorosa, tão intensamente vivida. E encontrará leitores não pelo estilo, pela profundidade de conceitos ou pelo humano que seus capítulos possam encerrar mas sim pela razão muito simples de que a classe de leitores ávidos de escândalos, de intimidades, sobretudo de alcova, jamais desaparecerá ou diminuirá. Tais leitores, tão amigos de escarafuncharem tudo que represente material para satisfação de mórbidos apetites, julgam encontrar, nesta existência tão agitada, escandalosa por vezes, farto, variado e pitoresco material. A conclusão é melancólica, mas não vemos outra: George Sand somente permanecerá na lembrança dos homens pelas suas aventuras. No entanto, foi o maior gênio conhecido na literatura feminina até a sua época. Mulher alguma, como acentua Marie Jenney Howe, jamais se igualou ao seu poder criador e nenhuma se aproximou da sua capacidade de produção. Suas obras enchem 110 volumes.

Não devemos, portanto, concluir ter sido ela imoral ou simples gozadora, sem o mínimo valor intelectual. Trabalhou incessantemente e, encarada dentro a sua época, possui uma importância nada desprezível. Começando pela ficção romântica, aventurando-se depois às novelas de caráter social, escrevendo mais tarde novelas pastorais, seu sucesso sempre foi espantoso. O fato de não ser lida nos nossos dias talvez possa ser explicado pela própria existência que levou.

Neste sentido, tanto o pequeno trabalho de Alphonse Séché e Jules Bertaut como a excelente biografia de Marie Jenney Howe representam esforços consideráveis não só de reabilitação pessoal como de análise equilibrada e justa da sua obra. É verdade que moralmente falando, a opinião mais difundida e aceita, principalmente entre os que ouviram referências às dezenas de amantes ou só conhecem vagamente meia dúzia de anedotas quase sempre exageradas ou deturpadas das aventuras em que se viu envolvida, é de que ela não passa de uma gozadora sem peias ou escrúpulos. Esteve longe de ser uma “santinha”, evidentemente.

Como anota Marie Jenney Howe, ela estava bastante mais adiantada que as mulheres dos seus dias e daí a necessidade que sentiu de buscar o convívio exclusivo dos homens e, como é natural, pela convivência, adotou as maneiras daqueles com quem convivia. Inútil, portanto, que um escritor como o Sr. Maurício Royo perca tempo tentando provar ter sido seu filho Maurício o grande amor de sua vida. Terá amado Maurício, é claro. Uma coisa, no

entanto, nada tem a ver com a outra. E garantir, mesmo gastando um volume, que é o maior, não deixa de ser exagero. Sandeau ou Musset, Miguel ou Malefille, todos foram amados, cada um foi o maior, pelo menos em certos dias, naqueles dias em que ela, amorosa absorvente, a qualquer deles se entregava, de corpo e alma, em busca do amor. Para todos terá dito ou escrito ser o único, embora fosse o décimo, que verdadeiramente amava. E são esses amores, sem dúvida alguma, que a fazem tão curiosa, tão pitoresca e que a trazem constantemente ao cartaz literário. Constitui mesmo um dos mais deliciosos e encantadores capítulos da história literária da França. Nenhum título suplantará o de grande amorosa, que o tempo e a história lhe concederam. Poderíamos, forçando a verdade dos fatos, tentar uma defesa da romancista autora de 110 volumes, ou da feminista, da precursora de algumas reinvidicações em prol das suas irmãs de sexo. Mas o feminismo de George Sand não convence, e seus romances, alguns cacetíssimos, se não existissem, pouco ou nada perderia o patrimônio cultural e artístico da humanidade. Interessam como documento de uma época, são curiosos quando conseguimos localizá-los no quadro em que nasceram.

Mas não bastam para garantir-lhe notoriedade. Claro que será absurdo aceitar a injúria biliosa do crítico de que ela foi feminista ou romancista somente como pretexto para encobrir “sem-vergonhismos e safadezas”. Não. Como tantas outras não passou de uma mulher superior ao meio. Revoltada contra a série de preconceitos e restrições à liberdade da mulher, soube reagir e avançou um pouco mais do que o permitido. Chegou mesmo a assumir atitudes de franco desprezo pelas convenções e intrigas sociais. Aliás, tanto seu temperamento como as suas atitudes não foram novidades de última hora, influências do meio ou excentricidades improvisadas. Já na infância, em Nohan, servia de excelente pretexto à maledicência alheia, por causa da amizade um tanto suspeita com um certo rapazinho do lugarejo, com quem andava pelos bosques, em idílios à Paulo e Virgínia, à Dafnes e Cloé. Foi livre, integralmente livre. Do seu feminismo, podemos dizer que foi mais de atitudes do que pelas ideias expendidas em artigos e livros.

Se como feminista George Sand não deve ser encarada como precursora ou mesmo adepta decidida das reivindicações da mulher, como “política” também é pequeno o papel por ela desempenhado. A revolução de 1848 poderia ter revelado, com maior nitidez, uma outra face de mulher, se o desânimo não a tivesse invadido logo.

Cedo abandonou as atividades iniciadas com tanto ardor. Ou porque os homens que dirigiam o movimento desmerecessem sua dedicação, ou porque o seu entusiasmo, romântico demais para a realidade dos fatos, não a colocasse em situação propícia, proporcionando-lhe

participação mais intensa e mais direta nos acontecimentos. O certo é que desiste de tudo, retirando-se para Nohan, com os filhos, netos e alguns amigos. Ali, onde passara a infância, num teatrinho de fantoches, organizado para distrair os netos e convidados, viveu os momentos mais alegres e calmos da sua vida. Numa completa mutação de cenário, de meios de vida e de conduta, chega a causar espanto a perfeita adaptação da romancista. Da George Sand que escandalizara Paris, da mulher que, de charuto e em trajes masculinos, fora a grande curiosidade dos cafés parisienses, que restava? Uma senhora com propensão para a gordura, muito calma e muito boa, tão boa que ficou logo conhecida como “boa senhora de Nohan”, querida de todos os camponeses dos arredores, mãe e avó amantíssima. Uma senhora sem outras ambições que o sossego e a calma dos dias longos e monótonos, e que se entrega, não ao último amante, mas à natureza, à natureza que então descobre e canta com exaltação, sentindo, por momentos, o sangue correr-lhe de novo nas veias, ardente e sensual: “Há horas, escreve ela, em que me sinto erva, pássaro, seiva de árvore, nuvem, água corrente, horizonte, cor, forma e sensações diversas, mutáveis, cambiantes e infinitas”. Ela já não era mais criticada. Era venerada e adorada. Seus prazeres eram inúmeros.

“O jardim que cultivava durante anos era uma riqueza em florescência e perfume. As flores encantavam-na a tal ponto que nunca as deixava arrancar”. Ainda escrevia, sim. Ao festejar o 73º aniversário, trabalha em *Aldine*, novela já bastante adiantada. Chegara ao capítulo VII e, embora sentisse que o corpo ameaçava cambalear, continuava trabalhando e ocultando dos seus as sombrias perspectivas que pressentia. Tendo atingido, porém, o último grau de sofrimento, chamou o médico. “Assim que entrei no seu estúdio, relatou este, vi Mme. Sand sentada à sua mesa de trabalho. Um cigarro aceso pendia de seus lábios e segurava na mão a caneta”. Ela o encarou com um sorriso. Foi o último dia em que pôde permanecer de pé. E poucos dias depois, cercada dos filhos e netos, cessava de existir.

Victor Hugo uma vez lhe escreveu estas palavras: “Muito obrigado por serdes uma alma tão grande”. A história dessa “alma tão grande” é contada por Marie Jenney Howe com simplicidade e clareza. Pouco ou quase nada nos diz de original. Mas o escrúpulo e a precisão com que focaliza os aspectos mais importantes da existência de George Sand, fazem desta biografia um livro encantador e indispensável aos que desejarem um quadro fiel e honesto do que foi a existência de Amandine Aurore Lucie Dupin.

CAVALHEIRO, Edgard. Posição de Rui Barbosa. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 15 abr. 1942.

Quando Rui Barbosa morreu, o movimento de Arte Moderna desencadeado em S. Paulo já começava a se alastrar pelo país. Esse movimento visava, antes de mais nada, uma volta ao Brasil até então esquecido pelos poetas e prosadores. Assunto brasileiro tratado brasileiromente, não só nos seus temas mas também na forma. Plena liberdade estilística. Todas as concessões possíveis aos galicismos, anglicismos, enfim, uma revolução em largo estilo que não deixou de causar escândalo aos puristas, aos que tinham bebido em Camilo e Herculano os ensinamentos filológicos de que tanto se orgulhavam. Poderíamos acrescentar: em Rui Barbosa também, pois sua prosa tornara-se modelo, seus conceitos e dogmas e, sobretudo entre os bacharéis, sua palavra era lei aceita e aplaudida por todos. Não havia orador por esse Brasil afora que não iniciasse seu discurso comemorativo de qualquer coisa sem um “Quisera ser Rui Barbosa...”.

Nenhum outro brasileiro alcançara até então a sua popularidade. Semideus para uns, gênio para outros, mestre incontestado para a maioria. Mesmo os adversários políticos reconheciam-lhe o talento e a grandeza. A fama alastrara-se, e quando, a primeiro de março de 1923 ele deixou de existir, a nação sentiu um abalo. Morreram o Mestre! Desaparecera o gênio! O resultado foi um endeusamento desabrido, um coro unânime de vozes a louvá-lo sem discernimento. O homem, o ser humano, com defeitos e virtudes inerentes a qualquer mortal, jamais surgia, de leve que fosse. O mais grave é que a exaltação abrangia todos os setores, estirava-se por todas as latitudes. Nada de separarem o prosador do advogado, o estilista do político, o crítico do jurista, o deputado ou senador do literato. Ele era o maior em tudo. Indistintamente. Maior sem competidor. Na política e na literatura, no direito e nas artes. Seus conceitos eram artigos de fé, a sua palavra a verdade, muitas vezes com maiúscula.

A meu ver isso constituiu um grande mal para Rui Barbosa e para a literatura brasileira, sobretudo no capítulo que a oratória poderia ter conquistado em nossas histórias literárias. Como disse, o movimento de Arte Moderna estalara um ano antes e um grupo de rapazes heroicamente afrontava a onda contrária a qualquer liberdade filológica, a qualquer inovação ao já estabelecido. Rui, principalmente, era o grande empecilho, a grande montanha a atravancar a estrada. Não sei de livro que mais tenha atrapalhado a nossa evolução linguística (e conseqüentemente toda a evolução do pensamento brasileiro) do que a *Réplica*. Verdadeiro fantasma. O pior foi que poucos quiseram perceber que a sua grandeza nada

possuía de comum com a literatura, cousa bem diferente da retórica ou da riqueza vocabular. Meu professor de português, por exemplo, tinha a mania de nos mandar descrever voos de pássaros, mortes de pássaros, ninhos de pássaros, que sei lá... E como castigo daquilo que ele julgava fraqueza em nossas composições, obrigava-nos a ouvir a leitura daquelas páginas sobre as andorinhas de Campinas, três vezes por semana. Era o modelo, por ele nos deveríamos guiar. Tudo muito aborrecido para quem, embora adolescente, já se deliciava com alguns livros de Mário de Andrade, que por milagre tinham caído na longínqua fazenda onde vegetava à espera de melhores dias. Mas não era somente aborrecido. Era cacete.

Tal e qual a análise lógica das estrofes camonianas. Essa ligação de Rui Barbosa com a literatura brasileira causou inúmeros males aos nossos prosadores, e não duvido que tenha inutilizado muita vocação. Tudo por causa de um mal-entendido. Por excesso de zelo pela glória póstuma do grande advogado. Ainda há poucos meses estive entre nós mister William Berrien, um norte americano que leciona português nas universidades ianques, e que não só é um grande amigo do Brasil como é também um perfeito conhecedor da nossa vida espiritual. Entrevistado por um jornalista, este lhe pergunta que tal achava Rui Barbosa. Berrien, com o bom humor que tanto o caracteriza, procurou desviar a conversa, respondendo que num curso de literatura não podia se deter muito tempo em Rui Barbosa. Citou Machado de Assis como grande figura capaz de interessar aos seus alunos dos Estados Unidos. Foi o suficiente para que dias depois alguns jornais investissem contra ele, em termos violentos. “A ojeriza intelectual de um professor de literatura”, dizia a “manchete” de um deles, completada com estes subtítulos: “Para o sr. Berrien a obra de Rui Barbosa tem pouco interesse literário... É compreensível a vertigem das alturas que sente o original crítico, em face do poder criador da inteligência do genial brasileiro...” E num longo texto, o jornalista patricio desancou o professor norte-americano, mostrando-lhe ser Rui o autêntico representante da literatura nacional etc. e tal. Ainda e sempre o mal-entendido. O caso não é único nem isolado. Os recortes carinhosamente guardados revelam uma unanimidade de entristecer. O sr. Elmano Cardim, por exemplo, autor de uma conferência em muitos pontos justíssima sobre o grande tribuno, só pode concluí-la com este trecho tão infeliz e absurdo: “Mas a grande construção de Rui, o momento imperecível da sua glória, a catedral gótica do seu gênio, foi a sua obra de escritor, na incomparável pureza e no deslumbrante fascínio do seu estilo opulento de galas, rico de grandezas e fecundo de pensamento”. Como é fácil verificar, o mal-entendido se prolonga...

Pensava nessas coisas todas à medida que ia devorando a esplêndida *Vida de Rui Barbosa*, do sr. Luiz Viana Filho, recentemente editada pela Cia. Editora Nacional. Trata-se de um amplo e excelente trabalho, uma das melhores biografias já escritas entre nós. Sem fazer apologia, embora não oculte uma quente admiração pelo biografado, o sr. Luiz Viana Filho conta-nos o que foi a existência de Rui Barbosa, seus altos e seus baixos, sua verdadeira grandeza e suas pequenas fraquezas. Mostra-nos, por miúdo, todos os passos importantes que em conjunto constituem sua movimentada trajetória entre nós. Todos os passos, tanto os do homem público como os do homem doméstico, do marido, do pai, do avô, do amigo, do ser humano, em suma. Um Rui humanizado, eis o que Luiz Viana Filho conseguiu fixar com precisão e honestidade invulgares. Está claro que muitas afirmativas ou conclusões são discutíveis. Nem poderia ser de outra maneira. A função do biógrafo não é esmiuçar e condenar os defeitos do seu herói e sim explicá-los, defendendo-o sempre que possível. A tarefa, em se tratando de uma personalidade como Rui Barbosa, não é nada fácil. Muitos acontecimentos continuam vivos na sensibilidade de tanta gente. E sobre certos fatos a história ainda não disse a última palavra. Mesmo a história da república não foi escrita de forma definitiva, quanto mais os acontecimentos posteriores. Atravessando verdadeiro cipoal de contradições, Luiz Viana Filho conseguiu focalizar o seu herói em termos que nos parecem justos e precisos. Pelo menos convencem. E se a imagem final não é a de um semideus, nem a de um gênio, é, indiscutivelmente, a de um grande homem. Um grande homem que teve alguns momentos geniais. Não como escritor, entenda-se, mas sim como advogado, como defensor dessa palavra tão em descrédito atualmente: liberdade.

“Nada mais contestável do que a minha valia em letras”, disse o próprio Rui certa vez, acrescentando que seu lugar era nos dias de adversidade, nos dias de luta, nos dias de receio. “Aí o meu espírito se eleva, dobram-se as minhas forças e alguma coisa me impele a tomar um lugar obscuro, mas constante, entre os soldados da boa razão e da justiça”. Soldado do direito e da justiça, eis o que ele soube ser como poucos outros entre nós. Algumas das principais campanhas em que se envolveu, dizem melhor do que qualquer comentário da importância da sua atuação nos momentos decisivos de nossa história social e política. Em 1869, pelo *Radical Paulistano*, derrocando o princípio da propriedade servil, constrói o alicerce em que se apoiaria a emancipação dos filhos dos escravos. Três anos depois, no *Diário da Bahia*, investindo contra o sistema eleitoral, abre caminho para o princípio da eleição direta, cuja lei foi por ele feita. E nas vésperas da proclamação da república, combatendo a centralização do império, delineia os princípios da federação brasileira,

princípios que os estadistas da república não desdenhariam. Proclamada a república, quando a ditadura militar ameaçava direitos rijamente conquistados, investe contra a prepotência e a força. No cenário universal de Haia defende o princípio da igualdade entre as nações pequenas e grandes. E por ocasião da grande guerra (a de 14, está claro) faz-se o paladino do princípio de que não pode haver neutralidade entre o direito e a injustiça, entre a lei e o crime, contra a civilização e a barbárie. Esse princípio, aliás, sempre o norteou. Capistrano de Abreu, descrevendo-o a um amigo, diz que a sua formação camiliana deve ter concorrido para dar à sua inteligência “uma feição prussiana, sempre mobilizada, prestes a partir em guerra ao primeiro toque de corneta”. Nada mais compreensível, portanto, do que as suas preferências pelo jornalismo e pela advocacia, setores nos quais lhe foi possível entregar-se de corpo e alma ao apostolado que a si mesmo se impusera. Apostolado que se resume na defesa do fraco contra o forte, do oprimido contra o opressor, do direito contra a injustiça, do bem contra o mal. Ao primeiro toque de corneta atirava-se à luta, integralmente, sem medir consequências ou perigos. “Pugnar pelo oprimido, quando o estimamos, é trivial e fácil; expormo-nos pela sua liberdade, sem prezarmos, unicamente por horror à opressão, é extraordinário”, escreveu ele.

Defensor do homem, da dignidade humana, eis o que Rui soube ser em tantos momentos com uma grandeza verdadeiramente exemplar. E como se tornava interessante quando a corrente lhe era contrária! Seu lugar, como ele não ignorava, era nos dias de adversidade. Aí o homenzinho crescia, se agigantava, tornava-se, por vezes, sublime. Nesses momentos ele sentia o cenário mesquinho, longe da importância de grande ator que era, apesar do físico e da voz. Vaidoso e amigo das encenações, lamentava a pobreza do ambiente e a um amigo, “com um sorriso triste”, ele disse certa vez: “ninguém neste país suspeita o que eu sei”.

A verdade é que o país o julgava mais sábio ainda. E por assim tê-lo julgado tantos anos é que perdura a onda de incompreensão e exagero em torno da sua personalidade. O sr. Luiz Viana Filho veio, com o seu volume, prestar um excelente serviço, tanto ao biografado como aos leitores em geral. Reconstruindo a vida de Rui Barbosa com fidelidade e clareza, ele conseguiu, sem exageros ou deformações, fixar de forma indelével a verdadeira feição do grande tribuno, dando a todos que percorrerem seu trabalho, uma imagem sólida e precisa do homem e do político em toda a sua complexidade humana.

CAVALHEIRO, Edgard. Lincoln e a democracia. [s.n.:S.l.], 30 jul. 1942.

Poucas vidas são tão dignas de serem recordadas nestes dias tumultuosos como a de Abraão Lincoln. Ele foi, no mais amplo sentido do vocábulo, a mais perfeita incarnação do homem público que uma democracia poderia apresentar. Sua vida constitui eloquente exemplo de dignidade humana e sabedoria. Vida em linha reta, se assim podemos nos expressar. Autodidata integral, hauriu na floresta os elementos que iriam compor os pilares de sua grandeza. A floresta ensinou-lhe a ser puro e simples, leal e audacioso. Nela adquiriu toda a infatigável obstinação que o nortearia quando em defesa de uma ideia que se lhe afigurasse justa. Nela aprendeu, também, que a solidão deve ser preservada até mesmo quando a vida pública nos atira no redemoinho das paixões políticas. A floresta deu-lhe, ainda, a simplicidade que implica completo desinteresse pelas vaidades mundanas, a ternura pelos animais – primeira etapa na ternura pelos seres humanos –, e o desprendimento absoluto pela própria vida. Muitas surras apanhou ele do pai, por soltar animaizinhos apanhados nas armadilhas. Muitas vezes arriscou a vida no mistério das matas invioladas.

Filho da floresta, jamais perdeu o amor às longas caminhadas, verdadeiros banhos de limpeza interior, que não só o fortaleciam moral e espiritualmente, como lhe davam novas forças para prosseguir na tarefa empreendida. Tarefa que nos últimos anos se tornou gigantesca e que ele soube levar a cabo com uma segurança e paciência que poucos o julgavam capaz. “Eu só me sinto bem depois de examinar uma ideia de leste a oeste, e de norte a sul”, escreveu certa vez. E a história nos mostra como mesmo em meio aos mil e um problemas surgidos com a guerra civil, ele sempre conseguiu pensar fria e serenamente, antes de dizer a última palavra, ou a palavra definitiva sobre o assunto. Mas a partir desse momento, tornava-se outro homem. Convicto da sua “verdade”, sabia como impô-la, como convencer aos adversários. Nada mais falso, no entanto, do que concluirmos por qualquer espécie de prepotência de sua parte. Absolutamente. Lincoln era todo doçura e bondade. Convencia em lugar de impor. Sabia esperar o momento oportuno. Seus mais acérrimos inimigos acabaram seus mais convictos colaboradores. Sem se desviar por um momento que fosse da linha traçada, levou de vencida todos os adversários. Nada prometia que não pudesse cumprir.

Homem bom, amigo do gênero humano, despido de todo e qualquer formalismo. Lincoln representa, hoje, uma espécie de símbolo, e não só para os norte-americanos que o cultuam com veneração, mas para todos os homens que ainda não desceram da força das ideias que ele soube tão admiravelmente encarnar. Símbolo da democracia, força poderosa a

serviço de uma humanidade mais digna, a vida e os feitos de Lincoln norteiam, atualmente, milhões de seres humanos para os quais o regime imposto pelas forças de destruição nazista, fascista ou nipônica representa a pior espécie de cancro social, cancro que todos os sacrifícios para extirpar serão pequenos. A narração de sua vida pessoal, “especialmente dos móveis de sua ação, como foram revelados e aprofundados no transe da guerra civil”, encontra em Nathaniel Wright Stephenson (tradução de Monteiro Lobato para a Cia. Editora Nacional) um analista penetrante e compreensivo. Ele nos mostra como Lincoln caminhou para a libertação dos escravos – consequência natural das ideias que defendia. Neste sentido, Emil Ludwig – autor de uma excelente biografia romanceada de Lincoln – se engana ao dar como *Leitmotiv* central da sua existência a questão da escravatura. Está claro que o menino que apanhava surras por soltar pequenos animaizinhos apanhados em armadilhas sempre foi contra a escravidão. Mas o móvel principal da sua vida, acentua Nathaniel Stephenson, foi a defesa da unidade americana e com ela suas instituições livres, instituições que garantiam a todos os homens igualdade no seu direito à liberdade e à justiça. Campeão da unidade, ele, o mais pacífico dos homens, sustentou uma guerra civil terrível e avassaladora. Nada o moveu, no entanto, de prosseguir. Sabia que acima dos interesses individuais estava o interesse da coletividade, e que esta somente poderia viver e prosperar num país livre, num país no qual qualquer ser humano pudesse pensar e exteriorizar suas ideias livremente, bem como se locomover para onde e como quisesse. Nada o repugnava tanto como a escravidão, mas ele jamais permitiu que esse problema – no fundo dependente de outro – ocupasse o primeiro plano dos seus pensamentos. A luta que travou abrangia horizontes mais largos. Sua visão ia mais longe do que a simples liberdade concedida aos pretos. Não desapontar o “espírito de liberalismo do mundo” e provar que a democracia, quando aplicada em larga escala, tinha em si força suficiente para permanecer intacta, por maiores que fossem os agentes da desintegração, eis o que visava, antes de tudo. Se a escravidão pudesse ser abolida sem abalo do governo popular, que ele encarnava, tanto melhor. Conseguia sufocar no íntimo do seu ser todo e qualquer sentimentalismo, convicto como estava de que tudo quanto ameaçasse a essência do grande Estado democrático – que lhe parecia fato central do mundo – levaria não somente o país à ruína, mas destruiria no coração dos homens o sentido da honra e dignidade humanas. “Temos aqui, disse ele na sua primeira mensagem, essencialmente uma luta do povo. Do lado da União é uma luta para manter no mundo aquela forma e essência de governo cujo principal objeto está na elevação da condição dos homens; está na remoção de cargas artificiais de todos os ombros; está em

proporcionar a todos iguais oportunidades na luta pela existência”.

Não uma guerra, conclui Nathaniel Stephenson, simplesmente para destruir a escravidão, ou para preservar o sistema constitucional, mas sim uma guerra para manter a soberania do “Nós, o Povo”.

O que torna o trabalho de Nathaniel Stephenson atual e importantíssimo para os nossos dias é o sentido de atualidade palpitante que dele transpira. Em lugar de escrever uma biografia propriamente dita do grande democrata, ele procurou realizar ampla e percuciente análise das razões morais e intelectuais que levaram Lincoln a defender tão intransigentemente o governo “do povo, pelo povo e para o povo”. Por uma curiosa e muito interessante coincidência, os problemas que Lincoln precisou enfrentar – e antes de enfrentá-los, adquirir a certeza de que iria trilhar o verdadeiro caminho – são os mesmos que todos os homens livres enfrentam atualmente. A eterna luta entre o direito e a injustiça, o bem e o mal, a liberdade e a opressão, o humano e o desumano. A mesma luta que os homens enfrentam hoje contra os povos escravizados da Alemanha, Itália e Japão. Certos trechos de *Lincoln* dir-se-iam dirigidos a Hitler. Entre o ditador nazista e o democrata americano existe a mesma diferença entre o bom e o ruim, assim como entre a democracia e o totalitarismo. E certos capítulos de *Lincoln* poderiam, perfeitamente, ser ajustados ao momento presente. Quando, por exemplo, os “vingativos” reclamam represálias contra os confederados que matavam os escravos aprisionados com armas nas mãos, a resposta do presidente era a de que não podia tomar homens e matá-los a sangue frio por crimes cometidos por outros. Se ele pudesse prender as pessoas culpadas o caso seria diferente, mas não podia matar inocentes em represália a crime de terceiros. “Ódio às ideias que considerava traição, diz Stephenson, mas nunca nenhum impulso de vingança contra a carne que aceitava essas ideias. Destruição da ideia, mas infinita clemência para os portadores da ideia – eis a atitude em que se firmou”. E na qual se manteve até o último dia de vida, podemos acrescentar.

Quando se quiser uma ou duas frases e mesmo um discurso que melhor expressem o verdadeiro sentido do vocábulo democracia, é na obra de Lincoln que os interessados poderão encontrá-los. Poucos homens meditaram tanto sobre o assunto como ele. Simples, completamente despido de retórica, sabia como falar diretamente aos humildes. A linguagem que empregava era uma linguagem acessível a todos. “Assim como eu não quisera ser escravo, também não desejaria ser senhor de escravos. Eis em que consiste minha ideia de democracia. Todo o que difira disso, seja qual for essa diferença, não é democracia”. Para que

maior simplicidade e clareza? Por isso mesmo sua vida é hoje constantemente lembrada, seus atos diariamente evocados como exemplo e estímulo aos que não descreeram das possibilidades de um governo “do povo, pelo povo e para o povo”.

CAVALHEIRO, Edgard. Nietzsche e os alemães. *Folha da Manhã*, São Paulo, 22 ago. 1942.

Não sei de outro pensador mais digno de ser estudado nos dias e hoje do que este intratável e resmunguento Frederico Guilherme Nietzsche. Tendo procurado formar um homem acima do bem e do mal, um super-homem, dono da vida e da terra, ele preparou, talvez inconscientemente, terreno para os Hitlers e Mussolinis que viriam depois. Sua atualidade se acentua principalmente quando levamos em conta o quanto ele se adapta às necessidades do nazismo, tanto pelo que condena como pelo que recomenda. Nietzsche foi, na verdade, o único filósofo universalmente conhecido a fornecer copioso e sólido material aos chefes fascistas. Mussolini ainda teve um gesto de pudor ao encarregar o pesadão Gentile de compor uma filosofia para o seu regime. Hitler, porém, limitou-se a encomendar aos seus “sábios” que remodelassem o pensamento de Nietzsche, adaptando-o para a “nova ordem”. Um desses “sábios” ganhou uma cadeira na Universidade de Berlim porque soube, melhor do que os outros, enquadrar o filósofo dentro das virtudes nazistas. Apoiando-se na obra de Nietzsche, eles encontram, pelo menos entre certa classe de intelectuais, um sentido mais ou menos filosófico para o credo político que defendem. Procuram, assim, disfarçar a pura barbárie, o puro retorno aos tempos primitivos, que constituem norma e ação do regime. Nietzsche serve-lhes muito bem, pois ele condena a democracia, o pacifismo, o individualismo, o humanitarismo, o cristianismo, como ideais abstratos, como vagas expressões da sociedade europeia moderna. Condenado isso, ele ao mesmo tempo recomenda a autoridade, a pureza racial, o espírito e a prática guerreira, a vida séria, o vigor físico etc. Está claro que os asseclas de Hitler não interpretam a filosofia do criador de Zaratustra em todos os seus detalhes. Propositadamente esquecem muita coisa. Esquecem, por exemplo, o bem que ele disse dos judeus e o mal que exteriorizou sobre os próprios alemães.

Neste sentido é dos mais curiosos o volume de Crane Brinton, que em tradução de dona Esther Mesquita a Cia. Editora Nacional está divulgando em nosso idioma. Vale a pena acompanhar este biógrafo através de sua interpretação um tanto apaixonada do filósofo alemão. Sim, Crane Brinton não esconde um temperamento esquentado, mais de polemista que propriamente de crítico de ideias. Isso torna o seu volume sobremaneira delicioso de ser

lido. Todos sabem o quanto Nietzsche foi desbocado, discutidor, azedo, irritado por pregar no deserto e por não despertar, como escritor, a atenção do público. Dominado por uma vaidade doentia, tornava-se, por vezes, irritante e malcriado, e nada mais pitoresco do que vê-lo deblaterar com exagero e petulância, contradizendo o mundo inteiro e, muitas vezes, a si próprio. Ansioso por tudo reformar radicalmente (invertia, na maioria das vezes, simplesmente os valores) tornava-se inquieto, impaciente, exaltando-se a todo momento, rugindo desaforos, convencido de ser “ele só, e só ele, a medida de todas as coisas”. Se nos primeiros volumes ainda fala com certo orgulho em “nós, os pensadores”, “nós, os intrépidos”, torna-se, mais tarde, dominado pela mais exaltada egolatria. O universo passa, então, a girar em torno da sua pessoa. Julga-se o centro do mundo. “Eu sou o destino”, “Eu sou a imortalidade”, grita ele. O trágico da história é que o mundo ainda não tomara conhecimento da sua presença. Rugia solitariamente, com um ou outro discípulo (criaturas medíocres quase sempre) a gravitar ao seu redor. Mas ele, embora desprezasse a turba, não dispensava o seu aplauso. O resultado da indiferença com que o recebiam, era a cólera, o palavrão, o desaforo. Não perdoa nem mesmo os amigos de ontem. O caso de Wagner é típico. Deixa-nos, por isso, a impressão de que a sua tão apregoada originalidade reside tão somente no destempero da linguagem. “Malgrado a penetração do psicólogo, acentua Crane Brinton, malgrado tudo o que ele fez para melhorar a condição humana, no fundo, as suas pesquisas sobre o homem como animal social e político mostram claramente que ele só conhecia o homem, por assim dizer, de segunda mão”. Talvez por isso odiasse tanto os seus semelhantes.

Dividindo e analisando os ódios de Nietzsche, num capítulo dos mais curiosos e movimentados deste nada sereno e imparcial volume, o autor esclarece com extrema obviedade o quanto de complexa, inconsistente e contraditória foi a obra por ele deixada. A explicação é fácil: não se constrói coisa alguma pelo ódio e sim pelo amor. Mas se foi fácil a Crane Brinton focalizar os motivos da ira do filósofo, impossível lhe foi classificá-lo pela intensidade. À medida que se avizinha da loucura – loucura positiva, dessas que consideramos, entre nós, caso de Juqueri – o delírio de Nietzsche se transforma em rugidos de fera enjaulada. Relâmpagos de gênio brilham aqui e ali, entrechocando-se com grosseiras banalidades. Em meio à torrente de vaidade, de egocentrismo elevado ao cúmulo, saltam os instantes do gênio, instantes que o salvaram de um completo esquecimento. A verdade é que, no fundo, ele era um pensador. Não o gênio profético que os nazistas proclamam. Não, também, a mediocridade do simples literato que seus mais acerbos inimigos apregoam. Um

meio termo existe no qual ele pode ser enquadrado. Como acentua Crane Brinton, “cinquenta anos bastam, por certo, para mostrar que os homens apreciam as obras de Nietzsche por três motivos diversos e chegam a três conclusões diferentes, que no entanto não se excluem. Uns admiram principalmente o Nietzsche esteta, o artista a um tempo tônico e sedativo, exaltante e consolador. Outros veem nele o psicólogo “realista”, que esboçou uma “história natural da moral”. Outros ainda, como os nazistas e fascistas, baseiam nas suas doutrinas a sua fé numa nova religião”.

Como já dissemos, embora os nazistas procurem amoldar os conceitos e pensamentos de Nietzsche ao regime bárbaro que implantaram na Alemanha, nem tudo eles aproveitam, nem todas as ideias são divulgadas ou mesmo sequer mencionadas. Crane Brinton tem o cuidado de ressaltar este ponto, abordando de preferência conclusões de Nietzsche sobre o caráter alemão e sobre os judeus. Não interessa muito o que ele tenha dito a respeito dos judeus. Mas vale a pena reler o que escreveu sobre seus próprios patrícios. A colheita é fértil. “Sempre foi minha ambição, escreve o filósofo, ser tido como o homem que mais despreza os alemães... Considero os alemães impossíveis”. E por aí vai, chegando mesmo ao insulto puro e simples, para concluir: “Os alemães não têm consciência de ser vulgares, no que são a maior prova de sua vulgaridade – e nem sequer se envergonham de não passarem de alemães”. Sobre a inteligência germânica, e particularmente sobre a música de Wagner (não é à toa que Hitler adora Wagner), tem este desabafo: “... a nossa música, a constipada e constipante música alemã! Quanta rabugice solene, quanta paralisia, quanta humanidade, quanta vulgaridade langorosa, quanta cerveja impregna a inteligência alemã”. E agora este trecho que parece ter sido escrito para os nossos dias: “Na desconfiança profunda, gelada, que o ameaçador poderio dos alemães sempre provoca, ouve-se ainda um eco de horror inextinguível que a ira da loura besta teutônica espalhou pela Europa durante séculos”. E agora, para terminar, estas linhas suficientemente expressivas para que não percamos tempo com qualquer comentário: “Talvez não exista no mundo povo tão mesclado como o alemão... Bismarck era um eslavo típico. Olhem só a cara dos alemães: desapareceu completamente o sangue vigoroso, exuberante. O povinho miúdo que ficou, a população, de alma escrava, ganhou com os que vieram de fora especialmente com a mescla de sangue eslavo... Como um judeu faz figura entre os alemães! Vejam a estupidez, o cabelo desbotado, os olhos azulados, a fisionomia inexpressiva, a linguagem, o porte... dos alemães...”.

Está claro que Nietzsche hoje modificaria tais conceitos. Ele, que tanto amor revelou aos atos guerreiros (“amai a paz que conduz a novas guerras – a paz, quanto mais curta

melhor... A guerra e a coragem valem muito mais do que a caridade”) e que tanto apregoava ser o símbolo de todas as raças verdadeiramente aristocráticas “o animal feroz, a magnífica besta loura ávida de rapina e de vitória”, com certeza exultaria por ver o espetáculo que seus patrícios oferecem ao mundo de hoje. O espetáculo de aldeias inteiramente arrasadas como represália. O espetáculo de assassinatos em massa, de campos de concentração espalhados pela Europa inteira. O furor da “besta loura, ávida de rapina e de vitória”! É bem o quadro que o filósofo gostaria de apreciar. A força como direito, a brutalidade como norma, a rapinagem como conceito de civilização... Zaratustra falou. E falou bonito, num estilo bíblico, cheio de poesia. Mas falou a linguagem do ódio, que nada constrói, pois a força jamais criará o direito. Em caso nenhum pode retroceder séculos. O “furor teutônico” passará. E outra linguagem dominará o coração do homem.

CAVALHEIRO, Edgard. Bolívar – o cavalheiro da glória. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 26 nov. 1942.

A vida de Simon Bolívar constitui, nestes dias inquietos que atravessamos, um belo exemplo a ser apresentado à mocidade americana. Que fez ele? Lutou durante 15 anos em 500 batalhas sobre 3.000.000 de milhas quadradas, libertando do jugo espanhol territórios que compreendem a Venezuela, a Colômbia, o Equador, a Bolívia e o Peru. Mas Simon Bolívar não foi somente o general que, à frente das suas tropas, escorraçou os invasores. Foi mais, muito mais do que um grande cabo de guerra. Foi um genial estadista, um homem extraordinário, uma personalidade realmente invulgar.

“O céu – disse ele – me destinou a ser o libertador dos povos oprimidos. Por isso não serei nunca o conquistador de uma aldeia sequer”. Não libertava para mandar. Sabia, no entanto, que não bastava libertar. Era preciso constituir a nação, dar normas de viver dignas ao povo que saía do jugo brutal dos conquistadores espanhóis. Ao povo acorrentado e infeliz, inculto e faminto. Fácil teria sido ao libertador tornar-se “dono” dos países libertados. Habitados ao mando de oligarquias sem escrúpulos, eles mal acreditavam na possibilidade de se governarem a si próprios. Mesmo a maioria dos chefes e políticos sentiam-se incapazes de dirigir o Estado sem a estimulante presença de Bolívar. Ele, porém, não tinha ambições de mando. Consciente de que ainda não chegara o momento de falar em democracia pura aos povos que mal saíam da escravidão, procurava, inquietamente, um meio termo, fugindo, no entanto, de toda ideia de governos não apoiados livremente pelo povo. “É necessário –

escrevia ele – que um governo se identifique, por assim dizer, com as circunstâncias, tempos e homens que o cercam”. Esse realismo político jamais o abandonou. Notável, nesse sentido, é o seu encontro com San Martin. Dois grandes homens, bem intencionados e preocupados exclusivamente em servir ao mesmo povo, mas com pontos de vista diametralmente opostos. Enquanto San Martin, que libertara a parte sul da América, desejava um regime monárquico. Bolívar, dotado sem dúvida alguma de visão política mais ampla, defendia uma forma de governo que tornasse possível no mais curto espaço de tempo, a prática constante da democracia pura. “A democracia – dizia ele – que floresceu até no solo corrompido da Europa, medraria com toda a certeza no solo virgem da América. Aqui não há nenhum elemento real de aristocracia, a não ser uma criatura lamentável. Não há, portanto, meu caro general, elementos de monarquia nesta terra de Deus. Deixemos formar-se aqui uma democracia e a dignidade crescerá nos homens, a necessidade e o hábito de trabalhar para ter benefícios sociais serão criados e estes produzirão riquezas e indústria comercial que atrairá a imaginação da Europa, onde o proletariado tem falta de terra, podendo achá-la aqui. É impossível fazer voltar atrás o progresso da raça humana”.

Assim falava esse homem extraordinário, que não sabia ser somente um grande guerreiro, mas também um hábil político, um penetrante observador dos fenômenos sociais e históricos. Podia, por isso mesmo, garantir a San Martin esta verdade: “uma ideia, quando implantada no povo, é impossível de se extinguir; a ideia da democracia ficou firmemente enraizada aqui nestes doze anos de luta gloriosa, cheia de exemplos de abnegação e heroísmo”.

Não é outra a impressão que nos deixa a leitura da sua vida, escrita por Thomas Rourke, *Bolívar, o cavaleiro da glória* (Livraria Martins, S. Paulo, tradução de Miroel Silveira), mostra-nos que se hoje a América se enfileira ao lado dos países que lutam pela liberdade contra a tirania, pelo direito contra a força, é porque sabe que assim procedendo não faz senão defender aquilo que custou muitas vidas humanas. Sim, muito sangue foi derramado para que o invasor abandonasse suas pretensões, e desistisse de pretender dominar países que já tinham adquirido o sentido da liberdade, sem a qual a vida não vale a pena de ser vivida. Uma liberdade tão duramente conquistada não pode ser abandonada com um displicente dar de ombros. Preservá-la é mais do que um dever, é uma sagrada missão. O juramento que o jovem Simon Bolívar fez no Monte Sacro, em Roma, de quebrar as algemas que ligavam seu país à Espanha, pode, perfeitamente, ser hoje repetido por todos os homens que prezam o direito de viver como bem desejam, o direito de

serem humanos e não simples autômatos nas mãos de enlouquecidos ditadores.

Verifico, nestas alturas, que esta crônica destinada a tecer alguns comentários em torno da figura de Simon Bolívar, tal como nos é apresentada por Thomas Rourke, fugiu completamente aos intuitos iniciais. A culpa, evidentemente, não é do cronista, assoberbado com tão fabulosa personalidade. Como sintetizar em poucas páginas todos os feitos e atos deste grande homem? Como afastar um passado que tanto se assemelha com o presente? Rourke, nas trezentas e tantas páginas da sua biografia, limitou-se a contar o essencial, num mínimo de palavras possível. Um prodígio de síntese, não há dúvida. Somente os casos amorosos do Libertador justificariam um volume. É verdade que o seu grande amor foi a glória. Nenhuma mulher conseguiu desviá-lo do caminho que a si mesmo se traçara. Nem mesmo essa curiosa Manuela, a mais amada de todas. O amor para Bolívar jamais foi uma razão de ser. Simples acidentes no tumulto das suas lutas. O que foram essas lutas, é difícil resumir.

Na sua primeira campanha, por exemplo, marchou 1.200 quilômetros por uma região montanhosa e primitiva, travando seis batalhas, destruindo cinco exércitos e reconquistando toda a parte leste da Venezuela, no espaço somente de 90 dias. Numa outra campanha atravessou os Andes nas condições mais incríveis. Começando a ascensão com 3.200 homens conseguiu concluí-la, mas 2.000 tinham ficado pelo caminho. Uma dessas marchas, anota Rourke, daria assunto de conversa a um homem moderno para o resto da sua vida. Bolívar fez três delas em menos de um ano. Incrível a sua energia física. Somente comparável à sua energia moral. Não há divergências possíveis: foi um grande homem. Nenhuma ambição de mando o dominara, nenhuma inveja para com aqueles que o serviram lealmente. Poderia ter sido rei, se quisesse. Não queria nem mesmo ser o presidente constitucional das nações libertadas ou construídas. Essas nações, no entanto, existiam exclusivamente pela sua vontade. “Não foi como Washington ou San Martín, apenas o comandante de um exército revolucionário”. Foi o pai da Revolução. É certo que venceu porque o povo o apoiou. Esta verdade salta logo aos olhos do leitor menos prevenido. Enquanto os revolucionários não souberam interessar o povo na luta, as derrotas se sucediam ou as vitórias não conseguiam ser consolidadas. Bolívar, com sua genial visão dos problemas mais complexos, imediatamente percebeu que nada adiantaria expulsar os espanhóis se não desse ao povo, mesmo ao povo inculto e faminto, uma consciência revolucionária, isto é, se o povo não tivesse também o seu interesse na luta que se travava. O erro de Miranda não seria repetido por ele, depois do

fracasso da primeira República. “O espírito de um escravo – escreveu – raramente se eleva o bastante para dar valor à liberdade organizada”. Essa preocupação em proporcionar ambientes livres e constituições sadias ao povo, é absorvente em Bolívar. A “carta da Jamaica”, admirável e lúcido ensaio sobre problemas políticos e sociais, está repleta de conceitos que revelam uma argúcia e um conhecimento dos mais sólidos e equilibrados sobre a arte de governar. Arte que ele, aliás, não fazia a mínima questão de praticar. Queria, isto sim, que o chamassem de “bom cidadão”.

Conhecendo a natureza humana, sabia, também, analisar a sua própria natureza. Tinha plena consciência da força magnética irradiada pela sua presença. Todas as rivalidades eram esquecidas e as dissensões desapareciam quando ele chegava. Era como “um raio purificador”, que afastasse, com a simples presença, as nuvens borrascosas que constantemente vinham perturbar a paz e o progresso das nações ainda hesitantes nos rumos a serem seguidos. Por isso considerava-se um homem perigoso num governo popular, e uma ameaça imediata à soberania nacional. “Apenas cidadão eu desejo ser, para garantir minha liberdade e a liberdade dos demais. Trocai, eu vos imploro, todos os meus títulos pelo de bom cidadão”. Rourke considera hipócritas essas afirmações. A verdade, no entanto, é que elas não passam de corolários a dezenas de outras idênticas. E todas transbordantes da sinceridade de que os seus atos pessoais são a garantia mais palpável. “Quem é que pode falar de liberdade sob uma ditadura? Apiedemo-nos, igualmente, do povo que obedece e do homem que dirige sozinho”, disse ele, certa vez.

Bolívar é muito vasto e complexo para ser apanhado assim de um golpe. Não há exagero algum em considerá-lo o maior dos sul-americanos e um dos maiores homens do mundo. Sua vida é um exemplo para todos os tempos e todas as idades. Em nenhum momento, no entanto, será mais útil e benéfico um contato com as suas ideias e os seus feitos do que neste que atravessamos. Bastaria lembrar que a ideia da primeira conferência pan-americana foi sua. Chegou mesmo a traçar todo um esplêndido programa para que num congresso permanente – a ser reunido pela primeira vez no Panamá – se discutissem e fixassem as normas que os Estados sul-americanos deveriam seguir, com o louvável intuito de defender seus interesses na paz ou na guerra, com as nações de outras três partes do mundo. O que então escreveu ainda hoje possui uma atualidade desconcertante. Acontece que ele não era somente um homem de ação, mas também um profeta. Mas, como diria Kipling, isso já é outra história. O melhor mesmo é lerem o livro de Rourke. Aos que nada ou pouco sabem sobre Bolívar, será uma revelação. Aos estudiosos, uma excelente amostra

de como pode se escrever um livro histórico que se lê como um sensacional romance de aventuras.

CAVALHEIRO, Edgard. *Biografias e biógrafos*. Curitiba: Guaíra, 1943, p. 11-14. (Caderno Azul, 12).

Biografias

Nota da pesquisa: capítulo publicado, com modificações, como artigo em 27 abr. 1941, em *O Estado de S. Paulo*, São Paulo.

Uma estatística sobre o movimento editorial na Inglaterra, durante o ano de 1938, revela um decréscimo acentuado em todos os gêneros literários, menos no referente aos estudos críticos e biográficos, os únicos a conseguirem aumento em quantidade sobre o ano anterior. Se tivéssemos o hábito das estatísticas, com toda certeza verificaríamos fato idêntico entre nós, tanto na produção de original como na escolha das obras a serem traduzidas.

Inúmeras teorias já apareceram com o intuito de esclarecer e justificar o porque desse absorvente recuo ao passado, dessa inquieta ressurreição dos mortos e, sobretudo, da indiscutível preferência do grande público pelos estudos biográficos. Entre muitas outras generalizações sobre o assunto, destaca-se aquela que dá como causa primordial do predomínio do gênero biográfico, o “declínio do valor humano dentro da sociedade moderna, onde o indivíduo isolado cada vez mais desaparece na massa popular”, resultando disso a procura de compensação através das reconstituições críticas ou históricas dos grandes personagens, daqueles “que ultrapassaram as medidas normais da espécie”. No fundo, como acentuou o sr. Genolino Amado, uma tentativa desesperada de salvar, “através das intelectualidades empolgantes, o ideal ameaçado do individualismo”.

Outro ensaísta, porém, afirma que essa febre de reviver ambientes ou figuras do passado traz, em si, simplesmente, a necessidade insopitável de exteriorizar pensamentos, trabalhar ideias, de certa forma peadas por fatores políticos, numa fuga angustiada dos tempos presentes. Nessa fuga dos tempos presentes, vai muito da tragédia do intelectual diante dos problemas contemporâneos, problemas que na maioria das vezes nem sequer pode comentar, quanto mais analisá-los.

As explicações contudo, não param, aí. Viana Moog, por exemplo, considera que os biógrafos constituem, a partir de Plutarco, “a grande paixão das épocas em que determinado tipo de civilização está prestes a corromper-se”. Nos tempos que correm, completa o biógrafo de *Éça de Queirós e o século XIX*, “chega-se a ter a impressão de que os escritores pressentindo que a decadência é já fatal e talvez irremediável, já não se preocupam com outra coisa que não seja fazer o inventário dos grandes nomes da cultura em pleno naufrágio”. À conclusão quase semelhante chega outro ensaísta, ao afirmar que o “fenômeno da biografia no tempo atual não exprime tanto as forças das personalidades do presente”. Não é essa, no entanto, a opinião do sr. Tristão de Athayde, para quem a “biografia representa uma face de nossa moderna sedução pela verdade, pelas coisas concretas, por tudo o que representa um reflexo do “ser”.

Seria fácil continuar transcrevendo. As citações se multiplicariam indefinidamente. O certo é que todos esses esclarecimentos só nos trazem meia verdade, fato aliás normalíssimo em todas as generalizações. Tirando-se, no entanto, a média desses modos de ver, a que resultado chegaremos?

Em lugar de responder a essa pergunta, – o que nos levaria a uma outra generalização que exprimiria sem dúvida outra meia verdade – vejamos no que consiste a biografia tal como é praticada atualmente. Para isso, nada mais lógico do que o seu estudo através dos mestres do gênero. Passando-os em revista, analisando seus métodos e ideias, com certeza chegaremos a compreender o interesse dos leitores por ela, interesse oriundo não somente do valor intrínseco da obra como documento artístico, como afirmaram apressadamente, mas sim, e sobretudo, como documento humano, como mensagem espiritual, como reconstituição de épocas e ambientes do passado. É claro que jamais chegaremos a uma certeza, a uma fórmula exata e precisa. O terreno é acidentado, escorregadio e, em se tratando de esquematizar assunto tão amplo e complexo, o mais que se poderá atingir será a exposição do problema, na esperança de que a conclusão se imponha por si mesma, de que a verdade (fugitiva e duvidosa verdade) salte finalmente aos olhos de qualquer um. Aliás, pouco importa neste caso a fórmula, a definição. Por isso mesmo preferimos abordar o problema num sentido antes narrativo que interpretativo. Mas para atingirmos os modernos, aqueles que tornaram o gênero acessível, ou melhor, transitável, precisamos, antes de mais nada, nos deter um pouco no pai de todos, o grande e vivíssimo Plutarco.

CAVALHEIRO, Edgard. *Biografias e biógrafos*. Curitiba: Guaíra, 1943, p. 17-27. (Caderno Azul, 12).

Plutarco: o pai da biografia

Nota da pesquisa: capítulo publicado, com modificações, como artigo em dez. 1942, na *Revista do Brasil*, Rio de Janeiro.

Por uma curiosa coincidência, e um não menos curioso contraste, os maiores biógrafos da antiguidade – Suetônio, Cornélio e, sobretudo Plutarco – não nos deixaram pormenores de sua vida íntima. “Todos os três”, escreve E. Barrioberto y Herran, “cansaram-se de investigar os detalhes necessários para retratar e engrandecer as personalidades dos varões ilustres. Todos eles falaram de proezas e cantaram glórias dos outros, mas nenhum só escreveu a respeito de si próprio”.

A observação diz respeito aos fatos quotidianos, aos pequenos ou grandes dramas interiores, àquilo enfim que constitui a essência e a razão de ser de todos nós. Quanto ao que eles pensaram, souberam ou realizaram, aí o temos nas obras que chegaram até os nossos dias. De uma certa maneira, ao escrevermos, não fazemos senão nos confessar, senão exteriorizar ideias ou sentimentos pessoais. Plutarco, por exemplo, muito falou de si, do que pensava a propósito dos problemas da época, quais as suas reações diante do momento histórico que vivia, ou do que o precedeu. Mas sua vida íntima é pouco conhecida. A principiar da data do seu nascimento, que uns dizem ter sido o ano 50 da era Cristã, outros o ano de 48, e outros ainda 49, e até mesmo 51. Cheronéia, na Beócia, serviu-lhe de berço. Pertencendo a uma família tradicional, foi criado num ambiente culto e amável, respeitoso às tradições religiosas e morais. Ao que ele próprio nos conta, ainda adolescente seguiu em Delfos as lições do filósofo Ammonius. Viajou depois pelo Egito e pela Ásia, estabelecendo-se, finalmente, na Itália, onde ensinou filosofia e exerceu a profissão – então frequente – daquilo que Charles Lévêque chamaria mais tarde de “médico de almas”. Recebendo os discípulos e dando-lhes conselhos sobre questões de moral, começou Plutarco a compor as “Obras Morais”, coletânea de trabalhos muito diferentes entre si, tanto pela natureza quanto pelo tema, forma e caráter literário. Tratando de filosofia ou história, moral ou física, higiene ou antiguidades clássicas, ele conserva sempre aquele cunho didático que embora não prejudique totalmente a leitura, não a isenta, contudo, de certa monotonia.

Deixando Roma, Plutarco regressa a Cheronéia e ali continua não somente a escrever, como também a desempenhar funções políticas, mesmo as mais elevadas. Viajava, por vezes, pela Grécia, mas a maior parte de seus dias passou na cidade natal, cercado de consideração,

ensinando, trabalhando pela elevação espiritual dos seus patrícios, compondo a grande obra que o imortalizaria. Morreu aos noventa anos de idade. Assim como é desconhecida a data exata de seu nascimento, também a da sua morte não é precisada por nenhum dos que o estudaram. Sabe-se, isto sim, que das 210 obras que deixou, apenas 130 chegaram aos nossos dias, e ainda assim, há quem aponte entre essas 130, numerosos trechos apócrifos. O que nos interessa, porém, é o Plutarco biógrafo, o autor das *Vidas paralelas*, desses excelentes perfis que tanto influíram sobre a humanidade e dos quais chegaram até nós somente 46. Número suficiente, está claro, para permitir qualquer juízo sobre a sua importância como criador de um gênero literário que já atingiu um grau de evolução suficientemente elevado para justificar estudos e ensaios.

Plutarco é, sem dúvida alguma, o mais vulgarizado de todos os escritores da antiguidade. Montaigne dizia ser ele o autor preferido para as suas meditadas leituras e Shakespeare inspirou-se em trabalhos seus. Rousseau – tantas vezes ácido, quase sempre revoltado e cansado dos artifícios do mundo – ao lembrar os historiadores mais convenientes como leitura para os jovens, depois de passar em revista os clássicos mais importantes – Políbio, Salústio, Tácito, Tucídides, Heródoto ou Tito Lívio – volta-se para Plutarco e para as biografias escrevendo: “Preferiria a leitura das vidas particulares, para começar o estudo do coração humano, porque então por mais que o homem se esconda, o historiador o perseguirá por toda a parte não lhe dando quartel, não lhe permitindo nenhum esconderijo onde possa livrar-se do espectador”. E endossando a frase de Montaigne – “em matéria de livros a história é a minha predileção” – faz a apologia de Plutarco, a quem não imputa nenhum dos graves defeitos que via nos historiadores anteriormente passados em revista. Se Rousseau não viu os defeitos na obra de Plutarco, muito menos Montesquieu, ou Emerson. Este último dizia ser as *Vidas* uma “Bíblia de Heróis”, e afirmava que enquanto durassem os livros, continuaríamos redescobrimos eternamente a Plutarco.

É verdadeiramente único o caso do autor de *Vidas paralelas*. Enquanto a maioria, ou todos os escritores do seu tempo (e neste “seu tempo” vai uma elasticidade muito grande) somente continua sendo lida como material de estudos ou de consultas, ele continua a ser percorrido com o prazer das grandes descobertas, dos grandes encontros que marcam datas na existência de todos os leitores. Um Suetônio ainda interessa, não há dúvida, principalmente pelo picante de suas revelações, pelo lado anedótico que soube explorar com tanta graça. Não é sem proveito que se percorre a sua crônica em torno da vida escandalosa dos Césares. Também Cornélio Nepote, com seus *Capitães ilustres*, ou Tácito, com o elogio do seu sogro

(*Vida de agrícola* é, sem possível contestação, uma obra prima no gênero) ainda são legíveis. Mas nenhum mantém, para os nossos dias, o sabor de Plutarco. Seguro como retratista, preciso como historiador, serve há quase dois mil anos de receita para todos quantos se infiltrem pelo gênero biográfico. Seus perfis permanecem de pé, possuem vitalidade e alma. É certo que a crítica tem repetido que muitas vezes as suas aproximações são mais engenhosas do que propriamente sólidas. Não é menos certo ter sido ele censurado por inexatidões históricas. Mas trabalhos como “Cícero” ou “Demóstenes”, “Alexandre” ou “César”, resistem, indiscutivelmente, às mais acuradas e exigentes análises. E quanto à verdade histórica, oh! Como são versáteis e contraditórios os historiadores! “Sirvo-me da história”, escreveu Plutarco, “como de um espelho ante o qual procuro de certo modo compor e assemelhar a minha vida às imagens que se me apresentam”. Que importa uma data inexata ou um pormenor duvidoso? Vale mais, acentua ele, examinar o caráter e os costumes do personagem através da sua conduta política, do que discutir essa ou aquela data, este ou aquele detalhe de importância secundária para a clara compreensão do homem, sobretudo do homem íntimo. Sem esquecer de que este é um produto do meio, também é preciso lembrar o que ele possui de individual, de ímpar. Está claro, portanto, que os paralelos de Plutarco dizem respeito mais às ações públicas do que propriamente às particulares. Deixando de lado o que há de frágil nessa procura de figuras similares – ponto de partida do nosso biógrafo – somos obrigados a reconhecer que a maioria das *Vidas* poucas restrições comporta, mesmo hoje, com todas as vantagens de que podem dispor os biógrafos modernos.

O que salva Plutarco é a maneira extremamente hábil por ele empregada no levantamento da existência dos seus ilustres varões. Tão hábil e feliz é esse método, que hoje voltamos a ele, se não integralmente, pelo menos em parte. O princípio que o norteava – o confronto de um grego com um romano; para mostrar que tanto um como outro tinham sido excelentes e se deviam estimar – não poderia deixar de prejudicá-lo. A verdade, porém, é que tal confronto só em parte era por ele lembrado, e assim mesmo só como ponto de partida. Ao se aprofundar no estudo do caráter e das ações dos seus biografados, sabia fazê-lo sem as possíveis restrições que a intenção inicial implicaria. Tanto isso é verdade, que a leitura de qualquer desses trabalhos, feita isoladamente, nada perde. Mantém uma unidade absoluta e completa-se sempre da forma mais convincente. Se a prosa é um tanto rebuscada, se as divagações morais prejudicam o conjunto, ou se a intenção moralizadora faz com que um ou outro retrato perca algo de sua força, ainda assim o que resta é muito, é mais do que se poderia esperar de quem escrevia no seu tempo e nas suas condições. No fundo, o que

Plutarco jamais deixou de ser, foi um hábil e arguto psicólogo. Possuindo uma capacidade rara e invulgar para explicar sociedades e temperamentos os mais diversos, sabia também como poucos explorar o detalhe pitoresco, a nota humana dessas experiências que pretendeu apresentar como modelos. Sim, Plutarco em momento algum esquecia que o seu herói era um ser humano, com defeitos e virtudes inerentes a todo indivíduo. Procurava, no intrincado das suas ações públicas, a essência do homem, do homem cotidiano. Examinava o caráter e as disposições de espírito de todos eles em relação aos fatos históricos ou pretensamente históricos, sem esquecer, porém, de extrair nas conversas com “pessoas instruídas”, o conhecimento daqueles pormenores que escaparam aos historiadores e que, fielmente conservados na memória dos homens, se tornaram notórios. Não era, como à primeira vista possa parecer, um incondicional adorador de heróis, nem tão pouco, como acentua John Macy, mostrava “esse patriotismo cego que exalta por sistema, fora de conta e medida, tudo quanto pertence à pátria. Compreendia profundamente o caráter humano; razoável e moderado quanto aos padrões éticos dos tempos, fugia à bombasticidade moralística. Tinha, além disso, sólido conhecimento do meio ambiente em que evoluíam aquelas vidas de homens”.

Não há dúvida de que um conhecimento imperfeito ou superficial da obra de Plutarco, tem levado muita gente a falar com exagero na intenção moralizadora das suas biografias, no caráter “pedagógico” que ele teria imprimido a todos os seus trabalhos. Engano julgá-lo simples apologista, Também soube fazer crítica e suas reflexões são, muitas vezes, profundas e justas. Também soube exprimir-se em termos cáusticos e suas cutiladas atingem, quase sempre, o alvo premeditado. Aliás, ele mesmo nos conta um fato bem ilustrativo, como que se defendendo antecipadamente dos seus futuros analistas. Os antigos espartanos, durante as festas, faziam com que seus prisioneiros bebessem desbragadamente. Chamavam, depois, os jovens para que vissem com seus próprios olhos a deformidade que a embriaguez causava. “Está claro”, comenta Plutarco, “que não achamos nem muito humano nem muito moral procurar a correção de uns pela desgraça dos outros. Não pelo prazer de divertir ou de variar o quadro, mas sim pela maneira como Ismênia de Tebas procedia com os seus discípulos, isto é, fazendo-os ouvirem um bom flautista e depois um mau – “Assim se deve tocar” e “Assim não se deve tocar” -, eis a lição correta, humana. Antigenidas, conclui Plutarco, “acreditava que os jovens ouviriam com mais prazer um bom flautista depois de terem ouvido um mau. Do mesmo modo parece-me que nos dedicaremos com mais ardor a observar e a imitar as vidas equilibradas e boas se não desconhecemos as viciosas e malignas”. Não podemos, portanto, falar indiscriminadamente em “varão de Plutarco”, para designar um homem de virtudes

superiores, pois ele narra, também, vidas como a de Demétrio Poliorcetes, Antônio, o Triunviro ou Artaxerxes, exemplos nada dignos de serem imitados. “Só a virtude”, escreveu a propósito de Péricles, “pela sua força irresistível nos atrai, comanda a nossa vontade e forma os costumes com os exemplos que nos oferece”. Isso não impede, todavia, que ele reconheça existir nos caracteres extraordinários tanto os grandes vícios quanto as grandes virtudes. Sabia, no entanto, ser inútil insistir nas existências que nada ensinam, ou melhor, que só ensinam o lado mau da natureza humana. “Escrevendo história assiduamente e aplicando-nos no seu estudo, preparamo-nos para receber em nossas almas a memória dos maiores e mais ilustres varões, e para afastar e renegar o ruim, o mau, o ignóbil que nos rodeia, voltando nosso espírito, plácido e benigno, para os mais belos modelos”.

Como vimos, para exaltar o belo, necessário se torna, antes de mais nada, conhecer o feio. Lidando com homens superiores – ou que ele assim julgava -, não desconhecia os inferiores, aqueles que não passam de “nódoas das virtudes humanas”. Preferia, contudo, ocupar-se dos primeiros. Para bem compreendermos a atitude de Plutarco será preciso lembrar que entre os romanos – no seu tempo -, não existia, como acentua Hartmann, uma classe sacerdotal fixa. Os que presidiam o Estado presidiam também a religião, embora fossem sacerdotes somente no nome. Aos filósofos cabia a tarefa de transmitir os preceitos morais. Eram, na realidade, os verdadeiros sacerdotes, embora não tomassem parte nas cerimônias ou ofícios religiosos. Seu único ofício consistia “em doutrinar os homens, admoestá-los, censurá-los quando preciso, consolá-los na adversidade, levantar-lhes o espírito, afastar as penas e dores que os afligiam e, chamados ou não recomendar ou trazer aos doentes o remédio necessário”. Charles Lévêque chamou-os, admiravelmente aliás, de “médicos de almas”. Nenhum o foi com mais sabedoria e constância do que foi Plutarco. Somente que, em lugar de limitar-se a escrever as páginas das *Obras morais* – o que lhe daria um lugar entre dezenas de outras figuras apagadas da época – empreendeu a tarefa grandiosa e extraordinária de reduzir a história antiga a uma galeria de personalidades representativas, reproduzidas com absoluta unidade de método e visando particularmente – e neste detalhe vai muito de sua glória – os elementos psicológicos e éticos, em lugar dos simplesmente históricos ou morais. O título *Vidas paralelas*, – como notou Luiz Alberto Sanchez, é falso, não exprime o verdadeiro sentido da obra. O paralelo é, se assim podemos dizer, mero ponto de referência, tentativa simbólica de bitolar existências que no fundo são sinuosas e surpreendentes, vivas e desiguais. E ninguém melhor do que Plutarco sabia da diferença entre os seres humanos. Não faz paralelos no sentido de somente encontrar pontos correlatos, mas também divergentes. Nada

disso, entretanto, tem importância fundamental. O que importa é a segurança dos retratos, a habilidade desse caçador de analogias pitorescas que soube, como nenhum outro de sua época, tirar partido de uma anedota, de um pormenor aparentemente trivial. O que espanta – sobretudo quando se percorre a história da biografia através dos tempos – é o desprezo dos historiadores que o sucederam, pelas lições por ele deixadas. O pitoresco, a graça, a amenidade das suas incursões eruditas – ao falar das fontes de nafta da Babilônia ou da natureza ígnea do seu solo, por exemplo – nada disso foi aproveitado, tudo foi desprezado. No entanto, aquilo que menos importante nos parece na sua obra – a intenção moralizadora, a finalidade educativa – foi aproveitado e imitado até o abuso. A louvação constituiu, durante séculos, o prato de resistência de todos os biógrafos, a razão de ser de todas as biografias. Louvação pura, sem o mínimo sentido crítico ou histórico. Que representa a biografia vindo depois dele se não um conjunto de história de santos, mártires ou reis sem a mínima graça e humanidade? Esse sentido de análise minuciosa e paciente que encontramos em Plutarco – e o seu método de contar em primeiro lugar os atos de herói para depois fazer referências ao caráter e ao ambiente não deixa de ser muito agradável – desaparece completamente da obra dos seus sucessores. Tanto assim que é difícil, senão mesmo impossível, apontar marcos ou pontos de referência durante séculos. Nada interessa, pouca coisa será legível ainda hoje. Somente a partir do século XVIII ou XIX – quando surgem figuras como Carlyle, Emerson, Stirner, Macaulay, Michelet, e outros – é que o gênero começa a readquirir vitalidade e alma, que já estão presentes nas *Vidas paralelas*. E com Lytton Strachey o biografado deixaria de ser simples e amorfa figura histórica para se transformar num ser humano, com todos os defeitos e virtudes dos seres de carne e osso.

CAVALHEIRO, Edgard. *Biografias e biógrafos*. Curitiba: Guaíra, 1943, p. 31-40. (Caderno Azul, 12).

Lytton Strachey – O precursor da biografia moderna

Nota da pesquisa: capítulo publicado, com modificações, como artigo em 5 nov. 1939, na *Folha da Manhã*, São Paulo, e em 27 abr. 1941, em *O Estado de S. Paulo*, São Paulo.

Ao autor de *A Rainha Vitória* cabe, com muita justiça, o título de precursor da biografia moderna. Que era a biografia antes dos seus *Estudos Vitorianos*? “Quem não conhece esses dois grossos volumes com a sua massa de materiais mal digeridos, o estilo

descuidado, um tom de morno panegírico, uma lamentável ausência de escolha, de desprendimento e de construção, com os quais costuma honrar os nossos mortos? São-nos tão familiares como o cortejo das pompas fúnebres e trazem todos o mesmo ar de lenta e lúgubre barbaria. Perguntamo-nos, muitas vezes, se eles também não são obras de pompas fúnebres e o último artigo do seu contrato”.

Assim escreveria, por volta de 1918, com o pensamento voltado para as biografias em voga na Inglaterra e, com raras exceções, no mundo, Lytton Strachey, que não passava então de um autor conhecido somente pelo círculo restrito de amigos. É verdade que pouco ou mesmo nada se escrevera que justificasse aplausos especiais. *Etapas da literatura francesa*, sua obra de estreia, aparecida em 1912, não trazia nada de novo, não passava, em verdade, de mais um livro entre centenas de outros surgidos nesse ano. Nem mesmo *Livros e caracteres*, escrito em seguida, conseguiu atrair para o crítico e ensaísta certa notoriedade, por vaga que fosse. Somente em 1918, ao lançar *Eminentes Vitorianos*, sentiu-se Strachey cercado por uma onda de interesse. Contava então trinta e oito anos de idade.

A situação da biografia como gênero literário, salvando as clássicas exceções, era simplesmente lamentável. Massudos e indigestos volumes com pretensão a ciência histórica serviam de duplo túmulo aos heróis evocados, de última pá de cal nas vidas que tentavam tirar do esquecimento, para exemplo das gerações que surgiam. Falamos em heróis evocados e não sem fortes razões, pois será fácil verificar que até essa época quase somente os heróis e os santos serviam como material digno de estudos. “A biografia clássica”, acentua Luiz Alberto Sanchez, “sofria de um defeito essencial: o biografado surgia desde o berço predestinado a grandes façanhas”. O culto do herói, de que a obra de Carlyle é o exemplo mais típico, era condição indispensável, constituía o prato de resistência de todos esses exaltadores do mais ferrenho individualismo. Em geral, desumanizavam o homem, divinizando-o. Para sermos mais precisos: em lugar do homem apresentavam o super-homem. Carlyle, Taine ou Emerson continuavam, de certa forma a intenção moralizadora, acentuada em Plutarco e levada ao exagero pelos seus continuadores. “A procura de um grande homem”, escreveu Emerson, “é o sonho da mocidade, e a mais séria ocupação da idade viril”. Tudo o mais era relegado para um plano secundário ou pior ainda, não existia. Não existia, por exemplo, a vida íntima, a realidade social, os defeitos inerentes a todos os indivíduos. Desconheciam, de caso pensado, os dramas de alcova, as condições ambientes. Ignoravam o homem doméstico, para nos apresentar, somente, o homem público. Supervalorizavam o indivíduo sem levar em conta o meio, quando todos nós sabemos que a vida de cada um não passa, em última análise, de um

nítido reflexo das condições em que nascemos e nos formamos, moral e espiritualmente. Para não irmos muito longe, exemplifiquemos (os exemplos são sempre úteis) com o caso particular da Inglaterra. Mesmo porque foi deste país que partiu a grande estrada aberta por Lytton Strachey. Basta percorrer os *Ensaios históricos* de Lord Macaulay, para que se tenha uma ideia de como honravam os grandes mortos, de como procuravam afastá-los da presença dos leitores interessados em devassar-lhes a existência. Macaulay comentando tais obras, ou aproveitando-as como simples pretexto para os seus admiráveis ensaios, faria trabalhos com vezes mais meritórios e legíveis do que os vastos e maciços calhamaços que lhe vinham ter às mãos. Como percorrer, na verdade, os dois volumes de “In 8”, de Thomas Campbell sobre “Frederico II”, ou os três volumes também “In 8” do major general Sir John Malcolm, sobre Lord Clive? Convém ressaltar que estamos mencionando obras pertencentes ao século XIX, pois em períodos anteriores o que se pode enumerar não passa de apologias de Santos e Beatos. A propósito da obra de Sir John Malcolm sobre Lord Clive, Macaulay acentua que apesar do interesse pelo assunto, não crê que a maior parte dos leitores possa suportá-la, pois a maneira como tal assunto é apresentado, não só lhe parece “insípida, mas positivamente animada” para atrair a atenção dos curiosos? Não será em Sir John Malcolm que o encontraremos. Macaulay vai mais longe e aponta outros historiadores, entre os quais Orme, “minucioso até o aborrecimento”. Além da absoluta falta de senso crítico, tais historiadores, como ficou acentuado, desprezavam o homem cotidiano para somente atentarem no homem público. O resultado eram verdadeiros relatórios, insípidos e sem graça, destinados a meia dúzia de pacientes leitores.

Torna-se, portanto, perfeitamente compreensível o êxito de *Eminentes vitorianos* entre o público leitor e a própria crítica, em geral sempre prevenida contra os inovadores. Não só pelo fato de que Lytton Strachey vinha encarar aquelas figuras num sentido mais humano, como também pelo cunho artístico que soube imprimir aos seus incisivos e preciosos retratos, é que o volumezinho alcançou a repercussão obtida. É preciso levar em conta que o período vitoriano ainda constituía tabu para os historiadores. Tratavam-no com demasiado respeito, à distância, evitando detalhes, naquele “tom de morno panegírico” referido por Strachey. Um denso véu pairava sobre os homens que consolidaram o projeto britânico. Quase intangíveis na respeitabilidade um tanto pitoresca de seus trajes severos e dos seus arraigados preconceitos, tais homens ainda não tinham sido objeto de análises. E Lytton Strachey, que vinha fazer? Antes de mais nada retirar a história do domínio puramente científico. Alijá-la de datas e nomes que a tornavam intransitável para o leitor comum. “Que outra coisa poderá ser

ela, senão uma arte?” exclama ele, justificando em seguida seu ponto de vista com estas palavras: “Que se tenha podido, não somente levantar mas discutir seriamente a questão de saber-se se a história é uma arte, não deixa de ser, certamente, uma das curiosidades da loucura humana. Evidentemente a história não é uma acumulação de fatos e sim a narração deles. Os fatos que dizem respeito ao passado se forem reunidos sem arte, são compilações, e as compilações, sem nenhuma dúvida, podem ser úteis, porém, elas não são mais a história da mesma forma que a manteiga, os ovos a salada e o alho não são uma omelete”.

Verificamos, por esse trecho, que Strachey trazia uma concepção da história até então desconhecida pelos seus predecessores. Trazia para a história da arte, a forma artística de apresentar um assunto, em lugar da simples e monótona acumulação de feitos e datas. Claro que somente isso não daria vida a trabalho algum. Assim é que nos previne que as diferenças entre os homens são mais de ambientes do que de individualidades. “Torna-se indispensável, portanto, relacionar o homem ao meio”. E foi relacionando-o ao meio, com a coragem que outros não tiveram de apanhar flagrantes íntimos e esclarecedores dos seus retratados e de apresentá-los como seres humanos, e não como figuras legendárias, que Strachey, talvez sem o saber, abria caminho para um gênero que iria fazer a glória e a fortuna de muitos autores, ao mesmo tempo que permitia a ressurreição de inúmeros mortos sepultados pela lousa comum e pelos vastos calhamaços com que procuravam honrá-los.

Era inevitável o choque contra convicções e tradições há muito pré-estabelecidas. Onde se viu tamanho desrespeito com vultos da eminência do cardeal Manning, Florence Nigthingale, o general Gordon e outros? André Maurois acentuou que *Eminentes vitorianos* teve a grande virtude de desviar “toda uma geração da ênfase, tanto do estilo como do coração”, e de libertar inúmeros espíritos presos a uma convenção histórica totalmente fora da realidade. “O livro de Strachey foi para eles uma libertação, tanto mais livremente apreciada quanto a ironia era ali velada de aparente candura, e a maldade de traço, envolta em uma forma deliciosa”. No entanto, *Eminentes vitorianos* não representa senão o primeiro passo, não é mais do que um simples ensaio para a obra em preparo e que surgirá pouco depois sob o título de *A Rainha Vitória*. Trata-se não somente da sua melhor obra como também de um dos maiores trabalhos do gênero. Num certo sentido, o maior. Tomando o leitor pela mão e levando-o ao passado, entre uma agudíssima observação e uma nota do mais fino humor, como um cicerone que fosse ao mesmo tempo admirável “causeur”, ele consegue o milagre de fazer o leitor, neste ano de 1941, nesta cidade de S. Paulo, ou em qualquer outra cidade de qualquer país, ele consegue, dizíamos, o milagre de fazer o leitor participar, comovidamente,

da triste viuvez da grande Rainha, ou dos aborrecimentos do seu consorte, rainha ou príncipe que estiveram sempre tão distantes das nossas cogitações. Consegue o milagre de fazê-lo interessar-se até pelas figuras secundárias ou pelos acontecimentos de significação puramente doméstica. A causa? Acontece que, por detrás da Rainha, Príncipe, Lords ou Nobres, ele foi descobrir o homem, o ser humano com todas as suas virtudes e os seus defeitos, criando com a sua prosa colorida e movimentada, não um monumento de bronze, mas seres humanos, com sentimentos humanos. Em traços firmes, talvez levemente caricaturais em algumas páginas, ele faz desfilar, a par da série de acontecimentos mais importantes da época, as figuras representativas, aquelas que nem por serem comparsas são menos importantes. Se nos inteiramos minuciosamente do grande amor de Vitória por Alberto, nem por isso deixamos de travar relações com os personagens que gravitam ao redor da coroa. Lord Melbourne, Peel, Palmerston, Disraeli, o rei Leopoldo, o barão Stockmar e outros mais que, com o seu quê de ridículo ou de nobre, ou simplesmente normais, se apresentam, diante da Rainha como diante dos leitores, com seus “tiques” e manias argutamente fixadas. E como sabe dizer muito em poucas palavras! “O retoque”, escreveu Hermine Halla-Hipwell, “é sempre airoso, a visão sublime e ampla, o sentido do humor, ingênuo se adapta perfeitamente ao assunto”.

Em *A Rainha Vitória*, onde desfilam sessenta anos de um reinado repleto de acontecimentos dos mais significativos de um século que tantas transformações sofreu, Strachey não ocupou senão trezentas e poucas páginas. Digno de nota é o fato de que ele aprecia os detalhes, deles se socorre constantemente. Mas é sempre um detalhe essencial, jamais supérfluo.

Em *A Rainha Elisabeth* não é menor a perfeição de traços, nem o poder de síntese. Poucas histórias estarão envoltas em tantas lendas como a desta complexa e contraditória filha de Henry Tudor. Note-se que Strachey somente a publicará sete anos depois de *A Rainha Vitória*. Ele mesmo escreveu sobre a longa preparação para compô-la. A espera e o tempo empregado não foram inúteis, pois toda a dramaticidade deste trágico drama de amor freme e palpita nestas páginas densas de humanidade.

Dono de uma bagagem reduzida, Strachey somente voltará ao livro depois de *A Rainha Elisabeth* com um volumezinho de ensaios – *Retratos em miniatura*. Tipo do descritor consciencioso, profundamente honesto nas suas interpretações, só se atrevendo a redigir depois de prolongados estudos e meditações, sua obra, como acentuou André Maurois, é toda levantada num estilo onde “a finura de nuances vai, às vezes, até a preciosidade”. Em *Caracteres e comentários*, livro póstumo onde reuniram 25 ensaios compostos em diversos

períodos, ao longo da sua carreira literária, podemos observar, com toda clareza e precisão, o equilíbrio e a segurança com que se atirava aos seus trabalhos, do menor ao maior.

Não faltou quem visse no escrúpulo de Strachey, na sua paixão pela pesquisa e pelo documento original, uma certa contradição com os princípios por ele defendidos na elaboração das biografias ou estudos críticos que nos deixou. A contradição é só aparente. Se ele investe contra o ceticismo puro na história, isso não implica, absolutamente, no desprezo pelos documentos originais, embora reconheça que o essencial na vida de um homem nem sempre se encontra nesses documentos. “Há conversas”, diz ele, “que não deixaram nenhum traço e que transformaram a terra”. Tornar possíveis ou verossímeis tais conversas é uma tarefa que compete mais ao psicólogo do que ao historiador. Impossível, portanto, separá-los. “Treino-me todos os dias em psicologia prática” afirma Emil Ludwig. Claro que a psicologia somente deverá entrar em função depois do trabalho preliminar, que é o da colheita do material, do estudo do meio etc. Concluído tal trabalho, chega o momento no qual encaminhando sua obra não só num sentido histórico mas, sobretudo, artístico e humano, Strachey, sem recuar do caminho traçado, procura demonstrar que o consórcio da história com a arte e a vida é bem mais lógico e aceitável do que o consórcio da história com a ciência. Essa é a grande lição por ele transmitida. Esse é o caminho que abriu aos biógrafos modernos que souberam, felizmente, compreender sua lição e ampliá-la, embora nem sempre com felicidade. O mais curioso é o fato quase sempre virgem na história dos precursores: Strachey não se limita a ser o primeiro apenas pela imposição da cronologia. Conservou o posto, e embora outros mais afortunados conseguissem uma popularidade que ele está longe de desfrutar, nem por isso seus méritos ficaram diminuídos ou anulados. A explicação nos parece clara: apesar de precursor, como bom inglês formado pela “escola vitoriana”, não se atirou audaciosamente aos exageros permitidos aos iniciadores. Manteve-se sempre num saudável e racional meio termo, não fazendo história pura mas evitando cautelosamente a ficção. A biografia em suas mãos transformou-se, assim num esplêndido traço de união entre o romance e a história.

CAVALHEIRO, Edgard. *Biografias e biógrafos*. Curitiba: Guaíra, 1943, p. 43-55. (Caderno Azul, 12).

Emil Ludwig – O psicólogo da biografia

Nota da pesquisa: capítulo publicado, com modificações, como artigo em 6 ago. 1939 (*Folha da Manhã*, São Paulo), 16 set. 1939 (*Revista do Globo*, de Porto Alegre), 14 maio 1941 (*O Estado de S. Paulo*, de São Paulo) e 24 out. 1948 (*Folha da Manhã*, São Paulo), sendo idênticos os primeiros dois citados.

Ao tratar de Lytton Strachey mostramos que a biografia, em suas mãos, deixara de ser simples apologia do indivíduo ou monótona narrativa dos fatos, para se transformar num excelente traço de união entre a história e o romance. Até certo ponto Emil Ludwig segue as diretrizes traçadas pelo autor de *A Rainha Elisabeth*. Apresenta-nos, por exemplo, seres humanos e não monumentos de bronze; despreza o acúmulo de datas e cifras e, embora se confesse discípulo de Plutarco, não nos impõe herói algum como modelo de virtude nem oculta intenções moralizadoras em suas páginas. Procura, isso sim, fazer com que aceitemos o retrato traçado, tirando nossas próprias conclusões, conclusões claramente insinuadas por ele através das ações e dos feitos dos biografados. Em outras palavras: impõe o retrato pela sugestão, faz com que o leitor menos prevenido considere Napoleão ou Bismarck, Hindenburg ou Lincoln, Beethoven ou Michelangelo, Goethe ou Rembrandt, tais como ele os considera. “Dou ao leitor tantos exemplos, que este, finalmente, pronuncia o juízo que eu previra”.

A diferença entre Strachey e Ludwig, no entanto, é muito grande para que os aproximemos sem mais palavras. Os pontos de contato entre a obra de um e a de outro são importantíssimos quando encarados em linhas gerais, isto é, quando verificamos a maneira porque ambos procuraram e conseguiram humanizar seus heróis, dando-lhes vida em trabalhos rigorosamente históricos e artísticos. Se aprofundarmos, no entanto, o exame, veremos que os pontos de divergência são inúmeros e, em certo sentido, fundamentais. Em primeiro lugar, Ludwig não concorda que a diferença entre os homens é mais uma questão de ambiente que de individualidade. Dá pouca importância ao fator sócio-econômico e não parece acreditar no princípio de que o homem é simplesmente produto do meio, ou mero reflexo da cultura em que nasceu e se formou. A não ser ao traçar a história do rio Nilo – e o

fato não deixa de ser significativo – história em que predominam o ambiente e a natureza e não individualidades, ele raramente procurou auscultar as condições sociais ou históricas em que nasceram ou se formaram os seus biografados. Isso não implica, porém, num desprezo absoluto ou num desconhecimento sistemático de princípios tão elementares de sociologia, como à primeira vista possa parecer, mas sim num ponto de vista reforçado por algumas experiências nada desprezíveis, ou melhor, nada desdenháveis. No prefácio de *O Nilo* ele reconhece, embora de passagem e sem dar muita importância ao fato, que em “todo caráter, a infância e a mocidade são determinadas pelo ambiente e pela natureza”. Mas não será pelo ambiente e nem pela natureza que se formarão os caracteres por ele apresentados, pois “não por seu meio, antes pela luta contra o meio”, é que trata de compreender os homens.

Se analisarmos, com alguma cautela, os principais trabalhos de Ludwig, veremos que mesmo essa luta contra o meio se resume quase sempre numa luta interior, num drama de consciência e de caráter do indivíduo que procura, em geral, vencer-se a si próprio e não ao ambiente hostil, simpático ou mesmo neutro. Importa-lhe muito mais a maneira de como o personagem adquiriu a consciência de si próprio do que as condições exteriores que lhe permitiram essa aquisição. Digno de nota, como acentua ao falar de Goethe, não é que este “tenha ido à Itália no ano de 1786, mas que o fizesse quando tinha 38 anos”.

Outro ponto merecedor de exame é o relativo aos sentimentos humanos. Convencido de que o seu número é relativamente pequeno, Ludwig não vê razões pelas quais, como homem, não possa ter sentido ou não possa sentir as mesmas dores ou alegrias dos seus heróis. “Trato de pôr-me no lugar da figura histórica, sempre de acordo com o seu momentâneo estado de ânimo, de tal modo que represento o que sente em seus projetos, decisões, obstáculos, decepções, êxitos e fracassos”. Pouco interesse, portanto, tem para ele as circunstâncias históricas ou sociais que cercavam a personalidade estudada no instante em que o acontecimento, qualquer que fosse, reclamasse uma atitude, uma decisão. O meio não conta para Ludwig e, mesmo narrando experiências ainda não vividas por ele, julga-se capaz de atingir o estado possível de precisar qual a resposta ou gesto a ser feito. Confessa que o momento final de uma grande vida pode, perfeitamente, ser suprido com a recordação de um momento trágico da sua própria vida. Frente à morte, todos os homens sentem a mesma coisa, assim como sentirão a mesma coisa frente a uma vitória ou a uma derrota, a um ato de amor ou ódio. Não há dúvida de que Ludwig exagera e muito nessas considerações. Mas se acompanharmos a maneira como ele prepara e se atira à fatura de qualquer dos sugestivos e atraentes volumes que nos vem oferecendo, talvez aceitemos, pelo menos em parte, algumas

teorias tão habilmente expostas. Sim, algumas teorias, pois a obra encarada quando em conjunto, suporta airoosamente qualquer má vontade, qualquer tentativa crítica, resistindo mesmo ao leitor mais contrário aos princípios do autor. Em qualquer caso, não é possível negar-lhe habilidade e talento.

“Jamais escolhi um homem. Sempre foi ele quem me escolheu”, afirma Ludwig, esclarecendo em seguida que, em princípio, qualquer grande personalidade não é, para ele, diferente de qualquer homem que possa encontrar no Metropolitano. Descobrir, por trás do gênio ou do herói, o homem “com todos os seus traços de homem”, eis a tarefa a que se propõe a si próprio. Não lhe é possível separar a vida pública da particular. Também Strachey assim pensa. Mas vejamos, de preferência, o método de trabalho, a maneira com que desenvolve o livro. Primeiramente, segundo confessa, procura estudar com paixão as fontes de origem, ou seja, retratos, diálogos, cartas e fatos encontráveis de preferência nas próprias obras do biografado, nas suas Memórias ou nas correspondências, tanto pessoal como nas pessoas que direta ou indiretamente mantiveram relações com ele, públicas ou particulares. “É-me preciso conhecer todos os retratos de todas as épocas; sempre tenho em minha mesa, junto ao caderno, o retrato que corresponde ao momento que escrevo, porque o que faço é precisamente pintar essa cabeça”. Já vimos, antes, como ele declara colocar-se dentro da figura estudada, para assim poder sentir as mesmas reações que as possivelmente sentidas por ela. O condicional é nosso, pois Ludwig é categórico e conclui que “o biógrafo não é mais do que um intermediário que toma pela mão direita o herói e pela esquerda o leitor, fazendo passar por seu próprio corpo, ao deste, as correntes elétricas que se irradiam daquele”. E não contente com afirmativa tão clara, reforça-a com esta frase: “Meus escritos, sejam dramas ou biografias, não pretendem senão contribuir para a compreensão do coração humano”. O estudo da história, portanto, pouco ou nenhum interesse tem, pouco ou nada o ajudará na empresa? Veremos que não é bem assim, e que se ao mais fiel documento prefere o mais apagado e inexpressivo retrato, confessa também ter paralisado trabalhos devido ao aparecimento de documentos que vinham alterar a sua primitiva concepção sobre o retrato. Mas a preocupação pelo retrato é das maiores, pois está certo de que o rosto de uma pessoa é verdadeira porta do seu caráter, porta aberta de par em par para todos, porta que o dono não pode fechar mesmo que deseje. “Todas as minhas biografias, comecei-as à vista do retrato que eu conhecia desde muitos anos, antes de abrir sequer outros documentos; para mim, aquele era o documento de valor mais intenso, e, se um pintor mentia, havia outros para a comparação; agora, a fotografia; em tempos passados, a máscara”. Com esse retrato ou

quadro, dia e noite na sua frente, ele conversa, troca ideias, pede-lhe conselhos. Depois começa a recolher anedotas características do conjunto, “uma resposta, um bilhete, uma ordem, um presente, pequenos detalhes que na aparência nada significam...”. Chega, porém, o momento de estudar as fontes, de entrar, embora contra a vontade, nos domínios históricos. Um caderno recebe notas taquigráficas, pequenas frases, pensamentos, detalhes, raras datas, poucos nomes próprios, nenhuma paisagem, alguns personagens secundários, muitos mesmo sem menção dos nomes. Essas notas servirão de base para tudo o que vier depois, pois é essencial que todo o material lido ou consultado desapareça da mesa, que nada mais reste senão o caderninho e a coleção de retratos com o qual durante meses ele conversou, procurando descobrir defeitos e virtudes, tentando penetrar nos sentimentos mais íntimos, procurando, enfim, decifrar a psique do homem que vai ser biografado. Na explicação desse caráter, entrará, então, a experiência do autor e o material moído, reduzido a pó, se transforma noutro, colorido e dotado de uma unidade especial. Dele somente fica a essência e assim mesmo amoldada às convicções do biógrafo e não do biografado. “O que importa são os impulsos do coração; nenhum fato histórico é para mim tão interessante como o estado em que foi pensado, realizado ou sofrido”. Refletir-se nos personagens com o fito de apresentá-los ao leitor para que estes nele reflitam, eis a sua preocupação. Ou, em outras palavras: suprir com psicologia o que nem a história nem o meio explicariam satisfatoriamente. Os recursos fornecidos pela psicologia moderna são os seus grandes auxiliares, as fórmulas mágicas com as quais ressuscita heróis ou simplesmente homens. “Treino-me em psicologia prática todos os dias”, afirma em mais de um momento.

Agora que já verificamos a concepção de Ludwig quanto ao gênero que lhe deu fama e fortuna, e os métodos por ele empregados na fatura dos seus livros, vejamos, objetivamente, o resultado desse esforço, o alcance da técnica por ele criada e as suas consequências. Uma grave falha pode, sem outros exames, ser denunciada no seu método. Referimo-nos à ausência de fontes, ao fato dele não colocar em livro algum a indispensável bibliografia, de tanta utilidade para os estudiosos. Não diz também, no texto, de quem é a informação, onde a encontrou, qual a autoridade em que se apoia para esta ou aquela afirmativa ou negativa. “Como o evoca um amigo de Schubert”, “diz-se quem melhor o reproduziu”, “um admira sua musculatura, outro o classifica de ciclópico”, “diálogos que o pintor português registra”, e por aí afora poderíamos enumerar dezenas ou centenas de frases idênticas, frases que o leitor um pouco mais curioso gostaria de saber a origem. “Quem o classificou assim? Quem é o pintor português?”. Esse despistamento nem sempre é cabível. Impede o confronto, a verificação do

humano desejo de aprofundar certos pormenores. Manda a honestidade que se reconheça, na maioria dos casos, a absoluta veracidade histórica de um Napoleão ou Lincoln, Bismarck ou Goethe, Beethoven e outros. Lembro, a propósito, em favor do autor, uma tradução francesa de Napoleão. A autora, especialista em assuntos napoleônicos, teve a beneditina paciência de rebuscar todas as fontes usadas por Ludwig, ou que ela supunha tivessem sido usadas, pois como é habitual no seu método, não existe pista alguma que facilite tal pesquisa. Desejando oferecer uma tradução tão perfeita quanto possível, não iria, está claro, traduzir, diálogos e frases que o biógrafo levava do francês. Mais interessante, embora mil vezes mais trabalhoso, seria apanhar as frases nos respectivos originais. E assim fez. Para mais de oitocentas citações conseguiu ela coligir. Citações que o autor nem sequer insinuara onde as fora encontrar, citações colocadas sob o “diz-se”, o “contou um contemporâneo”. Podemos calcular o quanto foi trabalhoso tal serviço, uma vez que as citações, quase sempre, só conservavam, da frase original, o sentido.

Mas esta questão não é das mais importantes ou mais graves. São particularidades que interessam de preferência aos historiadores e não implicam num desvirtuamento da verdade, pois o essencial é que o fato ou a anedota exista realmente e não tenha sido inventado ou deturpado. E sobre esse particular a declaração de Ludwig é formal: “É para mim um imperativo categórico; em nenhum dos meus volumes há uma anedota que não esteja comprovada documentalmente”. O que podemos condenar ou aceitar é a interpretação dada, a consequência ou o resultado tirado pelo biógrafo dos documentos, é o desenvolvimento que costuma empregar na narrativa, pois retratar psicologicamente um personagem, como faz Ludwig, não passa, afinal, de uma tentativa de explicá-lo mais de acordo com a sua própria concepção dos problemas que assoberbaram tal personalidade, do que propriamente com a concepção ou ideia que este possuía dos problemas em questão. É encará-lo tendo como ponto de partida a visão do biógrafo, e não a do biografado. Isso acarreta, indiscutivelmente, interpretações arbitrárias, principalmente se levarmos em conta que os grandes homens fogem ao padrão comum, transcendem a toda forma e qualquer delimitação. São figuras ímpares. Mas Ludwig não entende assim. Para ele não há diferença entre Napoleão e o rapazinho do elevador que lhe confessou sentir-se como o grande Corso. A essência dos homens é a mesma. Os destinos cumpridos é que foram diversos. Não há dúvida que há muita verdade nesses conceitos. Resta saber se aplicados objetivamente teremos resultados compensadores. Nenhum volume talvez explique melhor as virtudes e defeitos da psicologia, aplicada aos estudos biográficos, do que *Jesus, o filho do Homem*. Da psicologia, entenda-se, como fim e

não meio, como razão única e não simples acessório. Como bem notou Tristão de Athayde, seria interessante fazer um confronto entre as duas vidas de Cristo: a de Renan e a de Ludwig. Aquele “satisfeito e sentimental, como o século XIX; este, pessimista, hesitante, angustiado, como o século XX”. O prefácio de Ludwig esclarece-nos o porquê desse retrato. Sobre tudo quando ele considera que quase todas as contradições em torno da vida de Jesus resultam da desordem dos textos de Evangelho. Por isso, “introduzindo-se nele a ordem que a psicologia sugere, tudo se torna perfeitamente lógico”. Explica, então, que ao escrever a vida de Jesus não se propunha a expor nenhuma doutrina, mas sim e exclusivamente, narrar a “vida interior do Profeta”. O que lhe interessava no Cristo era a história de uma alma, ou melhor, a “maneira pela qual ele adquiriu consciência de si mesmo, suas intenções e seus móveis de condutor de homens, suas tentações, seus sonhos e suas decepções – o conflito em que uma alma se viu envolvida, entre a certeza e a humildade, entre a confiança e o desânimo, entre sua vocação e a felicidade humana”.

O resultado é o retrato de um profeta que mal suspeitava da missão que lhe fora confiada, ou para a qual estava marcado, o retrato de um Cristo nervoso, vacilante, inquieto, duvidando de sua missão, mais arrastado pelos acontecimentos do que conduzindo-os, criatura contraditória e hesitante, impetuosa e confusa, enfim, como o próprio autor sintetizou, um “profeta que ultrapassou todos os contemporâneos mas que não estava armado para vencê-los”. Para Ludwig chegar a esta conclusão, nada mais curioso do que acompanhar os malabarismos ou os “truques” empregados por ele, seja esquecendo um detalhe, seja acrescentando outro por conta própria, seja baralhando dois ou três atos isolados para tirar um que lhe servisse aos fins visados, seja, principalmente, interpretando certos atos da vida de Jesus por um critério estritamente humano.

Escolhemos *Jesus, o filho do Homem*. Poderíamos ter escolhido Napoleão, Lincoln, Goethe, Rembrandt ou qualquer outro trabalho. A conclusão seria a mesma. O resultado dependeria de ter o autor acertado ou não na sua interpretação. Não se pode negar, por exemplo, o esplêndido retrato de Napoleão, onde ele se afirma não só um profundo conhecedor de psicologia humana como também de história. Neste volume, inegavelmente, ele acertou em cheio. Seu Napoleão convence; é a imagem mais convincente que conhecemos da inumerável bibliografia napoleônica, Merejkovsky, Stendhal, Octave Aubry, Carlyle, Leon Bloy, Goldsmith, Banville, Delacroix e tantos outros estão longe de nos dar um retrato que dele se aproxime. Poderemos, porém, dizer o mesmo de todas as suas biografias? Não. E pela razão muito simples de que nem sempre a natureza do biógrafo corresponde à do biografado.

O que não quer dizer que a natureza de Ludwig seja semelhante à de Napoleão. Acontece que em Napoleão ele acertou. Dentro do Napoleão que construiu, está claro. Outros pensarão precisamente o contrário. E acontece também que a leitura em série dos volumes de Ludwig levará o leitor a constatar profundas semelhança entre as almas e os caracteres de todos os seus biografados. Lincoln, Napoleão, Bismarck, Michelangelo, Rembrandt, Beethoven, Jesus como que são irmãos. Há um certo ar de família entre eles, um fio secreto a ligá-los. Esse fio está bem visível em *Três Titãs*, talvez pelo fato de virem as três grandes figuras estudadas num mesmo volume sob idêntico título. Beethoven, Michelangelo e Rembrandt se encontram em muitos lugares e em idênticas circunstâncias. Reagem quase sempre com o mesmo espírito frente a situações no fundo parecidas. Há uma certa parecença nas três cabeças e isso talvez explique alguma coisa sobre os retratos traçados por Ludwig. Explica as reações provocadas no autor por um quadro de Rembrandt ou uma estátua de Michelangelo. Que elas são parecidas, qualquer leitor poderá perceber. Isso nos leva a meditar no processo deste biógrafo, processo que se aproxima muito dos trabalhos em série, da standardização. Seria profundamente injusto, porém, pois não se pode deixar de reconhecer que o fundo histórico dos seus trabalhos, embora não aparente, é sempre fidelíssimo, e que não obstante o volumoso da maioria das suas obras, não há nelas nada de maçante. Pelo contrário, exercem uma atração viva, absorvente. Precisamos, também, reconhecer que se existem falhas na interpretação, ou se ele não conseguiu convencer o leitor da verossimilhança do caráter do seu herói ou da “verdade” do retrato, nem sempre a deficiência pode ser levada a débito do psicólogo. Quantas vezes a culpa não é da própria psicologia!

A verdade é que, aceitando ou não as suas biografias, não podemos lhe negar esta grande virtude: consegue, com o interesse de um romancista e a habilidade de um historiador, realizar retratos aos quais não podemos recusar o grande mérito de representar uma tentativa de dar à biografia uma feição própria, original. Como acentuou um crítico, em muitos pontos Ludwig é antes um discípulo de Carlyle que de Plutarco. Como Carlyle ele acredita no homem e não na massa. A diferença, entre eles, é que Emil Ludwig não acredita no super-homem, não procura divinizar seus heróis e sim apresentá-los como seres de carne e osso, seres com todos os nossos vícios e virtudes. Ao tratar de Jesus, viu simplesmente o homem e não o Cristo das controvérsias religiosas e teológicas. No fundo, o que lhe interessa é acentuar a interferência que existe entre o gênio e o caráter e obter a mais perfeita verossimilhança psicológica de um romance guardando a precisão histórica de um diário íntimo. Se é verdade que nem sempre lhe foi possível atingir tal resultado, não é menos

verdade que em alguns volumes o processo deu certo e os frutos foram excelentes.

CAVALHEIRO, Edgard. *Biografias e biógrafos*. Curitiba: Guaíra, 1943, p. 59-70. (Caderno Azul, 12).

André Maurois e a biografia romanceada

Nota da pesquisa: capítulo publicado, com modificações, como artigo em 28 maio de 1941, em *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, e em 2 nov. 1947, na *Folha da Manhã*, São Paulo.

Poucos nomes da literatura universal, em nosso tempo, terão alcançado popularidade tão intensa como a conseguida pelo autor da mais deliciosa de todas as biografias romanceadas até agora escritas. Referimo-nos a *Ariel ou vida de Shelley*, e a seu autor, André Maurois. Embora esse volume somente tenha surgido sete ou oito anos depois de *A Rainha Vitória*, e dois ou três depois de *Goethe*, a ele, mais do que a Lytton Strachey e a Emil Ludwig, deve a literatura contemporânea o surto de biografias que, num certo momento, pareceu constituir preocupação máxima de autores e leitores de quase todas as partes do mundo. A causa desse prestígio não está simplesmente no fato de *Ariel ou vida de Shelley* representar uma obra-prima no gênero. Tal prestígio deve ser creditado à língua francesa, a esse magnífico instrumento de cultura que até há poucos anos foi o veículo principal para a difusão nos países civilizados, dos novos caminhos por onde o espírito humano se infiltrava na procura de novas formas estéticas ou de novas ideias literárias, filosóficas ou científicas. À língua francesa e também ao espírito francês, que o mundo sempre amou nos escritores de França, pois estes souberam, em todos os tempos exprimir com clareza, graça e elegância, tanto as ideias simples, os pensamentos cotidianos, como as mais altas e complexas questões filosóficas ou científicas. Pelo menos no Brasil, foi através da literatura francesa que nossos homens de cultura se formaram, intelectualmente falando. E não deve ter sido muito diverso o panorama na maior parte das nações civilizadas.

Explica-se, assim, a formidável repercussão da obra de André Maurois, sobretudo o seu primeiro trabalho biográfico, pois embora não viesse propriamente abrir novas estradas, punha, de forma admirável, em contato com a inovação de Strachey, um público bem mais vasto, bem mais suscetível de ser conquistado e influenciado. Não abria caminhos, é certo,

mas avançava um pouco mais longe do que o equilibrado e honesto inglês que retratara tão humanamente a rainha Vitória. Dava à biografia um cunho romanesco, de poema ou balada, sem tentar ocultá-lo ou disfarçá-lo. Não ia ao ponto de abolir a nota bibliográfica “para o leitor curioso”, mas tinha a coragem de se confessar ao “leitor benévolo”, nestes termos: “Aspiramos a fazer neste livro, obra de romancista bem mais que de historiador ou crítico”. Prevenia também que não procurassem no volume erudição ou revelações, pedindo aos que não tivessem bem vivo o gosto pelas educações sentimentais que não abrissem o livrinho.

Ariel ou vida de Shelley trazia, em verdade, algo de novo para o gênero. E algo realizado com um máximo de felicidade. O público imediatamente aceitou a inovação, embora a crítica, em grande parte, a condenasse rudemente. Um crítico houve que falou em chantagem. E o nosso Antônio Torres, de Londres, escrevia a Gastão Cruls: “Que te digo eu sempre? Essas biografias romanceadas nada valem. Achei o *Ariel* intragável. Não consegui lê-lo nem sequer até o meio. O artigo do *Mercure* reduz essa chantagem às suas verdadeiras proporções”.

Ao lado, porém, dos que não aceitavam a estreia do novo biógrafo, nome já popular através de finíssimas observações em torno dos ingleses com os quais combatera na Segunda Guerra, enfileiraram-se os adeptos incondicionais da forma romanceada, tão habilmente empregada pelo autor de *Ariel*. E nem precisamos acrescentar que em grande maioria pelos adversários. Poucos anos depois, numa série de conferências pronunciadas no Trinity College, de Cambridge, Maurois explicava as virtudes e defeitos, as vantagens e desvantagens do gênero no qual começava a celebrar-se. De certa forma fazia a sua própria defesa, procurando justificar o método que adotara. O local era excelente, pois Shelley e Byron foram as duas primeiras figuras por ele retratadas e fora na Inglaterra que o primeiro passo tinha sido dado. Ninguém melhor do que o leitor inglês poderia dizer dos resultados conseguidos. Fazendo plena justiça a Strachey, a quem considera como legítimo precursor e mestre, Maurois começa perguntando: “Existe uma biografia moderna? É ela uma forma literária diferente da biografia tradicional? São legítimos os métodos que observa ou ao contrário, será preciso renunciar a eles? A biografia deve ser uma arte ou uma ciência? Pode ser, como a novela, um modo de expressão, uma libertação para o autor, assim como para o leitor?”

Tentando responder a essas perguntas, Maurois não só defende a sua obra como aborda todos os problemas relacionados com a biografia, antiga e moderna. Não faz, a rigor, um estudo aprofundado do assunto, mas traça, com aquele brilho que lhe é peculiar, um quadro dos mais felizes sobre os principais aspectos dos estudos biográficos, de preferência

entre os escritores ingleses. A primeira pergunta encontra uma resposta positiva: “Boa ou má, diz ele, existe uma biografia moderna”. Quanto à constatação de que ela possui ou não uma forma diferente da biografia tradicional, o autor de *Ariel*, depois de acentuar que ao lado da “massa amorfa de materiais mal digeridos” que constituía regra entre os autores vitorianos, verificava-se, nos últimos tempos, uma mudança sensível na maneira de se encarar as figuras do passado. Começara-se a compreender que não somente os heróis eram dignos de serem biografados. É verdade que não deixava de ser interessante a ideia de propor aos homens e em particular aos jovens, grandes modelos. Ninguém, no entanto, completava ele, iria imitar tais modelos, se estes não se apresentassem verossímeis e humanos. “A biografia panegírica por sistema, não tem nenhum valor educativo, porque ninguém crê nela”. Acrescenta-se a isso, o fato de que a grandeza de um caráter somente nos comove de verdade quando sentimos esse caráter próximo a nós, quando sentimos que poderíamos ter idênticos gestos ou atitudes. Aliás, o grande poeta norte-americano Walt Whitmann já notara, muito antes de Maurois, que o biógrafo que acredita embelezar o trabalho, corrigindo o ridículo dos grandes homens, omitindo uma carta de amor escrita num momento de debilidade, negando uma mudança de atitude ou de doutrina, esse biógrafo, dizia Whitmann, “enfeia e em última análise rebaixa o seu herói. Só é mais perigoso o biógrafo que descuida ou suprime elementos de beleza e grandeza moral de seu protagonista”.

Para Maurois ninguém nasce herói. Acontece que muitos homens se sobrelevam aos demais e terminam heróis. A verdade, no entanto, é que a vida de qualquer deles segue num ritmo quase idêntico ao do comum dos homens. A preocupação fundamental do biógrafo moderno – e neste detalhe está a grande diferença e a grande vantagem da biografia contemporânea – é que este não deve impor o seu personagem e sim expô-lo. Caberá ao leitor aceitá-lo ou não. O problema do leitor também possui a sua importância, não há dúvida. Com o seu aplauso ou a sua recusa ele impõe o gênero que deseje. Analisando suas predileções, concluiu Maurois que o leitor moderno não procura num livro o que o homem do século XVIII procurava. Este, encerrado numa doutrina religiosa e moral mais restrita, sustentado mais solidamente por ela, procurava, sempre, em tudo que lia “encontrar uma confirmação de sua atitude perante a vida”. Explicável, portanto, sua afeição aos “rasgos de moral, pensamentos e biografias à Plutarco”. Mas o leitor moderno é mais inquieto e insatisfeito. “Solicitado por instintos, desprovidos em inúmeros casos de crenças fortes que possam ajudá-lo a resistir àqueles, turbado por seus hábitos de análises, ambiciona, no curso das leituras novelescas ou históricas, encontrar irmãos de inquietude. Quererá saber de outros que

experimentaram as mesmas lutas e sente-se agradecido às biografias mais humanas que lhes mostram que o herói foi mesmo um ser parcelado”. Concordamos com a existência de tal tipo de leitor – e cremos que não há razão para repeli-lo -, é indiscutível que os métodos da biografia moderna são os mais lógicos, os que melhor permitem atingir os fins visados.

Resta verificar até que ponto André Maurois usa tais métodos e se, apoiado neles, consegue, realmente, oferecer aos inquietos leitores deste século a leitura por eles ambicionada e procurada. Esta verificação nos leva, forçosamente, à última pergunta. De caráter pessoal e muito próxima de algumas afirmações de Ludwig, ao fazer a defesa da biografia psicológica, esta pergunta – poderá a biografia, como o romance, ser um modo de expressão, de libertação tanto para o autor como para o leitor? – encerra, para ele, o ponto sensível do problema. Poderíamos, de início, discordar da precisão do vocábulo “libertação” com referência ao leitor, pois nos parece claro que ninguém procura, com a leitura de um livro, “libertar-se”. Quando muito procura “evadir-se” da realidade quotidiana, em geral mesquinha e corriqueira. Se o leitor sai aliviado do contato com a existência do grande homem que triunfou apesar dos revezes iniciais, esse leitor justificará integralmente a frase de Nicholson quando disse que a “biografia é uma preocupação e um consolo; não da certeza, mas sim da dúvida”. Mas o biógrafo não procura um conforto moral propriamente dito e sim a libertação de algumas ideias e problemas íntimos. “Podemos refazer um pensamento à imagem do nosso”, afirma Maurois, confessando que a partir do dia em que lera uma vida de Shelley, não mais conseguiu afastar o desejo de escrever a história do poeta. Contava achar nesse trabalho a ocasião propícia para analisar as relações entre o ideal romântico e a realidade positiva. No fundo, eram experiências próprias que sentia necessidade de expressar. Escreveu então *Nem anjo nem fera*, que foi um fracasso completo. Ele mesmo nos esclarece as causas da nenhuma repercussão desse romance: “O grave defeito desse livro é que lhe falta um herói. As leis do romance exigem que o escritor possa aproximar-se do personagem. Aqui eu perseguia em Philippe Vivies (Shelley) a um velho “eu”, que pessoalmente era hostil e pelo qual experimentava muito pouca simpatia para lográ-lo simpático aos outros”. Somente quando, anos depois, conseguiu dar forma a *Ariel ou vida de Shelley*, conseguiu ele plena satisfação interior. Em “Ariel” deixaria fixadas as regras que, com raras exceções, seriam usadas na quase totalidade dos seus trabalhos biográficos. Elas podem ser facilmente resumidas em alguns itens, do qual o mais importante é o seguinte: seguir em todas as coisas a ordem cronológica. Não era esse, como sabemos, o costume dos antigos. Plutarco, por exemplo, conta primeiro os atos dos seus heróis e depois é que faz as referências ao caráter ou

ao ambiente. Maurois, contudo, dá grande importância à cronologia, admitindo como dogma a evolução individual em tudo idêntica à evolução das raças. Por isso o biógrafo não deve, nunca, antecipar os descobrimentos do herói. A história não ocupará senão o pano de fundo, e assim mesmo somente à medida que for necessária para a compreensão deste ou daquele detalhe. Torna-se imprescindível oferecer da história a imagem que mais ou menos pôde ter o biografado, no momento em que é estudado. Outro item sobre o qual Maurois insiste – e este pode ser aceito mais como motivo artístico do que histórico – é o de que todas as existências estão construídas sob determinado número de temas. Na vida de Shelley, por exemplo, o tema da água domina todo o volume; na de Disraeli são as flores o *Leitmotiv*.

Em geral conclui-se, talvez um tanto precipitadamente, que por essas teorias Maurois se aproxima em muito de Emil Ludwig e que, em última análise, ele não faz senão autobiografar-se. Não é bem esse o caso, se olharmos com alguma atenção para os processos de ambos. Maurois acha natural que em todo trabalho haja um sentido autobiográfico e já vimos que, ao escrever a vida de Shelley, procurava expressar alguns dos seus próprios sentimentos. Mas como nos esclarece em mais de um momento, o biógrafo deve estar atento e agir com extrema cautela. Deve, principalmente, saber o limite até o qual tais confissões são permitidas. Nem uma palavra a mais. Um fato é indiscutível: existe uma verdade histórica e em qualquer caso ela deve ser respeitada. “Publicar uma biografia, anunciá-la como biografia e não como novela é anunciar fatos verídicos e um biógrafo deve a seu leitor, em primeiro lugar, a verdade. Não há direito para se construir um herói segundo os próprios desejos e necessidades. Não há direito de inventar conversas, incidentes, nem para omitir certos fatos porque irão criar situações psicológicas difíceis. Porém, é possível, em certos casos – embora raros, se a eleição é feliz e bem adaptada à natureza do autor, que este possa expressar alguns dos seus próprios sentimentos sem deformar os do heróis”.

Alguns dos próprios sentimentos e assim mesmo sem deformar os do herói, eis o máximo que honestamente podemos conceder ao biógrafo, segundo Maurois.

É tempo, porém, de objetivarmos tais conceitos com a sua própria obra. Antes de mais nada, é preciso ressaltar que ele nos deu em *Ariel* uma obra de arte que é, ao mesmo tempo, um retrato perfeito e verídico daquele que foi, na frase de um crítico, “um louro espírito que viveu entre raios de sol”. Vejam o tom leve, aéreo, sutil com que vai fixando as reações desta alma eleita nos seus embates com a vida, nas descidas do reino poético onde fizera mansão predileta. Uma alma de eleição como a de Shelley exigia, para bem emoldurá-la, este quadro de beleza e poesia com que o biógrafo soube habilmente (e artisticamente) envolvê-la. Todos

sabem que em Ariel – o personagem de Shakespeare – pretende-se ver a personificação da chama sagrada, da inquietação e do frenesi sublime que caracteriza o verdadeiro artista. Com a simples indicação desse nome, como título da obra, Maurois sintetizava toda a sua concepção dessa vida que foi, como ele mesmo disse, “uma maravilhosa composição natural”. Com Byron, quase antítese de Shelley, já o seu trabalho terá sido bem mais áspero e difícil. Byron é uma figura contraditória, complexa, escorregadia. Maurois, porém, achava que da mesma maneira que Shelley ele deveria ter a “sua secreta unidade”. O problema principal era descobri-la, captá-la através dos documentos, mesmo aqueles de aparência mais insignificante. A lição de Strachey de muito iria lhe servir. Aprendera que no trabalho de pesquisa tudo é aproveitável. De milhares de documentos inutilmente percorridos, saltará talvez a frase precisa, o detalhe revelador. Torna-se necessário, portanto, investigar tudo, ler tudo, tudo procurar saber. Inútil dizer que o simples material não faz o biógrafo. Este deverá, como diz Maurois, ser “um bom historiador e um nada desprezível psicólogo”. Dentro desse tríptico podemos colocá-lo, tentar defini-lo, ou melhor, tentar compreendê-lo e explicá-lo. Sendo um bom observador da vida cotidiana e um historiador suficientemente honesto para merecer fé, talvez falem a Maurois os dotes de agudo psicólogo, ou mais claramente, talvez lhe falte uma personalidade mais viva, mais marcante, mais incisiva. Isso talvez explique o fato de que o retrato de Byron não convença tanto o leitor quanto o de Disraeli, por exemplo. Byron foi o tipo do contraditório, do homem de gestos imprevistos. Exigia, por isso, quem tentasse penetrar no seu complexo drama, uma intuição genial, golpes audaciosos e imprevistos de analista extraordinário. Não era tarefa para Maurois, muito inteligente e lúcido, mas também muito equilibrado, muito dentro de certas limitações, oriundas naturalmente da sua própria condição social, ou melhor, da sua própria formação espiritual. Inteligência dominada pelo bom senso, jamais se aventurando aos voos de espírito para regiões inesperadas, dificilmente conseguiria acompanhar Byron. Pôde, porém, acompanhar Shelley, criança dócil e tímida; compreendeu Disraeli, que ocultava sob aparente cinismo uma alma essencialmente tímida e timorata; compreendeu a obra de Lyautey, o construtor político e social de Marrocos, mas não soube compreender o homem, apesar dos contatos pessoais, ou por isso mesmo.

Alguém já definiu Maurois como uma espécie de Voltaire do século XX, um Voltaire conformista que não gosta de complicações com a vida. Poderíamos acrescentar: de complicações também com os seus heróis. Parece-nos, porém, que entre Voltaire e Maurois somente encontraremos, como pontos de contato, a clareza, a fluidez, a elegância da prosa,

manejada tanto por um quanto por outro, com extrema concisão e harmonia. Não deixa de ser curioso acrescentar que entre os trabalhos de Maurois, o mais frágil e inconsistente seja precisamente aquele que escreveu sobre *Voltaire*. Mas como os extremos se tocam, talvez haja razão no paralelo. Quanto ao estilo podemos insistir: a semelhança é grande. Assim, como já dissemos, é nele que reside o segredo da popularidade de Maurois, e será por causa dele que ainda lemos Voltaire com tanto deleite. Souberam, como poucos outros, compor com graça e espírito, situações que se tornam inesquecíveis.

Gosto pelas minúcias, amor ao colorido e ao claro, senso de equilíbrio e da graça, constituem características não somente de Voltaire ou Maurois, mas do próprio espírito francês, espírito que aprendemos a admirar e a amar e que eles tão bem representam. Alguém disse que se Maurois escrevesse um tratado de mecânica, lê-lo íamos com o encanto de uma novela. E nisso está, incontestavelmente, o segredo de sua arte, a razão do seu êxito.

CAVALHEIRO, Edgard. *Biografias e biógrafos*. Curitiba: Guaíra, 1943, p. 73-79. (Caderno Azul, 12).

Lion Feuchtwanger e o romance histórico

Nota da pesquisa: capítulo publicado, com modificações, como artigo em 11 jun. 1939, na *Folha da Manhã*, São Paulo, e em 9 fev. 1941, em *O Estado de S. Paulo*, São Paulo.

O romance histórico tal como é realizado em nossos dias poderia ser resumido nesta frase de Guizot: “Querem romance? Por que não encaram de perto a história?” E assim é, na verdade. Certos períodos ou acontecimentos, dir-se-iam produtos de férteis e audaciosas imaginações. Dando mais importância aos fatos históricos de uma determinada época do que às suas figuras representativas, o romancista histórico afasta-se da linha seguida pelos biógrafos. Para estes, o homem é o centro do mundo. Para aqueles, o homem é um simples acidente na paisagem social. O gênero que produziu um Flaubert merece, no entanto, atenções especiais. Naturalmente não faltarão dezenas de nomes dignos de referências. Queremos, porém, falar de Lion Feuchtwanger, o autor de *Flavius Josephus*, *O judeu Suss*, *O fim de Jerusalém* e outros trabalhos mais, em tudo e por tudo merecedores de estudo.

Vejamos, em primeiro lugar, alguma coisa de sua vida, contada numa interessantíssima autobiografia estatística: “Passei”, escreve ele, “14 anos na escola, 17 dias na prisão, durante a

guerra, 5 meses e meio sob as armas, 11 anos em Mônaco, Baviera, e o restante da minha vida em relativa liberdade. Já compus 11 dramas, dos quais 3 são bons, embora nunca tivessem sido representados; um medíocre, que chegou a ser representado 2.346 vezes e outro péssimo, que nos últimos dois anos ocupou a cena de 167 teatros alemães e estrangeiros. Já recebi 2.185 manuscritos de rapazes que solicitavam uma opinião ou recomendação sobre os mesmos e 7.159 pedidos de autógrafos. Fui acusado de plágio por 11 indivíduos e 2.087 pessoas me escreveram para saber se o pai do judeu Suss fora mesmo um cristão, 334 para conhecer minha opinião sobre o bolchevismo e 124 para saber qual o pensamento sobre a Bíblia como revelação de Deus. Chamaram-me (pessoas desconhecidas) 584 vezes ao telefone, para me dizerem: judeu porco. Dei 247 entrevistas e não respondi a 1.090 pedidos de referências. Tenho 27 dentes, um metro e sessenta de altura, 61 quilos de peso e sou, durante uma hora, capaz de escrever à máquina quase sete laudas de papel ou de compor 4 versos. Cada hora de trabalho literário me consome 325 gramas de peso. Minhas obras foram proibidas 126 vezes. Falo discretamente o inglês, francês, italiano, mal o espanhol, malissimamente o yidisch, o bávaro e o berlinês. Durmo 6 horas por dia, como peixe de qualquer qualidade e não sou grande apreciador de doces. Toda manhã faço 4 minutos e meio de ginástica. Não gosto de cachorros nem de cigarros. Sou doutor em psicologia e adoro as viagens em aeroplano. Eis aí”, conclui Lion Feuchtwanger, “o meu esboço biográfico. Essa é a parte publicável. A outra parte é melhor ficar como a outra parte de todas as biografias, que são mistérios inconfessáveis”.

Agora que sabemos como é o autor, vejamos como ele encara o gênero que lhe deu glória e fortuna. “A justificação de um romance histórico não está na exatidão do seu conteúdo, mas sim e unicamente na personalidade de seu autor”, confessa ele, de início, acrescentando que tanto discorrendo sobre Cleópatra como sobre Napoleão, o romancista fala é de si mesmo. E não contente com afirmação tão clara e positiva, completa o pensamento com estas palavras: “A parte essencial de um bom romance é a “invenção”, a “mentira”.

Note-se que os vocábulos invenção e mentira estão aspeados e isso implica que não devemos tomá-los no seu sentido exato. Aliás, prosseguindo nas suas considerações, Feuchtwanger nos esclarece melhor sobre aquilo que julga essencial na fatura de um livro dessa natureza, isto é, um romance histórico. “O lado histórico de um romance é a sua roupagem, ou melhor, seu exterior, que representa um meio e nunca um fim”. E segundo nos garante com a autoridade de autor de alguns excelentes volumes, um “meio” bom, pois os fatos do passado, o essencial de uma época e de seus homens, melhor podem ser julgados

quanto à distância, da mesma forma que melhor podemos conhecer os contornos de uma montanha se a vemos de longe”. Em resumo, a conclusão de Feuchtwanger é a de que o leitor procura no romance histórico como em qualquer outra modalidade de romance, simplesmente isto: encontrar-se. Se o autor conseguiu reconstituir casos equivalentes aos oferecidos por qualquer romance contemporâneo, o resultado será idêntico. E se o livro é bom, então o leitor encontrará nele – é verdade que por uma estrada mais longa e a uma distância bem maior -, seres com os seus próprios sentimentos e ideias, sentimentos e ideias de sua própria época.

Tese discutível, não há dúvida, mas com um grande fundo de verdade, uma vez que a alma humana é imutável. Tanto o amor quanto o ódio, o egoísmo como o desprendimento, a cobiça como a avareza, a tristeza como a alegria, enfim, todos os contraditórios sentimentos que nos agitam, que modificações, sensíveis, sofreram com o decorrer dos séculos? Absolutamente nenhuma. Isso é fácil de verificar percorrendo a extraordinária galeria de Shakespeare, por exemplo. Todos aqueles seres humanos animados pelo grande gênio continuam a viver com a mesma intensidade na sensibilidade de qualquer leitor de hoje. A roupagem, ou melhor, o cenário em que se movimentaram sofreu e continua a sofrer as mais desconcertantes transformações, mas Shylock ainda usa a mesma astúcia, Romeu e Julieta amam-se com o mesmo ardor, Othelo mata com idêntico desespero a mulher amada. São exemplos inúteis e repisados, mas esclarecem e justificam a posição de Feuchtwanger como romancista histórico. Essa posição – convém repetir – ele mesmo se encarrega de defender, não sem nos prevenir que a estrada por ele escolhida pode não ser a mais confortável, mas será, em qualquer caso, das mais interessantes e pitorescas.

A prova de como ele cumpre airoso o postulado artístico que tão apaixonadamente defende, nós podemos colher tanto em *Flavius Josephus*, quando, restaurando Jerusalém, nos mostra o esfacelamento da nação judaica pelos romanos, como em *O judeu Suss*, onde nos descreve o ressurgimento do poder judaico através dos seus banqueiros e argentários, poder admiravelmente sintetizado na personalidade estranha e contraditória de José Suss Oppenheimer, conselheiro e ministro particular do duque Carlos Alexandre, soberano de Wurttemberg.

Curioso assinalar que os historiadores não fazem restrições sérias ao que há de histórico nos romances de Lion Feuchtwanger. As reconstituições que neles poderemos encontrar são perfeitas. Para o autor, porém, esses pormenores não têm importância primordial, não devem mesmo ser tomados como o prato de resistência de qualquer dos seus volumes. O que lhe interessa mais de perto é, levando o leitor contemporâneo aos dramas

humanos que entram em conflito nos seus romances históricos, fazê-lo esquecer a época, o cenário em que os mesmos decorrem, para integrá-los nas ideias e sentimentos apresentados ou analisados, como se tudo estivesse acontecendo ao seu próprio lado, no seu próprio meio, dentro da sua própria realidade social. Em lugar de vago assistente, comovido e interessado comparsa, eis o que visa Lion Feuchtwanger. É possível que a vida e a época deste ou daquele personagem – o caso do judeu Suss, especialmente –, ajudem a uma completa integração do leitor. Há mesmo uma íntima correlação entre os dias que vivemos e aqueles que nas cortes do Santo Império Germânico, em pleno século XVIII, viveu o judeu Suss. Mas deste ou daquele modo, a concepção de Feuchtwanger se reforça grandemente, uma vez que ele consegue fazer um romance histórico no qual o leitor se encontra como num romance moderno. E um romance, nós bem sabemos, tanto mais vale quanto mais nos encontramos nele.

Lion Feuchtwanger está, atualmente, refugiado da Alemanha, com a nacionalidade cassada, os bens apreendidos e os livros queimados e proibidos em todo o Reich. O ducado de Wurttemberg, onde viveu o seu grande personagem, com as duzentas e setenta cidades e as quatrocentas aldeias que o compunham, não mais existe na geografia. De José Suss Oppenheimer restará, quando muito, uma vaga tradição. Um judeu, entre milhões de vítimas de um ódio bárbaro, de um preconceito milenário. A tragédia da raça maldita, porém, prosseguirá. Com ligeiras variantes, repetir-se-á o drama, aqui, ali, acolá.

Essa tragédia está por demais presente na sensibilidade, ou melhor, na carne de Lion Feuchtwanger para que dela se afaste ou para que dela se afaste o crítico ao tratar da sua personalidade, ou da sua concepção do romance histórico, do qual é um dos expoentes na literatura contemporânea. Sua obra, a bem dizer, gira toda em torno do seu povo. Ora é a luta dos judeus na Bavária, contra a onda antissemita da Alemanha de após-guerra, ora é a humilhação desse mesmo povo na Alemanha de Hitler e Goebels, ou então nos longínquos tempos da Roma de Vespasiano. E como a tragédia é sempre a mesma, com os mesmos traços característicos, nada há de estranhável ou indefensável na sua concepção desse gênero literário, gênero tão condenado pelos críticos, que alegam não ser ele nem romance nem biografia. Em princípio, o conceito tem a sua razão de ser. Mas Feuchtwanger nos previne, de antemão, que qualquer forma é boa, quando revestida de substância, e o que importa, no fim das contas, é aquilo que o autor quis dizer. Concorde ele em que para dizermos aquilo que precisamos ou temos necessidade, existirá outro itinerário mais breve e mais simples. No entanto, “nem todas as estradas são boas para todos. A do romance histórico não é a mais cômoda, pelo contrário, requer fadiga e trabalhos sem conta. Não é,

naturalmente, uma autoestrada, e muitos a repudiam energicamente. A mim, porém”, conclui ele, “me agrada”.

CAVALHEIRO, Edgard. Biógrafo versus biografado. *Correio Paulistano*, São Paulo, 16 jan. 1948.

Está sendo anunciada a tradução brasileira da biografia de Bernard Shaw por Frank Harris. Nossos leitores terão, assim, a feliz oportunidade de travar conhecimento com um trabalho dos mais curiosos, um livro por vários motivos único no gênero. Em primeiro lugar, o próprio biografado nele colaborou, pois durante o trabalho, Harris consultava repetidamente Shaw, e este em cartas preciosas e irreverentes ia prestando as informações solicitadas. A princípio, se opôs a ser retratado. “Não quero que você escreva a minha biografia de maneira nenhuma. Você não tem a mais ligeira ideia da espécie de animal que eu sou”. Mas Harris insiste, e Shaw cede, embora confessando o receio de que saia uma “terrível mixórdia de biografia ou uma coisa convencional que nada acrescentará à sua reputação”. Da terceira ou quarta carta em diante, inteiramente capitulado, Shaw dá início à remessa de dados. E por mais estranho capricho do destino, Harris morre antes de ver publicado o seu livro. Num gesto de amizade, Shaw faz um posfácio para o volume.

Mas a originalidade de *Bernard Shaw* não para aí. Acontece que embora amigos, biógrafo e biografado estavam sempre em discordância, possuíam sobre as coisas literárias ou não literárias, pontos de vista inteiramente opostos. O livro, por isso mesmo, mantém da primeira à última linha, um delicioso caráter de polêmica entre criador e criatura. De polêmica bem humorada, está claro. Shaw diz as maiores barbaridades contra Harris, e este retruca-lhe na mesma moeda. O resultado é uma obra que apesar de trazer como título o nome do autor de *Pigmalião*, constitui, também, rica fonte de informações sobre o autor de *Minha vida e meus amores*. Este se coloca, a todos os momentos, em primeiro plano, como personagem, entenda-se, e não como criador. Fala tanto dele quanto de Shaw. E quase sempre para se julgar superior ao amigo. Diversas vezes censura e condena o cabotinismo de Bernard Shaw. No entanto, não faz outra coisa, e às vezes no mesmo capítulo em que incrimina o amigo. Chega ao delírio, quando referindo-se a “Santa Joana” (Harris escrevera também um drama sobre o assunto) diz que “há mais força criadora nas três primeiras páginas do meu trabalho do que em quase todas as suas (de Shaw) quatro horas de drama”.

No fundo, Harris não teve outra intenção, ao escrever este livro, senão a de se desabafar contra um concorrente mais feliz. Mais do que Shaw como personagem, interessasse Frank, porque para Harris, Frank é muito mais inteligente, sabe escrever melhor e tem mais experiência com as mulheres do que Shaw.

Sujeito vaidoso ao extremo, de um temperamento meridional (embora irlandês de nascimento) raramente descia ao fundo das coisas, sendo, muitas vezes, de uma ingenuidade infantil. O caso de “Santa Joana” é típico. Ele achava absurdo o fato de darem tanta importância ao trabalho de Shaw, ao mesmo tempo que nenhuma ao seu, que considerava, está claro, autêntica “obra prima”. Que fizera Shaw de Joana D’Arc? Uma pachuchada, escrita sem documentação, sem o mínimo escrúpulo histórico. Ao passo que ele, Harris, andava por Doremy, visitara todos os lugares onde a ação de Joana se fizera sentir, “vira” com os próprios olhos os cenários do drama e, depois, cercado de documentos dos mais fieis possíveis, escrevera com todo o cuidado uma peça na qual pusera o melhor do seu talento. E o público? E a crítica? Receberam-na com a maior das indiferenças. O próprio Shaw fora de uma crueldade única, escrevendo-lhe longa carta somente para lhe dizer que não se iludisse, pois não havia nada a fazer com a peça, senão “jogá-la na cesta de papéis inúteis com uma gargalhada de bom humor e pedir desculpas à posteridade pelos exemplares que sobrarem”. É lógico que Harris não pensa dessa maneira. Tanto assim que, respondendo ao amigo, afirma que é difícil saber de quem o malogro, se dele ou de Shaw. “Recordo-me, conclui ele, de ter lido que quando Cervantes, depois de haver elogiado Lope de Vega pelas suas excelentes comédias, lhe mandou o seu d. Quixote, Lope respondeu que nada podia fazer por ele, pois não havia o menor sinal de talento naquele livro”.

Episódios tão pitorescos e ilustrativos como esse pululam pelo volume. Em todos a vaidade por vezes mórbida de Harris é o *Leitmotiv*. Briga com todo o mundo. Das mais curiosas a questão que teve com Mrs. Shaw. Um dia este lhe dissera que sua mulher atirava pela janela, por imoral, os volumes nos quais conta sua vida e seus amores. Mrs. Shaw, receio, não vira melhor destino para a obra. Harris guardou a informação atravessada na garganta. E na primeira oportunidade – escrevendo a vida do marido – tirou a sua vingança. São inúmeras as alfinetadas com que procura feri-la.

Chega a afirmar, por exemplo, que casando-se com Shaw, então pobre escritor sem glória e sem fortuna, ela não pensara senão em ampará-lo, pois que assim procedendo em tal momento, teria, futuramente, direito a pelo menos uma migalha da glória que, sem dúvida, estaria reservada ao marido. Ou em outras palavras: acreditou no talento de Shaw, e quis

cercá-lo dos meios materiais para o êxito certo. Possuindo fortuna suficiente para os dois, fácil lhe seria criar o “ambiente” de que estava carecendo o então apagado e medíocre romancista sem editores. Mas, logo a seguir, Shaw escreve as primeiras peças que, representadas, conquistam o público, interessam aos leitores de todas as partes do mundo e lhe trazem, não somente a glória, mas principalmente a fortuna, uma sólida e sempre crescente fortuna. Então Mrs. Shaw – anota Harris muito satisfeito – volta à penumbra de onde tentara sair. Retrai-se. Torna-se essa figura apagada e sem importância de que os jornais jamais se preocupam.

Depois de alfinetadas desse tipo, volta-se a mirar no espelho, a posar para si mesmo procurando furtar páginas ao biografado. Isso não depõe contra o volume. Pelo contrário, valoriza-o como documentário e torna a sua leitura mais atraente. Além disso, no duelo de “delicadezas” em que biógrafo e biografado se esgrimem, saltam, tanto de um lado quanto de outro, observações felizes, *boutades* imprevistas, verdadeiros achados de interpretação. Este relato de Harris traçado por Shaw, por exemplo, me parece esplêndido: “Assim era Frank: um homem de visões magníficas, de expectativas ilusórias, de rudes apetites que não se satisfaziam senão com a literatura romântica, especialmente a retórica impetuosa de Shakespeare; e neste mesmo livro há várias tentativas de briga comigo”.

Embora o próprio Shaw discorde do retrato traçado por Harris, não se pode negar a este certa acuidade crítica, e momentos nos quais consegue dizer coisas que nos parecem das mais acertadas com relação ao biografado. Assim quando acentuando a influência de Mozart em Shaw, diz que este aprendeu com o divino compositor que a “obra de arte pode atingir o mais alto grau de força, aprimoramento, beleza e seriedade sem ser pesada e portentosa”. Ou então quando escreve que é “ao predomínio característico da inteligência sobre o sentimento, a arraigada predileção por pensamentos e ideias cujo conteúdo é o de desprezo pelas sensações e até pelas emoções”, que dá à personalidade de Shaw esse “vago tom mefistofélico”. Mais feliz ainda me parece a constatação de que as convicções de Shaw são o seu estilo. “Para ele, toda a arte de escrever consiste em afirmar”.

Pena que Frank Harris se contradiga tanto, e esteja mais preocupado com a sua própria pessoa do que com a de Bernard Shaw. Se isso confere a este livro o caráter *sui generis* de um autor em luta com o seu personagem, tira-lhe, por outro lado, o aspecto crítico e biográfico, o retrato que os leitores, sugeridos pelo título, ambicionavam encontrar. Mas o próprio Shaw, quando Harris lhe anunciou a biografia, lhe escreveu para dizer que não poderia imaginar nada “mais medonho do que um bolo literário de Shaw e Harris horivelmente amassado”. O

bolo não ficou tão amassado porque Frank Harris, apesar dos pesares, era um escritor de inegável talento, e seu estilo, de uma vivacidade muito grande. Acrescente-se a desassombrada coragem de dizer tudo quando lhe vinha à cabeça, e o resultado é esta biografia irreverente, por vezes de um atrevimento único, mas em todos os casos de leitura apaixonante e divertida como poucas.

5. Anexos

5.1. Discurso na inauguração da Biblioteca Edgard Cavalheiro no Esporte Clube Comercial de Espírito Santo do Pinhal-SP, em 13 maio 1951.

Biblioteca inaugurada com a doação de 5.000 exemplares do acervo particular de Edgard Cavalheiro; a placa comemorativa em bronze, descerrada na inauguração, encontra-se afixada no local até hoje (jul. 2012). A Biblioteca foi desativada nos anos 1980-1990. Trata-se de datiloscrito inédito do autor, conservado no Arquivo Maria Helena Cavalheiro.

Meu amigos.

Não é só a grande honra de ver o meu nome ligado a este clube que me alegra e me comove. Quando aqui estive, há um ano atrás, nesta mesma sala adolescentes barulhentos se debruçavam sobre a mesa de snooker. Agora se debruçarão, silenciosos, sobre os livros. A diferença é grande, e podemos, com toda a segurança, garantir que para melhor. Entre o jogo, mesmo inocente, e o livro, mesmo o menos importante, não há dúvida na escolha. Vocês preferiram, como é de hábito entre gente de bom senso, o lado melhor. Os votos de louvores, cabem, portanto, a vocês meus amigos e conterrâneos.

Uma frase que se tem repetido com muita insistência ultimamente, é a de que o tempo do livro é passado. O livro está destinado a desaparecer, dizem com alguma convicção e muita leviandade os falsos profetas. E acrescentam que agora a técnica tem a palavra e meios mais aperfeiçoados e cômodos para a transmissão das ideias. E citam o rádio, a vitrola, o cinema, a televisão. Esses instrumentos estão desalojando o livro, cuja missão cultural-histórica está prestes a findar. Como se iludem! O livro nada tem a temer da técnica, mesmo porque esta onde é aprendida e aperfeiçoada senão nos próprios livros?

Por toda a parte, diz Stefan Zweig, o livro é o começo e o fim de todo saber humano. E quanto mais intimamente se vive com eles, mais se vive a totalidade da vida, pois sendo maravilhosamente vário, o leitor, graças ao seu auxílio admirável, vê e penetra o mundo não

só com os olhos mas também com o olhar da alma. Através do livro ninguém está murado dentro de si próprio. Pelo contrário, participa parcialmente de todo acontecimento passado, e presente, de todo o pensamento e o sentimento da humanidade. O mundo só pode ser observado de muitos planos a quem adquiriu, além dos seus conhecimentos, aqueles guardados nos livros. Porta aberta para o mundo, estreitos são os horizontes daqueles que se recusam ao seu convívio. Em todo livro há um ensinamento, uma lição. E quando não há nada disso, há o consolo, a alegria de encontrarmos em sentimentos expressos por almas alheias, sentimentos e emoções que são também nossas. Essa comunhão de sentimentos entre seres humanos de raças e latitudes tão diversas, não será o único nem o maior milagre proporcionado pelo livro.

Há um provérbio indu que diz:

Um livro aberto é um cérebro que fala;

Fechado, um amigo que espera;

Esquecido, uma alma que perdoa;

Destruído, um coração que chora.

Aí estão, meus amigos, inúmeros cérebros prontos a darem a resposta a inquietações e ânsias de saber. São amigos silenciosos, que nada pedem e tudo oferecem. Mesmo quando não compreendidos, ou não amados, jamais se irritam. Perdoam sempre. Só se lamentam quando são destruídos. Conservai-os, pois. Vocês construíram, à custa de esforços realmente extraordinários, esta magnífica casa, um clube que é motivo de justo orgulho e alegria para todos nós, filhos de Pinhal. Mas faltava, e instintivamente todos o sabiam, algo nesta casa. Talvez a frase de Cícero, lida ou ouvida em tempos perdidos, tivesse sido guardada no subconsciente e ressurgisse de quando em quando: “Dotar uma casa de uma biblioteca”, disse o grande tribuno, “é dotá-la de alma”.

Eis o que vocês acabam de fazer, criando esta Biblioteca. O gesto é tão belo, tão nobre, que até fica fácil perdoá-los por terem-na batizado com o meu nome, quando tantas figuras realmente importantes melhor o mereciam. Mas também aqui, possivelmente, vocês tenham sido traídos pelo subconsciente. Homenagear um conterrâneo, um filho de Pinhal, é, de certa forma, homenagear o próprio Pinhal, o chão de todos nós, a casa para onde sempre retornamos, vencidos e vencedores. Estamos em família, e é no tom familiar que vos agradeço:

- Obrigado, minha gente.

5.2. Discurso no Hotel Esplanada, São Paulo, em 23 dez. 1955.

Discurso proferido em cerimônia que homenageou Edgard Cavalheiro pela publicação de *Monteiro Lobato: vida e obra* (fonte: RETRIBUIÇÃO pelo Jeca Tatuzinho – Edgard Cavalheiro expõe as razões pelas quais escreveu Monteiro Lobato: vida e obra. *Correio Paulistano*, São Paulo, 25 dez. 1955. Pensamento e Arte).

Poucos meses antes de partir para sempre, Monteiro Lobato foi convidado pelos seus amigos da Bahia a visitar Salvador, para ali receber algumas homenagens. Em resposta, passou à comissão organizadora o seguinte telegrama: “Irei, se não houver discursos”. Pensamento idêntico me ocorreu quando alguns amigos me anunciaram este jantar. Discursos são coisas incômoda, e um incrível pudor me tem levado a evitá-los na medida do possível. Alguém já disse que a posição mais desfavorável para o orador é a de falar diante de pessoas que comem. Tudo poderia, pois, ser substituído por um comovido e realmente sincero “muito obrigado”. Mas quando acrescentaram que a saudação oficial estava a cargo de Rui Bloem, o oferecimento tinha um sentido todo especial: acontece que foi pelas suas mãos generosas e cordiais que ingressei na imprensa paulista. Ele franqueou as páginas das “Folhas”, nelas acolhendo os pruridos literários de um então jovem bancário tímido e cheio de sonhos que, para sua desventura ou ventura, não tinha, evidentemente, vocação de espécie alguma para as letras de câmbio. O “guichê” do banco era-lhe penosa prisão. Para dela sair, o estímulo de Rui Bloem foi decisivo. É ele o responsável por estarmos aqui comemorando o simples lançamento de um livro, e não a abertura de uma filial de um estabelecimento bancário, ou a promoção de qualquer gerente para diretor, ou coisa que o valha. Nada disso.

Apenas estamos reunidos porque um livro foi publicado. No entanto, ainda há poucos dias um repórter, com o ar mais sério do mundo: Vale a pena escrever? Como quem pergunta: compensa ser escritor no Brasil? Em termos econômicos, é claro que não. A profissão é das mais ingratas. Meu amigo Nelson Palma Travassos não pensa assim: ele acha que se vive, e muito bem, dos livros. Mas acontece que Nelson, embora possua tudo para ser um escritor dos melhores da língua, prefere imprimir os amigos. Acha, portanto, muito compensador que se escreva e se publique milhares de livros no Brasil. Mas os livros que escrevemos, com raras exceções, não trazem proventos econômicos, o que eles nos dão em troca compensa fartamente o trabalho de escrevê-los. Pois eles produzem essa coisa admirável, insubstituível, sem a qual a vida não faria sentido: amigos.

Outros ofícios oferecerão, talvez, melhores oportunidades. Nenhum, porém, mais propício para atrair simpatias, ternuras e amizades.

O ter despertado com a vida de Monteiro Lobato novo e mais vivo interesse pela sua obra, já seria mais do que suficiente para as canseiras da empresa. Um biógrafo é sempre alguém que se coloca em segundo plano, pois mais do que as próprias qualidades, o que importa é o retratado. Isto é o que é o centro absoluto de atração da obra. Há num livro desse gênero, pouco lugar para expansões pessoais. As afinidades porventura existentes são de tal maneira subjetivas e sutis, que mesmo o mais atilado dos leitores não deverá ter conhecimento. Do que todos, no entanto, logo percebem, é que nas páginas de quase todas as biografias predomina sempre uma admiração do retratista pelo retratado. Nas páginas do meu livro a admiração é bem visível. Mas creio também ter deixado bem claro que além de admirador, Monteiro Lobato foi visto por um amigo, um amigo que procurou compreendê-lo para melhor poder explicá-lo. Desde o dia em que, nos socavões de uma fazenda perdida no interior do Estado me caiu nas mãos um exemplar do “Jeca Tatuzinho”, o amigo estava conquistado. O livro que vocês agora tão carinhosamente comemoram nada mais representa do que a retribuição do bem que fez ao menino da escola rural esse livrinho do escritor paulista. Como para tantos outros da minha geração, foi esse o primeiro livro, a chave que abriu o mundo encantado da leitura.

Razões nos sobram, portanto, a todos nós, quando afirmamos que vale a pena escrever no Brasil. Pois sem isso, como reunir numa sala, ao redor de uma mesma mesa, tantos amigos?

5.3. Discurso na Câmara Municipal de Espírito Santo do Pinhal-SP, em 24 fev. 1956.

Discurso em agradecimento a homenagens, por ocasião da publicação da biografia de Monteiro Lobato (fonte: AS HOMENAGENS a Edgard Cavalheiro. *A Folha*, Espírito Santo do Pinhal-SP, 26 fev. 1956).

Quando Carolino Sucupira Mendes Silva, o nosso Calú, me falou a respeito da realização dessa seção, destinada a homenagear um filho da terra que alcançou algum êxito nos meios literários do País, minha primeira tentação foi a de esquivar-me. Não por falsa modéstia, ou tolo orgulho. Mas por não encontrar, realmente, razões especiais para um ato tão comovente, tão cheio de significado, tão caro ao meu coração.

E não encontro razões para pensar como o poeta, que só se julgava nobre por ser da sua terra, que só se julgava rico por ser da sua gente.

“Se amo, padeço, e sonho, a recompensa

É a melhor que me dais, neste agasalho:

Desta ternura, sobre mim suspensa,

Desce todo o valor do quanto valho.”

Realmente, que somos nós, do maior ao menor, senão produtos da terra que nos viu nascer, que nos primeiros passos nos deu a direção a ser percorrida? Voltando os olhos para o passado, que realmente já começa a tornar-se remoto, e rememorando com alguma paciência os anos decorridos, é que, com mais nitidez, nos damos conta da dívida assumida para com o chão que nos serviu de berço, e que no período de formação nos amparou e guiou. Alguns repórteres me tem perguntado, com alguma constância, como nasci para as letras, se a vocação me veio do berço, ou se houve algum impulso exterior que me tivesse levado ao livro. Até agora só tenho dado respostas vagas, incompletas, inconclusivas. Mas ao pensar no que poderia dizer hoje, aqui, em meio da família pinhalense, o que vale dizer, da minha própria família, achei que não podia encontrar melhor oportunidade para uma tentativa de roteiro que levasse, se não a uma explicação, pelo menos a uma compreensão.

Marcel Proust nos ensinou que é procurando o tempo perdido que nos melhor nos acharemos. Outra oportunidade como esta não surgirá facilmente. Pois aqui todos me entenderão, uma vez que falarei de nomes, pessoas e coisas, familiares a todos nós. Se mencionar o bairro baixo, ou o bairro alto, de Nova Louzã, meus amigos Lindor Leite ou Adelino Guarinelo, saberão logo do que se trata. Se lembrar ruas e casas, e gentes, todos logo reconhecerão, com certeza terão lembranças idênticas, acontecimentos similares. Ainda há poucos meses, sem saudação pública, por delegação vossa, Antônio Machado Florence lembrou alguma coisa desse passado. Lembrou, com a sua alta eloquência, o menino do grupo escolar Dr. Almeida Vergueiro que gazeava a aula para ir nadar no ribeirão, de onde o velho Manoel Gonçalves o punha para fora em doídas correrias. Recordou as valentes peladas na praça atrás do Grupo, muitas vezes interrompida por alguma vidraça da vizinhança espatifada. E de tantas outras molecagens mais que, como todas as crianças de todos os tempos, éramos tão pródigos. Seria aliás fácil enumerá-las, lembrando o tabuleiro da Rosinha, de onde furtávamos pés de moleques e bons-bocados, ou as pequenas e porque não dizer perversas provocações contra a Zabé-louca. Ou contra aquele pitoresco Jacaréi, com as suas patacoadas sobre a Guerra do Paraguai. Tudo tão vivo, tão presente! E tão fácil de reconstruir! Aos olhos

do menino de então, os pequenos sucesso assumiam grandezas insuspeitadas. Revivê-los é empresa das mais agradáveis. E revivendo-os não me sentirei fora de foco se a emoção vier perturbar-me. Pois a verdade é que em todas as visitas à casa paterna, encontraremos sempre, pelos cantos, a sombra da ilusão, ou de uma saudade.

Procurando, no mais fundo da memória, a mais antiga lembrança, me vejo, criança de cinco ou seis anos, diante do velho Trianon, ao lado da Matriz, com o seu Nicola a atender a sua seleta freguesia. Ao lado do Clube, onde as figuras provetas do lugar decidiam os destinos da cidade: os velhos coronéis, homens solenes, sérios, sóbrios no vestir e no viver. Mais tarde um pouco, sete ou oito anos, a escolinha mista de Nova Louzã, bairro baixo, diante de Dona Ernestina, mulher do sr. Branco – goleiro do time de futebol – uma mulher alta e magra, paciente e boa. É com ela que o caipirinha aprende as primeiras letras, entre caboclos e caboclinhas cujos nomes constituem, infelizmente, apenas apagados ecos na memória. Um ou outro mais presente não responderia, bem sei, a chamada, que o companheiro lhe fizesse. Onde andarão eles? Benjamim? Benedito? Sebastião? Nomes apenas. Vagos nomes. Das mãos de dona Ernestina para as de Benedito Teles, ou de Oscar de Almeida – o que fazia versos e os publicava na cidade, na folha de Otaviano Costa, ou Laurindo Marques – crescendo aos olhos do menino que já então descobrira essa coisa maravilhosa, tão maravilhosa que substituíra por vezes o jogo de pião, de malha ou as longas peregrinações rodando arcos. Era um pequeno livrinho que contava uma história muito engraçada de um caipira que botava sapatos até nas galinhas do seu sítio. Era o Jeca Tatuzinho, de Monteiro Lobato. Como para tantos outros da minha geração, foi esse o primeiro livro, a chave mágica que abriu o mundo encantado da leitura. Com que alegria o adulto pagou a dívida ao seu autor, escrevendo-lhe a vida!

Mas Nova Louzã era apenas uma pequena etapa dos estudos. Concluído o segundo ano na escolinha rural, era mister prosseguir no curso. Diariamente o trenzinho da mogiana trazia o menino de manhã, devolvendo-o à tarde. José Ferreira Neves fez, como professor, esse percurso, muitas vezes.

O Grupo Escolar Dr. Almeida Vergueiro! Era todo um mundo novo. Caras novas. Mestres novos. Muitas caras novas. Muitos mestres novos. Como esquecê-los. José Floriano de Azevedo Marques, Domingos Ramacciotti, Ruy Barbosa, Humberto Leal... Está muito viva na minha memória a primeira emoção realmente séria, o primeiro triunfo, aquilo que se poderia, imodestamente, chamar-se de prenúncio do futuro escritor. Não é por vaidade que relembro o episódio, mas sim porque ele, em verdade, marcou a sensibilidade infantil, e inconscientemente terá agido como mola impulsadora. Foi assim: a aula era de

composição. Terceiro ano. Professor José Floriano. Assunto: carta a um amigo convidando-o a passar férias na fazenda. No dia seguinte, com surpresa, é o terceiro anista, meio tímido e meio encabulado, conduzido ao quarto ano, onde o professor Ramacciotti, diante da sua classe atenta, o fez ler, com a necessária ênfase, aquilo que julgavam uma brilhante epístola e que fora, na tarde anterior, motivo de reunião na sala da diretoria. Estão lembrados desse pequeno episódio os professores Ramacciotti e Floriano?

O primeiro triunfo! Que sabor ele nos deixa! Por mais que esmiúce na memória, não encontro outro fato tão marcante a levar-me para o campo das letras. Claro que apenas isso não bastaria, mas o episódio marca uma tendência, o que somos nós senão homens marcados pelo berço?

Do grupo para o ginásio e escolas de comércio, e depois para a vida prática, os anos voaram, juntamente com os cabelos. Mas no meio desse período há o interregno de um ano inteiro em Nova Louzã, inativo, indeciso quanto ao futuro. Foi no ano trágico de 30, quando a incerteza e o temor pairou sobre tantas casas. A inatividade em Nova Louzã, para o adolescente já preso ao livro, e que às ocultas versejava, enchendo cadernos e mais cadernos de rimas, seria altamente benéfica. Acontece que havia lá um farmacêutico, um homem alto e magro, sempre risonho e brincalhão. Esse homem possuía uma coisa muito importante, muito rara por aquelas bandas: uma estante carregada de livros. Oh! A biblioteca do Lindor! Como eu lamento nessa hora não ser um altissonante poeta para cantá-la! Que de alexandrinos clangorosos a lira entoaria em seu louvor! Era uma biblioteca eclética, com grandes e pequenas obras, e que durante um ano inteiro foi devorada em média de um livro por dia. O sol podia cantar lá fora clarinadas de luz! Os cafezais podiam vestir-se das mais lindas flores na mais esplêndida floração! O rapazinho só tinha olhos para ler, só sabia ir todas as manhãs ao bairro baixo trocar o livro lido na véspera, e voltar correndo para o bairro alto, a enfurnar-se no quarto por horas e mais horas. Quantos sábados e domingos não deixou de ir à cidade, perdendo formidáveis partidas futebolísticas em que brilhavam craques como o Lau, o Bartô, o Didi, e tantos outros mais. Sacrificava mesmo aquelas saborosas voltas no jardim da praça da Matriz, resistindo à tentação dos tímidos namoros, como aliás convinha a quem sonhava com virgens loiras e gemia débeis poemas de amor. Mais forte do que o olhar da eventual namorada – onde andarão elas? – ou de uma sessão no Éden, eram as páginas telúricas do *Canaã* de Graça Aranha, ou o ambiente cheio de oropéis de Coelho Netto. De tudo havia na estante do Lindor! Me lembro, como se fora hoje, do pasmo, do impacto que foi a descoberta do *Losango cáqui*, de Mário de Andrade. Aquilo vinha para destruir todos os Bilacs, todos os

Vicentes de Carvalho, todos os Raimundo Correia, que devorara insaciavelmente. E me lançava numa confusão tremenda, pobre autodidata perdido entre tantos iconoclastas. Pois de um modernista audacioso como Mário de Andrade, o pulo era para um realista como Malheiro Dias ou Aluísio Azevedo, ou um romântico como Alencar ou Macedo.

Como disse, era uma estranha, inquietante e perturbadora estante a do meu amigo Lindor. As cartas aos amigos da capital – e um deles recentemente me mostrou uma delas – iam peçadas de reflexões, de ingênuas reflexões, naturalmente. Mas o vírus literário estava realmente inoculado. E para ele, ai de nós! Não há remédio. E como não havia mesmo remédio, o jeito era procurar a válvula de escape. Laurindo Marques Júnior, que depois se agastaria com o seu colaborador, abriu as páginas de *A Folha* e nelas, sob o pseudônimo de Afrânio, muitas poesias, inúmeras crônicas, dezenas de artigos foram publicados. Revendo velho álbum de recortes encontro páginas que trazem títulos como “Crônica de orgulho pra terra distante”, “D. Sebastião Leme”, “O Jacareí”, e tantos outros mais. Era o aprendizado do escritor, feito graças à paciência e boa vontade do Laurindinho, que não lhe regateava colunas, nem estímulos. É certo que do outro lado, aquela pitoresca figura que encheu durante tantos anos o jornalismo pinhalense, o falecido Sampaio Júnior, não perdoava o principiante, e em “Espirros” (nota do editor: coluna no jornal *A Notícia*, de Pinhal) contundentes zurzia o colaborador de *A Folha*. Não é sem melancólico sorriso que releio essas velhas páginas e recordo o Sampaio abraçando-me rumoroso e explicando as razões dos ataques. Eram apenas para chamar a atenção, agitar o ambiente, nada mais. E se não é sem um sorriso que releio essas páginas, não é também sem grata emoção que me volto para aqueles tempos em que a publicação de um simples artigo enchia de júbilo e de altos sonhos a cabeça do jovem candidato à literatura.

Todos nós que fazemos das letras ofício, somos olhados de esguelha, com muita desconfiança, pelos seres bem pensantes e bem postos na vida. Num país em que tal atitude nada tem de produtiva e de rendosa, economicamente falando, não é realmente desrazoado dedicar-se alguém às belas letras? Assim seria olhado o colaborador d'*A Folha* que, certa manhã, entrou pelas largas portas do Banco do Estado, para o início daquilo que se poderia chamar de vida prática. Mas é evidente que as letras de câmbio seriam vencidas e postas de lado. Não foi, como seria fácil dramatizar, uma luta heroica, em que empecilhos tenham sido vendidos a duras penas, não. Desambicioso e tímido, mais do que a possível glória, o que o apagado bancário buscava, no doido afã de encher laudas e laudas de papel, era a sua própria salvação. Isto tem a literatura de bom, quando a servimos com paciência e honestidade, ela

compensa. Compensa sempre. O conselho é não sair impaciente à cata de uma glória ilusória e falaz. Isso de nada servirá, se aquilo que fizemos não nos proporcionar esse mínimo de satisfação interior, sem a qual todo sucesso não terá nenhum sentido. Nenhum escritor autêntico, e nem é preciso discutir qualidade, pode ter o êxito como finalidade. O que deve importar – repetimos – é a satisfação íntima. O corpo pode se diluir em desgastes físicos, pois os anos são impiedosos, mas se a consciência está tranquila, se o espírito se manteve puro, incorruptível, se ele jamais foi caucionado a interesses escusos, ah! Então tudo é diferente. O rio pode muito bem ter desviado o seu curso e não mais o encontrarmos no local dos banhos à tardinha. As pedras da rua que pisamos podem não guardar mais as marcas dos nossos pés. Talvez nem mesmo encontremos quem nos indique os velhos caminhos, ou nos aponte as antigas moradas. Mesmo as árvores, se não são outras, mostrarão velhos troncos irreconhecíveis.

Talvez seja inútil perguntarmos pelos antigos companheiros. Muitas vozes silenciaram. Uns tragados pela morte. Outros pela própria vida. Mas se tivermos conseguido manter integral fidelidade aos ideais, se os embates da vida não poluíram tais ideais, é mais do que certo, é certíssimo, de que nossa imagem se refletirá no espelho nítida e forte, com a mesma pureza e mesmo encanto dos seus primeiros sorrisos, dos seus primeiros sonhos, das suas primeiras ambições.

Meus amigos, velhos companheiros, homens que me viram pequeno, ou que comigo brincaram, e que carinhosamente acompanhais, em silêncio e de longe, os passos do filho da Rosinha: não o louveis pelo êxito momentâneo de uma obra literária. O ter escrito alguns livros, o ter colaborado em jornais e revistas das mais importantes do País, não é façanha a que se deva prêmios ou louvores. Já vos mostrei que o caminho do escritor não tem, como disse o poeta, “aroma que vos não pertença”. O que talvez podeis louvar é a fidelidade do escritor aos sadios princípios hauridos da sua terra e da sua gente. Somos, sem a menor dúvida, produtos da infância. A tragédia só atinge o homem quando ele rompe o fio que o liga à terra natal. Se for incapaz, como o Anteu da lenda, de recuperar suas forças ao contato com a terra, é um homem perdido. Perdido para a vida, que não perdoa infidelidades dessa ordem.

Das muitas alegrias que a vida de escritor me tem a propor, nenhuma supera a de saber que pude refletir-me no espelho do passado com a pureza, o encanto e os sonhos das primeiras ambições. E saber que não vos decepcionei é, sem a menor dúvida, o melhor estímulo para prosseguir, certo de que, se o escritor não conseguiu ou não pôde alçar-se às alturas desejadas, soube, contudo, honrar as lições aprendidas, e da medida de suas forças continuar a tradição

pinhalense de servir ao seu Estado e ao seu País, de que são exemplos os mais altos nomes como os de D. Sebastião Leme, Abelardo Vergueiro César, Machado Florence e tantos outros mais.

Agradeço, muito comovido, a Manoel Carlos Gonçalves, a Carolino Sucupira Mendes Silva e a Júlio Jardini terem propiciado esta reunião, e a todos a paciência com que ouviram este pobre orador.

5.4. Discurso na Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, em 28 ago. 1956.

Discurso proferido pelo presidente em exercício, Edgard Cavalheiro, em homenagem ao ex-presidente da entidade, Abel Ferraz de Souza ([HOMENAGEM a Abel Ferraz de Souza]. *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 4, v. 4, p. 173, jul./ago. 1956).

A diretoria da “Câmara Brasileira do Livro”, dando execução a uma proposta unanimemente aprovada em uma de suas assembleias extraordinárias, inaugura hoje, em casa própria, o retrato do seu ex-presidente, o nosso companheiro de todas as horas – Abel Ferraz de Souza. O acontecimento é duplamente grato a todos nós e reveste-se de colorido muito especial. Não só por coincidir esta homenagem com uma data muito cara a todos os amigos de Abel mas, também, pela circunstância toda especial de nos reunirmos, pela primeira vez, no local que já agora, com certa ênfase, poderemos chamar de “a nossa casa”.

Estamos há poucos dias da assinatura do contrato de compra definitiva desta sede. Ela hoje nos pertence, incorporada que foi ao patrimônio desta entidade que congrega livreiros e editores do Brasil. A data é, por isso mesmo, das mais propícias para lembrarmos que se conquistamos tal vitória, a uma pessoa principalmente devemos o termos atingido a meta por tantos anos desejada. Esta sede – nunca é demais repetir – representa, antes de mais nada, um sonho de Abel Ferraz de Souza. Todos nós sabemos que o sonho é sempre o primeiro passo de todas as realizações.

Esta sede, a princípio, não passou disso – um belo sonho de Abel Ferraz de Souza, que não queria, por coisa alguma, passar a presidência da “Câmara Brasileira do Livro” sem deixá-la instalada de forma definitiva. Homem paciente, trabalhador, teimoso e também incansável, dispôs-se a enfrentar todos os obstáculos, seja suportando o pessimismo de uns e a descrença de outros, o “impossível” de tantos. A princípio, realmente, a ideia parecia audaciosa demais para as nossas possibilidades. Mas nada desanimou o então presidente da “Câmara Brasileira do Livro”. Roubando horas preciosas de suas atividades, convencendo

uns, amparado por outros, chegou às primeiras negociações, a compra e finalmente a instalação desta Casa. O que era sonho tornara-se indiscutível realidade. E a parte mais dura dessa empresa nós a devemos, sem dúvida alguma ao nosso caro ex-presidente, que é responsável, no entanto, não apenas por essa realização. Não devemos esquecer que, sob a sua presidência, realizou-se o Segundo Congresso dos Editores, ao lado de algumas campanhas memoráveis em prol do livro. Bastaria citar a que nos concedeu isenção do Imposto de Indústrias e Profissões.

Editar, já afirmaram, pode não ser o melhor negócio do mundo, mas é dos mais belos, dos mais nobres. As responsabilidades que pesam sobre os ombros do editor são imensas. E os resultados nem sempre são dos mais compensadores, mormente num país como o nosso, ainda tão pouco afeito ao trabalho com as coisas do espírito. Mas todos nós, que fazemos deste ofício a razão de ser de nossas atividades, não viemos a ele apenas por nos parecer um negócio idêntico aos demais. Não. A atração exercida pelo livro é desses mistérios inexplicáveis. O certo é que uma vez dentro dele, nele sempre estaremos.

Podemos, com muita segurança, afirmar que é ofício que se troque com facilidade por qualquer outro. O livro nos marca. E é irmanados por esse denominador comum que aqui estamos para trazer o nosso abraço a um companheiro que também fez dele a sua razão de ser, a um companheiro que, acreditando no livro, crê, também, que é unidos que melhor podemos ampará-los e divulgá-lo e torná-lo, em dia que esperamos próximo, algo mais do que um artigo para alguns poucos privilegiados.

O retrato que ora inauguramos, meu caro Abel, não propriamente para que estejamos sempre a nos lembrar de você e dos seus esforços em prol da classe a que pertencemos. Para isso não era preciso retrato, pois sua presença nesta Casa é marcada, diariamente, pela solidariedade e ajuda que você empresta a todos os nossos atos, dos maiores aos menores. Esse retrato, ao lado do outro grande presidente, nosso Jorge Saraiva, dirá aos que vierem depois, que enquanto Jorge guiou a “Câmara Brasileira do Livro” nos seus primeiros passos, você a consolidou. Você está, ao lado de Jorge Saraiva, em excelente companhia. E o exemplo de vocês é que nos estimula a prosseguirmos.”

5.5. Discurso no 3º Congresso de Editores e Livreiros, em São Paulo, a 9 nov. 1956.

3º Congresso de Editores e Livreiros do Brasil (anais). Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1959, p. 134-137:

Ao chegarmos ao término de nossos trabalhos, julgamos oportunas algumas palavras aos senhores Congressistas sobre o que aqui debatemos. Quase uma centena de teses estiveram em discussão. Aprovadas ou rejeitadas, elas nos mostraram, antes de mais nada, que soubemos fugir ao fácil brilho das inúteis oratórias ou das inócuas divagações. O clima altamente democrático de nossas reuniões – graças à habilidade e ao equilíbrio de Jorge Saraiva, experiente e calejado presidente de tantos Congressos – permitiu o mais livre e amplo debate de ideias. E o volume e a diversidade dos temas trazidos a plenário, deixaram, a todos nós, a certeza de que nos sobravam razões quando julgávamos inadiável e oportuníssimo esse conclave. Bem sabemos que muitas das resoluções aqui assentadas não são de fácil aplicação. Demandam ainda novos estudos e muitas barreiras precisarão ser vencidas. Mas quantas dificuldades, a princípio tidas como insolúveis, já não foram por nós resolvidas? O essencial é lutar, lutar sempre, com denodo, vigor e fé inquebrantáveis. Nada nos cai do céu por descuido ou benesse. A própria realização deste Congresso não foi empresa fácil. Assim como não foram nada fáceis os congressos de 1948 e 1954. Mas são os empecilhos, muitas vezes, os melhores estimulantes para que nos atiremos à luta. De uma coisa estamos todos certos: o resultado das soluções aqui tomadas não passarão de meras recomendações se não estivermos todos unidos e cada vez mais atentos aos interesses da classe, que são, aliás, os interesses do próprio País. Que podemos permanecer unidos, como uma só força, este Congresso deixou suficientemente claro. Sabemos, muito bem, que as conquistas obtidas até agora só foram possíveis porque nos momentos oportunos a união nos tornou suficientemente fortes para reivindicarmos direitos imprescindíveis à nossa sobrevivência. E agora, que mais graves e duradouras medidas terão que ser tomadas pelos órgãos dirigentes da classe é imperioso que todos quantos trabalham com o livro e para o livro, se unam ao redor da Câmara e do Sindicato, para que tais medidas possam realmente ser aplicadas.

Não será este com certeza, o momento mais propício para a análise de prós e contras dos temas que nos preocupam nestes últimos dias. Poderíamos ressaltar, no entanto, a importância de algumas teses, e, ao focalizá-las, deixar bem claro que, naquilo que depender da Câmara Brasileira do Livro, as medidas pleiteadas ou aprovadas pelos srs. Congressistas terão sua aplicação no menor espaço de tempo possível. Envidaremos todos os esforços para

que no próximo Congresso tais assuntos sejam apenas motivos de pequenos retoques, ou aperfeiçoamentos que a prática demonstrar serem necessários.

Resoluções como a que recomenda a Regulamentação do Comércio Livreiro, através de um Código de Ética, são dessas que irão exigir esforço, paciência e talvez muitas outras discussões. A elaboração desse documento da mais alta importância reclamará, de todos nós, a paciência e o bom senso necessários para que ele se transforme, em verdade, na carta magna de nossa classe. Mas para que esse Código de Ética seja de eficiente aplicação, para que satisfaça a todos e todos sem constrangimento possam nele apor sua assinatura, é imprescindível atrairmos os elementos que ainda estão fora dos quadros das nossas associações de classe. De nada nos adiantará, é evidente, um código facilmente vulnerável ou de parcial aplicação. Infelizmente ainda há firmas que usufruem todos os benefícios e regalias duramente conquistadas, não apenas sem arcarem com quaisquer espécies de ônus, mas ainda prejudicando, de forma sensível, a aplicabilidade das normas que regem ou devem reger o nosso comércio.

Que estas palavras do presidente da Câmara Brasileira do Livro sirvam de veemente apelo a todos quanto ainda não pertençam a seu quadro social, para que nele ingressem, que conosco venham também debater seus problemas, apresentar suas dúvidas, ou indicar as orientações que lhes parecerem mais acertadas. Com o apoio de todos será, então, possível a elaboração e a aplicação do regulamento preconizado por este Congresso. Apenas com a união realmente efetiva de todos os que vivem do livro, nos tornaremos uma força efetiva, apta a impor normas, a debater, com os poderes públicos, assuntos que nos dizem respeito. Sabem todos o desinteresse com que temos sido encarados pelos poderes oficiais. Não representamos, para os altos dignatários da Nação, força eleitoral ponderável, nem força econômica capaz de pesar nos orçamentos governamentais. Ainda não há muito tempo estivemos em comissão perante o ilustre Ministro da Fazenda. Pleiteávamos que a classe editorial e livreira fosse também ouvida na elaboração de um plano de reforma cambial então em estudos. A resposta do Sr. Ministro foi seca e decepcionante: “- Os srs. chegam tarde. O Ministério já ouviu todas as classes economicamente representativas”. Resposta, aliás, idêntica a de certo banqueiro que, às ponderações de nosso intérprete sobre as dificuldades do negócio do livro, apenas soube perguntar: “- Mas livro é negócio?”. Economicamente falando, em confronto com as grandes indústrias, é claro que não podemos ainda ter a pretensão de pesar na balança em que se colocam os poderosos. Mas nenhum outro negócio, principalmente num país como o nosso, é de tão transcendental importância, embora nossos

homens públicos nem sempre pensem dessa maneira... Cabe a nós, editores e livreiros e também escritores, mudar-lhes os pontos de vista, imbuí-los da alta importância e nobreza deste comércio. E o faremos, sem dúvida alguma, porque acreditamos no futuro da nossa terra, e sabemos que a nossa gente em nada é inferior a qualquer outra. Um povo inferiorizado talvez. Sem boas condições de saúde. Sem condições econômicas. Sem nível educacional. Apesar de tudo, capaz de grandes realizações. A vida do povo e a vida do livro brasileiro são, em tudo e por tudo, semelhantes. Encontram-se na mesma situação de abandono. Sofrem as mesmas humilhações. Mas é nessa resistência a todas as agruras e adversidades que demonstramos a nossa grande força. Continuaremos no bom combate de dar à nossa terra e à nossa gente os livros de que carecem para sua maior grandeza.

5.6. Discurso na Câmara Brasileira do Livro, em São Paulo, a 22 nov. 1956.

Discurso proferido em homenagem ao editor Savério Fittipaldi. (HOMENAGEM ao editor Savério Fittipaldi. *Boletim Bibliográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 6, v. 4, p. 275-276, nov./dez. 1956).

Meu caro Savério Fittipaldi,

Embora avesso, por temperamento, à oratória – particularmente esta de sobremesa – é com o mais grato prazer, e a mais comovida ternura, que em nome de todos os seus colegas e amigos da “Câmara Brasileira do Livro”, venho trazer-lhe o aplauso público da classe à sua obra em prol do livro brasileiro – o que vale dizer – em prol da cultura brasileira.

Há cinquenta anos que o temos inteiramente dedicado ao nobre, porém bem pouco compensador, ofício de dar à nossa terra e à nossa gente o alimento espiritual consubstanciado nos milhões de volumes que já passaram pelas mãos do livreiro, editor e autor. Sim, pois todas as escalas do nosso comércio foram percorridas pelo menino que, aos doze anos de idade, iniciou suas atividades, a princípio como auxiliar do pai numa improvisada livraria junto ao velho Teatro de São Pedro, onde hoje se encontra o Teatro João Caetano, no Rio de Janeiro.

Do rapazinho esperto, que amorosamente arrumava, todas as manhãs, num muro lateral do teatro, os mais variados livros; do menino vivo e sabido que aos 12 anos supria a sua banca, percorrendo os fornecedores; do pequeno vendedor, sempre solícito à heterogênea clientela, ao velho e querido Savério Fittipaldi da Editora das Américas, é longa a caminhada. Que ela foi áspera, às vezes duríssima, não é de estranhar num País como o nosso, ainda tão

pouco afeito às coisas do espírito. Savério, como Quaresma, Teixeira, Alves, Saraiva, Briguiet, Garnier, Jacinto, o velho João Martins, e poucos mais, entre eles o grande Lobato, foram precursores, e aos precursores cabem sempre as tarefas mais difíceis, mais espinhosas. A história desse grupo de homens é a própria história, e por vezes dolorosa história, do livro no Brasil. Uma história nem sempre feliz, nem sempre otimista, pois que é marcada, aqui e ali, por fundas decepções, por amargas derrotas. Mas decepções ou derrotas não foram suficientes para afastar do caminho do livro homens como Fittipaldi.

No comércio do livro, sabemos todos nós, é imprescindível uma boa dose de sonho. Se vender ou editar livros não é, economicamente falando, um bom ou lucrativo negócio, é, pelo menos, um belo negócio. Se nele procurarmos unicamente proventos materiais, o melhor é desistir. Negócio personalíssimo, nisso consiste, aliás, um de seus maiores atrativos. Somente homens habituados ao sonho, sentem-se à vontade nele.

Savério Fittipaldi tinha um sonho, acalentava para a Pátria adotiva, a Pátria dos seus filhos, dessa forma investiu em algumas obras que julgava fundamentais para a nossa cultura. Tanto para o menino que apregoava a sua mercadoria ao ar livre como para o livreiro que se tornaria depois, o livro não foi nunca uma mercadoria como outra qualquer. Cada volume, mesmo a mais humilde brochura, dizia-lhe alguma coisa, trazia em suas páginas uma mensagem. Sabia que mesmo na brochura menos importante, há sempre um pensamento, uma frase, um parágrafo ou um capítulo digno de ser retido. Não havia, para ele, como para todos quanto amam verdadeiramente o livro, obra inútil. Esse apego à letra impressa foi, pouco a pouco, envolvendo-o e transformando-o, de simples vendedor, num leitor apaixonado e inveterado. Nas horas de folga, tirava dos volumes os mais diversos, os cursos que não lhe fora possível fazer. Essa curiosidade intelectual levá-lo-ia, naturalmente, a olhar com supersticioso respeito aos grandes vultos das letras que, no convívio das livrarias, se revelavam a seus olhos, homens como os demais, humanos, compreensivos, tolerantes, embora aqui e ali não faltassem os suficientes, ou esnobes. Quando, em 1919, Fittipaldi resolve abrir a sua própria livraria, deu-lhe o nome de Livraria Carioca. No entanto, pouco tempo depois, a rebatizava para Livraria João do Rio – homenagem a um amigo, e mais do que a um amigo – a um grande escritor que acabava de falecer.

Cerca de seiscentas obras, entre populares e clássicas, foram lançadas pela editora João do Rio que, num certo período, atraiu para a sua loja vultos dos mais eminentes das letras nacionais. Evaristo de Moraes, Catulo da Paixão Cearense, Ronald de Carvalho, Agripino Grieco, João Ribeiro e outros, todos ali faziam ponto, ali iam não apenas à cata das

últimas novidades mas, principalmente, para o convívio ameno e erudito de Savério Fittipaldi. Acontecera que no transcurso de tantos anos, o ex-vendedor de livros de praça pública e agora editor, não se limitara a vender e a editar. Lera muito. Passara noites debruçado sobre velhos calhamaços, familiarizando-se com as obras dos grandes mestres. Dotado de extraordinária memória, retinha minúcias que tornavam a sua palestra colorida, pitoresca. Tanto discorrendo sobre as mais intrincadas passagens da Bíblia, como sobre os mais insignificantes pormenores da História; seja falando sobre um autor antigo ou um moderno, Savério Fittipaldi revela um conhecimento autêntico, real, de quem, em verdade, mais do que mero e curioso leitor, foi um estudioso incansável, paciente.

Homem de permanente bom humor, solícito, acolhedor, sempre amável, de uma alegria e otimismo contagiantes, soube criar, graças a essas qualidades, um clima propício ao trato com os homens de letras que o frequentavam, transformando a Livraria João do Rio em algo mais do que uma simples casa de comércio de livros.

Mas, em 1937, Savério Fittipaldi transfere-se para São Paulo. Outros planos o preocupam. Mas é inútil qualquer tentativa que o afaste de forma definitiva dos livros. Logo mais vamos encontrá-lo na Praça da Sé, como sempre às voltas com originais e brochuras, com aquele ar aparentemente ausente, deixando a imaginação correr pelos amplos domínios do sonho.

Pouco depois dá início à publicação da *História Universal*, de Cesare Cantu. Em seguida publica *A Bíblia Sagrada*. Monta oficina própria, e de suas máquinas saem as *Vidas Ilustres*, de Plutarco, a série das biografias dos homens célebres e outras clássicas que o editor procurava, e conseguia, popularizar.

Hoje, a Editora das Américas, um sonho realizado: oficinas gráficas e de encadernação, e algumas dezenas de títulos a circularem pelo País, atestam um labor constante, bem orientado e dos mais profícuos.

Nós todos nos regozijamos com a vitória desse trabalhador do livro. E aqui estamos para reafirmar-lhe, publicamente, da nossa alegria por vê-lo obter, depois de tantos anos de dura luta, o justo e merecido prêmio. Que por muitos anos, meu caro Savério Fittipaldi, você possa usufruir dessa satisfação – e que novas vitórias venham coroar os esforços de quem, do livro, pelo livro e para o livro, tem vivido.

6. Índice onomástico

ABDALA, José João.....	207
ABREU, (Visconde de Abaeté) Antônio Paulino Limpo de.....	63
ABREU, Capistrano de.....	30, 304
ABREU, Casimiro de.....	60, 88, 142
ABREU, Rodrigues de.....	30, 54, 57, 64, 98
ABREU, Zequinha de.....	129
ACAUÃ, Antonio.....	228
ACAYABA, Cícero Vieira de.....	206
ACCIOLI, João.....	205, 207
ADAM, Adolphe.....	144
ADDINSELL, Richard.....	142
AFRÂNIO.....	9
ALBARRACÍN, Domingo Faustino Sarmiento.....	91, 125, 198
ALBUQUERQUE, Medeiros e.....	54, 88, 115, 228
ALEGRETTI, Derville.....	207
ALENCAR, José de.....	62, 76, 89, 238, 355
ALENCAR, Mário de.....	255
ALENCAR, Mauro de.....	205
ALEXANDRA, (Rainha) Vitória.....	326, 336
ALEXANDRE MAGNO.....	319
ALIGHIERI, Dante.....	269
ALMEIDA, Antônio Tavares de.....	206
ALMEIDA, Carmen de.....	205
ALMEIDA, Guilherme de.....	107, 170
ALMEIDA, Manuel Antônio de.....	88, 118
ALMEIDA, Oscar de.....	353
ALMEIDA, Paulo Mendes de.....	18, 20, 207
ALMEIDA, Renato de.....	100
ALPHONSUS, João.....	99, 193
ALVES, Castro.....	73, 80, 92, 100, 113, 115, 156, 250, 260, 290
ALVES, Francisco.....	129, 362
ALVES, Oswaldo.....	206
AMADO, Genolino.....	294, 315
AMADO, Gilberto.....	153
AMADO, James.....	229
AMADO, Jorge.....	11, 17, 21, 65, 67, 105, 106, 207
AMARAL, Amadeu.....	156, 278, 279, 293
AMARAL, Rubens do.....	97, 197
AMARAL, Tarsila do.....	15
AMARAL, Ubaldino.....	63
AMARAL, Valentim do.....	206, 207
AMARANTE, Tiana.....	78
AMBROGI, Cesídio.....	173
AMIEL, Henri-Frédéric.....	87
AMORA, Antônio Soares.....	45
ANCHIETA, José de.....	151, 251, 290
ANDERSON, M.....	125, 144

ANDRADA, Martim Francisco Ribeiro de.....	292, 293
ANDRADE, (Sousândrade) Joaquim de Sousa.....	162
ANDRADE, Carlos Drummond de.....	18, 55, 100, 162, 168, 169, 170, 171, 236
ANDRADE, Condelaç Chaves.....	206
ANDRADE, Lélío de Castro.....	210
ANDRADE, Mário de.....	14, 17, 18, 24, 30, 50, 100, 105, 109, 120, 126, 129, 147, 156, 162, 169, 171, 183, 194, 220, 240, 242, 302, 354, 355
ANDRADE, Milton.....	10
ANDRADE, Oswald de.....	11, 24, 100, 101, 138, 162, 183, 207
ANDRÉ, Flávio.....	48
ANJOS, Cyro dos.....	70, 72
ANTEU.....	356
ANTIGENIDAS.....	320
ANTONGINI, Tom.....	261, 262, 263
APOLO.....	269
APPORELLY, (Barão de Itararé) Aparício Torelly.....	33, 56, 198, 206
ARANHA, Graça.....	255, 262, 354
ARANTES, Altino.....	16
ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar.....	291
ARAÚJO, Carlos da Silva.....	229
ARCHER, Maria.....	187, 201
ARIEL.....	340
ARINOS, Afonso.....	61, 99, 194
ARMSTRONG, Louis.....	127
AROUET, (Voltaire) François-Marie	85, 340, 341
ARTAXERXES I.....	321
ASSIS, Machado de.....	7, 8, 65, 70, 71, 74, 77, 78, 129, 153, 155, 158, 165, 194, 203, 217, 250, 255, 256, 257, 260, 302
ATHAYDE, Tristão de.....	15, 97, 185, 201, 316, 333
AUBRY, Octave.....	333
AURÉLIO, Marco.....	78
AUVERS, Felix.....	58
AVILA, Affonso.....	229
ÁVILA, Aristides.....	73
AZEVEDO JÚNIOR, Eduardo Guimarães de.....	65
AZEVEDO, Aluizio.....	355
AZEVEDO, Álvares de.....	32, 43, 44, 45, 48, 49, 60, 93, 166, 222, 225, 250, 290
AZEVEDO, Fernando de.....	109
AZEVEDO, Odilon.....	67, 68, 167
BACH.....	129, 132, 137, 142, 143, 145, 160
BADARÓ, Líbero.....	8
BAGNOTI, Aldo C.....	46
BAIRÃO, Reynaldo.....	229
BAKER, Josefina.....	176
BALZAC, Honoré de.....	23, 111, 112, 120, 121, 147, 148, 297
BANDEIRA, Antônio Rangel.....	206
BANDEIRA, Manuel.....	18, 44, 100, 152, 194, 261
BARBOSA, Carmen Dolores.....	185, 196
BARBOSA, Francisco de Assis.....	215
BARBOSA, José Almiro Rolmes. .	18, 43, 45, 50, 152, 172, 175, 176, 182, 186, 191, 192, 193,

196, 203, 215, 220	
BARBOSA, Rui.....	100, 196, 301, 302, 303, 304
BARBOSA, Ruy.....	353
BARING, Maurice.....	23
BARLÉUS, Gaspar.....	168
BARRETO, (Belmonte) Benedito Carneiro Bastos.....	11, 97
BARRETO, Lima.....	45, 116, 117, 118, 124, 125, 153, 202
BARRETO, Plínio.....	171
BARRETO, Tobias.....	62, 80, 123, 203, 259, 260
BARRIOBERTO y HERRAN, E.....	317
BARROS, Dom José de.....	8
BARROS, Fernando de.....	207
BARROSO, Almirante.....	59
BARROSO, Inezita.....	196
BARRYMORE, John.....	114, 117
BARTÓK, Béla.....	140, 142, 143
BASBAUM, Leôncio.....	11
BASIE, Count	127
BASTOS, Abguar.....	97, 205, 206, 207
BASTOS, Humberto.....	205
BASTOS, Tavares.....	69, 76, 122, 125, 161
BATINI, Tito.....	205
BAUDELAIRE, Charles.....	263
BEECHAM, Sir Thomas.....	129
BEETHOVEN, Ludwig van. .	126, 131, 132, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 143, 145, 146, 328, 332, 334
BELBENOIT, René.....	273
BELLADE, Jean P. L.....	46
BERG, Alban.....	133
BERLIOZ, Hector.....	126, 143
BERNES, Lord.....	146
BERNSTEIN, Leonard.....	129
BERRIEN, William.....	14, 91, 108, 302
BERTASO, Ady.....	177, 179
BERTASO, Fernando.....	25
BERTASO, Henrique.....	25, 26, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179
BERTASO, José.....	25, 26, 130, 150, 174, 177, 178, 179
BERTASO, José Otávio.....	25, 26, 178
BERTASO, Luíza.....	176, 177
BERTAUT, Jules.....	298
BERTOLINI, Nadir.....	206
BEYLE, (Stendhal) Henri-Marie.....	333
BILAC, Olavo.....	90, 101, 138, 289, 354
BISMARCK, Otto Von.....	310, 328, 332, 334
BLITZEIN.....	129
BLOCH, Pedro.....	161
BLOEM, Rui.....	11, 21, 51, 350
BLOY, Léon.....	333
BLUHM, Paulo.....	193, 194
BOCAIUVA, Quintino.....	257

BOCK, Théophile De.....	271
BOLÍVAR, Simon.....	102, 104, 150, 311, 312, 313, 314
BOMFIM, Paulo.....	160
BONAPARTE, Napoleão.....	191, 328, 332, 333, 334, 342
BONNARD, Silvestre.....	78
BORBA, Osório.....	18
BORGES, Durval Rosa.....	196
BORGES, Mauro.....	56, 57
BOTELHO, Carlos.....	61
BOURBON, Carlota Joaquina Teresa Caetana de Bourbon e.....	82
BRAGA, Belmiro.....	88, 111
BRAGA, Edgard.....	205
BRAGA, Rubem.....	14, 15, 18, 129, 158, 192, 220
BRAGA, Zora.....	220
BRAHMS, Johannes.....	134, 140, 146
BRAMBLE.....	108
BRANCO, Camilo Castelo.....	301
BRANDÃO, Raul.....	187
BRASILIANSE, Américo.....	59
BRIGADEIRO, Eduardo Gomes.....	183
BRIGUIET, Ferdinand.....	362
BRINTON, Crane.....	308, 309, 310
BRITO, Mário da Silva.....	12, 13, 17, 21, 48, 52, 175, 205, 207
BRITO, Nabor Caires de.....	206
BRITTO, Edsel.....	10
BROCA, Brito.....	162
BRONTE, Emily Jane.....	75
BROWN, Gordon.....	22
BRUSOLO, Armando.....	66
BUCK, Pearl.....	23
BUENO, Moacyr.....	206
BYRON, (Lord) George Gordon.....	336, 340
CAETANO FILHO, Manuel.....	206
CAETANO, João.....	62
CALAZANS, Padre.....	201
CALMON, Pedro.....	100, 196, 251
CÂMARA, João Gonçalves Zarco da.....	187
CAMARGO, Albino de.....	170
CAMARGO, Enéas.....	229
CAMINHA, Adolfo.....	161
CAMÕES, Luís de.....	61, 147
CAMPBELL, Thomas.....	324
CAMPOS, Calazans de.....	76
CAMPOS, Carlos de.....	63
CAMPOS, Cleómenes.....	9, 58, 63, 83
CAMPOS, Diego Pires de.....	205, 206
CAMPOS, Humberto de.....	58
CAMPOS, Raul Rocha.....	206
CANDIDO, Antonio.....	12, 31, 192, 235, 242
CÂNDIDO, Aureliano.....	69

CANTU, Cesare.....	363
CARDIM, Elmano.....	302
CARDOSO, Balmaceda.....	65
CARDOSO, Ruy Barbosa.....	206
CARLYLE, Thomas.....	322, 323, 333, 334
CARNEGIE, Andrew.....	198
CARNEIRO, André.....	206
CARO, Herbert.....	25
CARPEAUX, Otto Maria.....	190
CARVALHAIS, Maria.....	229
CARVALHO, Benedito Geraldo de.....	206
CARVALHO, Flávio de.....	207
CARVALHO, Genauro de.....	172
CARVALHO, Ronald de.....	362
CARVALHO, Vicente Augusto de.....	293, 355
CASCUDO, Luiz da Câmara.....	15, 96
CASSASANTA, Mário.....	256
CASSONA, Alexandre.....	115
CASTANHO, Arruda.....	214
CASTELAR, José.....	206
CASTELNUOVO-TEDESCO, Mario.....	146
CASTILHOS, Júlio de.....	63
CASTRO, José Maria Ferreira de.....	188
CASTRO, Plácido de.....	78
CAVALCANTI, Emiliano Di.....	97, 205
CAVALCANTI, Geraldo.....	294
CAVALHEIRO FILHO, Roberto Dante.....	53
CAVALHEIRO JÚNIOR, Edgard.....	213
CAVALHEIRO, Élide Fecchio.....	47, 51, 53, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 194, 195, 198, 203, 210, 212, 213, 214, 220, 221
CAVALHEIRO, João Roberto.....	222, 223
CAVALHEIRO, Lucy.....	53, 172, 173, 174, 175, 176, 179, 181, 195, 209, 210, 211, 212, 213, 221, 222, 223
CAVALHEIRO, Luís Carlos.....	53, 168
CAVALHEIRO, Maria Helena.....	9, 53, 168, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 184, 195, 199, 222
CAVALHEIRO, Nair.....	53, 172, 175, 195
CAVALHEIRO, Nicolau.....	53, 209, 222
CAVALHEIRO, Paulina Curtis.....	174, 195, 222
CAVALHEIRO, Paulo.....	222
CAVALHEIRO, Ricardo.....	53, 186, 213
CAVALHEIRO, Roberto.....	53, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 183, 195
CAVALHEIRO, Roberto Dante.....	195, 222
CAVALHEIRO, Rosa Ferriani.....	53, 173, 174, 175, 181, 209, 210, 212, 221, 222, 223, 356
CAVALHEIRO, Rubens.....	181
CAVALHEIRO, Ruth.....	223
CAYMMI, Dorival.....	119, 126
CEARENSE, Catulo da Paixão.....	362
CELESTINO, Vicente.....	129
CEPELOS, Manuel Batista.....	92, 123, 287, 288, 289, 291, 292, 293

CERVANTES, Miguel de.....	48, 49, 346
CÉSAR, Abelardo Cerqueira.....	6, 116
CÉSAR, Abelardo Vergueiro.....	175, 192, 357
CÉSAR, Caio Júlio.....	319
CÉSAR, Osório.....	205
CÉZANNE, Paul.....	272
CHAPLIN, Charles (Carlitos).....	103, 104
CHATEAUBRIAND, Assis.....	175
CHEKE, Marques.....	23
CHEVALIER, Maurice.....	131
CHIARINI, João.....	206
CHIQUEINHO.....	8
CHOPIN, Frédéric François.....	132, 135, 137, 140, 284
CHURCHILL, Winston.....	90
CÍCERO, Marco Túlio.....	319, 349
CINTRA, Joaquim Correa.....	206
CLAUDEL, Paul.....	274
CLEÓPATRA.....	342
CLIVE, (Lord) Robert.....	324
COARACY, Vivaldo.....	158
COELHO NETTO, Henrique Maximiano.....	56, 161, 250, 258, 262, 354
COELHO, Arthur.....	188, 201
COELHO, Ione.....	201
COELHO, José Francisco Trindade.....	188
COELHO, Luís Lopes.....	196
COLE, Nat King.....	126
COMPAY.....	124
CONDÉ, João.....	34, 209
CONFÚCIO.....	149, 150, 183
CONSTANTINO, Antonio.....	77
COPÉRNICO, Nicolau.....	150
COPLAND, Aaron.....	132
CORDEIRO, Cruz.....	229
CORDOVIL, Cacy.....	230
CORELLI, Arcangelo.....	130
CORREA, Raymundo.....	61
CORRÊA, Viriato.....	68
CORREIA, J. B. Da Rocha.....	206
CORREIA, Raimundo.....	355
CÔRTES-RODRIGUES, Armando.....	230
CORTESÃO, Jaime.....	19
COSTA, Austro.....	181
COSTA, Hipólito da.....	162
COSTA, João Cruz.....	25
COSTA, Luís Edmundo de Melo Pereira da.....	278
COSTA, Mendes.....	271
COSTA, Otaviano.....	353
COSTA, Pedro Geraldo.....	213
COSTA, Túlio Vieira da.....	173
COTEGIPE, (Barão) João Maurício Wanderley II.....	253

COUTINHO, Afrânio.....	45
COUTINHO, Eduardo de Faria.....	45
COUTINHO, Galeão.....	21, 72, 73, 80, 96, 206
COUTINHO, Tarcísio.....	206
COUTO, Ribeiro.....	182, 195
CRAVEIRO, Francisco Lopes.....	188
CRONIN, Archibald Joseph.....	85, 92, 104
CRULS, Gastão.....	170, 275, 336
CRUZ, Estevão.....	24, 67
CRUZ, Herculano Torres.....	205
CRUZ, Oswaldo.....	8, 149
CRUZ, Paulo Santos.....	206
CUCE, José.....	207
CUNHA, Euclides da.....	9, 33, 53, 59, 76, 104, 155, 184, 252, 253
CUNHA, José Antonio D'Almeida.....	181
CUNHA, Marques da.....	192
CUPOLO, Eugênio.....	205
CURZON, Herbert.....	108
D. PEDRO II.....	75, 123, 251, 252, 253
D'ALMEIDA, José Valentim Fialho.....	188
D'ANNUNZIO, Gabriel.....	80, 261, 262, 263, 264
D'ARC, Joana.....	64, 346
D'HÃ, Gui.....	170
D'HORTA, Arnaldo Pedroso.....	19
DALFI, Ana Maria.....	231
DANTAS, Arruda.....	230
DANTAS, Júlio.....	188
DANTAS, Paulo.....	49, 206, 211
DARNTON, Robert.....	4
DAUDET, Alphonse.....	196
DEBRET, Jean-Baptiste.....	86
DEBUSSY, Claude.....	123, 128, 134, 135, 137, 145
DELACROIX, Eugène.....	333
DELFINO, Luiz.....	95
DELIBES, Léo.....	144
DELLING, Maria.....	50
DELLY, M.....	251
DEMÓSTENES.....	319
DIAGHILEV, Sergei.....	274, 275
DIAS, Gonçalves.....	59, 164
DIAS, Henrique.....	60
DIAS, José Tavares.....	206
DIAS, Mattinho.....	170
DICKENS, Charles.....	58, 86, 94, 141, 149, 257
DISRAELI, Benjamin.....	326, 339, 340
DON QUIXOTE.....	346
DONATO, Hernâni.....	158
DONATO, Mário.....	5, 8, 11, 12, 15, 16, 18, 28, 50, 71, 75, 186, 196, 200, 205, 206, 207, 224, 245, 286
DOSTOIÉVSKI, Fiódor.....	11, 58, 80, 81, 264, 265, 266, 267

DOUGLAS, (Lord) Alfred.....	270
DOURADO, Waldomiro Autran.....	230
DREISER, Theodore.....	23, 112
DUARTE, Benedito Junqueira.....	8
DUKAS, Paul.....	146
DUMONT, Alberto Santos.....	146, 276, 277, 278
DUNCAN, Isadora.....	273
DUPIN, (George Sand) Amandine Aurore Lucie.....	59, 90, 99, 297, 298, 299, 300
DUPRÉ, Leandro.....	197
DUSE, Eleonora.....	87
DUTRA, Eurico Gaspar.....	199
DVORAK, Antonín.....	127, 143
ECHEGARAY, Ángel Eugénio.....	46
EDISON, Thomas.....	84, 128
EIRÓ, Paulo.....	87, 278, 279, 280
ELECTRA.....	144
ÉLIS, Bernardo.....	182, 193
ELLINGTON, Duke.....	126
ELLINGTON, Rex.....	127
EMERSON, Ralph Waldo.....	318, 322, 323
EMÍLIA.....	196
ENDER, Thomás.....	160
FADIMAN, Clifton.....	5, 168, 187, 189
FALLA, Manuel de.....	133, 141, 148
FARIA, Alberto.....	250
FARIA, José Escobar.....	205, 206, 230
FAUSTO.....	127
FECCHIO, João.....	195
FEDOROVA, Nina.....	92
FEIJÓ, Germinal.....	186
FELICIANO, Lincoln.....	207
FERNANDES, José Eduardo.....	206
FERNANDES, Mário.....	206
FERNANDES, Nízio.....	206
FERRAZ, Antônio Oswaldo.....	206
FERRAZ, Elói Lopes.....	207
FERRAZ, João de Souza.....	205
FERRAZ, José Bento Faria.....	10
FERREIRA, Ascenso.....	101, 196
FERREIRA, Barros.....	231
FERREIRA, Bibi.....	172
FERREIRA, Caio Marcondes.....	28
FERREIRA, Jurandir.....	231
FERREIRA, Octalles Marcondes.....	28, 29, 32, 184
FERREIRA, Procópio.....	65, 172
FERRIANI SOBRINHO, Adriano.....	209, 223
FERRIANI, Angelina Parducci.....	209, 223
FERRIANI, Hélio.....	213
FERRIANI, Jorge.....	213
FERRIANI, Pedro Adriano.....	168, 228

FEUCHTWANGER, Lion.....	78, 88, 341, 342, 343, 344
FIGUEIREDO, Guilherme.....	107
FIGUEIREDO, Jackson de.....	194
FIORAVANTI JUNIOR, João.....	206
FISH, Horace.....	169
FITTIPALDI, Mário.....	211
FITTIPALDI, Savério.....	361, 362, 363
FLAMMARION, Nicolas Camille.....	252
FLAUBERT, Gustave.....	341
FLEURY, Gumercindo.....	207
FLORA, Alma.....	66
FLORENCE, Antônio Machado.....	352, 357
FLORENCE, Arnaldo D'Ávila.....	223
FONSECA, (Marechal) Hermes da.....	263
FONSECA, Antônio José Branquinho da.....	188
FONSECA, Deodoro da.....	160
FONSECA, Gondim da.....	268, 276, 277, 278
FONSECA, Manuel da.....	188
FONSECA, Simões da.....	194
FONTES, Armando.....	54
FONTES, Lourival.....	82, 163
FORESTER, C. S.....	94
FORMIGA, Euricles.....	218
FORTES, Herbert Parentes.....	157
FRANCK, Cesar.....	144
FRANCO, Cid.....	69, 75, 207
FRANCO, Jaime.....	206
FRANKE, Rudolf.....	286
FRANKENTHAL, Naum.....	205
FREDERICO SEGUNDO.....	65, 84
FREIRE, Ezequiel.....	101, 141
FREIRE, Junqueira.....	250
FREITAS, Afonso de.....	171
FREYRE, Gilberto.....	90, 157
FRIEIRO, Eduardo.....	98, 193, 231
GACHET, Paul-Ferdinand.....	272
GALHARDO, José B. De Averaldo.....	206
GALUPPI, Baldassare.....	142
GAMA, Lúcia Helena.....	12
GAMA, Luiz.....	62, 130
GAMA, Maurício Loureiro.....	205
GAMA, Vasco da.....	60
GANDHI.....	120, 148, 154
GARCEZ, Lucas Nogueira.....	201, 228
GARCIA, Elba de.....	177, 179
GARCIA, Hamilcar de.....	25, 173, 174, 177, 178, 179, 191
GARNIER, Baptiste Louis.....	362
GASCH, Sebastián.....	231
GAUGUIN, Paul.....	272
GENTILE, Giovanni.....	308

GIOVANINI, Luís.....	206
GLICÉRIO, Francisco.....	51, 112, 113, 122, 192
GLUCK, Christoph Willibald.....	124, 145
GOBINEAU, Joseph Arthur (Conde de).....	253, 254, 258
GOEBELS, Paul Joseph.....	344
GÓES, Fernando.....	8, 12, 13, 51, 186
GOETHE, Johann Wolfgang von.....	92, 137, 191, 268, 328, 329, 332, 333
GOGH, Théo Van.....	271, 272
GOGH, Van.....	83, 270, 271, 272
GOMES, Carlos.....	67, 145
GOMES, Joaquim Soeiro Pereira.....	188
GOMES, José Maria.....	206, 207
GOMES, Yaynha Pereira.....	206
GONÇALVES, Diva Sarcinelli.....	190
GONÇALVES, Dr. Ricardo.....	60
GONÇALVES, José Antônio.....	279, 280
GONÇALVES, Manoel.....	352
GONÇALVES, Manoel Carlos.....	190, 213, 357
GONÇALVES, Márcia de Almeida.....	32
GONÇALVES, Paulo.....	63, 64, 70, 75, 95
GONZALEZ, Francisco Rebolo.....	207
GOODMAN, Benny.....	126
GORDON, (General) Charles George.....	325
GOULART, Guarany.....	277
GOUNOD, Charles.....	135
GRACIANO, Clóvis.....	207
GRACIOTTI, Mário.....	160
GRANJA, Pedro.....	125, 231
GRAY, Dorian.....	268
GRIECO, Agripino.....	56, 119, 159, 362
GRIEG, Edvard.....	138
GUARINELO, Adelino.....	352
GUARNIERI, Eduardo de.....	207
GUARNIERI, Mozart Camargo.....	207
GUARNIERI, Rossine Camargo.....	11, 12, 13, 206
GUILHERME, Olímpio.....	183
GUILLÉN, Nicolas.....	122
GUIMARÃES, Ney.....	195
GUIMARÃES, Ruth.....	13, 24, 175
GUISARD, Jaurés.....	207
GUISARD, Oswaldo Barbosa.....	182, 185, 186, 196, 197, 200, 201
GUIZOT, François Pierre Guillaume.....	341
GUSMÕES, Bartolomeu de.....	276
HADDAD, Jamil Almansur.....	12, 13, 74, 183, 206, 207
HALLA-HIPWELL, Hermine.....	326
HALLEWELL, Laurence.....	15, 23, 26, 28
HAMLET.....	123
HAMSUN, Knut.....	49, 50, 57, 98
HANDEL, George Frideric.....	131, 136, 138, 148
HARDING, Bertita.....	273

HARDY, Thomas.....	23
HARRIS, Frank.....	33, 119, 184, 267, 268, 269, 345, 346, 347, 348
HAWKINS, Erskine.....	126
HAYDN, Joseph.....	126, 130, 134
HEISER, Victor.....	77
HEMINGWAY, Ernest.....	95
HERCULANO, Alexandre.....	301
HERMIAE, Ammonius.....	317
HERÓDOTO.....	318
HILST, Hilda.....	236
HINDEMBURG, Paul von.....	328
HINDEMITH, Paul.....	141
HIRSCHFIELD, Magnus.....	85
HITLER, Adolf.....	307, 308, 310, 344
HOFFMANN-HARNISCH, Wolfgang.....	82, 83
HOLANDA, Aurélio Buarque de.....	18, 190, 194
HOLANDA, Sérgio Buarque de.....	15, 30, 51, 186
HOLBROOKE, Josef.....	146
HOLMES, Charles R.....	46
HOLST, Gustav.....	144
HOWE, Marie Jenney.....	99, 297, 298, 300
HUGO, Victor.....	61, 156, 254, 300
HUXLEY, Aldous.....	161
IMBASSAHY, Carlos.....	231
ISGOROGOTA, Judas.....	68, 76
ISMÊNIA.....	320
IUMATTI, Paulo Teixeira.....	19
IVANOVITCH, Serge.....	47
JABUR, Amin.....	213
JACAREÍ.....	59, 200, 352, 355
JAGLE, Adolfo.....	175, 177, 213
JAGUNÇO.....	8
JARDINI, Júlio.....	190, 357
JATOBÁ, Roniwalter.....	10
JECA TATU.....	196
JECA TATUZINHO.....	12, 14, 351, 353
JESUS.....	333, 334
JORGE, Salomão.....	207
JOSÉ, (Dona Beja) Ana Jacinta de São.....	165
JUAREZ, Benedito.....	83
JUNQUEIRO, Guerra.....	145
KANT, Immanuel.....	259
KELLER, Hellen.....	273
KIPLING, Rudyard.....	192
KOPKE, Carlos Burlamaqui.....	50, 205, 207
KOSHIYAMA, Alice Mitika.....	20
LACERDA, Carlos.....	173, 183, 212
LADY GODIVA.....	160
LAGO, Mário.....	206
LAMB, (Lord Melbourne) William.....	326

LAVOISIER, Antoine.....	150
LEAL, Humberto de Souza.....	353
LEÃO, Carneiro.....	61
LEÃO, Múcio.....	15, 198, 201
LEÃO, Pepita de.....	77
LEITE, Angelina.....	209
LEITE, Aureliano.....	197
LEITE, Dorival de Souza.....	212
LEITE, Gentil Eugênio de Carvalho.....	197
LEITE, José Correia.....	11
LEITE, Lindor de Souza.....	10, 352, 354, 355
LEME, (Cardeal) Dom Sebastião.....	9, 355, 357
LEMOS, João Baptista.....	206
LEMOS, Túlio de.....	197, 207
LEOPOLDINA, Maria Carlota Amelia Agustina Victoria Clementina (Carlota do México)	273
LEOPOLDO, Rei.....	326
LESSA, Orígenes.....	66, 69, 70, 71, 231
LÉVÊQUE, Jean Charles.....	317, 321
LEVINSKY, Fernando.....	66
LEVINSON, André.....	264, 266
LIMA, Adroaldo Barbosa.....	154, 231
LIMA, Felipe Victor.....	18
LIMA, Heitor Ferreira.....	205
LIMA, Hermes.....	30, 259
LIMA, Hildebrando.....	82
LIMA, Jorge de.....	96, 130, 250
LIMA, Oliveira.....	30
LINCOLN, Abraão.....	101, 123, 149, 305, 306, 307, 328, 332, 333, 334
LISBOA, Antônio Francisco (Aleijadinho).....	51
LISBOA, Henriqueta.....	183, 207
LOBATO, Monteiro.....	6, 7, 16, 20, 21, 26, 28, 29, 32, 33, 34, 44, 45, 46, 47, 73, 92, 95, 100, 102, 104, 107, 108, 110, 116, 117, 118, 120, 122, 123, 124, 125, 127, 151, 152, 153, 156, 161, 162, 163, 167, 169, 170, 171, 173, 175, 184, 185, 186, 188, 190, 193, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 208, 211, 216, 217, 218, 221, 223, 234, 238, 240, 243, 280, 306, 350, 351, 353, 362
LOBATO, Purezinha Monteiro.....	34, 184, 198, 201
LOBATO, Ruth Monteiro.....	103, 184, 198
LOBATO, Sayão.....	60
LONDON, Jack.....	94, 194, 294, 295, 296, 297
LOON, Van.....	80
LOPES NETO, Simões.....	194
LOPEZ, Telê Ancona.....	30, 242
LORCA, Federico Garcia.....	32, 51, 52, 88, 110, 114, 183, 195, 199, 220, 225, 231, 240
LORCA, Garcia.....	44
LORD QUEENSBERRY.....	268
LOTTI, Pierre.....	254
LUCRÉCIO.....	255
LUDWIG, Emil.....	70, 79, 80, 90, 104, 128, 250, 306, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 338, 339
LUNA, Antônio de.....	206

LUZ, (Deputado) Carlos.....	208
LYAUTEY, Louis Hubert Gonzalve.....	340
LYRA, Heitor.....	252
MACAULAY, (Lord) Thomas Babington.....	322, 324
MACEDO, Joaquim Manuel de.....	355
MACHADO, Antônio de Alcântara.....	58, 67, 87, 93, 151, 175
MACHADO, Brigadeiro.....	61
MACHADO, Dionélio.....	67
MACHADO, Eumene.....	207
MACHADO, Geraldo Toledo.....	206
MACHADO, Gilka.....	76, 89
MACHADO, Lourival Gomes.....	25
MACIEL FILHO.....	251
MACIEL, Gualter Gontijo.....	199
MACUCO.....	188
MACY, John Albert.....	320
MAGALHÃES JÚNIOR, Raymundo.....	77
MAGALHÃES, Paulo.....	64
MAGALHÃES, Valentim.....	62
MAIA, Alcides.....	194
MAIA, Vasconcelos.....	232
MALCOLM, (Sir) John.....	324
MALEFILLE, Félicien.....	299
MALFATTI, Anita.....	194
MALHEIRO DIAS.....	355
MALTA, Eduardo.....	69, 76
MANN, Thomas.....	23, 102, 103, 191
MANNING, (Cardeal) Henry Edward.....	325
MANSFIELD, Katherine.....	192
MÁRCIAS.....	269
MARCO ANTÔNIO.....	321
MARCOLINA, Maria.....	9
MARCONDES, Milton Pereira.....	207
MARINHO, Roberto.....	26
MARISTANY, Fernando.....	58
MARQUÊS DE SADE.....	267
MARQUES JÚNIOR, Laurindo.....	353, 355
MARQUES, Corifeu de Azevedo.....	205
MARQUES, José Floriano de Azevedo.....	184, 353, 354
MARQUES, Oswaldino.....	207
MARTINS, Aldemir.....	245
MARTINS, Fran.....	72, 74, 84
MARTINS, Ibiapaba.....	206
MARTINS, José de Barros.....	14, 15, 16, 83, 133, 168, 175, 183, 192, 193, 194, 207, 212
MARTINS, José Fernando de Barros.....	15, 17, 28
MARTINS, Justino.....	34, 173, 174
MARTINS, Luis.....	25, 154
MARTINS, Manoel.....	205
MARTINS, Wilson.....	30
MASCAGNI, Pietro.....	142

MATOS, Eusébio de.....	194
MATOS, Valdemar Belfort de.....	207
MAUDSLEY, Henry.....	33, 184
MAUGHAM, Somerset.....	76, 83, 93
MAUPASSANT, Guy de.....	105, 123, 146
MAURIER, Daphne Du.....	23
MAUROIS, André.....	91, 118, 250, 270, 325, 326, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341
MAUVE, Anton.....	271
MAYNOR, Dorothy.....	144
MEDAUAR, Jorge.....	5, 186, 197
MEIRELES, Cecília.....	100, 207
MELANTÔNIO, Pascoal.....	232
MELEGA, Marcos.....	223
MELLO JÚNIOR, Antônio.....	5, 50, 185, 186, 197, 200, 201, 202, 214
MELLO, Antônio Bento.....	5, 245
MELO, Domitília de Castro e Canto (Marquesa de Santos).....	68
MELO, Pedro Américo de Figueiredo e.....	293
MELO, Thiago de.....	207
MELONI, Leandro.....	27, 28, 224
MENDELSSOHN, Felix.....	137
MENDES JÚNIOR.....	59
MENDES, Fábio Rodrigues.....	211, 212
MENDES, Murilo.....	169, 183
MENDES, Odorico.....	62
MENDES, Oscar.....	15
MENDONÇA, Rivadávia.....	205, 206
MENEZES, Corália Porto de.....	213
MENEZES, Emílio de.....	91
MENEZES, Raimundo de.....	29, 46, 51, 52, 165, 217, 226
MENUCCI, Sud.....	70, 72, 98, 126, 170
MEREJKOVSKY, Dimitri.....	333
MESQUITA, Alfredo.....	236
MESQUITA, Esther.....	308
MESSALINA.....	89
MEYER, Augusto.....	186, 187, 255
MEYER, Vinícius.....	232
MICELI, Sergio.....	4
MICHELET, Jules.....	322
MICHELIN, Orlando José.....	206
MIGUÉIS, José Rodrigues.....	187, 188, 201
MILANO, Attilio.....	44, 48
MILLIET, Sérgio.....	18, 19, 24, 25, 30, 32, 84, 94, 96, 97, 108, 127, 168, 192, 205, 207
MIRABEAU, (Conde) Honoré Gabriel Riqueti de.....	87
MIRAGLIA, José.....	207
MIRANDA, Adalmir da Cunha.....	232
MIRANDA, Gilberto.....	18
MIRANDA, José Tavares de.....	205
MIRANDA, Murilo.....	168
MOISÉS, Massaud.....	28
MONT'ALEGRE, Omer.....	259, 260

MONTAIGNE, Michel de.....	85, 318
MONTEIRO, Adolfo Casais.....	201
MONTEIRO, Domingos.....	188
MONTEIRO, Jerônimo.....	186
MONTEIRO, João.....	188
MONTENEGRO, Olívio.....	74
MONTESQUIEU, Charles de.....	318
MONTI, Antoni di.....	232
MOOG, Vianna.....	72, 192, 316
MORAES, Dulcina de.....	67, 68, 167
MORAES, Edith.....	66
MORAES, Rubens Borba de.....	14, 286
MORAES, Vinícius de.....	18
MORAIS, Evaristo de.....	362
MORAIS, Hélio de.....	206
MORAIS, Léo Ribeiro de.....	207
MOREIRA, Albertino.....	206
MOREIRA, Lino.....	188
MOSES, Herbert.....	278
MOSZKOWSKI, Moritz.....	142
MOTA FILHO, Cândido.....	18, 96, 196, 200
MOTA, Cardeal Dom Carmelo.....	199
MOTA, Carlos Guilherme.....	4
MOTTA, Rosa Goldemberg.....	224, 235
MOURA, Emílio.....	72
MOURA, Olinto de.....	170
MOURÃO, Abner.....	96
MOZART, Wolfgang Amadeus.....	124, 128, 130, 131, 132, 134, 136, 137, 144, 145, 147, 347
MUNIA, Cássio.....	175
MUSSET, Alfred de.....	299
MUSSOLINI, Benito.....	198, 308
MUSSORGSKY, Modest.....	136
NABUCO, Araújo.....	32, 33, 44, 47, 48, 49, 175, 193, 194, 195, 205, 221, 224, 286
NABUCO, Joaquim.....	61, 255, 257, 260
NAMORA, Fernando Gonçalves.....	188
NAZÁRIO, Joaquim Nobre Pinto.....	205, 206
NEI, Paula.....	106
NEME, Mário.....	5, 19, 27, 44, 51, 95, 105
NEME, Pedro.....	206
NEPOTE, Cornélio.....	317, 318
NERO.....	166
NERY, Adalgiza.....	183
NERY, Anna.....	63
NEVES, Arthur.....	173, 174, 186, 206
NEVES, Costa.....	264
NEVES, José Ferreira.....	353
NEVES, Maria Christina Cavalheiro.....	53
NEY, Paula.....	250
NIETZSCHE, Friedrich.....	102, 308, 309, 310
NIGHTINGALE, Florence.....	325

NIJINSKY, Romola.....	84, 273, 275
NIJINSKY, Vaslav.....	84, 129, 273, 274, 275
NOBRE, Antonio.....	89, 100, 124
NÓBREGA, Humberto Galiano de Melo.....	287, 288, 291, 292
NÓBREGA, Manoel da.....	151, 152
NOGUEIRA, Hamilton.....	264
NOGUEIRA, Rui.....	207
NORONHA, Fernando de.....	166
NUNES JÚNIOR, André.....	213
NUNES, Cassiano.....	34, 213, 225
NUNES, Janary.....	197
OLIVEIRA, (Narizinho) Lúcia Encerrabodes de.....	173
OLIVEIRA, José Pires de.....	224
OLIVEIRA, Rubino de.....	59
OLYMPIO, José.....	17, 192, 203, 270
OPENHEIMER, José Suss.....	342, 343, 344
ORICO, Oswaldo.....	250
ORME, Robert.....	324
ORNELLAS, Manoelito de.....	99, 232
ORTIZ, Carlos.....	207
OSCARITO, Oscar Lorenzo Jacinto de la Imaculada Concepción Teresa Diaz.....	175
OSWALD, J. J.....	285
OTHELO.....	343
PAASSEN, Pierre Van.....	102
PACHECO, Armando.....	202
PÁDUA, Ciro T. De.....	205, 206
PAES, Dora.....	27
PAES, José Paulo.....	27, 28, 51, 170, 182, 206, 213, 224
PAIXÃO, Heitor.....	26
PALMÉRIO, Eduardo.....	206
PARANHOS, Rio Branco.....	205
PASCAL, Blaise.....	165
PASTEUR, Louis.....	62, 143
PATI, Francisco.....	153, 279
PATRÍCIO, Antônio.....	188
PATROCÍNIO FILHO.....	160
PATROCÍNIO, José do.....	250
PAVLOVA, Anna.....	275
PEDRO, Alim.....	200
PEDROSA, Milton.....	232
PEEL, (Sir) Robert.....	326
PEIXOTO, Afrânio.....	242, 250
PEIXOTO, Floriano.....	96
PEIXOTO, Silveira.....	13, 18, 95
PELEGRINO, Hélio.....	185
PENA, Martins.....	158
PENA, Pedro.....	199
PENNA, Aristóteles.....	167
PENTEADO, Álvares.....	8
PEREGRINO JÚNIOR.....	74, 123, 256

PEREIRA, (Conselheiro) Lafayette Rodrigues (Labieno).....	255
PEREIRA, Antônio Olavo.....	185, 196, 204
PEREIRA, Daniel.....	196
PEREIRA, Lúcia Miguel.....	54, 186, 194, 256, 258
PEREIRA, Urbano Alves de Souza.....	200, 202
PERGOLESI, Giovanni Battista.....	142
PÉRICLES.....	269, 321
PERINI, Humberto.....	209
PERÓN, Juan Domingo.....	184, 198
PESSOA, Fernando.....	159
PESSOA, Samuel Barnsley.....	206
PETRACHEVSKI, Mikhail.....	266
PICCHIA, Menotti Del.....	18, 159, 166, 193, 197, 206, 234
PIERONI, Narciso.....	214
PIMENTEL, Cyro.....	206, 207, 233
PIMENTEL, Osmar.....	196, 208
PINHO, Luís.....	242
PINHO, Wanderley.....	253
PINTO, Alcides.....	207
PINTO, Firmiano.....	63
PIRAJÁ, Nair Miranda.....	233
PIRANDELLO, Luigi.....	190
PIRES, Cornélio.....	165
PIRES, Homero.....	250
PIRES, Hugo.....	202
PIRES, José Cardoso.....	188
PIZA, Vladimir de Toledo.....	207
PLUTARCO.....	103, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 328, 334, 337, 338, 363
POBIESONOSZEFF, Constantino.....	267
POLÍBIO.....	318
POLIORCETES, Demétrio.....	321
PONGETTI.....	157
PONTES, Alceu de Toledo.....	211
PONTES, Carlos.....	69
PORTALÉS, Guy De.....	250
PORTÃO, Ramão Gomes.....	29, 217
PORTINARI, Cândido.....	157
POUSADA, Antônio.....	233
PRADO JÚNIOR, Caio.....	185, 197, 205, 206
PRATA, Ranulpho.....	69
PRESTES, Luis Carlos.....	183
PRIETO, Ramón.....	199
PROKOFIEFF, Sergei.....	140, 144
PROUST, Marcel.....	155, 352
PUJOL, Alfredo.....	250, 255
PY, Aurélio da Silva.....	101
QUADROS, Jânio.....	186, 201, 207
QUEIRÓS, Eça de.....	83, 100, 188, 203
QUEIROZ, Amadeu de.....	12, 13, 24, 73, 79, 95, 150, 221, 286
QUEIRÓZ, Rachel de.....	21, 155, 165, 186, 225

QUEIROZ, Venceslau de.....	293
QUENTAL, Antero de.....	83
QUERIDO, Lycurgo Barbosa.....	185
QUIRINO, Bento.....	8
QUISSAK, Ernesto.....	206
RAMACCIOTTI, Domingos.....	353, 354
RAMACHANDRA, Adilson Silva.....	27
RAMADAN, Zacaria B.....	219
RAMOS, Arthur.....	11, 98, 189
RAMOS, Frederico José da Silva.....	45, 191, 192
RAMOS, Graciliano.....	18, 201
RAMOS, Hugo de Carvalho.....	75
RAMOS, José Nabantino.....	208
RAMOS, Péricles Eugênio da Silva.....	206
RANGEL, Alberto.....	123
RANGEL, Godofredo.....	188, 194, 267
RANGEL, Nelo.....	188
RAVEL, Joseph-Maurice.....	131, 134, 136, 142, 146
REDOL, Alves.....	188
REGINA, Sônia.....	233
RÉGIO, José.....	188
REGO, José Lins do.....	21, 161, 185, 201, 205
REID, Lawrie.....	233
REIS, Marcos Konder.....	207, 234
REIS, Sólon Borges dos.....	208
RENAN, Ernest.....	254, 333
RESPIGHI, Ottorino.....	128
REVERBEL, Carlos.....	22, 23, 174, 178
REZENDE, Nilson de.....	188, 201
RIBEIRO NETO, Oliveira.....	84
RIBEIRO, Aquilino.....	188
RIBEIRO, Carlos.....	166
RIBEIRO, João.....	362
RIBEIRO, José Antônio Pereira.....	214
RIBEIRO, Júlio.....	60
RIBEIRO, Walter Fontenelle.....	234
RICARDO, Cassiano.....	68, 153
RIEDEL, Arthur.....	27, 45
RIEDEL, Diaulas.....	27, 28, 46, 47, 48, 51, 158, 204, 212
RIJN, Rembrandt Harmenszoon van.....	328, 333, 334
RIMSKY-KORSAKOV, Nikolai.....	146
RIPOLL, Lila.....	93
RITINHA SOROCABANA.....	85
RIZZINI, Carlos.....	186, 201
RIZZINI, Jorge.....	185
ROBENSON, Paul.....	144
ROCHA, Gilda de Moraes.....	14
ROCHA, Hildon.....	49
RODRIGUES, Barbosa.....	192
RODRIGUES, Geraldo Pinto.....	205, 206

RODRIGUES, Nelson.....	107, 155
RODRIGUES, Pinto.....	216
ROMERO, Nelson.....	65, 203
ROMERO, Sílvio.....	65, 203, 255, 260
RÓNAI, Cora.....	203, 225
RÓNAI, Nora.....	225, 226
RÓNAI, Paulo.....	6, 25, 31, 34, 111, 120, 121, 154, 190, 203, 225, 226, 227
ROONEY, Mickey.....	172
ROSA, Noel.....	148
ROSA, Roldão Mendes.....	206
ROSEMBERG, Davi.....	207
ROSEMBLATT, Ester Nestrovski.....	174, 192
ROSEMBLATT, Luíza.....	191, 192
ROSEMBLATT, Maurício.....	24, 25, 173, 174, 176, 177, 179, 190, 191, 192, 193
ROSS, Robert.....	270
ROSSI, Edmundo.....	96, 205
ROSSINI, Gioachino.....	128, 130
ROTH, Silvana.....	177
ROURKE, Thomas.....	312, 313, 314
ROUSSEAU, Jean-Jacques.....	85, 124, 272, 318
ROYA, Maurício.....	298
RUBIÃO, Murilo.....	190
RUBINSTEIN, Ida.....	262
RUGGERO JÚNIOR, Antônio.....	8
RUSKIN, John.....	269
RUSSEL, Bertrand.....	158
RUSSOSKI, Isaac.....	174
RUSSOSKI, Miguel.....	174, 178
RUSSOSKI, Olga.....	174
SÁ, Mem de.....	62
SABLON, Jean.....	131
SAIA, Luís.....	14, 206
SAINT-SAENS, Camille.....	126, 133
SALES, Braz Paulo.....	206
SALIBA, Elias Thomé.....	32
SALLES, Campos.....	62
SALUSSE, Júlio.....	288
SALÚSTIO.....	318
SALVETTI, Zeca.....	213
SAMPAIO JÚNIOR, José Gonçalves.....	15, 355
SAMPAIO, José.....	158
SAMPAIO, Júlia.....	199
SAMPAIO, Júlio.....	199
SAMPAIO, Paulo.....	184, 199, 234
SAN MARTIN, José de.....	312, 313
SÁNCHEZ-SÁEZ, Bráulio.....	43, 48, 89, 234
SANCHEZ, Luiz Alberto.....	321, 323
SANDEAU, Jules.....	299
SANTAMARIA, Conceição.....	207
SANTOS, Arual Antonio.....	207

SANTOS, Fernando R. P.....	51
SANTOS, Oswaldo dos.....	210, 213
SANTOS, Rodrigues dos.....	61
SARAIVA, Joaquim Inácio da Fonseca.....	108
SARAIVA, Jorge.....	196, 358, 362
SARDINHA, Antônio.....	188
SARTRE, Jean Paul.....	159
SAXE-COBURGO-GOTA, (Príncipe) Alberto.....	326
SCARLATTI, Giuseppe Domenico.....	136
SCHMIDT, Afonso.....	87, 97, 206, 207, 278, 279
SCHMIDT, Augusto Frederico.....	98, 169
SCHMIDT, Johann Kaspar (Max Stirner).....	322
SCHNEIDER, Otto.....	216
SCHOEMBERG, Arnold.....	146
SCHUBERT, Franz Peter.....	133, 331
SCHUMANN, Robert.....	137
SCHWEITZER, Albert.....	164
SCLIAR, Carlos.....	205
SEABRA, Ernani.....	207
SÉCHÉ, Alphonse.....	298
SEGRE, Mário Lúcio.....	234
SÉRGIO, Roberto.....	196
SERRONI, Arnaldo.....	206
SETTE, Mário.....	76
SETÚBAL, Paulo.....	55
SEURAT, Georges.....	272
SHAKESPEARE, William.....	33, 157, 184, 318, 340, 343, 347
SHAW, George Bernard.....	33, 84, 89, 91, 119, 184, 263, 270, 345, 346, 347
SHELLEY, Percy Bysshe.....	336, 338, 339, 340
SHYLOCK.....	343
SIBELIUS, Jean.....	136
SILVA, (Anhanguera) Bartolomeu Bueno da.....	290
SILVA, (Duque de Caxias) Luís Alves de Lima e.....	253
SILVA, Antonieta Dias de Moraes.....	206
SILVA, Astrojildo Pereira Duarte.....	227
SILVA, Benedito da.....	66
SILVA, Carolino Sucupira Mendes.....	190, 214, 351, 357
SILVA, Domingos Carvalho da.....	206, 207
SILVA, Euclides Ferreira da.....	8
SILVA, Eurico.....	65
SILVA, Hebe.....	190
SILVA, Júlio César da.....	89
SILVA, Marcelo Pereira da.....	197
SILVA, Márcio da Costa e.....	206
SILVA, Mário Júlio.....	206
SILVA, Raul de Andrada e.....	210
SILVEIRA, Cid.....	234
SILVEIRA, Elcyr Job Diniz.....	24
SILVEIRA, Ênio.....	26
SILVEIRA, Helena.....	177, 205, 206, 207, 217, 236

SILVEIRA, Homero.....	163, 186
SILVEIRA, Miroel.....	15, 176, 206, 312
SILVEIRA, Paulo César da.....	207
SILVEIRA, Tasso da.....	157
SILVEIRA, Valdomiro.....	92, 93, 194, 203
SIMÕES, João Gaspar.....	188
SIMONI, Michelangelo di Ludovico Buonarroti.....	148, 328, 334
SIMONIAN, Rosália.....	206
SIQUEIRA JÚNIOR, W.....	54
SKLODOWSKA, (Madame Curie) Maria.....	73, 123, 147, 261
SMETANA, Bedrich.....	126, 143
SMITH, John C. W.....	47
SOBRINHO, Alves Mota.....	235
SOBRINHO, João Salgado.....	207
SODRÉ, Nelson Werneck.....	4, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 23, 31, 52, 173, 185, 186, 235, 251
SOROMENHO, Fernando Monteiro de Castro.....	188
SOUZA JÚNIOR.....	79, 193
SOUZA, (Barão de Mauá) Irineu Evangelista de.....	165, 193, 250
SOUZA, Abel Ferraz de.....	357, 358
SOUZA, Alberto de.....	250
SOUZA, Auta de.....	105
SOUZA, Cristiano de.....	292
SOUZA, Edison Ruivo de.....	206
SOUZA, Octávio Tarquínio de.....	32
STEPHENSON, Nathaniel Wright.....	306, 307
STOCKMAR, (Barão) Christian Friedrich von.....	326
STONE, Irving.....	83, 115, 270, 271, 272, 273, 294, 295, 297
STRACHEY, Lytton.....	81, 90, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 330, 335, 336, 340
STRAKOFF.....	267
STRAUSS, Richard.....	125, 142, 144
STRAVINSKY, Igor.....	129, 132, 133, 140, 144
SUCUPIRA FILHO.....	206
SUETÔNIO.....	317, 318
TÁCITO, Públio Cornélio.....	318
TAHAN, Malba.....	185
TAKAOKA, Yoshiya.....	155, 243
TARTINI, Giuseppe.....	142
TAUNAY, (Visconde) Alfredo d'Escagnolle.....	239, 251, 254, 255
TAUNAY, Afonso de.....	166, 276
TAVARES, Antônio Raposo.....	290
TAVARES, Odorico.....	235
TCHAIKOVSKY, Piotr Ilitch.....	126, 137
TEIXEIRA, Anísio.....	261
TEIXEIRA, Maria de Lourdes.....	206, 207
TEIXEIRA, Múcio.....	9, 235, 239
TELES, Benedito.....	353
TELLES, Goffredo da Silva.....	68
TELLES, Lygia Fagundes.....	15, 69, 75, 175, 185, 197, 206, 236
TELLES, Silva.....	61
TEMPLE, (Visconde Palmerston) Henry John.....	326

TEODORO, João.....	60
THOMAS, Bigger.....	92
THOMAZ, Ambroise.....	128
THOMSON, Virgil.....	129
TIBIRIÇÁ.....	290
TITO LÍVIO.....	318
TOLEDO FILHO, Tharcillo.....	227, 228
TOLEDO FILHO, Yvone.....	227, 228
TOLEDO, Xavier de.....	8
TOLLA, Bruno Di.....	186
TOLSTÓI, Leon.....	267
TORGA, Miguel.....	188
TORRE, Guilherme de.....	231
TORRES, Antônio.....	336
TORRESINI, Elisabeth Rochadel.....	25
TOSCANINI, Arturo.....	128, 129
TOULOUSE-LAUTREC, Henri de.....	272
TRAVASSOS, Nelson Palma.....	24, 28, 29, 32, 34, 50, 126, 156, 161, 206, 350
TRENCH, Harly.....	207
TROYAT, Henry.....	264
TUCÍDIDES.....	254, 318
TUDOR, Henry.....	326
TURGUENEFF, Ivan.....	267
TWAIN, Mark.....	47, 48, 49, 166
VARELA, Fagundes. 15, 16, 23, 30, 31, 32, 43, 44, 45, 46, 48, 85, 93, 104, 109, 155, 163, 181, 190, 197, 199, 202, 203, 215, 222, 225, 240, 246, 250	
VARGAS, Getúlio Dornelles.....	18, 82, 172
VARNHAGEN, Rahel.....	30
VAULTIER, Pierre.....	62
VAZ, Léo.....	170
VEGA, Félix Arturo Lope de.....	346
VEIGA, Evaristo da.....	62
VENDERELL Y LÓPEZ, Juan S.....	46
VENTURI, Maslowa Gomes.....	207
VERDI, Giuseppe.....	130
VERGA, Giovanni.....	190
VERGUEIRO, Almeida.....	8
VERÍSSIMO, Clarice.....	192, 193
VERÍSSIMO, Clarissa.....	191
VERÍSSIMO, Érico. 11, 14, 24, 25, 51, 67, 71, 82, 98, 172, 173, 174, 177, 178, 179, 185, 186, 191, 192, 193, 195, 197, 201, 203, 204	
VERÍSSIMO, José.....	255
VERÍSSIMO, Luis Fernando.....	191, 192, 193
VERÍSSIMO, Mafalda.....	177, 179, 191, 192, 193, 195
VERNE, Júlio.....	121, 123, 149
VESPASIANO, Tito Flávio Sabino.....	344
VIANA FILHO, Luiz.....	303, 304
VIANA, Oduvaldo.....	99, 207
VIANNA, Oliveira.....	155
VIEIRA, José Geraldo.....	17, 23, 66, 105, 154, 206, 207

VIEIRA, Padre Antônio.....	61, 198
VIEIRA, Pe. Antônio.....	198
VILLA-LOBOS, Heitor.....	131, 138, 140
VINCI, Leonardo da.....	148
VIVALDI, Antonio.....	126, 137, 143
VIVIES, Philipe.....	338
WAGNER, Luiz Amaral.....	81
WAGNER, Richard.....	124, 128, 138, 309, 310
WALTZ JÚNIOR, George.....	121, 123
WASHINGTON, Luís.....	207
WEISSENBRUCH, Johan Hendrik.....	271
WELLS, H. G.....	79
WHITAKER, Fernando.....	157
WHITAKER, José Maria.....	158
WHITMANN, Walt.....	337
WIDMANN, Albert H.....	46
WILDE, Oscar.....	33, 65, 82, 155, 161, 184, 204, 267, 268, 269, 270
WILLIAMS, Vaugham.....	146
WRIGHT, Orville.....	278
WRIGHT, Wilbur.....	278
WURTTEMBERG, Carlos Alexandre de.....	343
XAVIER, Chico.....	204, 218
YUTANG, Lin.....	103, 293, 294, 297
ZABÉ-LOUCA.....	352
ZARATUSTRÁ.....	308, 311
ZÉ MACACO.....	8
ZINGG, Paulo.....	205
ZOLA, Émile.....	271, 272
ZULAR, Roberto.....	30
ZWEIG, Arnold.....	90
ZWEIG, Stefan.....	191, 264, 270, 348

Para citar este trabalho, use:

D'ONOFRIO, Sílvio C. T. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. São Paulo, 2012. 386 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros – Orientação: Marcos Antonio de Moraes) – Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.